BESTSELLER INTERNACIONAL

ESTELLE MASKAME

MAIS DE 1 MILHÃO DE EXEMPLARES VENDIDOS

2.ª EDIÇÃO

Já te disse QUE ME FAZES FALTA?



EDITORIAL PRESENÇA

BESTSELLER INTERNACIONAL

ESTELLE MASKAME

MAIS DE 1 MILHÃO DE EXEMPLARES VENDIDOS

2.ª EDIÇÃO



ESTELLE MASKAME

Já te disse QUE ME FAZES FALTA?

Tradução de Maria Eduarda Colares

EDITORIAL PRESENÇA

FICHA TÉCNICA

Título original: *Did I Mention I Miss You?*
Autora: *Estelle Maskame*
Copyright © Estelle Maskame 2016
Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2019
Tradução: *Maria Eduarda Colares*
Revisão: *Carlos Jesus/Editorial Presença*
Imagem da capa: *Shutterstock*
Capa: *Catarina Sequeira Gaeiras/Editorial Presença*
Composição, impressão e acabamento: Multitipo — Artes Gráficas, Lda.
1.ª edição em papel, Lisboa, janeiro, 2019

Reservados todos os direitos
para a língua portuguesa (exceto Brasil) à
EDITORIAL PRESENÇA
Estrada das Palmeiras, 59
Queluz de Baixo
2730-132 Barcarena
info@presenca.pt
www.presenca.pt

Para todos os Tyler e as Edens desta vida.
No te rindas.

1

A água está fria, mas isso não me impede de entrar nela, só até aos tornozelos. Tenho os *Converse* na mão, com os atacadores enrolados nos dedos, e está a levantar-se vento, como é habitual. Está muito escuro para distinguir ao longe, por sobre as ondas baixas, mas ouço o oceano, que bate e rola à minha volta, fazendo-me por momentos esquecer que não estou sozinha. Chega também até mim o som de fogo de artifício, de risos e vozes, de festejos e alegria. Quase esqueço, só por um segundo, que é o 4 de Julho.

Uma rapariga passa por mim, a correr, os pés a chapinhar na água, interrompendo a ondulação calma e suave. Vem um tipo a persegui-la. Namorado, provavelmente. Acidentalmente, salpica-me, ao passar, rindo alto, até que alcança a rapariga e aperta-a contra ele. Estou a ranger os dentes, sem me aperceber, e enrolo com mais força os atacadores nos dedos. Eles são mais ou menos da minha idade, mas nunca os vi. Provavelmente vêm de fora, de alguma cidade vizinha, para celebrar segundo a tradição o 4 de Julho em Santa Monica. Não sei porquê. O 4 de Julho, aqui, não é nada de espetacular. O fogo de artifício é proibido, o que é a segunda maior lei de merda que vi em toda a minha vida, logo a seguir à que proíbe o abastecimento de gasolina no Oregon. Portanto, não há fogo de artifício, a não ser os de Marina del Rey para o Sul e Pacific Palisades para o Norte, que são visíveis daqui. Passa pouco das nove da noite, pelo que os dois espetáculos estão mesmo a começar. As cores iluminam o céu à distância, pequenas e fora de foco, mas são o suficiente para satisfazer os turistas e os habitantes locais.

O casal está agora a beijar-se, os pés na água, no escuro sob as luzes do Pacific Park. Desvio o olhar. Começo a afastar-me vagarosamente do cais, ao longo do oceano Pacífico, distanciando-me de toda a agitação do 4 de Julho. A multidão é muito mais densa no cais. Aqui em baixo, na praia, não está tão cheio, o que permite respirar melhor. Este ano, não estou a sentir toda a emoção do Dia da Independência. Há muitas lembranças ligadas a este dia que eu não quero reavivar, por isso continuo a andar, afastando-me cada vez mais

ao longo da costa.

Só paro quando a Rachael chama pelo meu nome. Até então, eu tinha-me esquecido de que estava à espera que ela voltasse. Mantendo-me com os pés dentro de água, volto-me para encarar a minha melhor amiga, que vem na minha direção, pela areia, meio a pular, meio a correr. Tem uma faixa com a bandeira americana atada à cabeça e traz dois *sundaes*. Já quase há quinze minutos que ela desapareceu para os ir buscar à Soda Jerks, que, como a maioria das lojas ao longo do cais, hoje fica aberta até mais tarde do que o normal.

— Quando lá cheguei, já estavam a fechar — diz a Rachael, quase sem fôlego. O seu rabo de cavalo abana em volta dos seus ombros, quando ela para para me dar o *sundae*, não sem antes lamber um pouco do gelado que lhe escorre pelo dedo indicador.

Saio da água para me juntar a ela, agradecendo-lhe com um sorriso. Tenho estado calada durante toda a noite. Ainda não consigo fingir que estou bem, que estou feliz como toda a gente à minha volta. Pego no *sundae* com a mão livre e continuo a segurar com a outra os meus *Converse* vermelhos — ténis vermelhos é o mais patriótico que consigo hoje — e olho num relance para o gelado. Chama-se *Toboggan Carousel*, em homenagem ao próprio carrossel Toboggan, que fica dentro do Hipódromo de Looff, no cais. A Soda Jerks fica na esquina. Nas três semanas em que estive em casa, viemos ali buscar gelados várias vezes. Na verdade, nos dias que correm, estou convencida de que paramos mais para comer um gelado do que para tomar um café. É muito mais reconfortante.

— Está toda a gente no cais — lembra a Rachael. — Era bom irmos andando para lá — sugere ela quase a medo, como se estivesse à espera que eu imediatamente a interrompesse e dissesse que não. Baixa os seus olhos azuis para o gelado e sorve rapidamente um grande pedaço. Enquanto ela engole, os meus olhos percorrem, por cima do seu ombro, a distância até ao cais. A Pacific Wheel está a realizar o seu espetáculo anual de 4 de Julho, em que milhares de luzes LED são programadas para exibir sequências de transição de vermelho, azul e branco. O espetáculo começou às oito, ao pôr do Sol. Assistimos por alguns minutos, logo no início, mas tornou-se muito chato num instante. Contendo um suspiro, percorro com o olhar o paredão. Está superlotado,

mas eu não quero pôr ainda mais à prova a paciência da Rachael do que já o fiz, pelo que me apresso a concordar.

Damos meia-volta e atravessamos a praia, abrindo caminho por entre as pessoas que vieram passar o fim de tarde na areia e comendo os nossos *sundaes*, sem palavras, procurando manter em equilíbrio as bandejas descartáveis. Depois de alguns minutos, paro para voltar a calçar os meus *Chucks*.

— Já estiveste com a Meghan?

Levanto os olhos para a Rachael, enquanto acabo de atar os atacadores. — Não, ainda não a vi. — Para ser sincera, devo dizer que não a tenho procurado. Embora a Meghan seja uma velha amiga nossa, é tudo o que ela parece ser agora. Nada mais do que isso. Mas ela também veio passar o verão a casa, portanto a Rachael está a esforçar-se por reunir o nosso antigo trio.

— Vamos acabar por a encontrar — diz ela, e muda de assunto quase imediatamente. — Sabes que dizem que a roda este ano foi programada segundo a batida de uma música dos Daft Punk? — Ela avança na minha frente, rodopiando pela areia e voltando para trás, ao meu encontro. Pega na minha mão livre, puxa-me para si e, com o seu sorriso aberto e deslumbrante, faz-me rodopiar à sua volta. Eu danço um pouco com ela, apesar de não haver música. — Mais um verão, mais um ano.

Afasto-me dela, tomando cuidado para não deixar cair o meu *sundae*, e observo-a. Ela continua a balouçar-se, a dançar ao ritmo de uma qualquer música que está na sua cabeça. Quando ela fecha os olhos e gira de novo, penso nas suas palavras. *Mais um verão, mais um ano*. É o nosso quarto verão como melhores amigas e, apesar de uma pequena precipitação no ano passado, estamos mais próximas do que nunca. Eu não tinha a certeza se ela me perdoaria pelos erros que cometi, mas ela deixou passar, porque havia coisas mais importantes em que se concentrar. Como abastecer-me de gelado e levar-me a viajar pelo estado para me distrair, para me fazer sentir melhor. Tempos desesperados exigem melhores amigos. No entanto, apesar de ter chegado a hora de eu partir para Chicago, onde passei o ano sobrevivendo ao meu primeiro ano de faculdade, ainda permanecemos como melhores amigas. Agora que estou de volta a Santa Monica até setembro, temos meses para sair juntas.

— Estás a atrair uma multidão — digo-lhe. Os cantos dos meus lábios esboçam um sorriso, enquanto os seus olhos se abrem, e ela, com as suas bochechas muito coradas, olha ao redor. Várias pessoas observam já a sua dança silenciosa.

— Está na hora de nos pormos a andar — suspira ela. Agarra-me pelo pulso e começa a correr. Puxa-me pela praia, levantando a areia sob os nossos pés, enquanto o nosso riso ecoa à nossa volta, como se eu não tivesse outra opção senão fugir com ela. Não corremos para longe: apenas alguns metros, o suficiente para a afastar dos seus espectadores. — Em minha defesa — sopra, ofegante —, somos livres de fazer figura de idiotas no dia 4 de Julho. É um ritual de passagem. Isso enfatiza o facto de sermos uma nação livre. Tu sabes, porque podemos fazer o que quisermos.

Eu gostaria que fosse o caso. Se há algo que aprendi nos meus dezanove anos de vida, é que certamente não podemos fazer o que quisermos. Não podemos abastecer de gasolina a nossa própria viatura. Não podemos disparar fogo de artifício. Não podemos tocar no letreiro de Hollywood. Não podemos invadir propriedade privada. Não podemos beijar os nossos meios-irmãos. Claro, *podemos* fazer essas coisas, mas apenas se formos corajosos o suficiente para enfrentar as consequências.

Reviro os olhos para a Rachael enquanto subimos os degraus até ao cais, com a música do Pacific Park cada vez mais estridente à medida que nos aproximamos. A roda gigante ainda está a piscar em vermelho, azul e branco. O resto do parque de diversões também está iluminado, embora não tão patrioticamente. Estamos a atravessar o estacionamento no alto do cais, esgueirando-nos entre dois carros estacionados demasiado perto um do outro, quando vejo o Jamie. Está com a namorada, a Jen. Já namoram há quase dois anos. Perto da esquina do estacionamento, ele encostou-a à porta do passageiro de um velho e surrado *Chevy*. Estão a beijar-se. Obviamente.

A Rachael também deve tê-los visto, porque faz uma pausa ao meu lado e demora os olhos na cena. — Ouvi dizer que ele é fresco — murmura ela. — É como uma versão loira em miniatura do irmão quando ele tinha essa idade.

Faço um olhar de advertência na direcção dela, quase

automaticamente, ao ouvir a menção ao irmão do Jamie, que também é meu meio-irmão.

Não falamos sobre ele. Nunca mencionamos o nome dele. Deixámos de o fazer. A Rachael apercebe-se da rigidez repentina do meu rosto e da crispação da minha expressão e, quando toma consciência do seu erro, emite um rápido pedido de desculpas e, em seguida, comprime a mão sobre a boca.

Relaxando apenas um pouco, olho para o Jamie e a Jen. Continuam enrolados um no outro. Revirando os olhos, atiro com o resto do meu gelado para um caixote do lixo ali ao pé e, aclarando a voz, grito: — Não te esqueças de respirar, Jay!

A Rachael ri baixinho e, de brincadeira, bate no meu ombro. Quando o Jamie olha para cima, com os olhos brilhantes e o cabelo despenteado, levanto a mão e aceno. Ao contrário da Jen, que quase desmaia de vergonha na altura em que me vê, o meu meio-irmão só fica irritado, como sempre faz quando tento falar com ele.

— Vai-te foder, Eden! — grita ele, do outro lado, com a sua voz potente fazendo eco no meio dos carros. Agarra a mão da Jen, vira-se e puxa-a para longe, na direção oposta. Provavelmente tem passado a noite a fazer tudo para evitar o mais possível a Ella, porque quando a única coisa que te interessa é ficares enrolado com a namorada, a última pessoa que tu queres ver é a tua mãe.

— Ele ainda não fala contigo? — pergunta a Rachael quando, por fim, para de rir.

Encolho os ombros e recomeço a andar, enquanto agarro entre os dedos as pontas do cabelo. Agora dá-me mesmo pelos ombros. Cortei no inverno. — Na semana passada ele pediu-me para lhe passar o sal — digo. — Isso conta?

— Não.

— Então acho que ainda não nos falamos.

O Jamie não gosta particularmente de mim. Não por ter dezassete anos e um sério problema de atitude, que surgiu do nada no ano passado, mas porque ainda tem nojo de mim. E do irmão mais velho dele. Ele não suporta nenhum de nós, e não têm conta as vezes que eu tentei convencê-lo de que não há nada com que se preocupar, inutilmente, porque ele recusa-se a acreditar em mim. Nestes casos, ele

geralmente foge e atira com as portas pelo caminho. Eu suspiro com frustração quando Rachael e eu chegamos ao paredão, que continua tão cheio como há horas. Há muitos pais com crianças pequenas e muitos cães evitando os carrinhos de bebé. Há muitos casais jovens, como o casal de há pouco na praia, na água. Eu não suporto olhar para nenhum deles. As suas mãos entrelaçadas e sorrisos cúmplices fazem o meu estômago dar um nó. E não é do tipo de nós que criam borboletas, mas dos que doem fisicamente. Hoje, mais do que em qualquer outro dia, e aqui, mais do que em qualquer outro lugar, desprezo todo e qualquer casal que vejo.

A Rachael para passados alguns minutos para conversar com umas raparigas que ela conhece e que foram colegas dela na escola. Lembro-me delas apenas vagamente, anos atrás na escola ou na *promenade*. Não as conheço. No entanto, elas conhecem-me. Agora, toda a gente me conhece. Eu sou *ela*. Eu sou a *tal* Eden. Sou a rapariga para quem se dirigem olhares de repulsa, a rapariga que é alvo de desprezo e risos onde quer que se encontre. É exatamente o que está a acontecer agora. Por muito que eu me esforce por tentar dirigir a essas raparigas um sorriso caloroso, ele nunca será retribuído. Lançam-me as duas um olhar penetrante pelo canto do olho e depois desviam-se de mim, aproximando-se da Rachael e excluindo-me completamente. Primo os lábios, cruzo os braços sobre o peito e começo a pontapear a madeira sob os meus pés, enquanto espero que a Rachael se despeça delas.

Este é exatamente o tipo de coisa que acontece sempre que venho passar férias a casa, a Santa Monica. As pessoas aqui já não gostam de mim. Acham que eu sou louca varrida e esquisita. Existem raras exceções, como a minha mãe e a Rachael, mas é tudo. Todos os outros se limitam a condenar, mas eles não conhecem a história completa. Eu acho que o pior foi quando cheguei a casa para o Dia de Ação de Graças no ano passado. Era a primeira vez que vinha a casa desde que havia saído para frequentar a faculdade, em setembro, e a notícia tinha-se espalhado como um incêndio, no escasso espaço de tempo em que estive ausente. Portanto, no Dia de Ação de Graças, todos sabiam. No começo, eu não percebia o que é que estava a acontecer e porque é que, de repente, as coisas estavam diferentes. Não percebi porque é que a Katy Vance, uma rapariga que frequentava algumas aulas comigo,

na escola, baixou a cabeça e se virou na direção oposta quando acenei para ela. Não percebi porque é que a empregada que me estava a atender, na mercearia, riu para o colega quando eu ia a sair. Eu não fazia a mínima ideia do motivo por que essas coisas estavam a acontecer, até ao momento em que, quando estava no LAX, no domingo, à espera para embarcar no meu voo de regresso a Chicago, uma rapariga que eu nunca tinha visto na minha vida perguntou calmamente:
— Tu é que és aquela que namora com o meio-irmão, certo?

A Rachael não se demora muito tempo a falar. Olha atentamente para mim a cada intervalo de poucos segundos, como se estivesse a tentar avaliar se eu estou bem ou não, e, apesar de eu encolher os ombros despreocupadamente para tentar tranquilizá-la, mostrar-lhe que estou bem, ela, mesmo assim, põe fim à conversa e diz às raparigas que temos onde estar, embora não seja verdade. É por isso que eu gosto tanto da Rachael.

— Podem ter a certeza de que nunca mais lhes falo — afirma, determinada, enquanto as raparigas se afastam e ela deita o resto do gelado para o lixo e me dá o braço. Voltamos na direção do Pacific Park tão rapidamente que quase vou pelo ar.

— Honestamente, isso já não me incomoda. A sério — tento dizer-lhe. Circulamos por entre a multidão, que, na verdade, agora que estamos no meio dela, não parece tão compacta, e eu deixo-me puxar ao longo do paredão.

— Hã-hã — diz a Rachael, num tom de voz pouco convicto, como se não acreditasse em mim.

Estou prestes a defender o meu ponto de vista com maior convicção, afirmando que *a sério, está bem, estou bem, está tudo bem*, quando a nossa atenção é desviada, antes mesmo de eu abrir a boca. Jake Maxwell, surgido do nada, aparece a correr na nossa direção, deslizando na nossa frente e obrigando-nos a parar bruscamente. Ele é nosso amigo, um amigo ainda mais antigo do que a Meghan, e já falámos com ele esta noite. Isso foi há algumas horas, quando ele ainda estava quase sóbrio. O mesmo não se pode dizer agora.

— Ora cá estão elas! — Agarrando os nossos braços entrelaçados, separa-nos, pega nas nossas mãos e beija desajeitadamente os nossos dedos.

É o primeiro ano em que o Jake vem do Ohio a casa, passar o verão, e, quando nos deparámos com ele há bocado, pela primeira vez em dois anos, fiquei espantada ao descobrir que ele agora usa barba e ele ficou ainda mais espantado quando soube que ainda moro em Santa Monica. Por qualquer motivo, ele supunha que eu tinha regressado a Portland, tipo, para sempre. Mas barba e suposições à parte, ele não mudou. Continua a ser um grande aldrabão e não faz nada para o negar. Quando a Rachael lhe perguntou como estava, ele respondeu que não está muito bem, porque as duas namoradas acabaram recentemente com ele e ele ainda não sabe porquê. Eu quase consigo adivinhar.

— Onde é que tu vais buscar toda essa cerveja? — pergunta a Rachael, franzindo o nariz, enquanto puxa a mão, libertando-a das dele. Ela tem de falar alto para se fazer ouvir sobre o som da música do Pacific Park.

— É do TJ — responde o Jake. E, para o caso de nós não estarmos informadas, revira os olhos por cima do ombro e aponta com o polegar para a distância que fica atrás dele. O TJ tem um condomínio ao longo da praia. Como se eu pudesse alguma vez esquecer. O meu estômago revolve-se ao pensar nisso. — Ele mandou-me vir reunir as tropas. Vocês estão com vontade de uma *after-party*? — Os seus olhos iluminam-se ao pronunciar a palavra e eu acho difícil levar a sério a *T-shirt* sem mangas que ele tem vestida. Tem uma águia. Colocada no topo da bandeira dos EUA. Com «LIBERDADE» escrita em letras maiúsculas aos pés da águia. Parece totalmente ridículo, mas não tão louco quanto a tatuagem temporária de uma águia que ele exibe orgulhosamente na bochecha esquerda. Começo a interrogar-me se não se deverá o seu estado a algo mais do que apenas cerveja.

— *After-party*? — repete a Rachael. Trocamos olhares e eu percebo de imediato pelo dela que ela está ansiosa para ir.

— Sim, sim — diz o Jake, com a voz transbordando de entusiasmo, enquanto sorri para nós pelo meio da barba. — Há barris e tudo! Vamos lá, é o 4 de Julho. E é fim de semana. Vocês têm de vir. Vai lá estar toda a gente.

Eu franzo a testa. — Toda a gente?

— O TJ e toda a malta, a Meghan e o Jared já estão lá, o Dean vem mais tarde, e acho que o Austin Camer...

— Passo.

O Jake para de falar e o seu sorriso torce-se num esgar de frustração. Ele olha para a Rachael e, por um breve segundo, pareceu-me que apenas revirou os olhos. Quando o seu olhar congestionado se concentra em mim, ele gentilmente agarra-me pelos ombros e sacode-me. — Alôôôôôô? — Arregala teatralmente os olhos e finge analisar cada centímetro do meu rosto. — Onde raios se meteu a Eden? Eu sei que não te vi durante uma porrada de tempo, mas com certeza que não foi no espaço de dois anos que conseguiste reunir *todo* esse enfado.

Não me diverte. Sacudo os ombros para me libertar do aperto do Jake e dou um passo para trás.

Porque ele já não é um amigo chegado, nem sequer um amigo, não me parece que lhe deva quaisquer explicações. Então fico calada, a olhar para os meus *Chucks* e à espera que a Rachael venha em meu socorro, como de costume, porque é disso que eu dependo, ultimamente. Dependo da Rachael para lembrar a toda a gente que eu nunca namorei com o meu meio-irmão e que nunca o farei. Dependo dela para me tirar de situações em que possa encontrar o Dean. Ainda me envergonho de o enfrentar depois de tudo o que aconteceu e duvido que ele também queira encontrar-se comigo. Ninguém quer encontrar-se frente a frente com a ex-namorada, especialmente se ela o traiu.

Como sempre, ouço a Rachael dizer ao Jake: — Ela não tem de ir se não quiser. — Eu continuo a olhar para os meus sapatos, porque, cada vez que a Rachael vem em meu socorro, eu sinto-me mais fraca e patética do que nunca.

— Tu não podes passar o resto da vida a evitá-lo — murmura o Jake. De repente, ele soa solene e, quando olho para cima, percebo que é absolutamente óbvio para ele que a razão pela qual eu não quero ir a essa festa é o Dean. Não posso negar, então limito-me a encolher os ombros e esfrego a têmpora. Há uma segunda razão, é claro. É a mesma razão por que o meu estômago se contraiu. Eu só fui ao TJ uma vez, e isso foi há três anos. Estive lá com o meu meio-irmão. Esta noite, mais do que em qualquer outra, não quero realmente voltar lá.

— Vai tu — digo à Rachael, após um momento de silêncio. Vejo bem como ela quer desesperadamente ir a essa festa, mas sei que provavelmente irá recusar o convite só para não me deixar sozinha. Isso

é o que fazem as melhores amigas. Mas as melhores amigas também fazem concessões, e a Rachael já passou a noite certificando-se de que eu estava bem neste dia terrível, portanto, eu quero realmente que ela se vá divertir um pouco. Para mais, este ano o 4 de Julho calhou a uma sexta-feira, o que leva as pessoas a tirarem daí o maior proveito. A Rachael também devia aproveitar. — Eu vou à procura da Ella, ou coisa assim.

— Mas eu não me importo.

Até eu consigo ver que ela está a mentir. — Rachael — digo com firmeza. Aponto para o condomínio do TJ, ao longe. — Vai.

Apreensiva, ela aperta o lábio inferior entre os dedos e hesita durante uns segundos. Esta noite, ela praticamente não está a usar maquilhagem — aliás, é raro usar mais do que isto —, portanto, mal parece ter dezassete anos, muito menos vinte.

— Tens a certeza?

— Absoluta.

— Então vamos lá! — O Jake explode, com o seu sorriso arrogante de volta ao seu rosto tatuado, enquanto agarra a mão da Rachael e a puxa para ele. — Temos uma festa à nossa espera! — E começa a levar a minha melhor amiga, arrastando-a pelo paredão e para longe do cais. Ela consegue despedir-se um pouco antes de desaparecerem na multidão.

Depois de eles irem, verifico as horas no meu telemóvel. Passam poucos minutos das nove e meia da noite. Os fogos de artifício de Marina del Rey e Pacific Palisades estão a acabar agora, pelo que há muitas pessoas que começam a preparar-se para regressar a casa. Seleciono nos contactos o número da Ella e começo a ligar. Infelizmente, a minha mãe e o namorado dela, o Jack, estão a trabalhar esta noite, portanto só o meu pai e a minha madrasta é que estão aqui no cais para celebrar o 4 de Julho. Eles são a minha única boleia para casa, portanto, o que me resta fazer é apanhá-los antes de se irem embora. Mas o que é ainda mais lamentável é que calha ao meu pai ficar comigo durante esta semana. Essa é a pior parte de ter pais divorciados: andares de um lado para o outro, de casa para casa, sujeita a hábitos diferentes. Eu odeio ficar em casa do meu pai e ele detesta ainda mais ter-me lá, principalmente porque só consegue ser insuportavelmente tenso e

desajeitado. Tal como o Jamie, o meu pai só fala comigo se for absolutamente necessário.

O telefone da Ella está ocupado, por isso a chamada vai diretamente para o correio de voz. Não deixo mensagem e desligo o mais rapidamente possível. Temo a ideia de ter de ligar para o meu pai. Percorro a lista dos contactos, seleciono o número dele e ligo. Começa a tocar e sinto que toda a minha expressão se torna crispada enquanto espero que a sua voz grosseira responda.

No entanto, enquanto estou de pé no paredão, com pessoas ao meu redor e com o telemóvel encostado ao ouvido, algo chama a minha atenção. É o meu meio-irmão mais novo, o Chase, no Restaurante Bubba Gump, aparentemente à espera e está sozinho, quando não deveria estar. Apesar disso, não parece muito preocupado, mas, basicamente, chateado, caminhando lentamente para a frente e para trás.

Desligo o telefonema para o meu pai e vou em direção ao Chase. Ele vê-me quando me aproximo e instantaneamente para de andar e parece ficar envergonhado.

— Onde estão os teus amigos? — pergunto, ao chegar ao pé dele, olhando em volta, à procura de um grupo de putos à beira de serem caloiros, mas não consigo vê-los.

O Chase enrola uma melena grossa do seu cabelo loiro em volta do dedo indicador. — Apanharam o autocarro para Venice, mas eu não fui porque...

— Porque a tua mãe te disse para não saíres do cais — concluo, e ele confirma. O círculo de amizades do Chase é propenso a meter-se em problemas com uma certa frequência, mas ele é suficientemente inteligente para saber quando não quebrar as regras. Tenho a certeza de que os pais dos seus amigos não querem que os filhos fujam para Venice no dia 4 de Julho. Vai haver por lá muita confusão, portanto fico feliz por o Chase ter escolhido ficar.

— Queres ficar comigo?

— Certo.

Passo o meu braço pelos ombros dele e afasto-o do restaurante, em direção ao Pacific Park. O Chase adora os jogos de *arcade*, mas antes mesmo de termos chegado a um raio de seis metros da Playland

Arcade, tenho que parar porque o meu telemóvel está a tocar. Vejo que é o meu pai, pelo que tenho de demorar um segundo para me preparar mentalmente antes de atender.

— Diz. O que é? — É assim que ele costuma cumprimentar-me, no seu tom áspero. E é o que temos, hoje em dia.

Afastando-me ligeiramente do Chase, aperto o telemóvel contra o ouvido e respondo: — Não é nada. Era só para saber onde é que vocês estavam.

— Nós? No carro — replica bruscamente o meu pai, como se esperasse que eu soubesse isso. — Despacha-te e vem aqui ter, a menos que queiras pedir ao teu irmão para te dar boleia, o que eu duvido que aconteça.

Com isto desligo imediatamente, sem dizer mais nada. A maioria dos telefonemas com o meu pai termina assim, com um de nós a desligar no meio de uma frase, e a maioria das nossas conversas cara a cara com um de nós a virar costas. Quem desliga as chamadas sou eu. Quem vira as costas e se vai embora é o meu pai.

— Quem era? — pergunta o Chase quando eu volto a aproximar-me.

— Estamos a ir para casa — respondo, elidindo a pergunta. Não é que o Chase ignore que o meu pai e eu não nos suportamos mutuamente, é mais fácil manter a tensão ao mínimo quando se trata do resto da família. Seja o que for a nossa família. Eu puxo o Chase ainda mais para mim e volto a fazê-lo mudar de rumo, desta vez longe do Pacific Park e de volta para a cidade. — Esta noite não há *arcade games*.

Sinto o Chase encolher os ombros debaixo do meu braço. — Já ganhei hoje um montão de bilhetes.

— Quantos?

Um pouco cheio de si, ele sorri e bate nos bolsos de trás dos calções. Ambos estão cheios de bilhetes amarelos. — Mais de setecentos.

— Não pode! Para que é que os estás a guardar?

— Estou a tentar reunir dois mil.

Falamos sobre os jogos de *flippers*, os bilhetes, a Pacific Wheel, o fogo de artifício e Venice enquanto descemos o paredão e saímos para a Ocean Avenue, guiando os nossos passos de volta ao carro. Estacionar no 4 de Julho é sempre incrivelmente confuso, e depois de passar

alguns minutos a discordar do Chase sobre onde o meu pai estacionou no início da noite, percebo que eu é que estou errada. Não estamos estacionados a norte da autoestrada, como eu tinha pensado, mas a sul, no cruzamento do Pico Boulevard e da Third Street. É uma boa meia milha de distância, por isso andamos muito depressa. O meu pai não gosta de ficar à espera. Nunca.

Quando chegamos, dez minutos depois, o *Lexus* está encostado ao passeio, entre dois outros carros, e, para minha surpresa, o meu pai está do lado de fora do carro. Braços cruzados sobre o peito, batendo o pé no chão com impaciência, a mesma expressão desagradável de sempre.

— Ah, bem, encontraste o teu irmão — diz secamente, enfatizando a palavra final. O Jamie e o Chase nunca são designados simplesmente como «Jamie e Chase». Desde há um ano que o meu pai se refere a eles como meus irmãos, como se isso contribuísse para lhe dar razão. O Jamie odeia tanto quanto eu que ele faça isso, mas, quanto ao Chase, creio que ele nem sequer percebeu.

Mantenho a calma e, em vez de ficar irritada com o tom desdenhoso do meu pai, olho por cima do ombro dele e fixo o olhar na Ella, que está no lugar do passageiro, com o corpo um pouco afastado da janela, mas dando para ver que tem o telemóvel encostado ao ouvido. Provavelmente será ainda a mesma chamada com que estava ocupada quando eu liguei, há pouco. Olho para o meu pai. — Trabalho?

— Hum-hum. — Ele inclina-se e bate com os nós dos dedos no vidro, tão bruscamente que Ella assusta-se e quase atira o telemóvel pelo ar. Volta-se no banco e olha através do vidro para o meu pai, que aponta, com um gesto da cabeça, para o Chase e para mim. Ella acena em resposta, leva de novo o telemóvel ao ouvido, murmura qualquer coisa e depois desliga. Por fim, o meu pai diz-nos para entrarmos para o carro.

Chase e eu subimos para o banco de trás e apertamos os cintos de segurança, enquanto o meu pai entra para o lugar do condutor, fitando-me pelo espelho retrovisor com um olhar duro, que eu ignoro. Quando ele começa a conduzir, Ella estica o pescoço sobre o encosto do banco do passageiro.

— Não querias ficar fora até mais tarde? — pergunta, com o cabelo loiro emoldurando o seu rosto. Já são quase dez, por isso não sei bem o que é que ela esperava que eu ficasse a fazer. A última coisa que eu

queria mesmo era ir àquela festa no condomínio do TJ, por isso estou feliz por ir para casa.

— Não, tudo bem — respondo-lhe. Não mencionei a festa. Nem a chatice que tinha sido a noite toda.

— E tu, companheiro? — interrompe o meu pai, acenando para o Chase pelo espelho retrovisor. — Pensei que a mãe do Gregg te ia levar a casa mais logo.

Chase para de mandar mensagens para olhar para cima. Lança-me um olhar de esguelha e eu, então, revolvo o meu cérebro por um segundo, antes de dizer ao meu pai: — Ele não se sentia muito bem, então eu perguntei-lhe se não queria vir para casa connosco. — Para parecer mais convincente, olho para o Chase com simulada preocupação e pergunto: — Como é que te sentes agora?

— Melhor — diz o Chase, entrando no jogo, levando as costas da mão à testa e esfregando-a suavemente. — Eu acho que era a Pacific Wheel que me estava a fazer enxaqueca, mas agora já estou bem. Podemos parar para comer um hambúrguer? Por favor, pai? Estou quase a morrer. Não quer que eu desmaie, pois não?

Ella revira os olhos e volta-se de novo para a frente, no seu lugar. O meu pai só diz: — Vou pensar no teu caso.

Sem que nenhum deles nos preste atenção, eu fecho a mão num punho e pouso-a no assento do meio. Ele bate o próprio punho contra o meu imediatamente e sorrimos discretamente um para o outro. Se o meu pai soubesse os problemas em que os amigos do Chase se costumam meter, o Chase nunca mais teria autorização para os ver. É melhor não mencionar isso, mesmo que o Chase faça sempre o que está certo.

Acabamos por parar no *drive-thru* do Wendy no Lincoln Boulevard, a caminho de casa. O meu pai e Chase escolhem hambúrgueres. Eu prefiro um *Frosty* de baunilha. Dos grandes. Passo o resto da viagem de carro para casa a comer, a olhar pela janela para o céu escuro, a ouvir o meu pai e Ella a conversar sobre a música da década de 1980 que puseram como música de fundo. Questionam-se se o Jamie estará em casa antes do toque de recolher dele, à meia-noite. O meu pai calcula que ele vai chegar uma hora atrasado.

Estamos de volta à Deidre Avenue dentro de dez minutos, devido ao trânsito ter diminuído um pouco. O meu pai estaciona no lugar do *Range*

Rover da Ella. Com o meu copo vazio na mão, abro a porta do carro e saio quando o meu pai desliga o motor. Estou prestes a ir até à porta da frente quando a Ella chama pelo meu nome pelo teto do *Lexus*.

— Podes ajudar-me a tirar do porta-bagagens umas compras que eu fiz à tarde? — pergunta com voz firme, e aponta com a cabeça para o *Range Rover*. Porque gosto da Ella, vou até ao carro dela sem hesitar. Ela segue-me, remexendo na mala à procura das chaves, e, assim que as encontra, faz saltar o fecho do porta-bagagens.

Olho para baixo, pronta para pegar num monte de sacos de compras, mas fico perplexa ao ver que a mala está vazia. Perguntando-me se a Ella não estará a ter um momento de amnésia, arqueio uma sobrancelha e olho para ela. Os seus olhos ficaram de repente arregalados e temerosos e ela olha sub-repticiamente em volta, observando o meu pai e o Chase a entrarem em casa.

Uma vez que eles estão lá dentro, os seus olhos fixam-se nos meus.

— O Tyler ligou — diz ela.

Dou um passo atrás, na defensiva. O seu nome parece uma arma. É por isso que eu nunca mais o vou pronunciar. É por isso que eu nunca mais o quero ouvir. Dói excessivamente. A minha garganta está contraída e esqueço-me de respirar quando sinto um arrepio a percorrer todo o meu corpo. A chamada anterior não foi de trabalho. Foi o Tyler. Ele costuma ligar para a Ella, uma vez por semana, e eu estou perfeitamente ciente disso. Ela aguarda desesperadamente os telefonemas dele, mas nunca nos fala nisso. Nunca. Até agora.

Ela engole em seco e olha para a casa, antes de voltar a falar, com medo de que o meu pai a possa ouvir. Ninguém está autorizado a mencionar o nome do Tyler ao pé de mim. Ordens rigorosas do meu pai, é claro, e acho que é a única coisa em que alguma vez estivemos de acordo. No entanto, a Ella continua a olhar para mim com uma expressão que é simultaneamente de piedade e de tristeza, e diz baixinho: — Ele pediu-me para te desejar um feliz 4 de Julho.

A ironia quase me faz rir, mas, ao mesmo tempo, irrita-me a ponto de me ser impossível achar qualquer graça. No 4 de Julho de há três anos, o Tyler e eu estávamos nos corredores da Culver City High School durante o espetáculo de fogo de artifício. Foi aí que toda esta confusão realmente começou. Foi quando eu percebi que estava a olhar para o

meu meio-irmão de uma maneira que não deveria. Nessa noite fomos presos por invasão de propriedade. No 4 de Julho do ano passado, o Tyler e eu não assistimos a nenhum espetáculo de fogo de artifício. Estávamos no apartamento dele, em Nova Iorque, sozinhos no escuro, enquanto a chuva encharcava a cidade. Ele citou um versículo da Bíblia. Escreveu no meu corpo, disse que eu era dele. Esses foram os 4 de Julho. Este não. Desejar-me um feliz 4 de Julho esta noite é quase como uma espécie de piada. Eu não o vejo há um ano. Ele partiu e deixou-me quando eu mais precisava dele ao meu lado. Eu já não sou dele, então como é que ele ousa desejar-me um feliz 4 de Julho quando não está aqui para o passar comigo?

Enquanto a minha mente tenta processar tudo, sinto-me prestes a explodir. Ella está à espera que eu responda, que diga qualquer coisa. Então eu, antes de me voltar e entrar numa fúria pela casa dentro, fecho com estrondo o porta-bagagens.

— Diga ao Tyler que esteve muito longe de o ser.

2

Recebo uma chamada da Rachael logo a seguir à meia-noite. Ainda não estou a dormir, mas quase, e fico irritada com a interrupção. Estendo a mão e atendo o telemóvel, esfregando os olhos e lutando contra o desejo de os revirar de impaciência ao ouvir o som da música e os gritos que ecoam aos meus ouvidos. — Deixa-me adivinhar — digo. — Precisas de boleia?

— Eu não — diz a Rachael, após um segundo de hesitação, numa voz alta e, surpreendentemente, não arrastada. — Mas o teu irmão sim.

É a última coisa que espero ouvir. Apanha-me de tal maneira de surpresa que num segundo estou sentada e já a pegar nas chaves do meu carro de cima da mesa de cabeceira. — O Jamie?

— Sim. O TJ quer que ele saia — explica ela. Aparentemente está sóbria e consigo ver as trombas dela. — Está a brincar com o conjunto de facas da cozinha e, além disso, acabou de vomitar.

— Primeiro que nada, explica-me que raio está ele aí a fazer?

— O irmão do TJ está aqui e convidou bué amigos, portanto, há uma porrada de putos do secundário a correr por todo o lado, o que me faz sentir bué cota. — A Rachael interrompe-se por um momento quando alguém ao fundo grita para ela calar a boca, provavelmente uma das crianças do secundário atrás referidas, e depois de lhe responder com meia dúzia de insultos, volta a falar para o telemóvel. — Já agora, não te importas de me levar também? Esta cena é um bocado marada demais para o meu gosto.

— Ponho-me aí em cinco minutos. — Desligo, suspiro e dou um impulso ao corpo para fora da cama, acendendo a luz e pegando nos *Chucks* vermelhos com que andei o dia todo. Enfio um *hoodie* por cima do pijama, puxo o capuz para a cabeça e saio do quarto.

A casa está em silêncio. Não porque o meu pai e a Ella estejam a dormir, mas porque não estão em casa. Estão no outro lado da rua, na casa de Dawn e Philip, os pais da Rachael, que convidaram esta noite um grupo de amigos para uma espécie de reunião de 4 de Julho. O meu pai e a Ella prometeram aparecer mais tarde. Estou a imaginar: todas as

mães e pais de meia-idade a beber cerveja e *cocktails*, a curtir o som de merda que achavam bué fixe quando tinham a minha idade. No entanto, fico feliz por eles lá estarem, porque assim torna-se fácil fazer uma escapadela para resgatar a Rachael e o Jamie sem que o meu pai me faça um interrogatório completo.

Desço as escadas sem ter de contornar a casa na ponta dos pés e nem vou dizer ao Chase o que se passa porque não quero acordá-lo. Antes de sair, vou buscar um balde ao quintal e levo-o comigo. A última coisa que quero é que o meu meio-irmão venha para aqui vomitar-me o carro todo. Tranco a fechadura da porta e faço uma corrida rápida até ao meu carro, prevendo a possibilidade de o meu pai ou a Ella estarem por acaso na janela da frente da sala de estar da Rachael. As luzes estão todas acesas e por trás das cortinas fechadas vejo as sombras de todos a andarem de um lado para o outro. Não hesito, atiro o balde para dentro do carro e arranco.

As estradas não têm movimento a esta hora, portanto, é apenas uma viagem de cinco minutos até à casa do TJ, mesmo no cruzamento da Deidre Avenue com a Ocean Avenue, ao longo da praia. O cais já está fechado, pelo que tudo parece agora muito mais tranquilo e silencioso, comparado com o que estivera há umas horas. O condomínio do TJ, em compensação, está tudo menos silencioso. As ruas estão cheias de carros, incluindo o *BMW* do Jamie, e é impossível estacionar, então espero em segunda fila, pronta para sair se constituir obstáculo à alta movimentação noturna. Mando uma mensagem para a Rachael, a avisá-la de que estou aqui, e outra para o Jamie, informando-o de que tem um minuto para mexer aquele cu de estúpido bêbado e pôr-se cá fora.

Enquanto espero, os meus olhos desviam-se até ao apartamento no segundo andar. É o único com todas as luzes acesas. As enormes janelas de sacada permitem-me ver diretamente para o interior, mas tudo o que consigo distinguir é uma massa de corpos. Do que me lembro de há três anos, o condomínio não era assim tão grande, mas a sensação que me dá é que o TJ acabou por ter convidados a mais. O Jake provavelmente está lá, a tentar convencer uma pobre jovenzinha a ir para casa com ele. O Dean provavelmente está lá, certificando-se de que ninguém faz nada de estúpido. A Meghan e o seu namorado Jared provavelmente estão lá, a fazer o que a Meghan e o Jared fazem. Eu

não faço ideia.

Não demorou muito para que a Rachael e o Jamie aparecessem. Através das portas de vidro da entrada do prédio, vejo-os sair do elevador. O Jamie tropeça em tudo e a Rachael arrasta-o literalmente para fora. Quando me vê, lança-me um olhar exasperado e eu abro a porta do carro e saio para a ajudar.

— Só espero que amanhã estejas com uma ressaca de caixão à cova — digo ao Jamie, pegando no braço dele e passando-o por cima dos meus ombros para o ajudar a não cair. Os seus olhos estão meio fechados, o cabelo despenteado, os membros inertes. Está tão bêbado que mal consegue mexer-se.

— E eu espero que tu *vás* para o Inferno — consegue ele replicar. Não me sinto ofendida nem profundamente magoada. É frequente o Jamie fazer comentários desses em relação a mim, por isso, como em tudo o mais, eu já estou habituada à sua atitude de desprezo.

Por cima dos ombros dele, a Rachael franze as sobrancelhas para mim, com profunda preocupação, mas não diz nada. Concentra-se, em vez disso, em segurar o Jamie, enquanto eu abro a porta do carro e, juntas, o pomos no banco de trás, tendo que lhe dobrar as pernas e os braços para entrar. Debato-me com o cinto de segurança, tentando puxá-lo em volta dele, mas ele empurra-me para longe e eu desisto e atiro com a porta.

— Não há dúvida de que ele te odeia — murmura a Rachael, enquanto se dirige para o lugar do passageiro. O seu cabelo não está já penteado num rabo de cavalo, mas sim caindo sobre os ombros, em ondas longas e emaranhadas, e a faixa está enrolada no pulso. Está completamente sóbria.

— Ele pode odiar-me, mas de manhã vai dar-se por muito feliz por ter sido eu a levá-lo para casa e não um dos nossos pais — digo. — Ficava a conhecer o significado de ficar de castigo durante toda a vida. — Abro a porta do meu carro e sento-me no lugar do condutor, ao mesmo tempo que a Rachael ocupa o lugar do passageiro. Ela mostra-me o balde, com uma sobrancelha levantada, e quando encolho os ombros, ela ri-se e passa o balde para o banco de trás. O Jamie tira-o imediatamente das mãos dela, mas não sem resmungar alguma coisa em voz baixa.

— Os teus pais foram para minha casa? — pergunta a Rachael,

quando eu começo a conduzir, deixando para trás a festa e toda a confusão de bêbados.

— Foram. — Enquanto falo, mantenho-me atenta ao Jamie, pelo espelho retrovisor. Está caído no banco de trás, com a cabeça a balouçar sobre o balde pousado no chão. Franzo a testa e peço a Deus para ele não vomitar. Depois volto a fitar a estrada à minha frente. — E ainda lá estão. Está toda a gente.

A Rachael deixa cair a cabeça para trás, contra o encosto de cabeça, e geme, inclinando o rosto para a janela, permitindo que o brilho das luzes da rua ilumine a sua pele. — Vou entrar sorrateiramente pela porta das traseiras — diz ela. — Quero evitar que todos os amigos dos meus pais me perguntem o que é que estou a pensar fazer com a minha vida.

— O que é que estás a pensar fazer com a tua vida? — Rachael olha para mim e semicerra os olhos. Eu sorrio, mas não por muito tempo, porque a minha atenção volta-se neste momento para o Jamie.

— Deixa-me sair — murmura ele do banco de trás. Quando olho pelo espelho retrovisor, vejo-o a tentar alcançar a porta, por isso aciono rapidamente o fecho central. Ele agarra o puxador, colocando-se numa posição sentada, mas desata a bater na janela com a mão quando percebe que está trancado. — Eu não quero estar neste carro!

— Temos pena — digo com indiferença, ambas as mãos no volante, concentrada principalmente na estrada que nos leva de regresso a casa.

— Rachael! — Jamie inclina-se para a frente e estende os braços em volta do banco do passageiro, agarrando os ombros da Rachael e recusando-se a soltá-la. — Na qualidade de minha vizinha desde que me lembro, podes, por favor, deixar-me sair deste carro?

Rachael consegue libertar-se da investida do Jamie, contorcendo o corpo dentro do cinto de segurança e livrando-se das suas mãos desesperadas. Em poucos segundos, ela está virada de frente para ele, com as costas contra o tabliê do carro. Ela levanta um dedo. — Não me toques. Nunca — avisa ela através da abertura no encosto de cabeça.

— Mas tu tens de me ajudar!

A Rachael solta um suspiro profundo, enquanto pressiona o dedo indicador contra a têmpora, e pergunta, numa voz que, entretanto, adotou um tom condescendente: — Para o que é que precisas de ajuda, Jamie?

— Ajuda-me a afastar-me dela — responde ele. Dou uma olhadela por cima do ombro a tempo de o ver apontar um dedo na minha direção e, quando os nossos olhares se encontram, os seus olhos congestionados fecham-se de repugnância. — Ela é uma aberração.

— Já era tempo de superares isso — retruco para ele, enquanto aperto com mais força o volante, acelerando ainda mais ao longo da Deidre Avenue e ignorando os olhares que sinto a Rachael lançar, ora ao Jamie ora a mim. Ela sabe que não nos damos especialmente bem, mas acho que nunca tinha assistido a uma coisa assim.

É quase impossível para ela ficar calada e deixar rebentar uma discussão, então vira-se para olhar para trás do encosto de cabeça e enfrentar diretamente o Jamie, com um olhar severo, numa séria advertência para não dizer mais nada. — Estou a avisar-te: tu estás bêbado e estás a comportar-te como um verdadeiro idiota, portanto, cala a boca.

À beira da indignação, Jamie deixa-se afundar no banco de trás, fitando Rachael, enquanto ousa formular uma resposta. Quando está preparado, descontrai e, movendo os lábios muito lentamente, diz: — Eu estou bêbado? Hã! E estou a comportar-me como um idiota? Um hã! ainda maior para ti. Parece familiar a alguém? — Lentamente, ele volta a sentar-se direito e inclina-se para mim, com um sorriso de bêbado e de esguelha a imobilizar-lhe o rosto. Está longe de ser amigável, contudo ele pousa a mão no meu ombro enquanto eu dirijo, apertando bastante, enquanto os seus olhos se voltam para a Rachael. — Acrescenta aí um pouco de erva e ela ainda se vai apaixonar por mim também.

Imediatamente sacudo a mão dele do meu ombro, acotovelando-o no peito, e empurro-o para longe de mim. O carro oscila levemente, mas eu sou rápida a segurar de novo no volante com as duas mãos, e então volto a olhar por cima do ombro para ele para o fixar com o olhar mais feroz que consigo neste momento. Não é preciso muito esforço. — Mas que porra de problema é que tu tens?

Pelo canto do olho, vejo que a Rachael se recosta lentamente no lugar, lançando-me um olhar de reprovação. Ao mesmo tempo, leva lentamente a mão ao volante, como se temesse que eu tire o carro da estrada. — Ele está apenas bêbado, Eden.

Mas eu não posso aceitar porque eu não estou a referir-me ao que

está a acontecer agora, estou a referir-me a tudo o que tem acontecido desde o verão passado até este exato momento. O Jamie não foi capaz de aceitar a verdade, apesar de ter tido todo um ano para isso, e eu estou a começar a perguntar-me se algum dia ele vai conseguir esquecer. Começo a acreditar que ele vai sempre odiar o Tyler e odiar-me a mim. — A sério — digo, levantando a mão, exasperada —, qual é o teu maldito problema? Soletra para ver se eu percebo.

O Jamie engole em seco, antes de se inclinar sobre a consola central e fitar-me, revirando os olhos, e cuspir uma por uma as palavras: — Tu. És. Nojenta.

Fico calada por um tempo. A única coisa que consigo ouvir é o motor do meu carro enquanto conduzo e o rangido dos meus dentes. Parte de mim quer atirar o Jamie do carro para fora. A outra parte quer chorar. A verdade é que eu sei que o Jamie sente isso mesmo. Eu *sei* que ele pensa que eu sou maluca, nojenta, repugnante e louca, mas ele nunca disse isso em voz alta até agora, e por uma fração de segundo sinto que vou vomitar.

— Não sei o que é que queres que te diga — respondo, baixinho. — Realmente, não sei. Não há nada entre... — Paro, aclaro a garganta e tento novamente. — Já não há nada entre o Tyler e eu. Acabou tudo. Há muito tempo que acabou tudo. Então, *por favor*, Jamie. Por favor, para de me odiar.

O Jamie olha-me com um olhar vazio por um segundo e depois afunda-se novamente no banco, mas desta vez agarra no balde e, de repente, vomita. A Rachael grita, aperta a mão contra a boca e, ao mesmo tempo, engasga-se, isto enquanto recua contra o tabliê, novamente, tentando o seu melhor para ficar o mais longe possível do Jamie. O meu nariz franze-se e eu faço descer as quatro janelas, permitindo que o ar fresco entre no carro.

— E ele ainda diz que tu és nojenta — murmura a Rachael, de lado, para mim, por entre os dedos.

O Jamie continua a vomitar, a lastimar-se, a gemer e a praguejar durante o resto do caminho até casa, que felizmente fica a poucos minutos de distância. Nem a Rachael nem eu dizemos nada, escutamos o vento, em silêncio, enquanto o Jamie sofre. No momento em que vejo a casa, no entanto, ele não é o único que pragueja. Eu também.

Como se tivesse sido o próprio Satanás a planear isto, o meu pai e a Ella estão a regressar de casa da Rachael ao mesmo tempo que eu estou a chegar. Quando se apercebem de que é o meu carro que se aproxima, param os dois na relva da frente da casa e as mãos do meu pai firmam-se imediatamente nos quadris, enquanto ele prime os lábios numa linha firme, e semicerra os olhos, conferindo ao olhar uma maior severidade.

— Merda — digo eu pela quinta vez. — Merda, merda, merda. — Lentamente, encosto cuidadosamente o carro contra o passeio e fecho todas as janelas antes de desligar o motor. Através do para-brisas, vejo a Ella franzindo a testa, enquanto semicerra os olhos míopes para ver com quem é que eu estou. Infelizmente para ela, tenho o seu filho, bêbado, a vomitar no banco de trás.

A Rachael abana a cabeça e dirige um olhar eloquente para o Jamie. — Alguém está *tão* lixado.

— Ele está, de certeza. — Respirando fundo, tiro as chaves da ignição e abro a porta do carro, saindo ao mesmo tempo que a Rachael. Lentamente, viro-me para encarar o meu pai e a Ella.

— Rachael, eu creio que os teus pais estavam preocupados por não saberem onde estavas — diz o meu pai rigidamente, com um impercetível aceno de cabeça na direção da casa dela. Todas as luzes estão ainda acesas, e as sombras ainda se movem de um lado para o outro.

— Obrigada, senhor Munro. Vou já dizer-lhes — responde a Rachael, na voz mais inocente de que é capaz, mas eu distingo bem o tom de sarcasmo nas suas palavras. Como o meu pai está na faixa dos quarenta anos com cabelos grisalhos e sem uma única reminiscência do que é ser adolescente, ele não dá por nada, limitando-se a dirigir-lhe um sorriso inexpressivo e a esperar que ela se vá embora. Ela dá uma volta e dirige-se para a sua casa, mas não sem antes passar rente a mim e murmurar: — Estou doida por bazar daqui.

Faz-se silêncio na rua por um minuto. Eu não quero ser a primeira a falar. O Jamie continua no banco de trás do meu carro, a Ella continua a tentar ver o que se passa semicerrando os olhos míopes e o meu pai está à espera que a Rachael desapareça. Assim que isso acontece, os seus olhos piscam para mim e ele pergunta: — Onde raio é que tu

estiveste metida?

Não só o meu pai é o já mencionado parvo do envelhecimento, como é também o ás das suposições. Neste momento, é evidente pela sua expressão e tom que já decidiu que, quaisquer que tenham sido os motivos para eu sair de casa, só podem incluir-se na lista das imprudências, como se eu, aos dezanove anos, não pudesse sair de casa à meia-noite e meia sem um plano maquiavélico para causar problemas.

Tentando ao máximo não revirar os olhos, dou a volta ao meu carro e, em seguida, aponto para a forma como estou vestida. É com indisfarçável desprezo na voz que digo amargamente: — Eu estou de *pijama*! — Alcanço a porta do carro, abro-a e imediatamente o Jamie e o balde nojento emergem do banco de trás. — E, para que fique registado — digo, sem desviar os olhos do meu pai e fechando de novo a porta —, saí para o ir buscar... estás a ver, tipo, expulso de uma festa por estar demasiadamente bêbado.

— Valha-me Deus, Jamie! — Ella lamenta-se, enterrando o rosto nas mãos, antes de desatar a correr pela relva para o ir buscar.

Os meus olhos mantêm-se fixos nos do meu pai e assim continuam, mesmo quando cruzo os braços sobre o peito. Ele está a observar, com uma expressão de extrema reprovação, a forma como o Jamie vai tropeçando pela relva, enquanto a Ella tenta equilibrá-lo. Quando, por fim, ela consegue segurar o filho e mantê-lo de pé, a mente intoxicada dele decide gritar: — A Eden estava desesperada a tentar beijar-me!

Estupefacta com o que ouço, os meus olhos voam para o Jamie e a minha expressão é de fúria. Abanando a cabeça de espanto, não consigo impedir-me de levantar a mão e esticar o dedo médio bem na cara dele. — A sério, foda-se, Jamie — digo, sibilando. A Ella fixa-me com uma expressão contrariada, ao mesmo tempo que o meu pai enche o peito e abre a boca.

— Eden Olivia Munro — diz ele em voz baixa, e eu sei imediatamente, pelo uso do meu nome completo, que ele está a preparar-se para me desfazer. — Dá-me as chaves do teu carro. Agora mesmo. — Ele não se move um centímetro, só estende o braço e levanta a mão, com a palma voltada para cima.

— Porquê?

— Porque tu achas que é aceitável desaparecer sem avisar e praguejar desta maneira — diz ele novamente, desta vez muito mais firme. Vejo perfeitamente a ira a crescer dentro dele a cada segundo que passa.

Fito o conjunto de chaves na minha mão e aperto-as com toda a força, depois olho para trás e abano a cabeça. — Então ele pode desrespeitar o recolher e chegar a casa bêbado e *eu* é que apanho com o castigo? — Olho novamente para o Jamie e a Ella, e verifico que, apesar de estar pra lá de bêbado, o Jamie ainda consegue rir. Rangendo os dentes, volto a olhar para o meu pai. — E *porquê*? Por lhe dar uma boleia para casa?

— Dá-me o raio das chaves — ordena mais uma vez o meu pai, mantendo os lábios rígidos e o maxilar contraído, e eu rio-me. Não resisto. É tão típico dele. Todas as vezes que vim a casa, em Santa Monica, ao longo do ano passado, o meu pai descobriu sempre um motivo para ser duro. Não é difícil adivinhar a razão por que o faz: ele continua a castigar-me por me ter envolvido com o Tyler, por me ter apaixonado pelo meu meio-irmão.

— Dave — murmura a Ella, e eu reparo na ligeira sacudidela de cabeça que ela dirige ao meu pai, enquanto arrasta o Jamie até à porta da frente. — Ela não fez nada de errado.

O meu pai ignora-a, como sempre, porque aparentemente a Ella deixou de ter voz na forma como ele educa a sua filha, mas ele tem sempre a última palavra na forma como ela educa os dela. Sentindo-se cada vez mais provocado pelo meu desafio, ele começa a deslocar-se, atravessando a relva na minha direção, como se estivesse a preparar-se para me tirar as chaves das mãos.

Antes que ele tenha a oportunidade de o fazer, dirijo-me para o lugar do condutor, abro a porta do meu carro e meto um pé lá dentro. — Que se lixe isto tudo — digo e, logo de seguida, sento-me atrás do volante. Pode ser que seja a vez de o meu pai ter a minha guarda durante a semana, mas não há forças humanas que me façam ficar aqui. — Vou para minha casa.

— Esta *é* a tua casa! — O meu pai tenta pateticamente gritar por cima do tejadilho do carro, mas até eu consigo sentir a tensão na sua voz. Ele sabe que é mentira. Ele não quer que este lugar seja a minha casa, porque, muito honestamente, ele deixou bem claro, ao longo do ano

passado, que ele nem sequer quer que eu faça parte da família.

— Bem — resmungo —, se é, não parece nada. — Instalo-me atrás do volante, bato a porta do carro e rapidamente ligo o motor, antes que o meu pai decida tentar impedir-me. Mas não. Eu acho que, na realidade, ele está contente.

Enquanto me afasto, conduzindo em direção a casa da minha mãe, ao longo da Deidre Avenue, vejo-os pelo espelho retrovisor. O Chase está na porta da frente, confuso como sempre e meio adormecido. O meu pai e a Ella começaram a gritar um com o outro, agitando as mãos com gestos ameaçadores, e percebo então, ao afastar-me e deixando todos para trás, que, seja a nossa família o que for, está muito longe de ser perfeita.

A verdade é que há um ano que ela está destruída.

3

Na quinta-feira, a minha manhã passa-se à semelhança de qualquer manhã de qualquer outro dia: com uma corrida ao longo da praia até Venice e vice-versa, antes de passar pela Refinery, que fica a meio do meu caminho. É a rotina de todos os dias desde que cheguei a casa para passar o verão. No ano passado, relaxei um bocado em relação à corrida, ao mesmo tempo que comia tudo o que me passava pela cabeça, ganhando peso aqui e ali, sem que, pela primeira vez na minha vida, me preocupasse com isso, mas já chega, e agora estou desesperadamente a tentar perder peso, antes de voltar para a faculdade no outono. Desculpam-se as idas à Refinery, porque me é impossível viver sem o café deles.

Estou a tomar o meu *latte* de baunilha atrás das montras envidraçadas, a observar as pessoas que vão passando, interminavelmente, no Boulevard de Santa Monica. Às vezes, a Rachael encontra-se aqui comigo, mas ela já foi para Glendale para visitar os avós, assim hoje estou sozinha. Não é coisa que me incomode. Para já, está claro.

Não demora muito para alguém me descobrir no meu canto, a miúda que parece que namorou com o meio-irmão. Tenho os auriculares num ouvido, por isso não sei como consigo ouvi-las, mas o facto é que ouço. É um grupo de quatro chavalas, mais novas do que eu, que vão a sair da Refinery. Uma delas murmura qualquer coisa, e a única razão pela qual despertam a minha atenção é porque eu ouço vagamente a palavra «meio-irmão». Quando levanto os olhos, vejo que elas estão a olhar para mim, mas rapidamente param de rir e olham para longe, antes de desaparecerem pela porta.

Respiro fundo, fecho os olhos e introduzo o outro fone no ouvido, bloqueando tudo o resto ao ouvir La Breve Vita no volume máximo. A banda separou-se no verão passado, por isso tudo o que me resta é a música que eles fizeram nessa altura. Fico na Refinery por mais cinco minutos, terminando o meu *latte* e sabendo-me bem estar abrigada do sol por um momento. Quando está quente pra caraças lá fora e

acrescentas a isso o esforço da corrida, é o suficiente para desmaiares, por isso, sempre que posso, dou por bem-vinda uma pausa.

É quando me estou a levantar e a mudar as *playlists* antes de sair que o meu telemóvel começa a tocar na minha mão. É a Ella, portanto não recuso a ligação, como faria se fosse o meu pai. Em vez disso, tiro os fones, levo o telemóvel ao ouvido e pergunto o que é que se passa.

— Onde é que estás? — pergunta imediatamente, anormalmente brusca.

— Ah, na Refinery — respondo, um pouco insegura.

— Podes vir aqui? — Rapidamente acrescenta: — Não te preocupes, o teu pai está no emprego.

Franzo as sobrancelhas, fazendo girar em volta dos dedos os auriculares, enquanto me encaminho para a porta e saio para o passeio. — E a Ella, não está no emprego?

— Estou a trabalhar num *briefing* — diz ela e, sem um momento de pausa, pergunta: — Em quanto tempo é que consegues chegar aqui?

— Uns... vinte minutos. — Quando viro a esquina para a Fifth Street, estou a franzir a testa, confusa. A Ella geralmente liga-me para perguntar o que quero para o jantar, ou se preciso de dinheiro, ou para saber como é que estou. Desta vez é diferente. Ela geralmente não liga assim, com um pedido para aparecer na casa que eu odeio, por isso, fico um pouco preocupada. — Está tudo bem?

— Tudo bem — diz ela, mas uma tremura na sua voz diz-me o contrário. — Mas vem o mais rápido possível.

Assim que ela desliga, arranco de imediato, fones nos ouvidos, música alta, ritmo mais rápido que o normal. A casa fica a mais de três quilómetros, portanto, na melhor das hipóteses, chego lá em quinze minutos. A Ella realmente não parece com disponibilidade para ficar à espera e, enquanto vou abrindo cuidadosamente caminho por entre as pessoas que enchem os passeios, dou por mim a fazer mentalmente uma lista de possíveis razões pelas quais ela poderá precisar de mim com tanta urgência. Nenhuma delas me parece provável, então desisto de tentar adivinhar e concentro-me em correr ainda mais rápido. Quanto mais rápido chegar, mais cedo vou descobrir.

Com essa mentalização, acabo por estar em casa em pouco mais de quinze minutos. Limpo a testa com as costas da mão e aproximo-me da

porta da frente, ofegando pesadamente. É a primeira vez que estou aqui desde que saí na sexta à noite. E também desde esse momento não voltei a falar com o meu pai.

Entro e encontro a casa em silêncio. Nada de Jamie, nada de Chase, nada de pai. Apenas a Ella, vestida elegantemente, com uma saia justa e uma blusa. E só dou por ela depois de ouvir os seus passos discretos ao cimo da escada. Fico a olhar para ela e ela para mim, enquanto passo a mão pela testa suada. A minha respiração ainda está um pouco irregular, e eu procuro controlá-la, enquanto espero que ela me diga o motivo por que precisa tão desesperadamente de mim.

Contudo, a explicação não chega, apenas uma expressão de ansiedade e ela a acenar com a cabeça enquanto diz baixinho: — Podes vir aqui por um segundo?

Se até então eu não estava preocupada, agora estou mesmo, sem sombra de dúvida. De repente, tenho medo de chegar ao andar de cima e encontrar o meu quarto vazio, transformado num quarto de hóspedes e as minhas coisas metidas em caixas de papelão. *É isso*, penso eu. *Ela está a mandar-me embora*. Não que seja coisa que me chateie por aí além.

Soltando um suspiro, com o meu corpo todo cansado e dorido, forço-me a subir a escada, fazendo os possíveis por não estabelecer muito contacto visual com a Ella. Eu aposto que foi ideia do meu pai nunca mais me deixar ficar aqui, não dela. Ela é apenas a responsável por me transmitir a notícia. Tipo: *Desculpa, Eden, mas tu és demasiado desprezível e repugnante e perigosamente irresponsável para ficares nesta casa por mais um segundo*.

— Onde está o Jamie? E o Chase? — pergunto, espreitando o corredor pelo canto do olho, para ver se descubro alguma caixa. Não vejo nenhuma. Concentro de novo a atenção na Ella, mas ela limita-se a virar-se e a caminhar até ao seu escritório, o quarto ao lado do meu. Eu sigo-a.

— O Jamie foi passar o dia à cidade com a Jen — diz em tom indiferente, por cima do ombro, enquanto os seus saltos estalam contra o chão — e o Chase está na praia.

Avanço dois passos dentro do escritório e detenho-me, não porque seja o espaço de trabalho privado de Ella, onde nenhum de nós está

autorizado a entrar por motivos de confidencialidade, mas porque esse quarto nem sempre foi um escritório. Só é assim há meio ano. Embora as paredes tenham sido repintadas em cor de marfim, ainda consigo ver o azul-marinho que espreita através da falta de habilidade do meu pai para a pintura. A velha alcatifa foi também arrancada e substituída por piso de madeira. Mas, a não ser pela falta de uma segunda demão de tinta, que funciona como lembrete, às vezes torna-se fácil esquecer que antigamente aqui era um quarto.

— Então, o Jamie não está de castigo? — A minha vontade é revirar os olhos. Incrível, na verdade, que o Jamie possa chegar a casa bêbado, vomitar a relva toda, e safar-se como se não fosse nada com ele.

— Está, sim — diz a Ella, e logo de seguida faz uma pausa e vira-se para olhar diretamente para mim, com os seus olhos azuis intensos e suaves ao mesmo tempo. — Mas hoje eu não queria que ele estivesse em casa.

— Ah. — Primo os lábios e arrumo atrás da orelha alguns fios de cabelo que se soltaram do meu rabo de cavalo feito à pressa. Curiosa, dou uma rápida vista de olhos à mesa da Ella e às pilhas de papelada que a cobrem por inteiro. Todos os casos em que ela está a trabalhar, todas as informações do cliente. Olho para ela antes que ela repare que estou a olhar. — Porque é que não o queres cá?

— Porque eu ainda não lhe disse nada — diz ela lentamente. Não é bem a resposta que eu esperava e, na realidade, surpreende-me. Ela engole, pousa uma mão nas costas da cadeira e, consciente do quanto eu estou intrigada, acrescenta: — Aliás, ainda não disse a nenhum de vocês. E muito menos ao teu pai.

Oh, meu Deus. A razão de eu estar aqui torna-se de repente tão clara que não consigo impedir-me de pestanejar de incredulidade e agarro-me à maçaneta da porta para me apoiar antes de desmaiar, vomitar ou ambos.

— Estás grávida? — pergunto.

— Valha-me Deus, Eden. — A Ella abana freneticamente a cabeça e um tom vermelho-vivo sobe-lhe ao rosto. Aperta a mão contra o peito, recompõe-se e aclara a garganta antes de dizer: — Definitivamente, não. — Um pouco desajeitada, faz um sorriso tímido, enquanto é óbvio que se esforça por não rir.

O meu ritmo cardíaco acelerado regressa ao normal e o meu peito relaxa, ao mesmo tempo que liberto os ombros da tensão, com o alívio. Não conseguia imaginar o meu pai a fazer uma vez mais o papel de pai a tempo inteiro. Ainda lhe falta um longo caminho para o fazer bem feito. Ligeiramente envergonhada por ter tirado conclusões precipitadas, mordo o lábio inferior e encolho os ombros, igualmente confusa e preocupada como quando cheguei. — Então do que é que se trata?

Ella inspira profundamente e expira lentamente no silêncio absoluto da casa. A minha paciência começa a esgotar-se. Não gosto disto. Odeio não saber o que é que está efetivamente a acontecer ou o motivo por que estou aqui. Talvez ela vá anunciar que vão viver para o outro lado do país. Talvez ela vá deixar o emprego. Talvez ela vá pedir o divórcio. A última hipótese é a minha preferida, para o bem dela.

No entanto, ela permanece em silêncio, os seus lábios movem-se apenas levemente, como se estivesse tentando formar palavras, mas não sabe o que dizer. Depois de alguns segundos, ela não precisa de dizer nada. Os seus olhos dizem-no por ela.

Eles estão fixos num ponto atrás de mim, para além do meu ombro, por cima do qual passaram para pousarem mais além, concentrados e calmos. É então que eu ouço a voz que tem o poder de me paralisar completamente. É impossível confundi-la com a de qualquer outra pessoa, e é por isso que a minha respiração para e o meu estômago se contorce no momento em que a primeira palavra sai dos seus lábios e porque tudo, absolutamente tudo, para quando o ouço dizer: — Ela está a falar de mim.

Assustada, rodo sobre mim própria. E ele ali está. Simplesmente, ali. Depois de um ano inteiro, ele está ali, na minha frente, de pé, alto e bem constituído, de *jeans* pretos, *T-shirt* branca, cabelos escuros, olhos esmeralda... é a pessoa que já foi o meu tudo, e que eu nunca percebi que era o meu tudo até ao momento em que ele saiu e nunca mais voltou.

Essa pessoa é, pura a simplesmente, o meu meio-irmão, Tyler.

Recolho-me mais para dentro do escritório, recuando na defensiva. A incredulidade e o choque dominam-me completamente e, sentindo um aperto na garganta, abano a cabeça, fitando-o. Ele não mudou nada. Está exatamente como me lembro dele do último verão, do nosso tempo

juntos em Nova Iorque, com aquela mesma barba por fazer e o queixo bem delineado, braços enormes e olhos brilhantes que se fixam em mim como se nada mais existisse. Os cantos dos seus lábios erguem-se num sorriso.

No entanto, no silêncio tenso que nos envolve aos três, não posso deixar de me sentir como se tivesse sido apanhada numa emboscada e atraída para aqui sem nenhum motivo lógico. Ella sabe que se eu não suporto pensar no Tyler, muito menos suportarei olhar para ele, o que me faz imediatamente desviar o olhar para ela. — Mas o que raio se passa aqui?

Ella está uma perfeita ruína após uma crise nervosa. O olhar dela salta rapidamente entre o Tyler e eu, com os seus olhos alerta e a testa enrugada de preocupação. — Eu vou ter uma reunião agora — consegue, por fim, articular, com voz vacilante. Afasta-se de nós e reúne um casaco e uma pilha de pastas e passa rapidamente por mim. Quando chega ao Tyler, estende o braço, leva a mão ao ombro dele e aperta-o com força, depois sai, simplesmente. Os seus saltos martelam os degraus das escadas, até que ela chega à porta da frente e, depois de uma pequena pancada, não há nada além de completo e absoluto silêncio.

Pisco nervosamente os olhos, muito rapidamente, enquanto tento assimilar o facto de Tyler estar a um metro de mim e que vou acabar por ser obrigada a olhar para ele. Os meus olhos encontram os dele, mas, ao contrário dos seus, brilhantes, os meus estão em chamas de raiva. Ele ousa um pouco mais e avança, aproxima-se um passo e consegue fazer uma coisa ainda mais incrível. Sorri. Um sorriso enorme e radiante que mostra a sua fileira perfeita de dentes e invade todo o rosto, até aos olhos.

— Eden — murmura. A sua voz é sussurrada, quase como se o meu nome fosse uma coisa delicada, e um pequeno suspiro de alívio escapa dos seus lábios.

Isso consegue enfurecer-me mais do que tudo o resto. Para ele, aparecer do nada depois de um ano e sorrir para mim como se tudo fosse perfeito e ainda ousar dizer o meu nome deveria ser o suficiente para eu apagar, num só instante, um ano inteiro de raiva e mágoa.

Movida pela ira, não consigo conter-me e, antes mesmo de perceber o

que realmente estou a fazer, a minha mão já chocou violentamente contra a face esquerda do Tyler com um som nauseante. Corre tanta adrenalina nas minhas veias que só mais tarde me apercebo de que a palma da minha mão está dorida.

O Tyler volta o rosto para o lado, inclinado para o chão, e mantém os olhos bem fechados, enquanto exala um longo suspiro. Lentamente, leva a mão à cara e esfrega a pele, como se quisesse aliviar a dor que causei — dor pela qual eu ainda virei a sentir culpa. Por agora, estou demasiadamente furiosa, e é por isso que, quando os seus olhos se abrem e ele me olha em silêncio, eu lhe pergunto, entredentes: — O que é que estás a fazer aqui?

Sem qualquer vestígio de sorriso, o choque dando lugar à confusão, ele franze as sobrancelhas, enquanto a sua face adquire um tom vermelho brilhante. — Eu disse-te que voltava — murmura. A sua voz é profunda, com aquele velho tom rouco que recordo bem. Isso foi no tempo em que eu adorava a sua voz e a forma como o meu nome soava nos seus lábios. Agora a voz dele só me enerva.

— E eu pensei que querias dizer que voltarias passadas algumas semanas, ou um mês, no máximo. — Engolindo em seco, recuo uns passos mais, até que eu estou contra a mesa da Ella e não tenho para onde escapar. Não suporto estar perto do Tyler. Nem agora nem nunca mais. As palavras, alimentadas pelo ódio que decorre do facto de ele sair e me deixar para trás, continuam a sair-me pela boca fora e agora estou já a gritar: — Mas nunca depois de um ano inteiro!

O olhar perplexo do Tyler vacila e os seus olhos enchem-se de culpa e mágoa. É como se ele nunca tivesse pensado até este momento na possibilidade de eu estar com raiva dele, e de repente consigo perfeitamente ver as engrenagens na sua mente a mudarem, enquanto ele olha do outro lado do escritório para mim, de olhos arregalados e sem saber o que responder. O sorriso desapareceu definitivamente. Não consigo imaginar como é que ele esperava que eu o recebesse, se pensava que eu me lançaria nos seus braços, transbordante de alegria, ou talvez que o beijaria como nunca o havia beijado e assim seríamos eternamente felizes. Mas o que quer que fosse que ele estivesse à espera, não era de certeza isto — raiva, desprezo e uma rapariga que já não está apaixonada por ele.

Mas eu não quero ficar aqui a gritar com ele. Não quero discutir e lutar. Não quero que ele tente explicar ou pedir perdão. Não quero, de forma alguma, ter de o confrontar. Então decido ir-me embora: calmamente, apesar da chama que queima o meu peito, mas rapidamente, porque quanto mais tempo eu estou perto dele, mais sinto como a raiva se pode transformar em lágrimas, do tipo quente e ardente. Portanto, atravesso o escritório sem olhar para o Tyler, mantendo a cabeça erguida e o olhar distante, passo por ele e sigo sem me deter. Sinto o olhar dele, que me segue enquanto desço a escada, e abro a porta da rua e ouço os seus passos no cimo da escada.

— Eden — diz ele. — Espera.

Mas eu não quero esperar. Passei meses à espera, a imaginar, a adivinhar e a enlouquecer, enquanto os dias se transformavam em meses e os meses num ano. Desisti de esperar há muito tempo. Desisti *dele* há muito tempo.

Saio para a rua batendo com a porta e corro. Corro como nunca corri em toda a minha vida, desesperada para chegar o mais longe possível do Tyler e da casa, com o coração a bater com toda a força e a ouvir campainhas nos ouvidos a cada passo que dou. No entanto, quanto mais longe estou, mais consciente da situação fico, e quanto mais consciente, mais a adrenalina se desvanece e mais nauseada me sinto. Agora, finalmente, sinto a dor na mão. A palma da mão está a arder e eu fecho a mão num punho, apertando com força, e tento não pensar nisso.

Estou de volta à casa da minha mãe em menos de cinco minutos e continuo a correr até passar o alpendre e entrar em casa. Ofegante, empurro a porta da frente e fecho o trinco, mantendo os olhos bem fechados, por um momento, enquanto tento recuperar o fôlego. Ouço um *talk show* na TV e passados poucos segundos aparece a *Gucci* e começa a mordiscar-me os pés.

— Por favor, não me digas que vens a fugir da polícia — diz a minha mãe, e quando me volto ao ouvir a sua voz, ela já está a aproximar-se de mim enquanto seca as mãos a uma pequena toalha, com uma sobrancelha levantada em forma de interrogação. A torneira do lava-louça ainda está a deitar água.

Brincar com a cadela é a última coisa que ocupa a minha mente neste momento, por isso, empurro-a para longe de mim e fixo o olhar na minha

mãe. Ela deve perceber imediatamente que algo está seriamente errado, porque o seu sorrisinho esmorece, o calor dos seus olhos castanhos desaparece e a preocupação domina as suas feições. As rugas na testa parecem aprofundar-se enquanto ela me observa, e a única coisa que consegue dizer é: — Eden.

O meu lábio inferior treme. Tento ao máximo não deixar as emoções dominarem-me, mas torna-se cada vez mais difícil. Não pensei que o Tyler iria voltar. Passado algum tempo, acabei por acreditar que ele estava feliz onde quer que estivesse e que não precisava mais de nós. Nunca imaginei vir a ser confrontada com esta situação. Estou furiosa e confusa, chateada e frustrada, e o meu silêncio só consegue deixar a minha mãe ainda mais preocupada, então engulo em seco e murmuro: — O Tyler está de volta.

E, no momento em que digo o nome dele em voz alta, rebento em lágrimas.

4

A minha mãe deixa-me dormir durante um bocado. Mas eu não estou realmente a dormir, apenas deitada na cama, enrolada no edredão, a olhar para o teto através dos olhos inchados. Chorei durante um tempo. Tomei banho, vesti um fato de treino, deitei-me. Desde então, não saio do meu quarto, embora passe já muito do meio-dia e eu esteja a perder muita luz do dia. Honestamente, não tenho qualquer vontade de sair daqui durante o resto do dia, ou mesmo durante o resto da semana. Dói-me terrivelmente a cabeça e sinto-a pesada demais e prestes a explodir. Por isso, vou ficar no conforto da minha cama o máximo que puder, mesmo sabendo que a minha mãe nunca em um milhão de anos me deixará ficar aqui fechada mais do que um dia, por maior que seja a minha vontade de o fazer.

A verdade é que não acho que me possa obrigar a enfrentar de novo o Tyler. Qualquer que fosse a minha esperança em relação a nós no verão passado, já se foi. Talvez houvesse naquele tempo a possibilidade de uma solução para nós. Estávamos tão perto de finalmente estarmos juntos, oficial e abertamente, mas o Tyler tornou a situação muito mais complicada do que deveria ser. Ele não devia ter partido, especialmente quando eu mais precisava dele e especialmente não por tanto tempo. Eu compreendi, no entanto. Compreendi. Por fim, depois de algumas semanas, quando o choque inicial e a dor da sua partida abrupta finalmente diminuíram. Eu sabia que as coisas estavam a correr bem para ele, mas o que eu não sabia era o motivo por que tinha sido completamente excluída. Tentei ligar para ele, mas ele nunca atendeu. Deixei mensagens intermináveis, mas duvido que ele as tenha ouvido. Enviei SMS consecutivos, pergunta atrás de pergunta, mas nunca recebi uma única resposta. Mesmo quando me limitei a perguntar se estava bem, ele ficou em silêncio. Por fim, acabei por me cansar e as minhas chamadas, mensagens e SMS foram gradualmente diminuindo de frequência, cada dia menos, até que em novembro eu desistira de tentar entrar em contacto com ele. Eu precisava de me concentrar na faculdade: novas matérias, novas pessoas e uma nova cidade.

E isso foi ótimo para manter a minha mente livre dele. Por um tempo, pelo menos. Abusar da cafeína enquanto estudas na biblioteca, fazer visitas pela noite dentro a lojas de conveniência com a tua colega de quarto quando descobrem que a comida se acabou, regressar a casa bêbada pelo *campus* no meio da noite, depois de uma festa de dormitório, são coisas que conseguem realmente distrair uma pessoa durante algum tempo. Claro que conheci gajos novos e fui mesmo a alguns encontros, ao longo dos meses, mas cada uma dessas saídas parecia mais desinteressante e banal do que a anterior. Em fevereiro, recomecei a pensar no Tyler. Só que nessa altura eu não estava chateada. Eu estava passada da cabeça.

Simplesmente, eu não conseguia entender. Não me entrava na cabeça porque é que o Tyler falou com a Ella mas comigo não, e não conseguia entender porque é que ele ainda não tinha voltado para Santa Monica como havia prometido. Tinham passado sete meses. Ele deveria ter voltado para casa, mas não tinha, o que me punha furiosa. Parecia que me tinha esquecido, feitas as malas, abalara e deixara-me para limpar a merda que tínhamos feito juntos. Eu é que tive de aguentar todos os olhares de esguelha e ouvir os comentários entredentes sempre que voltava a Santa Monica. Ele não. Eu é que tenho de aguentar o meu pai e o Jamie. Ele não. Eu sou a que foi abandonada. Ele não.

E é por isso que a minha fúria continuou a crescer: porque ele foi embora e nunca mais voltou, porque não foi capaz de ligar para mim, porque estava feliz onde quer que estivesse. E onde quer que *ele* estivesse, *eu* não estava. O que significava que ele estava feliz e contente sem mim, e isso doía muito mais do que eu pensava que fosse possível.

A primeira vez que ele me ligou foi durante as férias da primavera. Eu estava em São Francisco pela primeira vez na minha vida, subindo as ruas, com a Rachael ao meu lado lamuriando-se por causa da inclinação, quando o meu telemóvel tocou. Olhei para o ecrã, pensando se deveria ou não responder, antes que a chamada caísse e fosse para o *voicemail*. O Tyler não deixou mensagem, mas depois disso começou a ligar todos os dias. Eu não atendi uma única vez, porque era tarde demais, e tudo o que eu sentia por ele não era mais do que raiva

fervendo em lume brando.

Neste momento, faltam três semanas exatamente para o dia em que ele se foi embora, e nunca esperei que ele voltasse agora, passado tanto tempo. Até mesmo a Ella desistiu de esperar, quando ela decidiu que era hora de converter o antigo quarto do Tyler num escritório, para que ela não tivesse de continuar a trabalhar na cozinha. Foi então que ficou claro para todos nós que nem ela achava que ele voltaria. É justo dizer que o meu pai ficou bastante satisfeito naquele dia, e foi rápido a ir até à loja de ferragens para comprar aquela tinta tom de marfim que ele próprio iria aplicar, fazendo a mais completa borrada. Se houver alguém mais furioso do que eu por o Tyler estar de volta, será o meu pai quando descobrir. Isto se ele ainda não souber, mas se a Ella estava com tão grande secretismo esta manhã, é porque ele não sabe. Na verdade, quanto mais penso sobre isso, mais chateada fico com ela também. Ella pôs-me propositadamente nesta situação, cara a cara com o Tyler, sem aviso, apesar de eu lhe ter dito vezes sem conta que nunca mais queria voltar a pôr-lhe a vista em cima e que estava feliz por ele não ter voltado.

Agora está tudo outra vez na maior das confusões e não consigo entender como é que vou lidar com tudo isto e como é que vou ficar aqui, sabendo que o Tyler está de volta. Evitá-lo para sempre, infelizmente, não é de todo possível. Ainda a coisa mais triste de todas? Há um ano, eu estava completa e perdidamente apaixonada por ele. Agora não quero nem vê-lo, e essa é a parte que mais me enfurece.

Não me apercebo de que estou de novo a chorar até a minha mãe entrar no meu quarto. Rapidamente, enxugo as lágrimas nos lençóis e fungo um pouco. A minha mãe dirige-se diretamente para a janela e corre as persianas, permitindo que a luz do sol da tarde entre no meu quarto, apesar de me lamuriar e de enterrar o rosto nas almofadas.

— OK — ouço-a dizer, e nem preciso de olhar para saber que os braços dela provavelmente estão cruzados sobre o peito. Basta-me o som da sua voz para o adivinhar. — Levanta-te.

Puxo o edredão e tapo completamente a cabeça. — Não.

— Sim — diz ela com firmeza. — Já tiveste direito às tuas quatro horas de choro. Agora são horas de levantar e esquecê-lo. Onde é que queres ir? Café? Almoço tardio? *Spa*? Escolhe.

— O teu turno não começa daqui a pouco? — A minha voz soa

abafada pelas almofadas, edredão e lençóis. Praticamente enterrei-me e não pretendo levantar-me tão cedo.

— Só às oito. — Ouço-a vagamente andar em cima do tapete e, momentos depois, está a puxar o edredão, destapando-me completamente, para me cumprimentar com um sorriso pouco contemporizador. — Vá, veste-te e vamos sair e podemos protestar contra as espécies masculinas o tempo todo que tu quiseres. É bastante mais eficaz do que chorar até à morte. Acredita em mim, que sei do que estou a falar. Passei por isso e confirmei.

Ao mesmo tempo que me começo a levantar sem dar por isso, reviro os olhos para a minha mãe. É disso que eu gosto, acima de tudo, na minha mãe — ela compreende, sabe do que está a falar. O meu pai também a abandonou, afinal, e apenas há seis anos. Ela é praticamente uma especialista quando se trata de lidar com uma rutura. Regra número um? Chorar quatro horas é quanto basta, aparentemente. Não tenho tanta certeza se essa regra se aplica a uma situação em que o sujeito saiu e *voltou*.

Ardem-me os olhos e o peito continua a doer-me, mas sei que a minha mãe está carregada de razão, como sempre. Ficar na cama a chorar até rebentar o coração, durante o dia todo, não me vai fazer bem. A minha mãe aprendeu-o da maneira mais difícil. Bem me lembro. Portanto, por mais que eu não queira, consigo obrigar-me a levantar-me. O meu cabelo ainda está húmido, e eu passo os dedos por ele, enquanto ofereço à minha mãe um pequeno sorriso de derrota. — Promenade. Vinte minutos?

Os seus olhos são afetuosos da maneira mais triste enquanto o seu próprio sorriso cresce. — Assim é que é a minha miúda — diz ela, e depois atira-me com uma almofada e sai do quarto.

Enquanto me esforço o mais possível para conseguir ter um aspeto aceitável, ponho música, principalmente música *pop* animada, como uma maneira de me fazer acreditar que estou totalmente feliz. Mas não estou, e a música só me deixa ainda com mais neura, então desligo-a passados cinco minutos e seco o cabelo. Decido deixá-lo caído. Aplico uma maquilhagem ligeira, visto a minha camisa nova e os meus melhores *jeans* justos. E nem isso me faz sentir melhor.

A minha mãe e eu saímos pouco passava das duas da tarde.

Passeamos por algumas lojas durante meia hora, mas isso não está a melhorar o meu humor, nem mesmo quando descubro que a saia fofa que eu andava a namorar na Abercrombie & Fitch nas últimas semanas agora está com desconto. Mas quando a compro faço um pequeno sorriso para a minha mãe, e isso é o suficiente para ela ficar menos preocupada. Um pouco mais adiante, nenhuma das duas precisa de fazer um grande esforço para se convencer a entrar no Pinkberry para comer um iogurte gelado.

— Estava a pensar — diz a mãe — que eu podia falar com a Ella sobre isto.

Conseguimos encontrar um lugar livre do lado de fora, oposto à Forever 21, e, embora a minha boca esteja prestes a ficar entorpecida do gelo, ainda consigo perguntar: — Falar com a Ella sobre o quê?

A minha mãe olha para mim como se eu estivesse a fazer-me de parva de propósito, abana a cabeça, sorve mais um gole e, sem ligar, continua. — Eu não sei bem o que é que lhe passou pela cabeça. É injusto ela atirar-te assim para o Tyler, sem mais nem menos. Ela é louca?

— Ela não me atirou exatamente para ele — murmuro, encolhendo os ombros. Os meus olhos fixam-se no copo na minha mão, e por segundos fico a brincar com a colher de plástico no iogurte gelado. Sabor original, transbordando de morangos frescos e mirtilos, e provavelmente repondo metade das calorias que eu queimei antes. Mas hoje eu não me importo. — Ela fez parecer como se estivesse a haver uma emergência real, ou coisa no género. Eu até perguntei se ela estava grávida.

A minha mãe quase que se engasga, e olha para mim, horrorizada, por um segundo, antes de começar a rir. Envergonhada por mim, ela aperta a mão sobre o rosto para abafar os risinhos infantis. — Não é verdade! Não perguntaste nada!?

— Perguntei. — A minha cara fica de repente a escaldar e eu meto um morango na boca e espero que a minha mãe se canse de rir. — Quero dizer, não é de todo impossível. Ela ainda está na casa dos trinta, não?

— Meu Deus, onde é que eles já vão. — A minha mãe assobia baixinho, e então as suas feições endurecem novamente quando ela percebe que eu a distraí. — Eu ainda vou falar com ela — insiste.

— E dizer o quê?

— És capaz de manter o teu filho longe da minha filha, antes que o gajo com quem ambas casámos mate os dois? — diz a minha mãe, e ri cada vez mais. No entanto, ela deve aperceber-se, pela expressão séria dos meus olhos, que não estou a gostar, porque aclara a garganta e olha para mim muito mais séria, antes de me dar uma resposta realista. — Vou só pedir-lhe que se certifique de que o Tyler te deixa em paz. — Leva à boca o copo de iogurte gelado e observa-me intensamente por sobre o rebordo. — Se é realmente isso que queres, é claro.

A forma como ela o diz, lenta e quase intencional, é o suficiente para me fazer levantar uma sobrancelha. — Para começar, mãe, eu não preciso que tu te envolvas nisto. E, já agora, diz-me lá o que é que estás a insinuar com isso?

— Bem — diz ela, lentamente, baixando novamente o copo —, estás absolutamente segura de que, e foram as tuas próprias palavras, nunca, nunca, nunca jamais, em toda a tua vida, queres voltar a ver o Tyler?

Vejo como ela observa os meus olhos, procurando descobrir, bem no fundo, alguma verdade, mas mesmo que eu não tenha nenhuma emoção escondida, ainda pestanejo rapidamente, numa débil tentativa de a sacudir. Faz-me também confusão o motivo que a levará a dizer tal coisa e, como se eu não tivesse tido já hoje aborrecimentos que cheguem, o meu temperamento explode de novo. — É claro que tenho a certeza. E não achas que tu, mais do que qualquer outra pessoa, devias compreender o que é ser-se abandonado?

Momentaneamente, a minha mãe parece ter ficado magoada e tenho imediatamente consciência de que as minhas palavras não saíram como eu queria. A minha mãe pode falar sobre o meu pai indefinidamente, desde que o seu nome venha acompanhado de uma série de blasfémias, exatamente como ela tem feito nos últimos seis anos, mas quando se trata da dura verdade de que ele se foi embora, é algo que nunca gosta de fazer. Torna-se óbvio quando se afasta de mim e se levanta que não está nada contente comigo por eu estar a voltar uma vez mais à realidade. — Acho que devemos ir para casa. Como disseste, daqui a pouco vou trabalhar.

Quando atira com o copo vazio para a lata do lixo ao nosso lado e começa a andar sem esperar por mim, tudo o que me resta é lamentar-

me. Ela está furiosa. Depois de todos estes anos, ainda não suporta o facto de ele se ter ido embora. Estou a começar a entender porquê. É que dói como o raio.

Sinto-me culpada por causa do comentário, então levanto-me e apresso-me a segui-la, ultrapassando as pessoas e tentando alcançá-la. Quando, por fim, consigo, mantenho-me um pouco escondida e sigo-a em silêncio. Quando alcançamos o nível onde deixámos o carro no estacionamento em estrutura, estou enjoada com o iogurte gelado, por isso deito-o fora na primeira oportunidade que me aparece e depois ocupo o lugar do passageiro no carro da minha mãe.

A minha mãe também não diz nada. Conduz com os olhos muito fixos na estrada, os seus lábios contorcem-se quando, de vez em quando, domina a sua vontade de insultar os condutores que nos ultrapassam com uma margem um pouquinho apertada, e só de vez em quando estende o braço para aumentar o volume do rádio ou do ar condicionado.

Ainda me sinto mal e odeio quando ela não fala comigo, então, depois de torcer as mãos no meu colo por alguns minutos, diminuo o volume do rádio até o carro estar quase em silêncio, e olho para ela. — Eu não queria dizer o que disse da maneira que disse.

— Estavas certa naquilo que disseste — dispara em resposta a minha mãe, num tom um pouco sarcástico. — Eu sei como te sentes. — Quando paramos num sinal vermelho, ela inclina-se para trás no banco e cruza os braços sobre o peito, mas não olha para mim. — Eu sei como é ser-se abandonado e passar dias inteiros a imaginar o que é que se fez de errado e o que é que se poderia ter feito para que nada disso tivesse acontecido. Eu sei como é sentir-se que não se conseguiu ser suficientemente bom. Eu sei como é perceber que, por nós, não vale a pena tentar. — Por fim, olha de lado para mim, e parece profundamente irritada. — Tu? Tu sabes lá o que isso é.

Pisco os olhos, emudecida. Não sei se estou furiosa, confusa ou surpreendida. Na verdade, estou as três coisas. Furiosa com ela por dizer que não sei o que é sentir, confusa com essa agressão que surgiu do nada e surpreendida por ela se expressar da forma que acabou de fazer. Ela nunca tinha feito isso. — O quê? — É tudo o que consigo dizer no início e depois, rangendo os dentes, murmuro: — Eu sei exatamente

como isso é.

— Não, Eden, tu não sabes — diz ela num tom áspero e firme no momento em que a luz muda para verde e ela volta a avançar, rapidamente. — O Tyler não se foi embora porque tu eras o problema. Foi embora porque *ele* era o problema. E eu? *Eu* era o problema. Por isso, não compares as nossas situações, porque *eu* não entendo como *tu* te sentes — *eu pensava que sim* —, da mesma forma que *tu* não entendes como *eu* me sinto — *eu pensava que sim* —, por mais que tu aches que entendes.

— Sinto?

Ela olha para mim. — Senti.

A minha mãe nunca foi realmente honesta comigo sobre o que aconteceu há seis anos. Eu conheço o básico. Sei que a minha mãe era muito descontraída para o meu pai. Sei que o meu pai era organizado demais para a minha mãe. Não consigo lembrar-me se sempre foi assim. O que me lembro foi de ter crescido sempre entre desentendimentos e discussões, portanto, acho que foi sempre assim. Quando tinha doze anos, o meu pai passou uma semana na casa do seu primo Tony. A minha mãe nunca me disse porquê, apenas sorriu e disse que ele voltaria em breve, mas, olhando para trás, está claro que ela não tinha qualquer certeza se ele iria voltar. O meu pai começou a ficar em casa do primo cada vez mais frequentemente naquele ano. Quando eu tinha treze anos, e não o vendo há alguns dias, perguntei à minha mãe se ele estava em casa do Tony outra vez. Ela puxou-me para si, com os olhos cheios de lágrimas, e disse que não. Lágrimas foram a única coisa que eu vi durante meses a fio depois disso. Eu sabia que o meu pai ao sair a tinha magoado muito seriamente, sabia que o acordo de divórcio estava a matá-la, sabia que ela nunca mais seria a mesma depois disso, mas eu nunca soube como ela realmente se sentia. Não ousei perguntar. Ela não se atreveu a dizer-me. Até agora.

Fico em silêncio por um minuto. — E ainda te sentes como se não fosses suficientemente boa?

— Como é que tu esperas que eu me sinta? — responde. Levanta a mão no ar, num gesto de frustração, e o carro quase que se desvia, mas ela segura o volante e rapidamente estabiliza o veículo. — Olha para a Ella com aquela figura magra e cabelo loiro perfeito que nunca parece

ter problemas de raízes grisalhas, sem um único pé de galinha à vista, a conduzir uma porra de um *Range Rover* e com a merda de profissão de advogada. É isso que o teu pai tem agora. O que é que ele tinha antes? Alguém que não é capaz de assar uma carne nem que disso dependa a sua vida, alguém que usa trapos em vez de fatos, alguém que mandou para a sucata aquela merda do *Volvo* que tivemos só porque bati por trás em alguém na estrada. Claro que eu não era suficientemente boa para ele. O teu pai é um perfeccionista e, para o caso de não teres ainda reparado, eu não sou perfeita.

— E tu achas que a Ella é? — grito, com a cara a ferver. Sinto que tenho a responsabilidade de defender a Ella. Ela recebeu-me de braços abertos há três anos, e desde então tem estado lá para mim, sempre. Ouvir a minha mãe falar sobre ela desta maneira é uma coisa que me irrita, então, em vez de ficar do lado da minha mãe, fico do lado da Ella.
— Tu achas que ela não sofreu também com o divórcio, da mesma forma que tu? Tu achas que ela não sofreu com tudo o que teve que passar ao longo de semanas e semanas de julgamentos judiciais com o Tyler? Como é que tu achas que ela consegue viver com o facto de o marido ter batido regularmente no filho e de ela nem sequer se ter apercebido? Tu achas que ela não se culpa todos os dias pelo que aconteceu? Pois bem, se achas, estás errada, porque isso é o que ela faz todos os dias. É verdade, ela não é perfeita e a vida dela também não, portanto, CALA A BOCA!

O que eu realmente quero dizer é: *E tu és a melhor mãe que eu poderia ter pedido. Tu podes ter de retocar as raízes de três em três semanas, mas o teu cabelo está sempre ótimo. Tu podes ter rugas, mas és tão bonita que isso consegue apagá-las. Tu podes não ser o melhor piloto, mas consegues sempre acabar por ir de A para B. Tu podes não ser advogada, mas és uma enfermeira incrível que sabe sempre como fazer as pessoas sentirem-se melhor, mesmo fora do hospital. Tu podes não ser a Ella, mas fico feliz por não seres.*

E também quero dizer: *Tu tens mais sorte, de qualquer maneira. Tu tens o Jack, que é realmente adorável, e a Ella tem o pai, que é muito seriamente um idiota. Então, quem é o vencedor aqui?*

Mas não digo, porque estou furiosa.

— Ah, pois. É isso mesmo — diz a minha mãe, revirando os olhos

como manifestação de aborrecimento enquanto zomba. — Ela é a tua segunda mãe. Portanto, tu sabes exatamente o que ela sente, não é? Parece que tu me substituíste pela Ella, tal como o teu pai.

Olho para ela sem poder acreditar. *Aonde é que foste buscar tal coisa? Porque é que estás a dizer coisas de louca*? — Mas o que é que se passa de errado contigo?

A minha mãe não responde. Levanta o volume do rádio ainda mais do que estava anteriormente, de modo que mal posso ouvir-me pensar. Conduz sem olhar para mim ou dizer uma palavra, com uma expressão tensa e os olhos semicerrados. Resolvo então fazer o mesmo. Desvio o meu corpo para longe dela, cruzo os braços e olho para fora pela minha janela. Como provocação, levanto os pés e apoio-os no tabliê porque ela odeia que eu faça isso, mas não grita comigo para os pôr para baixo, portanto, deixo ficar.

O rádio continua aos berros todo o caminho, até chegarmos a casa. A minha mãe só o baixa quando o carro para à entrada da garagem. Contrariamente ao que é seu hábito, não desliga imediatamente o motor e salta para fora do carro, portanto, imagino que ela queira desculpar-se. Levanto os olhos dos meus ténis e espero, mantendo os braços cruzados. As suas feições relaxaram um pouco, mas agora ela parece perturbada. Olha para mim e depois por cima do meu ombro.

Endireito-me e deixo cair os braços, virando a cabeça com tanta rapidez que me espanta não partir o pescoço, e vejo-o. Sentado no tapete, do lado de fora da porta do alpendre, ansiosamente torcendo nos dedos a bainha da sua *T-shirt* branca, está, em pessoa, o cabrão do Tyler Bruce. Novamente.

Quando os meus olhos encontram os dele, desta vez ele não sorri. Limita-se a levantar-se e a ficar em pé, à espera, à espera.

— Queres saber qual é a maior diferença entre o teu pai e o Tyler? — diz a minha mãe, baixinho. Ela hesita por um momento apenas. — É que o teu pai nunca voltou.

5

Por muito que eu implore à minha mãe para fazer marcha-atrás e ir embora, ela não o fará. Desliga completamente o motor e balança as chaves em volta do indicador, dando pancadinhas no volante com a mão livre e recusando-se a dizer o que quer que seja. Sem consolações, sem garantias. Apenas uma expressão severa, enquanto aguarda que eu saia do carro e enfrente aquela pessoa que eu não suporto sequer ver.

É preciso muito esforço para caminhar até lá. Arrasto literalmente os pés, olhando por cima do ombro uma última vez para lançar à minha mãe o maior SOS que sou capaz de transmitir com os olhos, mas ela limita-se a encolher os ombros e arranca, contornando a casa, optando por entrar por trás, para não nos interromper ao passar pela porta da frente. O Tyler ainda está de pé, no tapete, agora com as mãos enfiadas nos bolsos dos *jeans* pretos, e a morder ansiosamente os lábios.

Paro a alguns passos dele e cruzo os braços. De perto, distingo a ténue mancha vermelha na sua cara e imediatamente me sinto culpada. Tão culpada, na verdade, que me recuso a enfrentá-lo, olhos nos olhos. Então fico ali, dando pontapés no cimento do chão, e deixo o meu olhar perder-se num ponto logo abaixo do seu ombro. — Desculpa por te ter batido — digo.

Tyler encolhe os ombros lentamente e leva a mão à cara.

— Não te preocupes com isso.

O silêncio instala-se. E é tão inacreditavelmente estranho e desconfortável que eu acho que vou começar a chorar. Como é que isto acabou assim? Como é que chegámos aqui? E então lembro-me do motivo, e o meu desejo de chorar volta a transformar-se no desejo de agredir, mas desta vez contenho-me. Continuo a pontapear o chão, arrancando a borracha da parte da frente do meu *Converse*. Tudo o que ouço são os carros a passar.

— Podes vir comigo?

Desta vez, encaro o Tyler nos olhos. — Para onde?

— Não sei. Só quero falar contigo — diz ele, e eu consigo ouvir a ansiedade no seu tom e ver a preocupação nos seus olhos.

— Podes pelo menos conceder-me isso?

— Não há nada para falar — respondo.

— Há muito para conversar.

É indiferente que eu decida evitar o seu olhar, os seus olhos verdes atraem-me, como sempre. Eu costumava amá-los, mas agora odeio o que eles me estão a fazer. Ele está a tentar avaliar se vou ou não argumentar contra a ideia, mas não posso argumentar contra aquilo com que concordo. Ele tem razão: há muito para falar. Só que eu não quero.

Penso nisso durante longos segundos e, por mais que queira correr para dentro da minha casa, tenho a sensação de que o Tyler não vai deixar que isso aconteça, portanto, decido que é melhor aproveitar para pôr um ponto final nisto agora. Dessa forma, ele pode deixar-me em paz mais cedo, em vez de continuar isto. Não respondo, mas aceno uma vez, e ele imediatamente suspira de alívio, como se tivesse estado a suster a respiração durante o tempo todo.

Enfiando a mão no bolso de trás, ele tira as chaves do carro e, ao mesmo tempo, descubro o olhar da minha mãe. Ela está a espreitar pela janela da sala e quando percebe que a apanhei baixa-se e desaparece de vista. Quando penso nisso, preferiria de longe falar com o Tyler do que com ela, então viro-me e sigo-o, atravessando a relva.

Depois de alguns passos, apercebo-me de uma coisa. O carro dele não está aqui. Eu até olho para a rua duas vezes, esquerda e direita, para a frente e para trás, e, definitivamente, não está aqui. É o tipo de carro em que é difícil não reparar, com o seu *design* elegante, carroceria reluzente e aros pretos, mas o Tyler continua a andar e eu continuo a segui-lo. Arqueio as sobrancelhas quando ele me leva até ao veículo estacionado do outro lado da rua.

Este não é o carro do Tyler. Este é preto, tem quatro lugares, rodas cobertas de lama seca, dois riscos ao longo da porta do passageiro e definitivamente não é novo. É, no entanto, mesmo assim, um *Audi*. É um modelo muito popular, do tipo que vejo por toda a cidade.

Enquanto o Tyler se dirige para o lugar do condutor e destranca o veículo, eu encaro-o, confusa, até que ele encolhe os ombros despreocupadamente e diz: — Fiz um *downgrade*. — Entra para o lugar do condutor e eu para o do passageiro e fecho a porta atrás de mim.

— Porquê?

Ele lança-me um olhar de lado, com expressão solene.

— Precisava do dinheiro.

Aperto os lábios numa linha fina e olho para longe, ao mesmo tempo que ele liga o motor. O carro cheira vagamente a uma loção pós-barba que eu não reconheço e há também um cheiro persistente de purificadores de ar diversos. Há três árvores penduradas no espelho retrovisor. Enquanto ele conduz, os meus olhos continuam a observar o carro para não ter de olhar para ele. Há folhetos de todos os tipos e pedaços de papel aos meus pés, várias *T-shirts* no banco de trás e um pouco de poeira acumulada ao longo do tabliê. Os assentos de couro preto estão razoavelmente gastos, mas mesmo assim é um carro bem fixe.

Seguimos em silêncio por alguns minutos, com o rádio desligado e o ar condicionado no máximo, quando o Tyler diz baixinho: — Gosto do teu cabelo assim.

Porque ainda estou um pouco desorientada por estar perto dele novamente depois de tanto tempo, não percebo do que é que ele está a falar, então desço a pala do sol e estudo o meu reflexo no espelhinho. Certo. O meu cabelo. A última vez que ele me viu tinha quase o dobro do comprimento. Agora mal me passa dos ombros.

Fecho a pala, baixo o olhar e ocupo-me a arrancar uma linha que está meio solta num rasgão dos meus *jeans*. — Mmm-mm.

Penso em todas as outras coisas que em mim mudaram também. Como, por exemplo, ter deixado de usar rímel diariamente desde o outono passado, porque me cansei de o limpar e retocar sempre que chorava, e nova também é a forma como me detenho às vezes mais de um minuto para respirar fundo duas vezes antes de entrar na casa do meu pai e da Ella. Ou a mudança gradual que se deu no meu temperamento, desde ser uma pessoa capaz de permanecer relativamente fria e controlada para me transformar numa que perde a cabeça e explode ao mais insignificante acontecimento. Bem como os vários quilos extras que ganhei aqui, ali e em todo o lado.

Muitas coisas mudaram.

Demasiadas coisas mudaram.

Baixo os olhos e imediatamenete encolho o estômago com tanta força que a respiração torna-se difícil, mas não é nada a que eu não esteja

acostumada. Há uns anos cheguei a ser especialista. Consigo manter-me assim durante algum tempo. De vez em quando, relaxo por apenas alguns segundos, nos momentos em que a atenção do Tyler está totalmente concentrada na estrada. Mesmo quando os meus quadris começam a doer, a única coisa em que penso é que não quero que o Tyler perceba quanto é que aumentei de peso, portanto, continuo, os braços cruzados sobre o estômago num esforço para me esconder e as coxas ligeiramente levantadas para fora do banco, para não parecerem tão volumosas.

Continuamos a andar por mais algum tempo. Na realidade, já saímos da cidade. A hora de ponta está a chegar, pelo que o trânsito já começa a aumentar, o que torna o silêncio ainda mais doloroso. Não faço qualquer tentativa de iniciar uma conversa, porque não tenho nada a dizer. O Tyler é que tem muito para contar, não eu, por isso continuamos em silêncio por quase uma hora, apesar do desconforto da situação, diretamente de Beverly Hills e West Hollywood até chegarmos a North Beachwood Drive. Olho para cima. E então percebo.

— Porque é que estamos aqui?

O Tyler não olha para mim, apenas encolhe os ombros e solta um leve suspiro. Os seus olhos detêm-se no letreiro de Hollywood, impondo-se, alto e distante, ao longe. — Quanto a ti não sei, mas, por mim, há já bastante tempo que aqui não venho. Lá acima *e* a esta cidade.

O eufemismo do ano, eu acho. Revirando os olhos, abano a cabeça e digo com firmeza: — Eu não subo até lá acima contigo. Estão de certeza para cima de vinte e cinco graus ali fora.

— Vais, sim — responde o Tyler, com um tom de confiança. — Eu tenho água lá atrás.

Prolonga-se o silêncio, mas só porque desta vez estou a tentar articular um motivo plausível para me recusar a escalar o monte Lee neste momento, tal como: (1) tenho vestidos os meus melhores *jeans* e a minha camisa nova; (2) porque dificilmente conseguiria imaginar alguma coisa que me interessasse menos do que ir até lá acima; (3) porque está muito calor, e, finalmente, (4) porque eu realmente não quero fazer isso com o Tyler. O esforço de defender a minha causa, no entanto, parece mais complicado do que fazer a caminhada. Então guardo os meus pensamentos para mim e faço má cara.

Passamos pelo sinal familiar do Sunset Ranch e subimos alguns instantes depois para a pequena área de estacionamento ao pé do Trilho Hollyridge. Tal como o Tyler, eu também não vim aqui recentemente. Só subi isto uma vez, e foi há três anos, quando as coisas eram muito diferentes do que são agora.

Quando o Tyler desliga o motor, não hesita. Tira as chaves da ignição, abre a porta do lado dele, sai e olha para o céu. Saio também e contorno o carro até me encontrar com ele junto do porta-bagagens.

— Só para que não restem dúvidas — digo quando ele abre —, eu não quero mesmo fazer isto.

Com uma mão apoiada na tampa do porta-bagagens, o Tyler olha para mim por baixo do braço e depois desvia o olhar. A mala do carro está cheia de todo o tipo de lixo. Pedaços de papel, um casaco, cabos de ligação e latas vazias de cerveja, uma pequena caixa de ferramentas e várias garrafas de água, que duvido que sejam novas. Ele entrega-me uma e fecha a tampa.

— Vamos embora — diz ele.

Numa atitude de desafio, começo a andar provocadoramente devagar, passando a garrafa de água morna de uma mão para a outra e cantando. Se isso irrita o Tyler, ele não o dá a entender. Eu continuo a provocá-lo durante alguns minutos, até perceber que estou a portar-me como uma criança e ele é muito mais maduro do que eu. Então acabo com isso e ponho-me ao lado dele. Em silêncio, continuamos a subir, sempre a subir, passamos por umas miúdas a cavalo e, mais adiante, por dois homens de meia-idade, provavelmente no seu caminho de descida, a partir do sinal.

E sempre o silêncio. Estou a começar a ficar preocupada com a ideia de que o silêncio nos vai engolir em breve. Em algum momento, entre julho do ano passado e agora, perdemos tudo. Perdemos as nossas piadas particulares e os nossos olhares cúmplices, os nossos momentos especiais e as nossas mais firmes promessas, a nossa coragem e o nosso segredo. Perdemos o amor e o desejo que compartilhámos.

Creio que o silêncio é a única coisa que nos resta.

Não paramos para recuperar o fôlego enquanto continuamos a subir o monte Lee, seguindo o Trilho Hollyridge nos troços em que contorna as encostas, mas eu começo a andar para trás durante a maior parte do

percurso. Acho que assim a vista é mais bonita. Há algo quase estimulante em distanciares-te da cidade e ver como ela se torna cada vez mais pequena lá muito em baixo. É pelo menos melhor do que ter de olhar para o Tyler, isso sem dúvida.

Também há algo de triste em estar aqui em cima novamente, caminhando mais de cento e cinquenta metros para ver um conjunto de letras empoleiradas numa montanha, serpenteando em torno de curvas fechadas, sob o sol escaldante. A primeira e última vez que fiz isso estava com os meus amigos. Ou pelo menos com as pessoas que eu pensava que eram os meus amigos. Tudo parecia muito mais simples naquela época e todos pareciam muito mais amigos. Eu era amiga da Tiffani. Rachael. Meghan. Jake. Dean. De todos eles. Ou pelo menos pensava que era. Riamo-nos, divertíamo-nos, passávamos garrafas de água entre nós, saltávamos cercas e, todos juntos, atrevíamo-nos a todas as imprudências. Mas entre então e agora, no espaço de três anos, devido a discussões, zangas e separações, acho que todos nós crescemos.

O que o Tyler disse em Nova Iorque, no verão passado, era bem verdade: toda a gente se separa, toda a gente deixa de se falar, toda a gente segue caminhos separados depois do secundário. As nossas faculdades estão espalhadas por todo o país. Illinois, Ohio, Washington e até aqui na Califórnia. Disse-me há uns meses a Rachael que o Dean entrou para Berkeley. Vai começar no outono. É claro que ele não me disse a mim — quem gostaria de conversar com a ex-namorada? Especialmente se ela o traiu com o seu melhor amigo. Mas, mesmo que agora o Dean me odeie, eu continuo a querer o melhor para ele e lamento tê-lo magoado tão gravemente. Quase sorrio quando penso que ele vai entrar em Berkeley. Eu sei bem quanto ele queria ir para lá.

O Tyler e eu estamos agora na estrada asfaltada, Mount Lee Drive, que só se afasta da placa o suficiente para fazer a curva e voltar para trás. Pouco ou nada recordo destas coisas. No topo da colina, paro e o meu olhar alonga-se pela encosta norte. Daqui avisto o centro de Burbank. Não me lembro de o ter visto na primeira vez. Naquela época, acho que a minha atenção estava focada no letreiro de Hollywood e nada mais, então dedico um minuto a observar Burbank, franzindo os olhos à luz do sol forte. Eu gostaria de me ter lembrado dos meus óculos

de sol. O Tyler tem os dele.

— Lá em cima é San Fernando Valley — diz ele, em voz baixa, e aponta com a cabeça para a distância, muito para além de Burbank.

— Eu sei — digo secamente. — Eu vivo aqui.

— OK.

Retomamos o caminho, passando por alguns equipamentos de comunicação, e, pouco depois, voltamos a fazer a curva para entrar na encosta sul. E lá está pela segunda vez o famoso letreiro de Hollywood. Enorme e ousado como sempre, atraindo a atenção de milhões de turistas todos os anos, instalado orgulhosamente no seu lugar reservado no lado sul do monte Lee e protegido por uma cerca e câmaras de segurança que esmagam milhares de sonhos todos os anos quando as pessoas escalam todo este caminho até aqui apenas para perceberem que é, de facto, ilegal tocar neste ícone global.

Não há ninguém aqui agora, além de nós. Tyler avança até à cerca, enfia o dedo indicador na rede de metal e depois suspira.

— Vais saltar? — pergunto. Porque eu não quero passar por tudo isto novamente: tocar no letreiro por uma fração de segundo, antes de descer numa corrida vertiginosa pelo monte Lee e arriscar a prisão ou a morte. Fico para trás e sento-me no trilho de terra, com as pernas cruzadas. O chão está quente.

O Tyler olha por cima do ombro e, de repente, parece velho demais para a sua idade. Ele envelheceu muito. Talvez demais. — Não. — Ele volta-se, dirige-se para mim e vem sentar-se no chão à minha direita. Não se senta muito perto, mas também não deixa muito espaço entre nós. As suas pernas estão esticadas na frente dele e as palmas das mãos estão atrás dele, apoiadas na terra. A ansiedade emana dele e parece quase contagiosa, porque enquanto espero para ver como esta conversa vai começar, sinto o suor na testa. Tento convencer-me de que se deve apenas ao calor.

É incrível que, fervilhando a cidade de atividade e movimento, aqui em cima tudo seja absolutamente calmo e tranquilo. Lembra Nova Iorque e como estar no telhado do prédio de apartamentos do Tyler fazia com que parecesse que ficávamos isolados do resto da cidade por um tempo. Aqui em cima sente-se exatamente o mesmo.

O Tyler ainda não disse nada. Eu desvio o olhar da cerca e viro a

cabeça para o encarar, diretamente. Ele está a olhar fixamente em frente, com os olhos suavemente semicerrados e os lábios contraídos. Levo alguns segundos a olhar atentamente para ele. É a primeira vez desde que o vi esta manhã. O cabelo dele está mais comprido e também a barba por fazer, o que eu costumava achar incrivelmente atraente. Mas agora contorna o maxilar de uma forma quase descuidada, espalhando-se pelo pescoço. Os meus olhos viajam desde os seus lábios até aos seus braços e, finalmente, percebo.

Não tenho a certeza se não estava a prestar atenção ou se tinha estado temporariamente cega, mas agora vejo o meu nome. Tinha-me esquecido completamente da existência disso até este momento. São elas, as quatro pequenas letras que eu achava tão estúpidas, e com mais razão agora, um pouco desvanecidas passado um ano. Mas já não estão sozinhas. À sua volta há várias novas adições no seu bíceps, todas ligadas e entrelaçadas numa enorme tatuagem, quase como uma meia manga. Há um mostrador de relógio e um monte de rosas, enroladas, cercando o meu nome, com muitos redemoinhos e sombras escuras. Na verdade, parece muito bom, mas há uma pergunta na minha mente.

Porque é que ele não encobriu o meu nome enquanto teve oportunidade de o fazer?

Engulo em seco e olho para longe, antes que ele se vire e surpreenda o meu olhar. As minhas mãos repousam no meu colo, e eu inclino o meu pulso para mim. As palavras já não estão lá, porque elas foram cobertas por uma enorme pomba voadora que escolhi de um livro durante as férias da primavera. Foi quando a Rachael e eu estávamos em São Francisco. Ela decidiu-se por uma fileira de flores em volta do osso ilíaco, e depois de ela finalmente parar de chorar de dor e depois de eu parar de chorar de rir, ela empurrou uma pilha de livros do artista para os meus braços. Eu disse-lhe que não queria outra tatuagem. Ela disse que não era isso que estava a tentar dizer — ela achava que eu precisava de uma melhor. E tinha razão. O artista explicou-me que uma pomba simboliza um novo começo, como na história de Noé na Bíblia, e embora eu não seja particularmente religiosa, gostei da ideia de um novo começo.

Esse foi o dia em que eu realmente desisti do Tyler, e as palavras *No*

te rindas — Não desistas — foram embora para sempre.

Escondo a mão e o pulso de novo no meu colo e mordo o canto do lábio. Parte de mim sente-se culpada por apagar o lema de tudo o que vivemos no verão passado, mas não consigo entender porquê, por que não tenho motivos para me sentir mal com isso. Eu percebo que estou a balançar a cabeça, mas só para mim mesma, e tento não pensar nisso. Olho de novo para o Tyler.

Está com a cabeça baixa, os seus olhos fixam-se intensamente nos *jeans*, e no silêncio é fácil de ouvir o seu longo e lento suspiro.

— Estás furiosa comigo — diz ele. É uma declaração. Um facto.

— E isso surpreende-te?

Lentamente, ele levanta a cabeça e fixa os seus olhos suaves nos meus. — Não sei. Acho que nunca pensei sobre o que esperar. Apenas pensei...

— Que estaria feliz? — termino em seu lugar. Estou muito mais calma agora. As nossas vozes soam baixas e suaves, mesmo que a atmosfera à nossa volta esteja a ficar tensa. — Que estaria bem onde tu me deixaste? Que teria passado um ano à espera?

— Quero dizer — murmura, engolindo —, eu acho que sim. — O seu peito sobe novamente e ele solta outro suspiro, este muito mais profundo. — Pensei que tu tinhas compreendido.

Levo bastante tempo a conseguir organizar as palavras dentro da minha cabeça antes de as dizer em voz alta. Por fim, respiro fundo e começo a explicar.

— No princípio, sim, compreendi. Tudo o que estava a acontecer à nossa volta era demais. O teu pai, os nossos pais, nós. — Hesito na palavra final por um breve segundo, e então os meus olhos afastam-se do Tyler, novamente em direção ao letreiro de Hollywood, ao mesmo tempo que eu aperto ansiosamente a garrafa de água na mão. Olho para o enorme «H». — Mas não paraste por um minuto para pensar que talvez também fosse difícil para mim? Não, nem te passou pela cabeça. O que te passou pela cabeça foi fugires como um cobarde e deixares-me aqui para limpar a merda em que nos metemos, os dois. — Aperto a garrafa com mais força e baixo os olhos, fitando a tampa. — Eu só podia ir para Chicago em setembro, portanto, tinha mesmo de ficar aqui durante dois meses. Nem sequer podia entrar na tua casa. O meu pai

não falava comigo, e as únicas vezes que o fez foi para ameaçar que ia deixar de pagar as minhas mensalidades. A tua mãe não conseguia olhar-me nos olhos e, quanto ao Jamie, bem, nem é bom começarmos a falar sobre o Jamie. Tu não tens a mínima noção, porque não estás aqui, mas ele é meio idiota. E odeia-nos tanto, mas tanto. Ah, e a propósito, toda a gente sabe sobre nós. Absolutamente todos. Mas tu também não sabes nada disso. Não sabes as coisas que as pessoas disseram nas minhas costas e não sabes como elas olham para mim. Tu não sabes nada porque não tiveste de enfrentar nada disso. Eu enfrentei, sozinha, e por mais que eu ligasse para ti apenas para ouvir a tua voz, para que pelo menos pudesse ouvir-te dizer que tudo ia ficar bem ou qualquer coisa do género, tu nem atendeste.

O Tyler está em silêncio, mas sinto-o a olhar para mim com aquele olhar intenso dele. A minha respiração acelera e só a custo evito que a minha cara fique em brasa. Não chores, digo para mim mesma, uma vez e outra, até estar mentalmente a entoar, como um mantra.

Não chores. Não chores. Não chores.

Tu estás furiosa com ele. Tu estás furiosa com ele. Tu estás furiosa com ele.

Não chores, tu estás furiosa com ele.

— Não sei o que dizer — admite ele, finalmente. A sua voz está tão trémula e tão débil que é quase um sussurro, e ele puxa as pernas para cima em direção a ele e inclina-se para a frente, apoiando os braços sobre os joelhos.

— Podes começar, por exemplo, por pedir desculpa.

De novo, um olhar de lado. Um olhar de dor nos olhos dele. Um vinco de preocupação na sua testa. Inclina ligeiramente o corpo para me encarar bem nos olhos e estende a mão, firme e decidida, que apoia no meu joelho, apertando com força. — Lamento o que aconteceu. Lamento muito.

Olho para a mão dele em contacto com o meu corpo. Há bastante tempo que não acontecia. O seu toque é quase desconfortável e eu não o quero. Muito sinceramente: não quero. Cerrando os lábios, afasto a mão dele e olho para a cidade. A tarde está quase enevoada, mas Hollywood está linda, como sempre. Avisto a baixa de Los Angeles e a zona dos arranha-céus, e o meu olhar demora-se sobre eles enquanto

penso sobre o que «Lamento» realmente significa para o Tyler.

Será que ele lamenta ter se ido embora? Será que lamenta por a nossa família se virar contra mim? Lamenta por ter estado ausente por tanto tempo? Lamenta por ter destruído tudo o que tínhamos?

Depois de tudo o que ele fez, um «Lamento» não chega.

— Lamento — repete o Tyler, perante o meu silêncio, e desta vez ele não afaga o meu joelho, mas a minha mão. Ele não enlaça os nossos dedos, apenas agarra na minha mão com tanta força que quase dói. — Não acreditas quanto eu lamento! Foda-se, Eden, eu não fazia ideia.

— Claro que não fazias ideia, como é que havias de fazer? — Solto a minha mão da dele e apoio-a no seu peito, empurrando-o para longe de mim, enquanto sinto que a ira lentamente me invade. — O que é que esperavas? A sério, diz lá qual era a tua ideia? Achavas que entravas pela casa dentro e de repente tudo se compunha? Achavas que decidias aparecer e eu continuava aqui, apaixonada por ti como antes, e que os nossos pais de repente nos iam aceitar e que toda a gente ia pensar que éramos superfofos? Porque não é nada disso. Nada disso acontece na vida real. O meu pai *continua* a estar furioso comigo. Toda a gente acha que somos nojentos e desprezíveis. — Olho para ele diretamente nos olhos, carregando o olhar com toda a fúria de que sou capaz sem explodir em lágrimas. — E eu não estou apaixonada por ti.

O Tyler recua fisicamente, como se eu tivesse acabado de lhe dar uma bofetada novamente, como se as minhas palavras o atingissem fisicamente. O seu rosto contorce-se e os seus olhos turvam-se de confusão. Vejo passar pela sua mente um milhão de perguntas de uma só vez, mas ele não formula nenhuma delas em voz alta. Limita-se a apoiar os cotovelos nos joelhos e a apertar o rosto entre as mãos, antes de as passar pelo cabelo, que puxa até às pontas e solta novamente, atirando a cabeça para trás. Fica nessa posição, a olhar para o céu, mas os seus olhos estão fechados.

O que eu quero mesmo é ir para casa. Não quero estar aqui com ele. Enquanto vou mordiscando o lábio, pego nalgumas pedrinhas que estão ali no chão e recolho-as na mão. Depois começo a lançá-las, uma a uma, em direção à cerca, em direção ao cartaz, em direção à cidade. Isso distrai-me do Tyler, porque, embora me agrade pensar que não me importo com ele, não gosto nada de o ver sofrer.

— Porquê?

A minha mão fica suspensa no ar, enquanto ergo uma sobrancelha interrogativamente. — Porquê o quê?

— Porque é que tu já não...? — A sua voz reduz-se ao silêncio e ele simplesmente não consegue forçar as palavras a saírem. Abana bruscamente a cabeça. — O que é que aconteceu? O que é que mudou?

— Tu estás a brincar? — Abaixo a mão e rio, abertamente, mas é mais por desprezo do que por humor. — Só podes estar a brincar. A sério. — Tenho de parar por um segundo para me recompor e controlar a minha raiva, antes que expluda como uma granada, bem ali na frente dele. Inspirando e expirando, fecho os olhos e conto até três antes de abri-los novamente para olhar para o completo idiota ao meu lado. — Então tu desapareces durante um ano e estás à espera que eu seja aquela menina que fica sentada e dedica a sua vida a esperar por um gajo? Não. Eu estudei muito e conheci pessoas incríveis e adorei morar sozinha e, apesar de todas as imbecilidades com que tive de lidar, o meu ano foi muito bom. Portanto, não vá dar-se o caso de tu não teres percebido bem, devo dizer-te que posso muito bem viver a minha vida sem ti. Sou perfeitamente capaz de sobreviver sem o poderoso Tyler Bruce.

Fico sem fôlego e paro, mesmo que tenha ainda muito para dizer. Contudo, eu não quero admitir toda a verdade. Não lhe quero dizer quantas lágrimas derramei nos primeiros dias depois de ele partir, não lhe quero dizer que a razão pela qual eu ganhei peso novamente foi porque comer *junk food* e gelados com a Rachael eram as únicas coisas em que encontrava consolo, não lhe quero dizer que, quanto mais tempo passava desde a partida dele, mais a minha raiva crescia.

A verdade é que não passei o ano passado perdidamente apaixonada.

Passei-o infinitamente furiosa.

— Anda para casa comigo — diz o Tyler bruscamente, mas as suas palavras são demasiado rápidas e ansiosas, e a voz demasiado frágil e abatida. — Vem comigo para casa, nem que seja só por alguns dias, e deixa-me mostrar-te. Deixa-me mostrar o que eu tenho feito e deixa-me mostrar como estou melhor e deixa-me mostrar que lamento muito o que se passou e deixa-me... deixa-me... — Ele para para recuperar o fôlego

antes de baixar a voz para um mero sussurro e dizer: — Deixa-me remediar o que está feito.

— Tu já estás em casa — afirmo sem compreender, e estendo as duas mãos para a frente, num movimento que abrange a cidade derramada.

— Não — diz ele, e percorre o meu rosto tão intensamente com os seus olhos muito brilhantes que me sinto desconfortável. — Eu já não moro aqui. Eu só voltei por alguns dias para... para te ver. Cheguei ontem à noite e a minha mãe meteu-me naquele hotel chique ao pé da escola que eu nem consigo pronunciar o nome, porque ela não quer que o teu pai saiba que estou de volta, o que até entendo. Volto para casa na segunda-feira.

Fico meio parva, a pestanejar, durante uma data de tempo. — O quê? — A minha mente parece brutalmente lenta enquanto tento processar o que ele está a dizer. Falta informação, contudo continuo pateticamente a tentar juntar as peças. Volta para casa na segunda-feira? Ele já está em casa. LA é a sua casa. Ele deveria lutar para se integrar novamente na família e deveria discutir sobre o seu quarto ter sido transformado num escritório e lutar com o Jamie da mesma maneira que eu luto. É isso que vir para casa significa. — Tu vais-te embora outra vez?

Ele acena afirmativamente. — Mas desta vez quero que venhas comigo. A minha vida agora é em Portland e...

— Portland? — Interrompo-o tão veementemente que o Tyler congela, literalmente. Os seus lábios ainda se entreabrem, mas as palavras não saem, ficaram presas na sua boca. — *Portland?*

— Foi o primeiro lugar em que pensei — admite ele.

O meu sangue ferve imediatamente de tal maneira que a minha pele parece estar em chamas. Aperto com tanta força a garrafa de água no meu colo que ela quase explode. De um só impulso, estou de pé, diretamente na frente do Tyler, e olho fixamente para ele. — Tu estiveste em PORTLAND?

Eu sei que odeio Portland. Eu sei que me deveria ser indiferente onde ele esteve ou deixou de estar porque isso não representa nada para mim. Não tem qualquer importância em que cidade é que ele esteve no ano passado, o que teve realmente importância foi ter-se ido embora. Mas há algo sobre a ideia dele em Portland, na cidade onde nasci,

andando pelas ruas por onde em tempos eu andei, que me está a perturbar. De repente, sinto-me muito protetora em relação a Portland, como se a cidade fosse *minha*. Eu não quero que o Tyler toque em nada que seja meu. Com tantas cidades neste maldito país, ele tinha mesmo de ir parar àquela que uma vez chamei lar? O que é ainda mais surpreendente para mim é que eu não sabia nada disso até agora. Passei um ano inteiro sem saber onde raios estava o Tyler. Por um tempo, especialmente no começo, achei que ele provavelmente teria voltado para Nova Iorque. Mas aparentemente não. Aparentemente, Portland de merda com a sua chuva de merda e as suas montanhas de merda foi o suficiente para ele.

— Volta comigo — diz ele novamente, só que agora a sua voz implora. Levanta-se, dá um passo na minha direção e agarra a minha cintura com as duas mãos, apoiando o seu toque firme contra os meus quadris. — Por favor, vem comigo para Portland e dá-me uma oportunidade para acabar de uma vez por todas com a porra desta confusão, está bem? Apenas por alguns dias, eu juro, e se não valer a pena ficares por mais tempo, então podes vir embora. É tudo o que peço.

Olho diretamente de novo para ele e levo um minuto para realmente o ver de perto. Os seus olhos não mudaram nada. É fácil procurar neles respostas, verdades ocultas e emoções mascaradas. Isso é algo que acho que sempre vou adorar nele. E, neste momento, vejo-o completamente exposto. Vejo absolutamente tudo nos seus olhos, desde pânico e preocupação a dor e angústia, tudo embrulhado como um olhar poderosamente intenso para exercer a sua atração sobre mim. É agora quase difícil de acreditar que já estive tão profunda e completamente apaixonada por esta pessoa. Hoje sinto em relação a ele um profundo ressentimento e tanto desprezo que às vezes dói.

Eu não quero ir para Portland com ele.

— A conversa acabou — murmuro, apoiando as mãos contra o seu peito, e empurro-o um passo para trás, quebrando uma vez mais o seu abraço em volta da minha cintura. Empurrá-lo para longe de mim é o que eu faço melhor agora.

Se pensava que ele não poderia parecer ainda mais triste, então estava completamente enganada. Os seus lábios fecham-se numa linha

obstinada e ele enfia de novo as mãos nos bolsos dos *jeans*, sem que os seus olhos deixem nem por um instante os meus. Ele não tem mais nada a dizer. Observar-me é tudo o que pode fazer.

Olho por cima do ombro para a cidade uma última vez. E depois começo a recuar, afastando-me lentamente do meu meio-irmão até estar a vários metros dele. Pela primeira vez, as palavras parecem ficar presas na minha garganta e é difícil soltá-las, mas quando finalmente consigo, é um grande alívio ouvir a minha própria voz dizer: — Está tudo acabado, Tyler.

6

O caminho para casa é ainda mais estranho e insuportável do que o percurso até aqui. O Tyler e eu não trocamos uma única palavra em mais de uma hora. Eu nem voltei a descer o monte Lee ao seu lado; fui andando à frente e ele manteve uma distância de uns quinze metros entre nós. Mas só até chegarmos ao carro dele, e agora estamos presos num espaço confinado e não temos nada para conversar. Já dissemos tudo o que precisávamos. No entanto, embora a atmosfera seja tensa, sinto-me contente porque sou consumida pelo alívio. Conversar com o Tyler acabou por ser uma boa ideia. Foi como se eu finalmente conseguisse, em certa medida, fechar parte da questão, algum encerramento.

A hora de ponta já passou, pelo que o trânsito já não é tão demorado no trajeto de volta a Santa Monica. Nós ficámos fora durante quase quatro horas, portanto, enquanto o Tyler se concentra na condução, eu escrevo uma mensagem para a minha mãe, a dizer onde é que fomos e que estou a caminho de casa, mas de repente lembro-me de que ainda estou furiosa com ela e apago a mensagem sem a enviar. Olho para o Tyler pelo canto do olho. Ele conduz com as duas mãos segurando o volante em baixo, o olhar vazio preso na estrada, o maxilar contraído. Eu decido mandar uma mensagem à Rachael, e ela fica agradecida pela minha sobrecarga de informação, porque, segundo parece, os avós estão a deixá-la louca, como sempre.

Então eu conto-lhe tudo. Conto-lhe sobre a emboscada que o Tyler me armou esta manhã. Conto-lhe a discussão com a minha mãe. Conto-lhe como o Tyler me esperou do lado de fora da minha casa e exigiu que conversássemos. Conto-lhe a ida ao letreiro de Hollywood e a conversa que se desenrolou. E conto-lhe que o Tyler tem vivido em Portland o tempo todo desde que se foi embora e o seu pedido insano para eu voltar lá com ele.

As respostas dela chegam rapidamente.

O QUE QUERES DIZER COM O TYLER VOLTOU?
OMD sério que bateste nele?

porque havia ele de viver em Portland? Ouve, sem ofensa, OK?!
ele levou-te até ao letreiro??
só espero que não lhe tenhas perdoado

Conversar com a Rachael torna a viagem para casa um pouco mais suportável.

* * *

São quase sete da noite quando regressamos. O Sol já começa a mergulhar em direção ao horizonte, embora só se ponha realmente daqui a mais ou menos uma hora. Mantenho os olhos nele com uma concentração tão grande que nem dou por o Tyler parar em Deidre Avenue, na rua, do lado de fora da casa do meu pai e da Ella.

Empurro para cima a pala do sol e inclino-me um pouco para olhar para ele. — Eu vou para casa da minha mãe. — Aponto e, entretanto, tusso porque a minha garganta parece seca depois de tanto tempo sem falar.

— Eu sei — diz o Tyler, sem olhar para mim, ocupado a desligar o motor e a soltar o cinto de segurança. — Mas a minha mãe quer-nos aos dois aqui. — É só quando ele abre a porta do carro que parece hesitar, e reparo que os seus olhos observam alguma coisa através do para-brisas. Percebo, depois de um segundo, que ele está a olhar para o *Lexus* do meu pai, estacionado no acesso à entrada.

Ele já chegou do trabalho. Claro que sim. O meu pai geralmente chega a casa quase todos os dias pouco depois das seis, a menos que seja retido por qualquer assunto. Fico contente quando isso acontece. Mas hoje não é o caso, e parece que o Jamie também já está em casa. O *BMW* está estacionado descuidadamente na rua, à nossa frente, com os pneus a galgarem o passeio, provavelmente acrescentando ainda mais arranhões às jantes já em mau estado. A Ella anda há meses atrás dele, a avisá-lo para ser mais cuidadoso, mas ele não a ouve, porque ele é o Jamie, e o Jamie nunca ouve.

Olho de novo para o Tyler. — Espero que estejas ciente de que se pisares o risco agora, um milímetro que seja, o meu pai provavelmente vai prender-te ou assim. Se há alguém que ele odeia mais do que eu, és tu.

O Tyler mantém-se dentro do carro e fecha de novo a porta, e quando acho que ele vai finalmente levar-me a casa, ele pega no telemóvel e liga para a Ella, pressionando o aparelho contra o ouvido. Ele ainda não olhou para mim. Creio que não o fez desde que deixámos o letreiro de Hollywood e começámos a descer o monte Lee. Estou com dificuldades em avaliar como é que ele está a sentir-se, porque, pela primeira vez, não encontro respostas nos olhos dele. Não sei dizer se ele está chateado ou furioso ou se, muito simplesmente, se está nas tintas.

Mas a sua indiferença não dura muito tempo, porque, assim que a Ella atende, ele fica incrivelmente tenso. — Iá, sou, estamos do lado de fora. — Ele faz uma pausa. — Pensei que não lhe ias dizer a ele. — Fica de novo em silêncio, enquanto escuta, e finalmente os seus olhos piscam para mim por um segundo antes de baixar a voz e murmurar para o telemóvel: — Mãe, tu sabes, melhor do que ninguém, que ele me vai dar o maior pontapé no rabo se eu entrar por essa porta com ela. — Outra pausa. Estou tão curiosa, e o facto de não conseguir ouvir o que a Ella está a dizer põe-me louca. — Tudo bem, mas aposto o que quiseres que isso vai sair pela culatra — diz o Tyler, e depois desliga.

Ergo as sobrancelhas para ele e a minha expressão é um enorme ponto de interrogação.

— É para entrarmos pela porta de trás — diz ele e, sem hesitações, sai do carro, batendo com a porta atrás dele. É tudo o que consigo como explicação à pergunta de por que carga de água a Ella nos quer aos dois aqui.

Suspirando, imito-o e saio para a área de estacionamento. A relva está seca e há bocados que estão já a ficar castanhos, aqui e ali, mas, como toda a gente em todo o estado, não temos mais do que aprender a viver com isso. Se ligarmos a rega automática, provavelmente seremos multados pelo desperdício de água durante uma seca tão excecional. Não chove desde abril.

O Tyler dirige-se para a entrada da garagem, pisa o chão com uma enorme leveza e os seus movimentos são velozes, como se estivesse numa missão secreta ou algo assim e o objetivo fosse não ser apanhado. De certa forma, acho que é verdade. Ele está a tentar evitar o meu pai. Eu também estou, portanto, sigo-o bem de perto, quase a pisar-lhe os calcanhares, enquanto ele passa o portão e atravessa o quintal. A

piscina foi drenada e veem-se no fundo várias bolas de futebol do Chase.

Enquanto atravessamos o relvado castanho e seco, em direção às portas do terraço, a Ella quase nos mata de susto ao aparecer do nada, do outro lado do vidro. Freneticamente, ela abre as portas e faz-nos passar, sussurrando para não fazermos barulho com os pés e estarmos calados, e então agarra no meu pulso.

— Fica aqui no corredor até eu dizer — sussurra para o Tyler, apertando o meu pulso com mais força, enquanto me começa a puxar para a cozinha. Ainda está de fato, dos de trabalho, embora fique uns centímetros mais baixa sem os saltos e os passos dela sejam silenciosos.

Continuo a não fazer ideia do que está a acontecer, do motivo por que estou aqui ou porque é que a Ella não se sente desconfortável comigo e o Tyler juntos. Explicar o que se passa não parece ser a sua prioridade agora. Puxar-me para o corredor já é.

— Posso perguntar uma coisa? — murmuro, mantendo a voz baixa.

Ella para de puxar e olha por cima do ombro para mim, e depois para o Tyler, que vem atrás, e de novo para mim, levantando uma sobrancelha, como se dissesse: *Então?*

— O que é que se passa?

— Reunião de família — diz ela, sem abrandar o ritmo. Fixa o Tyler com um olhar firme, e ele parece tão perplexo quanto eu. — Agora espera aqui.

Ele faz o que ela pede e encosta-se à parede, com as mãos nos bolsos, a observar-nos de perto. No outro extremo do corredor, ouço vozes, abafadas pelo som da televisão, mas a voz do meu pai é impossível passar despercebida, por mais alto que esteja o som da televisão. A Ella empurra-me ainda mais para a sala de estar, cada vez mais perto, até que ela sussurra «Desculpa» e faz-me entrar na sala, deixando o Tyler no corredor.

Não sei muito bem do que é que ela me está a pedir desculpa, o que é certo é que fico imediatamente ansiosa e Inquieta. Porque é que ela insiste em me atirar para as torturas do inferno? Primeiro arma-me uma emboscada com o Tyler e agora com o meu pai. Mas talvez desta vez seja o contrário. Talvez ela esteja a usar-me para armar uma emboscada

ao meu pai. Ele está recostado no sofá, a gravata abandonada em cima do braço deste, uma chávena de café numa mão e os pés em cima da mesa de café. Ele não se incomoda em baixar o volume da televisão. — Olha quem decidiu aparecer — comenta ele, e, despreocupadamente, toma um gole de café, com ar de quem se está absolutamente nas tintas. Esta é a primeira vez que ele me vê em quase uma semana.

— Eu disse que ela voltava — ouço o Jamie resmungar, do chão. Os meus olhos chispam, mas ele nem levanta a cabeça. Nem sequer olhou para cima. Está sentado de costas contra o outro sofá e os seus olhos focam preguiçosamente o portátil apoiado nos joelhos. Está a acompanhar distraidamente um fórum.

O Chase está esparramado no sofá, com o telemóvel na mão e os fones nos ouvidos. Acho que nem se apercebeu de que a Ella e eu entrámos na sala.

— Quanto tempo é que vais ficar desta vez? — pergunta o meu pai, com um riso de escárnio. Inclinando-se para a frente, tira os pés de cima da mesa de café, pousa a chávena no mesmo sítio e olha para mim com o ar que me costuma dedicar, de desprezo e nojo e um sentimento de autocomiseração, porque é preciso ter-se nascido muito infeliz para ter uma filha como eu. — A semana inteira? Alguns dias? Algumas horas? Gostava de saber, Eden, quanto tempo é que estás a pensar ficar por aqui antes de te pores a andar de repente como uma vadia.

Olho para o outro lado da sala e devolvo-lhe o olhar, da mesma maneira, com o mesmo desprezo, desgosto e tristeza por ter a infelicidade de ter um pai como ele. Ao meu lado, a Ella começa a esfregar as têmporas. — Não te enerves, pai. Eu não vou ficar.

— Tudo bem — diz ele com alívio. — Então o que é que estás aqui a fazer? — Ele está muito sério, com uma expressão impassível, mas quase posso jurar que é medo o que vejo nos seus olhos. É como se fosse totalmente impossível ele entender a ideia de um relacionamento entre um pai e uma filha, em que eles realmente querem ver-se um ao outro. Mas, felizmente para nós os dois, eu preferia estar em qualquer outro lugar do que agora aqui, portanto, ele não precisa de temer que eu tenha passado por ali para combinarmos um aprazível dia de convívio entre pai e filha. A ideia quase me dá vontade de rir.

— Eu não sei porque é que estou aqui — digo e, cruzando os braços

sobre o peito, olho para a Ella, com as sobrancelhas juntas, enquanto espero por uma explicação. — Talvez tu possas ajudar.

Ella parece ansiosa de novo, ainda mais do que antes, antes de decidir pôr de novo o Tyler frente a frente comigo, e não estou surpreendida. Se alguém vai reagir à notícia do reaparecimento do Tyler pior do que eu, vai ser o meu pai. Ella tem todos os motivos para estar nervosa, mas consegue reunir a confiança necessária para entrar no centro da sala, arrancando de passagem um fone de um ouvido do Chase. — Desliga — diz ela para o meu pai quando está diante de todos nós, na frente da televisão.

— Estou à espera do boletim meteorológico — diz o meu pai.

— Céu azul sem indícios de chuva. Aí tens o teu boletim meteorológico — diz ela, e depois coloca as mãos nas ancas. — Agora desliga.

O meu pai não parece muito satisfeito, e quando apanha o controlo remoto e finalmente desliga a televisão está amuado como um puto que acaba de levar nas orelhas. Ele não é exatamente o tipo de pessoa a quem se diz o que tem de fazer; ele é mais o tipo de pessoa que diz aos outros o que têm de fazer.

— Jay — diz a Ella, mas ele não levanta os olhos do portátil, apesar de estar a ouvi-la perfeitamente. Ignora-a propositadamente, muda para o Twitter e começa a digitar tão rapidamente que a única coisa que se ouve são os seus dedos a bater no teclado. Está provavelmente a queixar-se, mais uma vez, da sua família disfuncional. Ella aclara a garganta e troca a sua voz firme pela sua voz severa, que se pode pensar que são semelhantes, mas são surpreendentemente fáceis de distinguir. A voz severa é tão aguda que, assim que tu a ouves, sabes que não a deves desafiar. — Jamie.

Ele olha para cima e suspira teatralmente ao fechar o portátil, depois cruza os braços sobre o peito e prime os lábios. — Só gostava que me explicassem porque é que temos todos de parar o que estávamos a fazer só porque a Eden decide aparecer.

— Não é disso que se trata — responde a Ella. A voz severa desapareceu. A ansiosa está de volta.

Mas as idiotices constantes do Jamie sempre me tiram do sério, assim, acabo por falar por cima da Ella, dizendo: — Tu nunca vais

acabar com isso?

— E tu, vais? — riposta o Jamie. Ella baixa a cabeça, prime as têmporas com as pontas dos dedos e solta um longo suspiro.

— O que é que queres dizer com isso? — Firmo as mãos nos quadris e olho para ele, no chão. Estou acostumada aos comentários do meu pai, essencialmente porque ele já os faz há anos, mas não estou acostumada a ouvir o Jamie a resmungar baixinho e a protestar sempre que eu estou por perto, portanto, é mais fácil passar-me da cabeça com ele do que virar-me contra o meu pai. Eu, aliás, acho que o meu pai gosta quando o Jamie e eu discutimos. Se eu me comportar efetivamente como uma jovem problemática, isso leva a que a sua aversão por mim pareça mais justificada.

— Vocês os dois fazem o favor de parar — ordena a Ella, com voz tão alta e clara que nós imediatamente nos detemos. Jamie e eu olhamos para ela.

— Vamos mudar-nos ou coisa assim? — pergunta o Chase, tirando o fone do outro ouvido e girando os fios em torno do dedo indicador. — É que, se formos, podemos mudar-nos para a Florida? — A Ella abana simplesmente a cabeça.

Estas chamadas reuniões familiares são muito invulgares para todos nós — tão invulgares, na verdade, que nunca tivemos nenhuma. Eu acho que é porque nós não somos realmente uma família. As verdadeiras famílias não se odeiam como nós. As verdadeiras famílias não são tão tensas como nós. As verdadeiras famílias não têm de enfrentar situações em que meios-irmãos se apaixonam, como o Tyler e eu.

Desde o verão passado, quando o meu pai e a Ella descobriram a verdade sobre o Tyler e eu, tudo mudou. Eles discutem mais. Têm disputas que se prolongam por dias, sem chegarem a um acordo. Quando venho a casa para as férias, o meu pai só me deixa ficar lá em casa na segunda semana porque é obrigado, porque é isso que os pais fazem. Mas ele odeia. Odeia-o e não o esconde. Se não fosse por causa da Ella e do Chase, duvido que eu aceitasse.

O Jamie tornou-se um rebelde, lutando contra esta confusão de família. Ele não quer estar associado a nós porque somos um constrangimento para ele, algo de que se envergonha. O Tyler ainda cá

não veio, por isso não tenho a certeza se ele ainda conta como membro. Acho que o Chase é o único que nos mantém juntos. Ele é o único que continua a aceitar, inocente e feliz.

Acho que de alguma forma somos todos pedaços quebrados, esperando de alguma forma encaixarmo-nos para formarmos uma imagem perfeita, uma família real. Mas isso nunca vai acontecer. Nós nunca iremos encaixar-nos.

— Não vamos mudar para sítio nenhum — esclarece o meu pai, dirigindo-se ao Chase, mas as suas palavras são ásperas e o miúdo volta rapidamente um olhar interrogativo para a Ella, como se para ter a confirmação. Ela acena com a cabeça. — Então o que é isto tudo?

— Eu preciso que todos mantenham a calma — começa. Os seus olhos piscam em volta da sala, detendo-se brevemente em cada um de nós, até mesmo em mim, como se eu já não soubesse qual é a grande novidade, como se eu não fizesse ideia de que o Tyler está no corredor. Ela olha para o meu pai um pouco mais demoradamente do que para o resto de nós e diz: — Especialmente de ti.

— Espero que não estejas a pensar em deixar o emprego — murmura o meu pai, mas pelo menos agora está a dar-lhe a sua atenção total e exclusiva. Acho que ele está a começar a preocupar-se um pouco. Ella geralmente não é dada a declarações dramáticas deste género.

— Carro novo? — é a tentativa do Jamie.

— Foste processada? — pergunta o meu pai, depois de aclarar a voz. Parece muito mais desperto agora, e vislumbro pânico por um instante nos seus olhos.

O Chase senta-se. — Esperem lá. Os advogados podem ser processados?

Ella suspira profundamente e leva as mãos ao céu, em desespero. — Vocês são capazes de não tirar conclusões precipitadas por um segundo?

Todos se calam. A sala fica em silêncio. Nós os quatro a olhar para ela. Esperamos que ela diga alguma coisa, mas não diz. Pelo menos eu sei o que está a acontecer. Se não fosse isso, já estava a dar em doida, porque, neste momento, a Ella limita-se a andar de um lado para o outro na sala. Contorna nervosamente a mesa de café, enquanto murmura baixinho, provavelmente testando a verdade nos seus lábios antes de a

revelar em voz alta. De certa forma, entristece-me que ela esteja tão perturbada por o seu próprio filho estar em casa. Eu posso já não conseguir suportar o Tyler, mas mesmo assim custa-me ver o medo que ela tem de contar a verdade ao resto da família. Não deveria ser assim.

— Talvez nós não tirássemos conclusões precipitadas se nos dissesses de uma vez por todas do que é que se trata — faz notar secamente o meu pai depois de Ella estar a andar às voltas há um bom minuto. Ele está agora inclinado para a frente, sentado na beira do sofá, as mãos entrelaçadas entre os joelhos.

A Ella para de andar. Olha para mim, possivelmente à espera de algum tipo de confirmação ou de encorajamento, mas não recebe nenhum dos dois. Cruzo os braços sobre o peito novamente e sento-me no braço do sofá ao lado do Chase. Ele dá-me um breve sorriso antes de voltar a sua atenção para a mãe. Continuamos todos à espera. Parece que voltámos à cena desta manhã, com a Ella a arrastar inutilmente a revelação de que o Tyler está de volta e que está aqui e que está no corredor e que está prestes a rebentar a maior das zaragatas nesta casa.

— Agora ouçam — diz ela finalmente, mas nós já estamos a ouvir. Estamos a ouvir já há vários minutos. — Isto não deveria ser surpresa para nenhum de vocês, porque todos sabíamos que acabaria por acontecer. E é preciso ter em mente que as coisas mudaram e certas situações não são as mesmas, portanto não há necessidade de armar uma cena. — Por um segundo, ela desperta a minha atenção, e percebo exatamente o que ela quer dizer sobre as coisas terem mudado. Ela quer dizer: *Está tudo bem, já não há motivo para preocupações, o Tyler e a Eden já não são loucos, já voltaram a ser normais.* Eu gosto de pensar que sempre fomos normais.

— Ella. — O meu pai endireita-se no sofá e depois para por um momento. — Tu não me digas... Eu juro por Deus. Tu não me digas que aquele maldito rapaz vai voltar.

Ela olha para o meu pai e só para ele. — E se eu te disser precisamente isso? Ele tem todo o direito de voltar. Ele é meu filho.

— Espera — interrompe o Jamie. Empurra o portátil para o chão e põe-se de pé. — O Tyler vai voltar?

— Aquele rapaz não vai voltar para cá — responde rigidamente o meu

pai, os olhos fixos na Ella em vez de no Jamie. Depois levanta-se e inclina-se sobre ela, fixando-a com um olhar feroz que apenas as pessoas mais corajosas desafiariam. — Eu não vou tê-lo aqui, e isso é definitivo, portanto, se essa é a grande novidade que tens para nos dizer, não.

— Se ele quisesse voltar, eu deixava — diz a Ella, e a sua voz é forte e clara, desaparecendo todos os sinais de nervosismo. Ela é uma daquelas pessoas corajosas. — Mas ele não quer. Ele vem apenas de visita, por alguns dias, e é tudo.

— Quando?

— Já cá está — diz ela, um pouco mais calmamente. Dá meia-volta e avança em direção à porta, com a cabeça erguida, recusando-se a recuar quando se trata de defender o Tyler. Acho que sempre a admirarei por isso.

— Cá?— repete o meu pai, olhando para ela, incrédulo. — Ele está *cá*?

A Ella não responde, apenas olha para mim quando passa. Abre a porta do corredor e desaparece por um segundo. Tudo o que posso pensar é que não gostaria de estar no lugar do Tyler neste momento. A simples ideia de o ver entrar nesta sala deixa-me nervosa, porque está claro que nada disto vai dar certo, nem com o meu pai nem com o Jamie.

— E tu não te atrevas a vir para cá com ideias — sussurra o meu pai quando a Ella sai, como se acreditasse sinceramente que eu me ia atirar ao pescoço do Tyler e beijá-lo ali mesmo na frente deles todos. Informação de última hora, pai: *Eu já sei que ele está aqui, eu já defini as coisas diretamente com ele e eu já me curei completamente dele.*

— Não quero saber nem um bocadinho do Tyler — respondo. Embora queira, só um bocadinho, mesmo. O facto de o Tyler estar de volta ainda mexe um bocado comigo, ainda me parece estranho e um pouco doloroso. Mas tentar dizer isso ao meu pai seria apenas uma perda de tempo, como sempre. Tal como o Jamie, não importa quantas vezes eu tenha tentado explicar que não existe mais nada entre o Tyler e eu, ele continua a não acreditar. O meu pai já me disse uma vez que, se fomos capazes de mentir sobre a nossa relação, isso significa que poderemos voltar a mentir todas as vezes que nos apetecer. Lembro-me de ter

pensado, nessa altura: *Simplesmente não há relação sobre a qual mentir.*

A Ella reaparece à porta da sala, mas, é claro, desta vez o Tyler está com ela. Ele entra primeiro, passa por mim e pelo Chase, e depois entre o pai e o Jamie, antes de contornar a mesa de café e parar na frente das grandes janelas de sacada. A Ella não o segue, mas permanece junto da porta, de pé, ao meu lado.

— A mãe tem razão — diz o Tyler, com voz firme e clara. Olha para todos, menos para mim. — Eu não voltei. Vim apenas de visita, para ver como estão todos. Vou-me embora na segunda-feira. — Surpreendentemente, os cantos dos seus lábios curvam para cima num sorriso suave. — Acho que são capazes de me aturar até lá, não?

Mas a piada não cai bem, e torna-se imediatamente óbvio que o Tyler subestimou a tensão que está instalada na nossa família. Ninguém ri ou solta um suspiro ou revira os olhos, como se dissesse: *Bom, não interessa. Conseguiste enfurecer-nos, a todos, mas isso foi já há um ano*, *portanto, creio que já são águas passadas*, visto que nenhum de nós está a pensar nisso. Ninguém o quer aqui, além da Ella e possivelmente do Chase. Tyler, ali parado, na frente de todos nós, é a imagem do isolamento, e isso faz de novo despertar algures dentro de mim aquela sensação de tristeza. Eu sei quanto dói sentir que toda a nossa família está contra nós.

— Tu estás a gozar comigo ou quê? — cospe o meu pai, numa voz áspera e gutural, enquanto pisca os olhos para a Ella, manifestando a sua total incapacidade de compreensão. Ela corre até ele, gaguejando uma série de pedidos inúteis.

— Para que é que temos de esperar até segunda-feira? — diz o Jamie, como se acabasse de ter uma ideia, ao mesmo tempo que avança, ameaçador, em direção ao Tyler, com a atitude de quem se prepara para uma zaragata. Eles são praticamente da mesma altura agora e estão ao mesmo nível um do outro. — Porque é que não vais já? Ninguém aqui quer falar contigo, a não ser... não sei... a mãe? E a tua *namorada*, provavelmente. — Lança um olhar de repugnância por cima do ombro na minha direção.

A confusão e a surpresa são evidentes no rosto do Tyler e a sua expressão transfigura-se, com as sobrancelhas unidas e o maxilar

cerrado. É difícil de acreditar que, em tempos, ele e o Jamie se deram bem. — Que diabos, meu? — Ele olha para mim, no braço do sofá, quase como se implorasse uma explicação para o facto de o irmão se virar de repente contra ele.

— Eu avisei-te — digo em voz alta, sobrepondo-me ao som da discussão entre o meu pai e a Ella, mas depois lembro-me da referência a «namorada» e volto-me para encarar o Jamie. — E caramba, Jay. Parece-te por acaso que estou louca de excitação por ele estar aqui? Porque realmente não estou. Estou tão lixada com ele como tu.

O Jamie range os dentes e fixa os olhos no Tyler. — Isso não será mais um motivo para te pores a milhas daqui? Nós não precisamos de ti e estamos todos melhor quando tu estás fora.

— Porque é que estás tão furioso? — pergunta o Tyler, tão desorientado e inseguro pelo que está a acontecer que o faz parecer vulnerável e jovem. Ele está a esforçar-se desesperadamente por compreender porque é que as coisas são tão radicalmente diferentes de como ele as recorda, mas isso é porque ele não esteve presente para assistir à sua transformação, dia a dia. — Quero dizer, compreendo que o Dave esteja lixado — franze a testa para o meu pai e para a Ella, que continuam a discutir —, mas por que raio é que tu estás? Porra, meu, eu não te fiz nada.

— Não, só fizeste. Fizeste da escola um inferno. Eu deixei de ser eu para ser só o *teu* irmão. Mais nada. O irmão do Tyler Bruce. — Jamie hesita por um segundo, para manter a calma, e respira fundo. — Tu sabes o que é que andam a dizer agora? — pergunta ele. — Andam a dizer que a loucura está nos nossos genes, meu. Que não temos moral. Primeiro o pai, depois tu, e está-se mesmo a ver o que aí vem. Fazem-se já apostas para quando é que me vão ver metido nalguma cena marada. Há uns meses, um puto que eu nem sequer conheço veio perguntar-me se eu já tinha alguma merda escondida porque parece que a porra desta casa se está a tornar famosa por toda a gente guardar segredos sinistros.

As vozes alteradas do meu pai e da Ella parecem desvanecer-se, porque a única coisa que eu ouço, cada vez mais alto e cada vez mais intensamente, são as palavras que o Jamie acaba de dizer. Olho para ele, arregalando os olhos, tal como o Tyler. Não fazia a mais pequena

ideia de que o Jamie se sentia assim. Ele nunca se expressou tão abertamente até hoje, mas agora que o fez a sua atitude faz finalmente sentido. Ele não está simplesmente enojado com o pensamento de Tyler e eu juntos; ele está a ser massacrado, tal como eu tenho sido. Compreendo agora tudo por que ele está a passar. Compreendo que as crianças da idade dele, as pessoas com quem ele lida no dia a dia, devem pensar que somos uma família de malucos. Aposto que eles riem disso. Aposto que se riem do gajo cujos irmãos aparentemente namoraram um com o outro. Nunca tinha pensado em que medida a verdade sobre o nosso relacionamento afetaria todos os outros. Não posso culpar o Jamie por ser hostil e distante, porque a culpa *é nossa*, e é impossível impedir que, uma vez revelados, a natureza violenta do seu pai e o interesse amoroso inadequado do seu irmão sejam usados para o provocar.

E durante todo aquele tempo em que pensei que entre mim e o Jamie não havia quaisquer semelhanças, afinal não éramos assim tão diferentes quanto isso. Talvez sejamos ambos do tipo de atacar primeiro, porque é a maneira mais fácil de ter poder.

Levanto-me e, cautelosamente, dou uma olhadela ao Tyler para tentar avaliar se a referência ao pai deles teria desencadeado uma reação nervosa, mas aparentemente não. Se tivesse, não seria estranho, porque o Tyler nunca foi capaz de lidar com o assunto delicado do pai. E eu não posso culpá-lo por isso. Não posso culpá-lo por odiar o seu pai depois do abuso de que foi vítima. Não posso culpá-lo pela forma como ele ficou louco no verão passado quando soube que o pai foi libertado da prisão.

Mas hoje, seja lá pelo que for, o Tyler limitou-se a afastar-se um passo do Jamie, que está muito mais enfurecido do que ele. A cara do Jamie está tão vermelha que eu temo que lhe possa rebentar um vaso sanguíneo a qualquer momento. Em comparação, o Tyler parece relativamente calmo, mas eu, que o conheço há anos, sei muito bem que o temperamento dele pode ir de 0 a 100 sem que tenhamos a noção do que está a acontecer. Tenho uma boa ideia de quão facilmente o temperamento dele pode ser afetado. Eu corro para os dois.

Quero dizer ao Jamie que sinto muito. Que até agora eu não tinha compreendido nada do que ele estava a passar. Que não queria que as

consequências disto tivessem sido tão devastadoras e ruinosas. Quero dizer à Ella que sinto muito por destruir a sua relação com o meu pai. Quero dizer ao meu pai que sinto muito por o ter desiludido. Quero dizer ao Chase que sinto muito por ele ser obrigado a assistir a todas estas discussões. E quero dizer ao Tyler que sinto muito por ser esta a família que ele veio encontrar. *Desculpem, desculpem, desculpem.*

— É assim que as pessoas reagem? — diz por fim o Tyler, mas a sua voz é inexpressiva, como se ele não estivesse realmente a abranger a gravidade de tudo isto. Acho que ele ainda está em choque perante o cenário de guerra em que esta casa se tornou. Jamie acena afirmativamente com a cabeça e o Tyler volta a sua atenção para mim. Existem milhares e milhares de perguntas nos seus olhos, mas eu não tenho mais energia para continuar a responder. Eu já passei por isto hoje.

— Eu avisei-te — é tudo o que posso dizer, repetindo-me. Talvez quando estávamos junto ao letreiro de Hollywood ele tenha pensado que eu estava a exagerar. Talvez ele tenha pensado que estava apenas a fazer teatro quando lhe disse que toda a gente está ao corrente do nosso caso, que o meu pai está mais idiota do que nunca, que o Jamie não nos pode suportar. Talvez se ele tivesse acreditado em mim não tivesse tido um choque tão grande. Talvez ele não estivesse agora sem palavras.

Ouço o Chase calmamente perguntar: — Vocês não podem parar de discutir? Porque é que vocês estão a discutir, antes de mais?

Eu nem reparei que o Chase se tinha afundado entre mim e o Jamie até ele falar. Formamos agora um círculo, nós os quatro, e os nossos olhos interrogam-se, enquanto esperamos que alguém responda, porque nenhum de nós sabe o que dizer. Não é que o Chase seja ignorante — ele sabe sobre o Tyler e eu; assistiu às consequências no verão passado, ele não falou muito durante alguns dias depois —, mas a regra tácita nesta casa é que nós o mantemos fora de todo o drama.

— Eu não quero que tu te vás embora — diz ele. Está a olhar para o Tyler. — Acabaste de chegar. E, ei, eu gosto disso. — Levantando um dedo, ele aponta para o bíceps do Tyler e o desenho que permanecerá para sempre lá. Ele não parece notar o meu nome entre as rosas, os redemoinhos e o mostrador do relógio, e se notou não diz. — Doeu?

Os olhos do Tyler descem até ao braço, enquanto inclina o bíceps na

direção dele, como se tivesse esquecido que as tatuagens estavam lá, e puxa a manga da *T-shirt* para mostrar mais. «Nem queiras saber», diz ele em voz tão baixa que é quase um sussurro, e então ele sorri e estende a mão, com a palma para cima. O Chase dá-lhe «mais cinco» e, em seguida, como se a atmosfera aqui não fosse tóxica e sufocante, o Tyler aproxima-se e puxa-o para si, num abraço, envolvendo o pescoço do irmão e segurando-o com força. — Senti a tua falta, puto. Tu não paras de crescer. A última vez que te vi, davas, o quê?, talvez por aqui? — Estende a mão ao nível do ombro do Chase, ri um riso franco e genuíno, e liberta-o do seu abraço. Chase, envergonhado como ele, recua, e a expressão brincalhona do Tyler volta a um olhar solene que acaba pousando em Jamie. — Senti a tua falta, também — diz ele. — A sério, senti.

— Nem sequer tentes — avisa o Jamie.

Estou prestes a dizer alguma coisa, mas a Ella agarra no meu ombro e puxa-me para fora do círculo de rivalidade entre irmãos. Eu nem tinha reparado que a discussão com o meu pai tinha cessado, até este momento, quando um silêncio desconfortável cai sobre a sala e a Ella me faz dar meia-volta para a encarar. É como se de repente, no espaço de alguns minutos apenas, lhe tivessem aparecido anos de rugas, causadas pela tensão extrema a que está a ser sujeita, que lhe carrega a expressão de tal forma que aparenta muito mais idade do que tem na realidade.

— Por Deus, parem! — grita, em desespero, mas a sua garganta está seca e a voz rouca. Fechando os olhos com força, concentra-se em controlar a respiração, antes de voltar a falar novamente, e, como até aí, todos nós esperamos.

O meu pai está em pé, no lado oposto da sala, com as mãos nos quadris, na sua postura mais intimidante. Abana a cabeça, como se ainda estivesse a recusar-se a aceitar isto tudo. Como acontece com o Jamie, a raiva nos seus olhos é impossível de ignorar.

— E há mais — diz a Ella.

Agora ela conquistou a minha atenção. Há mais? Eu sabia que o Tyler estava de volta, mas não sabia mais nada. Nem sequer sabia da hipótese de haver alguma coisa mais. O que é que pode haver mais para contar? Eu não sabia que poderia haver qualquer outra coisa. O que

resta para contar? O que é que ela tem agora para nos atirar? O Tyler e eu trocamos olhares de soslaio, parece que ele procura encontrar respostas na minha expressão, tal como eu procuro na dele, e nenhum de nós as tem.

— E que mais temos agora? — pergunta o meu pai literalmente num lamento. A sua voz ainda é estridente e dura, mas isso não é nada incomum. — O que é que ele trouxe para casa, um registo criminal? Uma liberdade condicional? E a seguir vamos ter de pagar a um sacana de um advogado? — Franzo o nariz para o meu pai, com desprezo. Se eu fosse o Tyler, já lhe teria dado um soco, e espero que o faça. Mas ele não faz sequer menção disso. Na verdade, ele nem estremece com a observação, e o facto de não mostrar reação alguma faz-me questionar se ele ouviu as palavras maldosas do meu pai. Ele apenas mantém os olhos fixos na Ella, e o maxilar muito contraído.

Ella suspira, e depois, muito lentamente, anuncia: — Vamos passar o fim de semana fora da cidade. Todos.

E eu penso: *O quê?* Fora da cidade? Nós os seis? Esta miserável imitação de família? É possivelmente a ideia mais perigosa que já ouvi. Eu não quero ficar presa ao meu pai nem quero ficar presa ao Tyler. *Não, não, não, não, não.* Eu não vou. Vou recusar.

— Desculpa? — gagueja o meu pai.

— Olha para nós e tenta dizer, sem pestanejar, que está tudo bem — diz a Ella bruscamente, apontando para todos os lados da sala com as duas mãos, para todos os destroços, de pé, na frente dela. — Todos nós precisamos de passar algum tempo juntos, pelo menos uma vez na vida.

— Não precisamos de fazer viagens para fora da cidade juntos.

— Por favor, David — diz ela, com a paciência por um fio. — Recuso-me a ouvir comentários do nível dos teus, portanto, vamos resolver os nossos problemas e vamos resolvê-los agora. Tu por acaso já ouviste a maneira como falas com a Eden ultimamente? Tu não achas que há aqui alguma coisa errada? — Pelo olhar que o meu pai mantém fixo em mim, é óbvio que ele não acha. — O fim de semana vai fazer-nos bem. Vamos para Sacramento e saímos amanhã, portanto, vocês os cinco vão preparar as vossas coisas.

E então há um alvoroço total.

Jamie está a choramingar: — Eu não vou para Sacramento! Raios

partam esta ideia, mãe! Convidei a Jen para jantar no sábado.

Ella responde: — Tu estás de castigo, portanto, isso está fora de discussão. E tenho a certeza de que a Jennifer pode sobreviver a um fim de semana longe de ti.

Neste momento, o meu pai ladra: — Tu não tens nenhuma consideração pelo facto de eu ter trabalho?

E a Ella responde: — Tenho, pois. Falei com o Russell e ele deu-te autorização por «ausência em circunstâncias excecionais. Emergência familiar».

E o Tyler murmura: — Mãe, eu tenho de me ir embora na segunda-feira.

E a Ella não hesita em responder: — Podes perfeitamente ir para casa na segunda-feira à noite, depois de voltarmos.

E agora é a minha vez de argumentar: — Precisamos? Tu não achas que isso tornará tudo ainda pior do que já é? Desculpa, mas eu estou fora.

E a Ella responde: — Não acho que possa piorar. — E eu acho que ela tem razão.

O meu pai é o primeiro a sair da sala, resmungando e praguejando baixinho, agitando as mãos rapidamente em sincronia com as palavras, até abrir a porta da sala com tanta força que me espanta que ela não tenha saltado das dobradiças.

O Jamie é o próximo a sair, e a seguir o Chase. Ouço os passos deles nas escadas, acompanhando a subida, até que se ouve o bater de uma porta de quarto, que só pode ser a do Jamie.

As mãos da Ella estão pressionadas contra a testa e ela esfrega as têmporas com os polegares, tentando aliviar a dor de cabeça que esta noite não lhe deu tréguas. Não olha para nós antes de sair da sala, e eu pergunto-me se é porque ela pensa, mais uma vez, que o Tyler e eu somos a razão pela qual os membros desta família se voltaram uns contra os outros.

E então somos os dois únicos na sala. O Tyler e eu.

A casa está completamente silenciosa agora. Já não há gritos nem discussões, porque já ninguém fala. O Tyler olha para mim e eu olho para ele, mas não temos mais nada a dizer. Eu olho para longe depois de alguns segundos.

Sou a primeira a sair e, pela primeira vez, ele é o último.

7

Na manhã seguinte, estou na casa da Rachael às dez. A minha mãe saiu do turno às seis, portanto, quando acordei, ela já estava em casa e a dormir. Eu fiquei feliz com isso de certa forma, porque ainda estou bastante chateada com ela. Tive a sorte de sair de casa sem ter de a encarar, mas ao mesmo tempo ainda não tive oportunidade de lhe dizer que mais logo vou partir para Sacramento. Contei ao Jack, e ele prometeu que informaria a minha mãe logo que ela acordasse.

— Isso não é considerado sequestro? Forçar-te a ir contra a tua vontade? — pergunta a Rachael. Ela está estendida na cama, com a cabeça a espreitar por sobre a beira do colchão para ter uma boa visão de mim, deitada no chão. Os restos da maquilhagem de ontem são visíveis no seu rosto.

Eu, deitada de costas, atiro o telemóvel ao ar e apanho-o de novo, repetidamente, olhando para o teto e perguntando-me porque é que metade das coisas que se passam na minha vida têm sempre de ser uma absoluta merda. — Não seria tão mau se fosse apenas por uma noite, mas não. São três — murmuro.

A Rachael franze a testa, avaliando a minha situação. Ela está mergulhada numa maratona de *Donas de Casa Desesperadas*, razão pela qual está a passar um episódio em segundo plano a que nenhuma de nós está a prestar atenção. — E pensava eu que estar presa com os meus avós durante um dia inteiro era mau. Agora imagina tu, com o teu pai e o teu ex-namorado durante três dias.

De lado, reviro os olhos para ela. — Ele não é meu ex-namorado. A coisa nunca foi oficial.

— Ex-amante, então. — Ela apoia-se nos cotovelos e descansa a cabeça entre as mãos, esfregando os olhos e esborratando o rímel ainda mais do que já estava. — Eu ainda não consigo acreditar que ele estava em Portland, literalmente no estado ao lado, e não veio ver-te. Não é a apenas algumas horas de carro?

— Catorze. — Deixo cair o telemóvel em cima da minha cara e por pouco não parto um dente. Vingo-me atirando-o para o tapete e depois

sento-me. — Mas eu sei, não achas? E a parte estranha é que ele agora chama a Portland a sua casa. Mas como é que é possível isto ter acontecido? Como é que a minha casa se tornou a dele e como é que a dele se tornou minha?

A Rachael pestaneja. — O quê?

— Não interessa nada. — Soltando um suspiro, puxo os joelhos para cima, apertando-os contra o peito, e passo os dedos pelo cabelo, puxando-o para trás, num esforço para controlar a vontade imperiosa de gritar até mandar pelos ares a casa da Rachael. *Eu não quero ir para Sacramento*. Levanto a cabeça e olho para ela e, exibindo a minha expressão mais solene e o meu tom de voz mais neutro, digo: — Vamos fugir.

A Rachael sorri. — Eu sempre quis ir para Las Vegas.

— Então que seja Las Vegas.

Ela atira-me uma almofada e eu atiro-lha de volta, para ela a colocar debaixo do peito e ficar mais elevada.

— E então, alguma coisa diferente sobre ele?

— O quê?

— O Tyler — diz ela. — Deixou crescer o cabelo até aos ombros? Pôs um *piercing* no lábio? Rapou uma sobrancelha? Descobriu uma religião? Prega sobre salvar o planeta? Qualquer coisa?

Abano a cabeça. — Só mais tatuagens.

— Mais? Ele já tinha tatuagens?

— Só duas. — Não lhe quero dizer que ele tem o meu nome gravado para sempre na pele, portanto, antes que ela tenha oportunidade de perguntar, acrescento: — Está muito mais calmo, acho.

— Mais calmo? Estamos a falar sobre o mesmo sujeito?

— Lá estás tu outra vez — digo, e os meus lábios formam uma linha obstinada quando ela olha para mim com uma sobrancelha arqueada interrogativamente. — Tu és tão inflexível a classificá-lo de idiota, mas tu *sabes* que ele mudou desde a secundária, Rach. Tu própria viste a diferença no verão passado.

— No verão passado, o que eu vi foi o Dean a voltar para o hotel com o rosto todo rebentado, e nós duas sabemos quem fez isso — murmura ela, e depois rola para o lado oposto da cama.

— Meu Deus. *Por favor*, não vamos trazer isso para a conversa.

— Mas é verdade! — protesta ela, sentando-se direita na cama e olhando para mim no chão. — Porque é que continuas a comportar-te como se o Tyler fosse um tipo milagrosamente recuperado, que se transformou num santo ou coisa assim? A sério, Eden? Ele deixou-te porque é um cobarde completo, ele lixou completamente o Dean tal como tu fizeste e ele vai espetar um murro sem dó nem piedade no primeiro que diga alguma coisa que o irrite, mas tu ainda és capaz de estar aqui, na minha frente, a defendê-lo, depois de tudo o que fez? Como é, tu ainda estás apaixonada por ele, afinal?

Semicerro os olhos e levanto-me de um impulso, ficando de pé para que eu seja a que está agora a dominar a situação. — Estou longe de estar apaixonada por ele e tu sabes isso perfeitamente. Mas não posso negar o facto de que ele mudou. Queres saber o que aconteceu ontem à noite? O Jamie fez uma referência sobre o pai deles bem na cara dele e o Tyler nem se mexeu. O meu pai disse qualquer coisa sobre registos criminais e prisão preventiva e ele não estremeceu. — Eu paro. — Há um ano, eu teria sido a única pessoa capaz de o impedir de correr os dois aos pontapés no rabo.

A Rachael endireita-se sobre os joelhos e cruza os braços. — Onde é que queres chegar?

— O que eu estou a dizer é que ele mudou — repito, muito mais devagar desta vez, como se isso ajudasse a fazer com que esse facto se tornasse numa realidade incontestável. — E não sei quantas vezes vou ter de te dizer isso antes de tu deixares de ser tão intransigente.

— Está bem. Tu é que sabes — diz a Rachael despreocupadamente, suspirando quando volta a deixar-se cair na cama, virando-se para olhar para a televisão. O episódio terminou entretanto, e ela pega no controlo remoto e passa para o próximo.

Ao mesmo tempo, não posso ignorar que recentemente estou sempre envolvida em discussões e que no centro de cada uma delas está sempre o Tyler. Constantemente com o meu pai. Constantemente com o Jamie. Ontem com a minha mãe. Agora com a Rachael. Mesmo que o Tyler tenha estado ausente da minha vida ao longo de todo o ano passado, ele ainda conseguiu encontrar maneira de voltar e pô-la de pantanas. Eu culpo-o por tudo isso, por transformar cada momento da minha vida num caos, e sinto como se o odiasse agora mais do que

antes, embora não tenha a certeza se isso é possível. E nas três próximas noites serei forçada a estar perto dele.

Mordendo o lábio inferior, vou até à janela da Rachael e fico a olhar para a Deidre Avenue. Como o meu, o quarto dela é o da frente e do centro, e às vezes, do outro lado da rua, acenamos uma para a outra das janelas dos nossos quartos. É um bocadinho pateta, na verdade, mas faz-nos sentir em contacto, mesmo quando não estamos juntas.

Pensando no meu quarto, franzo os olhos para espreitar para a casa do meu pai e da Ella. Todos os carros estão lá, exceto o meu e o do Tyler. Por mais patético que pareça, estacionei-o algumas casas mais abaixo, para que nem o meu pai nem a Ella descubram que estou aqui. Estou a tentar evitá-los, mas, mesmo assim, questiono-me sobre o que é que estarão eles a fazer agora. Ainda estarão a discutir? Estarão a fazer as malas em silêncio, recusando-se a fazer contacto visual um com o outro? Irá o Jamie fazer uma última tentativa para escapar à viagem? Será o Chase o único realmente entusiasmado em ir? Eu não sei, mas fico feliz por não estar lá.

— Achas que ele ainda está apaixonado por ti? — pergunta a Rachael sobre o som do genérico do episódio, reduzindo o volume ao mesmo tempo. Não percebo de onde vem a súbita mudança de assunto, mas sei que isso me surpreende completamente.

Quando me viro para olhar para ela, encontro já fixo em mim o seu olhar suave. Está totalmente calma e relaxada novamente, como se não tivessemos perdido a calma uma com a outra. — Eu não quero que ele esteja — digo, com a voz um pouco rouca. Aclaro a garganta e endireito-me, atravessando o tapete para recuperar o meu telemóvel do chão. Vejo as horas e verifico que já passa das onze. — Tenho de ir. Vamos sair por volta da uma e ainda não estou pronta.

A Rachael põe a televisão em pausa e levanta-se da cama, pronta para me levar para baixo. Os pais dela estão ambos no trabalho, portanto tivemos a casa só para nós, pelo que me sinto grata. Ella não ficaria feliz se a Dawn e o Philip me tivessem ouvido desabafar sobre o nosso drama particular. Ela prefere que as fissuras na nossa família não sejam visíveis, embora estejam a ser cada vez mais difíceis de esconder.

— Mete na bagagem as cuequinhas mais feias que conseguires — diz a Rachael.

Os meus olhos estreitam-se e eu olho para ela, espantada. — O quê?

— Para manteres o Tyler afastado.

— És um nojo — digo, abanando a cabeça e fazendo uma careta, mas ela limita-se a deitar-me a língua de fora. Mantendo-nos dentro do saudável tom de brincadeira, empurro-a para fora do meu caminho. — Não precisas de me acompanhar.

— Aproveita bem a viagem — diz ela, contendo o desejo de rir. — Se queres que te diga, não me parece que haja duas saídas possíveis. Ou vocês se entendem excecionalmente bem e voltam para casa como uma grande e antiga família de grandes amigos. Ou — continua ela — acabam todos mortos amanhã de manhã.

— Provavelmente será essa última hipótese — respondo. — Vou acabar por estar a ligar para ti de meia em meia hora para me lamentar. Espero que não te importes.

— Nunca.

Digo-lhe que a venho ver assim que regressar na próxima semana e ela promete rezar pela minha sanidade mental nos próximos dias, e então eu desço as escadas e deixo-a entregue à sua maratona de *Donas de Casa Desesperadas*. Faço uma pequena corrida desde a porta da Rachael e tenho o cuidado de manter a cabeça baixa. Volto ao meu carro sem que ninguém dê por isso, o que me faz pensar em como é trágico ter chegado ao ponto de andar a fugir pelas ruas para evitar que o meu pai ou a Ella me vejam. Enquanto me dirijo para casa, para a casa da minha mãe, a única coisa que me apetece é fazer inversão e ir por aí, sair desta cidade. Talvez para San Diego ou Riverside, onde poderia esconder-me até o meu pai e a Ella serem forçados a ir embora sem mim. É para que se tenha a noção de quanto eu temo esta viagem para Sacramento. Mas não tenho coragem de fazer isso, portanto acabo na minha própria garagem, de volta à minha própria casa, e preparo-me para fazer a mala, a mala para uma viagem que não quero fazer. Pensar nisso deixa-me de mau humor, então entro em casa parecendo muito mais descontente do que o habitual. Surpreendentemente, a minha mãe está acordada e já a empilhar talheres na máquina de lavar a louça. Faz uma pausa e endireita-se quando me ouve, apertando melhor o roupão.

— Ah — digo. Fecho a porta atrás de mim e hesito, no meio da sala, olhando para ela na cozinha. Desde a nossa discussão de ontem que

não nos falamos. — Porque é que estás acordada tão cedo? — Quando ela faz o turno da noite, nunca está acordada antes da uma, portanto isto é excecional.

— O Jack disse-me que vais para Sacramento com o teu pai — diz ela, muito lentamente, não respondendo à minha pergunta.

Passo as pontas dos dedos sobre as sobrancelhas e depois fricciono as têmporas. — Sim. Não tenho escolha.

— É muito em cima da hora. — Ela inclina-se para trás contra a bancada da cozinha e observa-me com grande intensidade.

— Eu sei. A Ella acha que nos vai reunir de novo, ou lá o que é. — Encolho os ombros e olho em volta da casa. Normalmente, nesta altura, a *Gucci* já me tinha deitado ao chão. — Onde está a cadela?

— O Jack levou-a a passear — diz. Depois afasta-se da bancada e aproxima-se de mim com os braços cruzados sobre o peito e os chinelos arrastando-se contra o piso da cozinha. Ainda há algum espaço entre nós quando ela para. — Tu queres ir para Sacramento?

— Estou com cara de que quero ir para Sacramento? — aponto para o meu próprio rosto com os dois dedos indicadores para enfatizar a minha expressão furiosa e carregar o meu olhar. — A Ella não me dá alternativa.

— E a Ella é tua mãe? Não. — A minha mãe inclina a cabeça para o lado. — Se não queres ir, eu posso falar com ela.

— De que é que serve? Ela não vai recuar. — Praguejo em voz alta e estico o cabelo pelas pontas dos meus dedos, ao mesmo tempo que arrasto os pés pela sala, em direção ao corredor e à porta do meu quarto. Quando vou a entrar, espreito por cima do ombro para a minha mãe, que está a observar-me, de testa franzida. — Portanto, é isso, vou estar fora da cidade a partir de agora até segunda-feira. E tenho que ir fazer a mala.

Entro e fecho a porta do quarto, esperando que a minha mãe não venha atrás de mim, e felizmente ela não o faz. Talvez façamos aquela coisa em que não falamos sobre o que aconteceu ontem e, em vez disso, continuemos como se nada tivesse acontecido. Eu não tenho a certeza do que prefiro, mas não tenho tempo para pensar sobre isso, porque o meu pai e a Ella vêm-me buscar dentro de pouco menos de duas horas. Deixei a mala para fazer, o banho para tomar e tudo para

preparar para o último minuto, por isso agora tenho de correr. Tiro as minhas malas de debaixo da cama, puxo a mais pequena para cima da cama e abro-a.

As etiquetas dos voos de quando vim para casa no mês passado ainda estão penduradas e rasgo-as em bocadinhos. Talvez este verão tivesse sido melhor se tivesse ficado em Chicago. Nunca teria de lidar com o Tyler nem com o meu pai. Estaria em Illinois, totalmente alheia ao drama em casa, ia fazer viagens de carro com a minha colega de quarto e conhecer o Centro-Oeste. Íamos ficar acordadas até tarde e dormir o dia todo. Íamos a festas e a espetáculos e festivais. Mas isso não aconteceu porque a minha colega de quarto foi para casa, em Kansas City, e eu para casa, em Santa Monica, e está a provar-se ter sido uma das piores decisões que já tomei. A única coisa que me está a aguentar é a esperança de que quando o Tyler voltar para Portland as coisas não serão tão más. Com um bocado de sorte, este fim de semana vai ser a última vez que o vejo.

* * *

O *Lexus* do meu pai está estacionado em frente de casa há quinze minutos, depois de chegar antes da hora marcada. Ele continua a buzinar, a minha mãe continua a gritar da sala que ele está lá fora e a *Gucci* continua a ladrar, mas eu não estou exatamente pronta. O meu cabelo ainda está húmido do duche apressado que tomei e estou a tentar meter na mochila as coisas essenciais de última hora, como o carregador do telemóvel e o perfume que a minha mãe me deu de presente no Natal e os meus fones e a edição de fevereiro da *Cosmopolitan* com a Ariana Grande na capa, que eu encontrei no meu armário, gritando: «Sim, eu sei! Eu estou a ouvir, mãe!», e a atar os atacadores dos meus *Converse* ao mesmo tempo. Por pouco não parto uma perna quando entro na sala de estar, arrastando a mala atrás de mim, torcendo as pontas do meu cabelo com a mão livre, com a mochila pendurada no ombro.

A minha mãe já está vestida e posta atrás da janela, a espiar sorrateiramente através das persianas, mas quando me aproximo afasta-se de repente e diz: — Lá vem ele.

Uma fração de segundo depois, a campainha toca, e, ao mesmo tempo, o meu pai bate com a mão na porta. A minha mãe revira os olhos, enquanto a *Gucci* ladra e salta contra a porta. A minha mãe avança, aproxima-se e abre.

O meu pai está do lado de fora, segurando o pulso dramaticamente em frente do rosto, fazendo questão de sublinhar que está a olhar para o relógio, e a *Gucci* faz uma investida para ele, que me dá tanto, tanto gozo, até que a mãe a segura pela coleira e a puxa para trás.

O meu pai recua imediatamente alguns passos e faz uma cara de ofendido, fitando a *Gucci* com um olhar ameaçador, como se ela estivesse a preparar-se para o desfazer em pedaços ou coisa do género. Enquanto isso, eu mantenho-me ronceiramente de lado, ligeiramente fora de vista.

— Sim, David? — diz a minha mãe com indiferença, mas com um ar de doce sarcasmo, enquanto afaga as orelhas da *Gucci*.

Os lábios do meu pai contraem-se numa linha apertada. — A Eden ficou surda de ontem para hoje? Onde raios é que ela se meteu? Temos uma viagem de seis horas pela frente e precisamos de sair agora.

— Ah, eu ouvi falar nisso — diz a minha mãe, e a sua voz adquire aquele tom agridoce que tenho a certeza que o meu pai está a captar. Ela belisca o lábio inferior com a mão livre e acrescenta: — Sacramento, não é? Que encantador. A Eden está cheia de medo do que vai ser este fim de semana, portanto, quero apenas dizer-te que estás a forçá-la a ir contra a sua vontade, e eu juro por Deus, Dave, se tu fizeres deste fim de semana um inferno, eu própria vou buscá-la e trago-a para casa.

— Por favor, cala-te com isso. — Ele semicerra os olhos e fita-a com tal repreensão que não há forças capazes de me meterem na cabeça que algum dia estes dois estiveram destinados a apaixonarem-se um pelo outro. — A última coisa que eu quero fazer é esta viagem. É tudo decisão da Ella.

— Obviamente — observa a minha mãe secamente. — Era muito improvável seres tu a organizar algum tempo de qualidade com a tua família.

— Pelo amor de Deus, Karen.

Não quero ver a fúria da minha mãe aumentar, então rapidamente entro no campo de visão do meu pai antes que eles se envolvam numa

discussão desnecessária. Ele vê-me imediatamente e o seu olhar fica ainda mais agressivo.

— O que é que estás a fazer aí plantada? — pergunta ele, num tom que está longe de ser agradável. Como de costume, é rude, áspero e cheio de ressentimento. — Entra para o carro.

A minha mãe é rápida a vir em minha defesa. Assim que as palavras saem dos lábios dele, já ela levanta a voz para dizer: — Não fales assim com ela.

— Tudo bem, mãe — digo, embora eu saiba que não está nada bem, e atiro-me rapidamente para um abraço, antes que ela comece a ameaçá-lo de morte.

Com uma mão ainda a segurar a *Gucci*, ela envolve-me com o outro braço e sussurra ao meu ouvido: — Ele é um idiota. — Afasto-me e sorrio para ela, concordando.

— Rápido — resmunga o meu pai e o meu sorriso rapidamente desaparece quando faço rodar a minha mala, empurrando-o propositadamente para fora do caminho com uma cotovelada e evitando o contacto visual. *Odeio-o*.

— Eden — chama a minha mãe por mim. — Lembra-te de que estou a um telefonema de distância.

Eu olho para trás, por cima do ombro, aceno para ela com a cabeça e continuo até ao carro. O motor ainda está ligado e a Ella olha-me, do lugar do passageiro, e dirige-me um pequeno aceno. Eu suspiro, mas felizmente ela não consegue ouvir. Os meus pais estão ainda à porta, a trocar alguns insultos de despedida, e eu abro a bagageira e dedico um bom minuto ao passatempo de reorganizar as outras malas todas para conseguir arranjar um espaço onde enfiar a minha. Fecho a bagageira e sento-me no banco de trás, com a mochila.

— Olá, Eden — cumprimenta a Ella, rodando o corpo para olhar para mim, sentada atrás dela. — Pronta para irmos?

— Não — respondo, brusca como sempre, e então olho para a minha esquerda quando vou puxar o cinto de segurança.

O Chase está no assento do meio, ao meu lado, a jogar no telemóvel, com os *headphones* postos. Levanta os olhos, sorri para mim apenas por um instante e volta para a *app* em que parece estar absolutamente absorvido. Inclino-me para a frente para olhar para além dele e vejo o

Jamie com os braços cruzados sobre o peito, a cabeça virada para a janela e os fones nos ouvidos. Respiro fundo e instalo-me melhor no meu lugar, desenrolo do pulso uma tira para o cabelo, que prendo num rabo de cavalo feito à balda só para afastar o cabelo da cara. É uma longa viagem até Sacramento.

O pai volta finalmente para o carro, fechando a porta violentamente atrás dele enquanto murmura em voz baixa. É muito provável que seja algo sobre a minha mãe, um insulto que provavelmente a destruiria se ela ouvisse. Ele e a Ella trocam um olhar, comunicando apenas através dele, e então o meu pai ajusta o seu assento e afasta-se da casa. Eu lanço um olhar pela janela, pronta para fazer um último aceno à minha mãe, mas a porta da frente já estava fechada.

E só quando o meu pai começa a conduzir é que reparo que falta qualquer coisa. O carro está cheio e temos um membro da família a menos, e só de imaginar que ele conseguiu sair desta viagem idiota é suficiente para me deixar louca. Se eu tenho de sofrer com isto, então ele também tem de sofrer o mesmo. — Então — digo, quebrando o silêncio —, onde está o Tyler?

— Não gostavas de saber? — murmura o meu pai em resposta, mas sinto que ele não tinha intenção de que eu ouvisse isto. Então finjo que não ouvi e mantenho os olhos fixos na parte de trás da cabeça de Ella através da abertura no encosto de cabeça na minha frente.

— Ele vai sozinho no carro dele — diz ela, depois liga o rádio e não diz mais nada.

E isto é comunicação familiar suficiente para mim por um dia. Procuro os fones dentro da mochila, coloco-os nos ouvidos e, em seguida, puxo o capuz do meu *hoodie* sobre a minha cabeça. Instalo-me confortavelmente, aperto os cordões e viro-me para olhar pela janela, aumentando o volume da minha música o mais possível. Parece que nós os três, encaixados no banco de trás, preferimos bloquear-nos uns aos outros. Desta forma, nenhum de nós tem de falar, e isso é ótimo, porque nenhum de nós quer.

8

Nunca estive em Sacramento. Quer dizer, claro, já estive em Los Angeles e já estive em São Francisco, mas nunca visitei a capital do estado até agora.

Passa pouco das seis e meia da tarde quando finalmente chegamos, e as minhas pernas estão dormentes e as minhas costas estão rígidas. Quando o meu pai estaciona, por fim, no luxuoso hotel que a Ella reservou para nós, eu não poderia estar mais desesperada para sair do carro. Foi uma viagem longuíssima e, ainda por cima, terrivelmente desconfortável.

Durante todo o fim de semana, estamos hospedados no Hyatt Regency, no centro de Sacramento, mesmo em frente do Capitólio do estado da Califórnia, como Ella nos informa a todos, mas não consigo ver o raio do monumento porque está cercado por muitas árvores. O meu pai desliga o motor, entrega as chaves ao porteiro em frente da entrada principal do hotel e nós saímos todos do carro como *zombies*. Para o rececionista, devemos ganhar o prémio da família mais mal-humorada que já passou por ali.

O sol do fim de tarde está ainda muito quente, o que me faz tirar o capuz e abanar a cara enquanto tiro a mala do porta-bagagens, arrastando com ela, acidentalmente, a do Jamie, que cai no chão — é claro que ele fica tudo menos satisfeito, o que me vale mais um dos seus olhares assassinos que já me habituei a ignorar. Aliás, estou a ficar especialista em ignorar as coisas.

— Achas que uma cena destas vai funcionar? — A voz do Chase vem da minha retaguarda, enquanto eu sigo atrás do meu pai, da Ella e do Jamie em direção à entrada.

Diminuo a velocidade, fazendo a minha mala parar e olhando por cima do ombro para ele. Ele corre para me alcançar. — Que cena é que eu acho que vai funcionar?

— Isto — diz ele, e num gesto abarca o hotel, e depois todos os outros, e depois as ruas ao nosso redor. — Achas que isto vai impedir todos de discutir?

— Não sei — reconheço. Honestamente, duvido que forçar-nos, a nós os seis, a passar tempo juntos faça qualquer diferença quando se trata de mudar as nossas perspetivas. Eu acredito seriamente que já passámos para além do ponto sem retorno. — Mas acho que vamos descobrir.

Dirigimo-nos para o átrio principal, todos com o ar mais mal-humorado do mundo, à exceção da Ella, e ela merece algum crédito por, de alguma forma, manter uma atitude positiva, apesar do ar indescritivelmente carrancudo que todos os outros mantiveram durante toda a viagem. Ela e o meu pai dirigem-se para o *check-in*, enquanto o resto de nós se dispersa, esparramando-nos ao longo dos sofás luxuosos que decoram o enorme átrio.

— Espero que o Tyler fique sem combustível — murmura o Jamie. Ele está aos pontapés à mala, mantendo no rosto as trombas habituais. — Para ser honesto, duvido que ele apareça.

— Porque é que ele não havia de aparecer? — pergunta o Chase.

— O que deves perguntar é: Porque *havia* ele de aparecer?

Eu partilho do ponto de vista do Jamie. Se eu fosse o Tyler, não aparecia. Continuaria a conduzir. Quem sabe? Talvez seja exatamente isso que ele está a fazer. Talvez ele esteja a seguir diretamente para Portland e nunca mais o voltarei a ver.

Por alguma razão estranha, sinto um aperto no estômago.

— Eden — diz a Ella aproximando-se de nós. — Tu ficas comigo. — Ela segura um cartão-chave enquanto o meu pai passa por trás dela com a mala enorme. — Jamie, tu ficas com o Dave. Chase, tu com o Tyler.

— Fixe — diz o Chase. Levanta-se do sofá no momento em que o bagageiro chega para levar a nossa bagagem.

Continuo a achar toda esta experiência estranhíssima. Nós nunca fizemos isto. Nunca fiz uma viagem de seis horas de carro com o meu pai. Nunca partilhei um quarto de hotel com a minha madrasta. Nunca estive sentada num *lobby* de hotel ao lado dos meus meios-irmãos. E quanto mais eu penso sobre isto, mais me surpreende que nunca tenhamos estado de férias juntos. Nós somos uma família há três anos. Ou pelo menos tentamos ser.

Subimos nos elevadores e seguimos para os nossos quartos, todos os

três ao lado uns dos outros, no sétimo andar, de frente para o edifício do Capitólio. Concordamos todos em precisar de uma boa meia hora para nos instalarmos antes de sairmos para jantar, e, apesar de estarmos todos com muita fome, estamos duas vezes mais cansados. Viajar teve esse efeito sobre nós e ainda são só sete horas.

O quarto que a Ella e eu partilhamos é enorme, com duas grandes camas de casal, vou diretamente para a mais próxima da janela, e sento-me na beira do colchão macio para reivindicá-lo como meu. Olho pela janela e vejo as árvores novamente e a ponta do edifício branco do Capitólio. Não é assim tão excitante, então desvio o olhar para longe e vejo a Ella a observar-me, do outro lado do quarto.

— Eu sei que estás furiosa — diz ela depois de um minuto. Lentamente, ela caminha sobre o tapete e senta-se a um canto da outra cama, mantendo sempre os olhos fixos nos meus. — Mas não tive escolha, Eden. Estamos todos a desmoronar.

Eu não posso manter o olhar no dela, porque ela tem razão. Eu *estou* furiosa e até me sinto culpada por isso, então olho para os meus pés. — Não é por isso que estou furiosa.

— Ah. — Um momento de silêncio, exceto pelo som fraco do trânsito lá fora e uma televisão a tocar no quarto ao lado. — Então porque é que estás furiosa?

No princípio, encolho os ombros. Não quero contar-lhe, a ela, porque não quero falar com ela sobre isso. Mas então ela diz o meu nome com firmeza e sou obrigada a dar-lhe atenção. Engulo e depois digo. — Estou louca pelo Tyler.

— Compreendo — diz ela suavemente, cruzando uma perna sobre a outra e dirigindo-me um sorriso simpático, como se fosse uma maldita terapeuta.

Semicerro os olhos e levanto-me. Como é que pode compreender? — Não, tu não compreendes nada — argumento bruscamente, e creio que é a primeira vez que uso um tom de tal modo agressivo com ela. E depois de começar simplesmente não consigo parar. — Porque, se tu compreendesses minimamente, não o tinhas posto à minha frente como fizeste. Tu sabias que não o queria ver. Eu não deixei isso suficientemente claro?

— Lamento profundamente — diz ela, mas está a piscar para mim

com os olhos arregalados, como se estivesse espantada, seja por causa das palavras que estou a dizer ou do tom que estou a usar. Não sei qual deles. — Ele estava a morrer de vontade de te ver.

— Estás a ver, é isso que eu não entendo — admito, abanando a cabeça. — Com tanto que tens para fazer, o que é que te passou pela cabeça para te dares ao trabalho de nos juntares? És *louca*? Já te esqueceste do que aconteceu no verão passado? Já te esqueceste pelo que passámos?

— Eden... — E fica em silêncio.

Mas eu já estou lançada naquela cena do costume, aquela cena em que não consigo parar de gritar e a minha fúria não para de crescer e só quero berrar. — Estou furiosa com tudo. Estou furiosa com ele por se ter ido embora. Estou furiosa com ele por cortar completamente comigo. Estou furiosa com ele por ir para Portland. Estou furiosa com ele por voltar a aparecer como se nada tivesse acontecido e está tudo bem. — E de repente entro no ponto de fúria que cruza a linha de raiva quente para raiva dolorida, e agora estou a chorar, ainda que de início dificilmente me aperceba disso. Os meus olhos queimam e a Ella começa a ficar embaciada na minha frente e, mesmo assim, continuo, sem parar. — Estou furiosa com ele por ser metade do motivo pelo qual esta família está num caos, mas as culpas caem todas em cima de mim. Estou furiosa com ele por ser a razão pela qual continuo a discutir com toda a gente ao meu redor. Estou furiosa com ele por ser o motivo pelo qual o meu pai me odeia. E sei que isso soa horrivelmente, mas estou furiosa com ele por existir, estou furiosa contigo e com o meu pai por se terem conhecido e estou furiosa comigo mesma por um dia ter concordado em vir passar aquele verão com vocês.

— Oh, Eden — ouço-a murmurar carinhosamente, sentindo o seu toque terno e quente quando ela se levanta e me puxa para os seus braços.

Estou a tremer violentamente, a chorar incontrolavelmente e sinto-me patética por estar neste estado de nervos uma vez mais. Tenho dezanove anos, mas estou a chorar no ombro da minha madrasta por causa do filho dela, e é estranho e embaraçoso e não deveria estar a acontecer, mas agora é tarde demais.

— Escuta — diz ela ao meu ouvido, enquanto desenha círculos

suaves nas minhas costas, o que me faz sentir por volta dos dez anos, mas é reconfortante e não me importo nem um bocadinho —, o teu pai não te odeia, portanto, por favor, não penses isso.

— Odeia, sim. — Forço as palavras através da minha choradeira, afastando-me da Ella um pequeno passo e fitando-a, com lágrimas a escorrer pelo meu rosto. — Ele não pode sequer ver-me.

— Isso não é verdade. Só que... — As palavras apagam-se enquanto ela pensa sobre a coisa certa a dizer, e as suas mãos pousam agora nos meus braços. — Só que é difícil. Nós as duas sabemos que ele nunca foi o maior fã do Tyler, e quando tu e o Tyler formam um par... então... então o teu pai não gosta disso.

— Mas já não há nada entre nós e ele continua na mesma — fungo. Estendendo a mão, enxugo os olhos com o polegar. Nem preciso de me ver ao espelho para saber que estou uma desgraça.

— Não há nada entre vocês? — repete a Ella, levantando uma sobrancelha. — O Tyler sabe disso?

— Deixei tudo bem claro entre nós ontem.

No momento em que ela está a abrir os lábios para dizer alguma coisa, o telemóvel dela começa a tocar. Reconheço imediatamente o toque genérico enquanto o vejo brilhar dentro da mala. Ela solta-me e atrapalha-se a tirar o telemóvel, antes de responder. Ela diz alô. E depois que vai já descer.

— Ele está aqui — diz, depois de desligar, afirmando o óbvio. — Seca os olhos e refresca-te, OK? Nós vamos jantar e vamos todos conversar. Volto daqui a cinco minutos.

No segundo em que ela sai, sento-me na minha cama e respiro. Sem mais lágrimas, sem mais raiva, sem mais nada. Os meus olhos descansam no tapete e o meu corpo está parado, o único pensamento que surge na minha mente agora é que estou cansada de me sentir assim. Estou cansada de me sentir culpada e cansada de me sentir magoada e cansada de me sentir sozinha. Estou tão cansada.

Quando a Ella regressa, quinze minutos depois, em vez dos cinco, não conversamos. Eu posso ter-me restabelecido e acalmado, mas há uma sensação de desconforto entre nós, provavelmente porque eu deitei abaixo o filho dela bem na sua frente. Passamos uma rente à outra e fazemos o contacto visual essencial, mas é tudo. Mudei de roupa e

apliquei um pouco de *blush* para me dar alguma cor, e agora estamos a sair do nosso quarto em silêncio para nos encontrarmos com os outros. Mas nenhum deles está à espera no corredor, como deveriam, então a Ella começa a bater às respetivas portas, dizendo-lhes «vamos embora» e «despachem-se». Quase ao mesmo tempo, as duas portas abrem-se e os nossos quatro homens juntam-se a nós no corredor. Mas eu estou a olhar apenas para um deles, para o Tyler.

Não o vejo desde a noite passada, quando saí de casa do meu pai e fiz todo o percurso até à minha casa a pé. Não sei bem como é que se está a sentir em relação a tudo isto, até porque está com um ar absolutamente desprendido, especialmente quando repara no meu olhar sobre ele. Não o desvio e, enquanto Ella e o meu pai trocam sugestões sobre onde ir jantar, todos começamos a percorrer o corredor em direção aos elevadores. O Tyler acaba por se deixar ficar para trás, ao meu lado, e embora haja uma distância segura de vários centímetros entre nós, eu dou por mim a desejar que não houvesse. É uma sensação estranha, e sinto-me tão atraída por ele, porque ele me é tão familiar, que acabo por sentir a absoluta necessidade de lhe dizer qualquer coisa. Não consigo resistir.

— Como foi a viagem?

Ele olha de lado para mim, enquanto andamos, e de início parece um pouco surpreendido. Parece que não estava à espera que eu falasse com ele, e especialmente não tão descontraidamente. Mas ele ainda é meu meio-irmão, apesar de tudo, portanto, tenho de tratá-lo como tal. — Correu bem — diz ele.

— Não ir preso, como nós todos, dentro daquele carro já é correr bem — respondo. Pelo canto do olho, verifico que o meu pai não percebeu que estamos a falar e, portanto, mantenho a voz baixa. Falar com o Tyler na frente do meu pai, por muito inocente que seja, será sempre uma coisa de que ele não gostará.

— Podias ter vindo comigo — diz o Tyler, mas imediatamente morde o lábio inferior e acrescenta: — Desculpa. Esquece que eu disse isso.

Paramos de conversar quando entramos no elevador, e o meu pai olha-me com desconfiança durante todo o caminho até chegarmos ao *lobby*. Ele faz-me sentir eternamente culpada, mesmo que eu não esteja a fazer nada de errado. Assim que as portas se abrem, ele franze a testa

e olha para longe. Na verdade, acabamos por ir para a Dawson's, a *steakhouse* do hotel. O Tyler suspira, mas não comenta. Parece que ele ainda mantém o seu estilo de vida vegetariano.

Apesar de chegarmos sem reserva às sete e meia da tarde numa sexta-feira, o restaurante consegue encaixar-nos numa mesa a um canto lá no fundo. Eu posso dizer, mesmo sem ver a ementa, que os preços são exorbitantes. Há uma sensação geral de sofisticação no ambiente e é extremamente formal, o que me faz sentir mal vestida, apesar de ter mudado de roupa. É escuro, mas aconchegante, e nós os seis sentimo-nos confortáveis, refletindo enquanto dissecamos a ementa e depois parecendo absolutamente normais quando fazemos os pedidos.

Mas então o silêncio vem novamente.

O meu pai bate na mesa com as pontas dos dedos. O Jamie começa a fazer girar a faca entre os dedos. O Chase pega no telemóvel e está a usá-lo, discretamente, debaixo da mesa. O Tyler está sentado à minha frente, portanto é fácil ver como ele olha para as próprias mãos, no colo, entrelaçando os dedos repetidamente. A Ella e eu somos as únicas atentas a todos, e ela abana a cabeça para mim, como se dissesse: *Acreditas nisto?* Eu *acredito*, por isso limito-me a encolher os ombros.

— Arruma o telemóvel — diz ela ao Chase, e apenas pelo som da sua voz, firme e severa, todos nós percebemos que ela tem algo a dizer. Um por um, todos nós olhamos para ela e esperamos, como fizemos ontem. — Vamos conversar — diz ela.

Dir-se-ia que está prestes a cortar com todos nós, porque tenho aquela sensação doentia no estômago que só de ouvir estas palavras me provoca. O Jamie resmunga e pousa a faca, melodramaticamente, recostando-se na cadeira e cruzando os braços sobre o peito.

— Aqui? — pergunta o meu pai. Indeciso, ele franze as sobrancelhas enquanto olha em redor pelo restaurante. Todos os outros clientes estão a conversar, a rir, a sorrir e divertindo-se: tudo o que não estamos a fazer.

— Sim, aqui — confirma a Ella. — Nenhum de vocês vai fazer uma cena na frente de todas estas pessoas, pois não? — Ela arqueia uma sobrancelha, e isso lembra-me mais uma vez de como ela é incrivelmente inteligente quando se trata de lidar com situações complicadas. É o trabalho dela, afinal. Só que neste fim de semana a

sua linha de trabalho mudou de resolver questões civis para aliviar a tensão que corre por toda a família. — Era o que eu pensava — diz ela quando ninguém responde. — Bem, vamos finalmente falar todos de maneira civilizada.

— E então, sobre o que é que vamos conversar? — O meu pai desafia-a. Às vezes pergunto-me se ele faz isso apenas com o objetivo de a irritar. Ele sabe que há tudo para falar.

Ella ignora-o. Em vez disso, pousa as mãos entrelaçadas sobre a mesa e olha para cada um de nós individualmente. — Quem quer começar?

Ninguém diz nada. Os olhos do Tyler voltam a fixar-se no colo dele e o meu pai apenas dirige o olhar para a Ella, com uma expressão desagradável afivelada no rosto. O Jamie pega na sua bebida e bebe com grande concentração. O Chase olha para mim, mas não sei o que é que ele espera de mim, portanto, volto o meu olhar para a Ella.

— Eden? — pede. Mas eu não quero ser a primeira. Na verdade, não quero falar sobre nada. Por isso, abano a cabeça e rezo para que ela deixe passar a minha vez. Ela deixa, mas não sem premir a mão sobre os olhos e suspirar. — Alguém por favor é capaz de me dizer quando é que tudo isto começou.

— Quando é que começou o quê? — pergunta o Jamie. Ele pousa o copo e inclina a cadeira para ela.

— Quando é que todos nós deixámos de falar? Quando é que todos nós começámos a discutir por tudo e por nada?

O Jamie engole em seco. — Hum, tu sabes quando. — Ele olha para o Tyler. E depois olha para mim.

— Alguém que ouse dizer isso em voz alta, já — diz a Ella, mas a sua frustração é evidente no seu tom. — Porque é que não podemos simplesmente falar sobre isso, em vez de andarmos em bicos de pés à volta do assunto como andámos a fazer no ano que passou?

— Isso é uma piada? — interrompe o meu pai, piscando para ela.

Ela semicerra os olhos na direção dele. — Tenho ar de ter na manga uma boa réplica de «Parece que estou a segurar um soco?». — Ele não responde.

O meu olhar vai ao encontro do Tyler, e ele olha para mim imediatamente, como se o pudesse sentir sobre ele. A sua barba hoje

está um bocadinho mais certa, como se ele finalmente decidisse cuidar-se um pouco, mas as suas sobrancelhas estão grossas e unidas. Nós os dois sabemos que a Ella se está a referir a nós, no verão passado, ao momento em que a verdade sobre o nosso relacionamento foi evidente. Não é difícil apontar esse momento como o dia em que nos dividimos. Todos nós sabemos isso.

Lentamente, ele respira fundo e eu vejo nos seus lábios formarem-se as palavras: — Tudo isto é por causa da Eden e de mim. — E a cada palavra que ele murmura os seus olhos permanecem presos nos meus, até que por fim é obrigado a afastá-los. Dirige o olhar para a Ella.

— Muito bem — diz ela. — Vamos então começar por aí.

O meu pai quase que se engasga. Pega na sua cerveja e toma um longo gole, enquanto se inclina, afastado de todos nós, claramente desejando não participar na conversa. Eu entendo, porque a última coisa que quero fazer agora é falar sobre o meu relacionamento anterior com o Tyler, especialmente na frente de todos eles. Mas parece que é exatamente isso que a Ella quer que façamos.

— Jamie — diz ela calmamente. — Tu és o primeiro. Diz aquilo que queres dizer.

— Seja o que for?

— Seja o que for — confirma ela.

Jamie pensa por um momento, olha para um lado e para o outro, entre o Tyler e eu, como se estivesse a tentar lembrar-se de todos os seus sentimentos por nós. Espero a explosão de um discurso similar ao de ontem, mas não. A única coisa que ele diz é: — É embaraçoso.

A Ella acena com um movimento da cabeça e depois muda o seu olhar intenso. — Chase?

— É *sei lá* — diz o Chase. — Quero dizer, é um assunto assim tão importante?

— É claro que é um assunto muito importante — diz o Jamie entredentes, e o Chase recua, o que me leva a crer que levou um pontapé do Jamie por debaixo da mesa. — Consegues chegar lá? É como se tu beijasses a Eden. Achas suficientemente nojento?

Os meus lábios juntam-se numa linha firme e eu olho para ele. — Sabes, Jamie, portares-te como um idiota não ajuda a situação.

— Eden — ameaça o meu pai entredentes. Ouço o som do copo da

cerveja quando ele bate ao pousar na mesa, e a minha atenção volta-se imediatamente para ele. — Acaba com essa tua atitude.

— *Minha* atitude? — Os meus olhos arregalam-se e eu rio de genuína incredulidade antes que a agressão se instale. — E quanto à atitude do Jamie? E a tua?

O meu pai abana a cabeça sem parar e toma mais um gole de cerveja sem despregar os olhos de um ponto ao acaso na parede do restaurante. Não responde, porque é o que o meu pai faz quando não tem uma coisa lógica para dizer. Ele sabe que eu tenho razão, independentemente de estar ou não disposto a admiti-lo.

Então eu continuo a insistir e, pelo canto do olho, vejo que o Tyler me observa de perto. — A Ella tem razão, pai. Vamos finalmente conversar. Porque é que tu não gostas de mim? Vá, diz lá — exijo. — Diz-me. Diz-me porque é que sou uma filha tão patética para ti. — Eu quero ouvi-lo dizer isso. Eu quero ouvi-lo admitir isso.

A Ella troca comigo um olhar de advertência, mas, ao mesmo tempo, parece quase aliviada, como se tivesse sempre desejado que eu dissesse tudo isso. Quando desvia os olhos de mim, ela inclina-se sobre a mesa e tira o copo de cerveja da mão do meu pai. — Responde-lhe — diz ela. — Não se vai resolver o que quer que seja se não lhe responderes.

— Queres uma resposta — replica brutalmente o meu pai, voltando a pegar no copo de cerveja. O casal na mesa ao lado da nossa lança um olhar preocupado a todos nós. — Muito bem — começa o meu pai. — Tu nunca passaste de uma desgraça desde o momento em que chegaste a Santa Monica. O que eu gostava mesmo era de poder voltar atrás e nunca te ter convidado para passar férias connosco. Afinal, mal te púnhamos a vista em cima, sempre por aqui e por ali, e nem metade do tempo foste a casa, e precisamente quando pensei que estavas finalmente a tornar-te suportável, regressas de Nova Iorque e eu descubro que estás metida numa qualquer aventura repugnante. Meu Deus, eu não consigo sequer imaginar o que é que eu tinha dentro da cabeça quando concordei em deixar-te passar o verão lá. — Ele olha para o Tyler e a sua expressão transfigura-se. — Eu não entendo o que é que tu consegues ver nele. Mas não interessa, o que sei é que vocês os dois juntos está errado. Mas isto faz sentido, não faz? Nenhum de

vocês presta quando se trata de fazer as coisas certas.

Eu não posso continuar à mesa.

Ouve-se um guinchar tremendo quando empurro a minha cadeira e me levanto. A Ella enterrou a cabeça nas mãos e o Jamie murmura: — Bem, eu concordo com a última parte —, o Chase pisca freneticamente os olhos arregalados, o Tyler ainda não deixou de olhar para mim, o meu pai sorve o resto da cerveja e *eu já dei para isto tudo*.

Eu sei que o objetivo de virmos conversar aqui, num restaurante tão elegante, era evitar que qualquer um de nós ficasse muito irritado e pudesse provocar uma cena, mas tenho de sair. Se não fizer isto, vou acabar por gritar algo igualmente violento e neste momento não falta o que dizer acerca do meu pai. E se morder a língua e ficar calada, vou certamente rebentar em lágrimas, porque atualmente eu pareço estar reduzida apenas a dois modos: raiva ardente e tristeza sem fim. Portanto, isto fica por aqui, saio enquanto ainda tenho a minha dignidade.

Quando, porém, tento passar pelo espaço estreito ao lado do Jamie, ouço outra cadeira a raspar no chão e quando olho rapidamente por cima do ombro o Tyler também está de pé. Dado que ele continua a observar-me com um olhar intenso, penso por um momento que ele vem comigo, que está prestes a abandonar este restaurante e a dizer-me que o meu pai é um idiota e que está tudo bem e que ele está arrependido por me ter deixado a aguentar com tudo isto, sozinha, durante um ano inteiro. Preciso de o ouvir dizer isso. Agora.

Passo por entre as mesas e pelo meio da equipa de empregados o mais rapidamente que posso, e vou diretamente para a porta, de regresso ao hotel. Aí detenho-me para esperar pelo Tyler.

Só que ele não vem. Está de novo sentado na nossa mesa, no canto mais distante, mas os seus olhos continuam a fixar-me. Ou o meu pai ou a Ella o detiveram ou ele mudou de ideia. Talvez agora, depois de tudo o que eu disse ontem, ele pense que eu já sou a rapariga atrás da qual valha a pena correr.

E, pior ainda do que isso, pior do que tudo o mais, é que eu queria que ele achasse que vale a pena.

9

Ella tem o cartão-chave do nosso quarto, portanto não posso voltar para lá, o que é uma merda, porque a única coisa que quero é estender-me naquela enorme cama de casal, afundar-me no colchão macio e nunca mais voltar a acordar. Em vez disso, fico-me pelo átrio, a princípio, a andar de um lado para o outro até que minha respiração se acalme, e então, por uma boa meia hora, afundo-me num dos sofás macios para continuar a observar as pessoas ao meu redor, hóspedes elegantemente vestidos, constantemente indo e vindo, saindo para desfrutar da sua noite de sexta-feira. Eu gostaria de poder aproveitar a minha.

Às oito e quinze, já estou cansada de observar todos os outros, assim decido levantar-me e seguir um jovem casal para o bar e *lounge* do hotel. Abandonei a minha salada no restaurante antes mesmo de chegar, portanto, continuo com fome e estou agora no ponto em que já nem quero saber o que como.

A atmosfera no *lounge* é elegante, brilhante e requintada, e embora eu aparente não ter mais de dezasseis anos, ninguém me aborda imediatamente para me expulsar. Talvez seja porque não há ninguém a vigiar as portas ou talvez também porque eu ignorei completamente o bar, e procuro um lugar onde não dê nas vistas. É então que vejo o pátio ao ar livre.

O Sol já se pôs e já é crepúsculo. Do lado de fora, o pátio não está tão cheio. As mesas aqui são mais afastadas umas das outras e têm chapéus de sol sobre cada uma. E há algo que eu nunca vi antes: lareiras ao ar livre também, todas iluminadas e brilhantes, rodeadas por sofás e cadeirões de vime. Uma das lareiras está livre, então vou diretamente para o sofá e deixo o meu corpo afundar-se nas almofadas. Fecho os olhos e sinto o calor do fogo no meu rosto.

Então o meu telemóvel vibra no bolso de trás dos *jeans*.

Endireito-me para lhe pegar, esperando que seja uma mensagem da Rachael, mas um nome totalmente diferente aparece no meu ecrã.

Tyler.

Estás bem?

O meu estômago contrai-se. Começo a escrever, para lhe dizer que estou bem, mas depois mudo de opinião e acabo por apagar.

na verdade, não — escrevo.

Onde estás? — ele responde dentro de uma fração de segundo.

Eu poderia mentir e dizer que estou na cama a tentar dormir cedo, para que ele me deixe em paz. Mas a verdade é que o que me está a fazer falta neste momento é companhia. Eu não quero mentir. Quero falar com ele e dizer-lhe tudo.

no lounge — digo eu. — *podes vir? estou cá fora, no pátio.*

Não demoro.

Olho para a mensagem dele por um minuto antes de pousar o telemóvel em cima da mesa na minha frente e afundar-me no sofá. Um empregado aproxima-se e eu mando vir a primeira coisa que vejo na lista: batatas fritas em palitos com parmesão. Nem me preocupo a pensar quantas calorias existem ali dentro. Mando vir, simplesmente, e espero. A espera, a solidão e o calor do fogo devem provocar-me moleza, porque eu estou quase a dormir quando a comida chega dez minutos depois, mas aí desperto um pouco. No entanto, continuo a ter uma sensação de esvaziamento, como se não tivesse mais energia para fazer frente ao meu pai, ao Jamie ou à Ella, e é neste estado de espírito que começo a comer as minhas batatas fritas, tão lenta e entorpecidamente que nem consigo apreciá-las como deve ser.

— Anda toda a gente a perguntar onde é que tu estás.

Olho para cima, com meia batata frita na boca, e vejo o Tyler parado na minha frente. Ele está a uma distância segura, uma distância que diz que *costumávamos ser muito mais do que isto*, e as mãos dele estão nos bolsos da frente dos *jeans*. Metade do rosto dele está laranja do fogo e a outra metade escura e sombria, a sua expressão é completamente gentil, o seu olhar delicado.

Eu engulo. — E disseste-lhes?

— Não — diz ele. — Queres que diga?

— Não.

Ele senta-se. Não ao meu lado no sofá, mas à minha frente na poltrona de vime, e não se recosta para trás, relaxado, apenas entrelaça as mãos entre os joelhos e olha para o fogo por um tempo. — Lamento muito a questão com o teu pai — diz baixinho, sem olhar.

— Iá — digo eu. — Eu também. — Não há qualquer mal-estar. Nem tensão. Até me sinto bem assim, envolvida num silêncio caloroso que é quase confortável. Puxo as pernas para cima no sofá e cruzo-as, enquanto os meus olhos repousam no maxilar do Tyler. — Não te atingiu, também?

— O que é que não me atingiu? — Ele inclina o rosto para mim e os nossos olhos fecham-se.

— O que o meu pai disse.

Ele abana a cabeça negativamente. — Na verdade, não. Quer dizer, é uma merda, mas eu estou a melhorar em relação a ignorar este tipo de coisas. — Ele semicerra os olhos. — Porquê? Esperavas que eu reagisse?

Estendo a mão para pegar noutra batata frita, meto-a na boca e encolho os ombros. — Um pouco. Aposto que o teu antigo eu lhe tinha aplicado uns murros.

Lentamente, o canto dos lábios do Tyler rasga-se num pequeno sorriso, e ele levanta uma sobrancelha. — O antigo eu?

— Esse. O que lhe deu uma coça no verão passado.

— Então, há um novo eu? — A sobrancelha arqueia-se ainda mais.

Eu assinto, porque não posso negar. Há algo diferente nele, e é como se em cada verão ele se tornasse uma versão mais avançada, melhorada e aprimorada do seu antigo eu. Pensei que ele tinha atingido o pico no verão passado, mas afinal era rebate falso. Tinha um estilo positivo, claro, mas ainda estalava com facilidade. Ele perdeu muito a calma no ano passado.

— Parece que sim — murmuro, e semicerro os olhos para o observar intensamente. Estou a tentar encontrar nos seus olhos algumas verdades, mas o brilho do fogo reflete-se neles e torna-se mais difícil.

— Bom — diz ele lentamente, com um trejeito dos lábios. — O mau seria se não houvesse, porque então eu teria passado um ano inteiro sem ti para nada. Teria destruído tudo à minha volta para *nada.* — Ele quebra o olhar que estamos a compartilhar e olha para o fogo por um momento, antes de baixar os olhos para as suas mãos entrelaçadas.

A minha garganta aperta-se.

Eu estava tão apaixonada por ti.

Eu não odeio o Tyler. Posso tê-lo dito à Rachael por causa do que

aconteceu no ano passado, mas é mentira. Posso ter dito à Ella que nunca mais o queria ver, mas percebi que isso é mentira também. Eu nunca poderia odiá-lo. Eu estou apenas... furiosa. Furiosa porque não me sinto já como costumava e furiosa com ele por me fazer sentir assim.

Quero regressar ao verão passado. Quero estar de volta a Nova Iorque, no telhado do prédio de apartamentos do Tyler, enquanto ele murmura em espanhol para mim. Quero que o Dean nunca tenha sido magoado e quero que o meu pai, a Ella, o Jamie e todos tenham compreendido. E quero que o Tyler não tenha partido.

Eu quero que tudo seja diferente, porque eu realmente não quero isto.

Quero estar apaixonada por ti.

Os meus olhos continuam fixos nele, o meu rosto quente, e faço a única coisa em que consigo pensar para manter a conversa: ofereço-lhe uma batata frita e empurro o prato na direção dele. Mas recusa, abanando a cabeça suavemente e levantando a mão, então eu puxo-o de novo para mim.

— Viagem de família chatinha, hein? — brinca ele, quebrando o silêncio.

Eu rio e inclino-me para trás. — Pois é. Podia ser menos mau se o meu pai e tu não estivessem... — Rapidamente paro e a minha voz remete-se ao silêncio. Mordo o lábio inferior e rezo para que ele não tenha dado muita importância às minhas palavras, mas deu, é claro, porque está a ouvir tudo o que eu digo concentradamente.

— Aqui? — conclui ele.

Comprimo os lábios, encolho os ombros e, finalmente, desvio dele o olhar para observar um grupo de amigos estendidos sobre os sofás em volta da lareira ao lado da nossa, tomando *cocktails* e rindo alto. Eu gostaria de estar tão feliz quanto eles. — Sim — reconheço. Encolho os ombros mais uma vez e olho para ele de novo. É fácil olhar para ele esta noite. De alguma forma, não dói. — Mas eu retiro.

— Retiras? — A sua sobrancelha volta a erguer-se.

— Sim. Fico feliz por estares aqui — digo, mas a minha voz fica muda e eu engulo em seco. — Estou feliz por estares aqui e agora. — Sem pensar demasiado sobre as minhas ações, desloco-me alguns centímetros e depois aceno para o lugar vazio ao meu lado no sofá. — Senta-te comigo — sussurro.

De início, o Tyler analisa a minha expressão, naturalmente na dúvida se eu estava a falar a sério ou não, porque me observa muito atentamente antes de finalmente se levantar. Os seus movimentos são lentos, cautelosos, como se estivesse com medo de roçar acidentalmente na minha pele. Quando finalmente se senta ao meu lado, ficam ainda vários centímetros entre nós. — Eden — diz ele, e olha de lado para mim, detendo-se apenas por um momento. — O que é que tu queres?

— O quê?

— O que é que tu queres de mim? — pergunta ele em voz baixa, mas não num tom passivo-agressivo, mais com preocupação genuína do que qualquer outra coisa. Ele aperta os lábios enquanto espera por uma resposta, mas a sua cabeça está baixa, o rosto inclinado para baixo, os olhos observando-me suavemente por baixo das pestanas.

Solto o ar que estou a reter, e então, sem hesitação, digo-lhe exatamente o que quero. — Na verdade? Eu quero que tudo seja como costumava ser. Não quero que ninguém saiba sobre nós. Quero que tudo volte a ser segredo. Era mais fácil quando era assim.

— Sabes bem que é impossível ficar assim — diz ele. Está a franzir a testa, mas os olhos estão ainda brilhantes, refletindo o calor do fogo.

— Eu sei — murmuro, sem que o meu olhar se afaste do dele. — Mas eu não consigo deixar de pensar que, se tivesse ficado assim, provavelmente tu terias ficado.

Ele abana a cabeça e olha para longe, passando a mão pelo cabelo e recostando-se no sofá. Depois de um minuto, suspira e fixa os olhos em mim. — Eu não me fui embora por causa disso, Eden.

— Então porque é que tu fizeste isso?

— Eu disse-te — responde ele.

Acho que só agora estou a perceber que a minha raiva não se deve tanto ao facto de o Tyler se ter ido embora, mas sim ao facto de eu realmente não saber porque é que ele fez isso. Não entender completamente porque é que ele se foi embora por tanto tempo é o que realmente dói.

— Diz-me outra vez.

O Tyler esfrega os olhos e senta-se numa posição mais direita, ao meu lado, inclinando-se ligeiramente para me encarar de frente. Ao

mudar de posição, ele parece ter reduzido a distância entre nós.

— Aqui está então a história completa — diz ele, mas a sua voz soa baixa e rouca, o que aguça ainda mais a minha atenção, e eu bebo cada palavra que ele diz. — Eu precisava de espaço e de tempo para descobrir as coisas. Nós os dois sabemos perfeitamente que eu não sabia o que andava a fazer ou para onde é que me propunha ir. Claro que Nova Iorque estava terminado, era uma etapa cumprida, mas e depois? Isso é que eu não sabia. Não sabia para onde queria ir em seguida e eu precisava de descobrir isso, mas, ao mesmo tempo, eu ainda não estava bem, e tu sabes que eu não estava bem, não é verdade? Agora sabes que eu não estava bem.

O seu rosto aproxima-se do meu, de sobrancelhas juntas, e ele levanta a mão como se estivesse prestes a tocar-me, mas detém-se, e eu assinto com um movimento da cabeça. Então ele continua.

— Eu não devia ter começado a fumar erva outra vez. Eu não devia ter batido no teu pai. Eu não devia ter tentado dar cabo do meu. E a única coisa que me tirou dessas situações foste tu, porque eu não queria... não sei. Eu não queria dececionar-te. Essa é a única razão.

Ele faz uma pausa por um minuto, talvez porque acabou de falar, e eu continuo a pensar que ele já me dissera tudo isto. Foi no verão passado, pouco antes de se ir embora, só que na altura eu estava demasiado entorpecida para ouvir verdadeiramente, com o coração estilhaçado para assimilar. Mas eu sei que ele não terminou ainda, porque separa os lábios, exala um longo suspiro, e depois continua.

— Eu sei que já não é a primeira vez que dou cabo de tudo pelos meus erros, sei que já tomei algumas decisões completamente desastrosas e sei que tentei desculpar todas as minhas ações com o meu pai, mas a verdade é que tive sempre uma possibilidade de escolha. Eu escolhi deitar fora a minha vida quando podia ter escolhido fazer dela alguma coisa de válida e positiva. Nova Iorque e a digressão foram um começo (tu sabes, falar sobre o que eu passei com o meu pai sem dúvida alguma que foi uma grande ajuda, bem como o resto), mas isso não foi suficiente, e foi por isso que tive de me ir embora, Eden. Eu não queria continuar a cometer erros. Eu queria ser uma pessoa melhor, não porque te devia isso, mas porque devia isso a mim próprio. — Fica em silêncio, o rosto baixo, e, em seguida, murmura baixinho: — Eu devia

isso a mim próprio.

O meu peito está tão pesado que acho que ele pode a qualquer momento abrir. A minha garganta parece seca de culpa, embora não consiga identificar porquê. Não devia sentir-me culpada, mas sinto. Sinto-me culpada por lhe ter batido ontem de manhã. Sinto-me culpada por gritar com ele no letreiro de Hollywood ontem à noite. Sinto-me culpada por nunca o compreender, por o odiar em vez de o apoiar incondicionalmente. Neste exato momento, sinto a minha cabeça ser inundada pelo pensamento de que talvez a egoísta tenha sido eu. Eu, que me queixei e chorei durante o ano passado, tudo porque ele não estava comigo, porque eu estava sozinha. Ao pensar sobre isso agora, parece-me que, se o Tyler tivesse ficado, talvez ele não estivesse tão bem quanto parece estar agora. O meu pai teria feito da vida dele um inferno. Isto para não falar no Jamie. Ele teria de enfrentar a situação do pai andando pelas mesmas ruas de novo, as expressões maldosas daqueles com quem em tempos andámos na escola, as consequências. Teria sido muito tóxico ficar em Santa Monica.

— Tyler — sussurro, abanando a cabeça lentamente. *Por onde é que começo? O que é que eu digo para começar a pedir desculpa?*

— Deixa-me dizer isto — interrompe ele, e levanta a cabeça novamente, olhos sinceros procurando o fundo dos meus. Depois de todos estes anos, tornei-me especialista em ler a sua expressão. — Lamento muito — diz ele. — Lamento muito ter-me ido embora assim. Eu estava a pensar em mim e devia ter pensado mais em ti. Tu tens razão; deixei-te sozinha a lidar com todas as nossas merdas, e agora sei que estraguei tudo. Eu não devia ter cortado contigo. Devia ter dito que estava em Portland. Devia ter voltado mais cedo. Eu não devia ter arruinado tudo isso, e sabes qual é a pior parte? É que eu não sei se agora consigo reparar o que estraguei e não acho que tu queiras.

Entreabro os lábios para falar, mas as palavras falham. Eu não sei o que dizer ou como me sentir. Mas o meu coração está a bater dolorosamente com um sentimento de saudade. Porque, por muito que me tenha convencido de que odeio o Tyler, a única coisa que senti foi a falta dele. Senti falta de ouvir a voz dele, de vê-lo sorrir e do seu toque. Senti a falta do Tyler e não há como negá-lo, mas as coisas são complicadas. Ele vive em Portland. Eu vivo em Chicago. O meu pai e a

Ella não nos aceitam. O Jamie despreza-nos. Os nossos amigos sentem-se desconfortáveis.

Provavelmente não há um futuro para o Tyler e eu. Não porque não estejamos apaixonados um pelo outro, mas porque somos um par impossível.

Ele continua a olhar-me e eu continuo a olhá-lo e não existe nada que queira mais do que tocar-lhe, agora mesmo. Mas sei que isso não é possível. Portanto, o que faço é prender as minhas mãos entre as minhas pernas cruzadas num esforço para me conter.

— Nós juntos nunca iria funcionar — digo, e imediatamente ele franze a testa. — Já passaram três anos e tudo o que fizemos foi estar a maior parte deles separados. É assim que funcionaria? Passamos o verão juntos e depois acabamos separados todo o resto do ano? E nunca vai passar disto?

— Não — diz ele, e quando levanta a mão novamente desta vez ele toca-me. Aperta o meu joelho e eu não o afasto. — Por favor, vem para Portland comigo. Podemos ir agora mesmo, só tu e eu. Vamos esquecer todos e tudo o resto enquanto resolvemos isto. Eu não vou voltar sem ti, porque eu não me importo com o que tu dizes; seja como for, eu tenho de reparar o mal feito. — A mão dele abandona o meu joelho e ele levanta-se, alto, forte, dominando sobre mim, leva a mão ao bolso dos *jeans* e tira as chaves do carro. A sua expressão de repente grita desespero, da mesma forma que fez ontem no letreiro. — Por favor.

Ele nunca vai desistir, mas, sinceramente, eu não sei se posso voltar para Portland. Já lá estive duas vezes desde que a minha mãe e eu nos mudámos para Santa Monica, e isso foi fazer as malas e visitar a família da minha mãe. Ambas as vezes, estar de volta à cidade não me trouxe à memória mais do que más recordações. Eu odiava a vida que tinha em Portland. Não que a minha vida em Santa Monica seja melhor. Na verdade, é pior.

E porque é que eu havia de ir para Portland com o Tyler? Porque me deixaria envolver com ele novamente? Porque iria voltar para ele depois de passar tanto tempo tentando seguir em frente? Talvez eu não queira começar de novo ou reparar o que há entre nós agora. Talvez eu tenha aceitado o facto de que é hora de desistir.

— Nós não podemos simplesmente ir embora, Tyler — murmuro,

inclinando a cabeça para trás para olhar para ele. Com o fogo a brilhar por detrás dele, todo o seu rosto está sombrio e escuro. Tudo me vem à cabeça em turbilhão. — Ir embora e deixar tudo na maior das confusões nunca vai resolver nada, e tu, melhor do que ninguém, tens agora a prova disso. Assim, porque é que não ficas, desta vez? E talvez então eu considere Portland. — Estendo a mão, oferecendo um acordo, e ele reflete por alguns segundos. Finalmente, coloca a mão na minha e aperta, na esperança de que eu venha a considerar ir com ele.

— Provavelmente deveríamos voltar — diz ele. Os seus olhos percorrem o pátio, que está a ficar cada vez mais movimentado e barulhento à medida que a noite avança, e mete as chaves do carro de volta no bolso.

Descruzando as pernas e esticando-as, ponho-me lentamente de pé. — Eles sabem que tu vinhas ter comigo? — Ele sabe de quem é que estou a falar.

— Achas que o teu pai me deixava vir se soubesse? — pergunta, mas ele está a sorrir e deixa mesmo escapar uma gargalhada discreta. — Só o Chase. Estão todos nos quartos. Parece que desde o início da noite, mas a minha mãe diz que não vai dormir sem tu apareceres.

— O meu pai disse alguma coisa depois de eu sair?

O Tyler coça a nuca e não responde, o que deixa bem claro que o meu pai disse alguma coisa e, a julgar pelo silêncio do Tyler, não deve ter sido nada de bom.

— Vamos — murmura ele, e afasta-se para me permitir sair primeiro.

Entramos no bar, passando por entre as pessoas, o barulho e os risos, até chegarmos ao átrio. Passam dois minutos das vinte e uma horas, portanto, não é tarde, mas sinto-me completamente exausta. A viagem de seis horas arrancou toda a energia de dentro de mim, então dei por mim a bocejar, enquanto nos dirigíamos para o elevador. Não trocamos uma palavra, mas também não nos ignoramos um ao outro, aproveitando apenas o silêncio confortável, tentando não dar nas vistas por trocas de olhares demasiado demoradas.

Quando chegamos ao sétimo andar, estamos apenas a passear em direção aos nossos quartos. Eu corro os dedos ao longo da parede, indolentemente, os meus passos são lentos, e o ritmo do Tyler coincide com o meu. Não temos pressa em voltar, mas acabamos inevitavelmente

por chegar às portas dos nossos quartos. O meu pai e o Jamie estão no do meio, à sua esquerda o meu e da Ella, e à direita o do Tyler e do Chase, portanto, vários passos nos separam quando paramos do lado de fora das nossas portas.

O Tyler está com o cartão numa mão e a outra na porta. — Bem — diz ele num sussurro, como se a nossa família ouvisse as nossas vozes através das paredes se falássemos mais alto. Os olhos dele são fogo em cima de mim.

Eu estava tão apaixonada por ti.

— Bem — digo eu. Estendo a mão para a minha porta, pronta para bater, para a Ella me deixar entrar. Parte de mim não quer que ela abra. Parte de mim quer ficar aqui fora.

Eu quero estar tão apaixonada por ti.

— Então é boa noite, não é? — murmura ele. E então ele sorri, um sorriso enorme e rasgado, que chega aos olhos dele, fazendo-os enrugar nos cantos e fazendo o meu coração doer ainda com mais força. — *Buenas noches*.

É impossível não refletir o seu sorriso. — *Bonne nuit*.

— Pensei que era *bonsoir* — diz ele, levantando uma sobrancelha, e estou espantada por se lembrar até do que eu disse há tantos anos, quando murmurámos boa noite um ao outro antes de nos separarmos, à porta dos nossos respetivos quartos. O meu francês foi sempre muito fraquinho, o que é embaraçoso, porque o espanhol dele sempre foi impecável.

— Iá, acho que sim, que é mesmo *bonne nuit* — digo um pouco a medo. — Eu disse-te que o meu francês não era fluente.

O Tyler acena com a cabeça afirmativamente e faz deslizar o cartão na fenda da porta. — Então *bonne nuit*.

— *Buenas noches* — digo eu.

Dir-se-ia que o seu sorriso se torna ainda maior e ouve-se o clique que a porta faz quando abre o trinco. Ele afasta-se de mim o mais lentamente possível, depois empurra a porta e entra para o quarto. O trinco volta a fazer um clique para fechar e assim ele foi e eu fiquei só.

Estou tão apaixonada por ti.

10

Pela primeira vez em muito tempo, acordar e sair da cama é fácil. Sem colega de quarto para me dizer que perdi a primeira aula, sem mãe a dizer-me que preciso de acordar e viver a minha vida, sem consciência que me force a levantar e correr. Pela primeira vez em muito tempo, não tenho medo do dia. Pela primeira vez em muito tempo, estou ansiosa porque ele comece.

Mesmo com a minha madrasta ao meu lado, a espalhar hidratante no rosto em frente ao espelho do quarto do hotel, enquanto me olha com preocupação. Mesmo com o meu pai no quarto ao lado, provavelmente acordando com a triste perceção de que tem de aguentar esta família por mais um longo dia.

Nada disso pode arruinar o meu humor.

— Estou a começar a pensar que tu é que tens razão — diz a Ella. Ficamos em silêncio por um tempo, girando em torno uma da outra enquanto nos preparamos. Eu olho para cima ao terminar de atar os atacadores. Ela cruza o olhar com o meu no reflexo do espelho. — Talvez esta ideia esteja a piorar tudo.

Endireito-me, na beira da minha cama, e fixo-a com o olhar severo que me habituei a usar para com ela no ano passado sempre que insistia para que eu passasse tempo com o meu pai ou sempre que mencionava o nome do Tyler. — Por favor, não comeces novamente a pedir desculpas pelo que aconteceu ontem à noite.

Ela solta um suspiro profundo e vira o corpo na cadeira, as mãos descansando sobre as costas enquanto olha diretamente para mim. — Mas eu realmente sou culpada. Foi uma má ideia. O teu pai perdeu completamente a noção de tudo e, acredita em mim, ele teve de me ouvir.

— E aposto que lhe entrou por um ouvido e saiu pelo outro — digo, com total indiferença, porque estou muito além do ponto de me preocupar com o meu pai. Estou-me completamente nas tintas se ele não suporta a minha mãe ou a mim, ou se nós as duas o pomos fora de si, ou se, na sua opinião, a minha mãe não era grande coisa como

esposa e eu não sou grande coisa como filha. Nem uma única fibra do meu ser se perturba com isso. Nos dias de hoje, a sua aversão por nós tornou-se quase divertida.

Ponho-me de pé e ignoro o cenho franzido da Ella quando chego perto dela para ir buscar o telemóvel que está em cima do toucador. Aproveito para pegar também no cartão-chave e no mapa de Sacramento, oferta da equipa da receção, e, logo de seguida, para mudar de assunto, enquanto ainda tenho oportunidade de o fazer. — Onde vamos hoje?

— Ainda não sei bem, mas já vamos descobrir. — Ela levanta-se e eu recuo alguns passos para lhe dar espaço enquanto ela pega no frasco de *Chanel* de cima da cómoda, borrifa os pulsos com um pouco de fragrância e volta a pousá-lo. — Espero que o teu pai esteja acordado.

É impossível não estar. A primeira coisa que a Ella fez esta manhã, quando saiu da cama, foi bater energicamente na parede, várias vezes. Para além disso, já passa das nove horas e aposto que eles estão a morrer de fome.

Ella e eu saímos do nosso quarto, deixando o mapa para trás e avançando para o corredor, prontas para reunir a família novamente. Ella bate na porta do quarto do meu pai e do Jamie. Eu bato na do Tyler e do Chase, que abre imediatamente. O Chase segura a porta aberta apenas com o pé e enfia as mãos no bolso da frente do *hoodie*, enquanto revira os olhos por cima do ombro e diz: — Alguém se deixou dormir.

Olho para além dele, diretamente através do quarto para o Tyler. Ele está a tentar enfiar uma camisa e, ao mesmo tempo, a calçar a outra bota, os seus olhos piscam para encontrar os meus apenas brevemente. Enquanto ele está debruçado, gotas de água caem das pontas dos seus cabelos para o tapete, e quando ele se endireita pega uma toalha do chão e passa-a pelo cabelo para o secar rapidamente. Só me apercebo de que estou a olhar quando o ouço murmurar: — Sim, sim, vou já. Eu só acordei há dez minutos.

Volto a minha atenção para o Chase enquanto o Tyler começa a revirar os bolsos de outro par de *jeans*, para tirar o telemóvel, a carteira e as chaves. — Tu não o acordaste?

— Não — diz o Chase, com o capuz por cima da cabeça —, eu estava a ver televisão.

Ella deve ter apanhado as nossas palavras, porque para de bater no quarto do lado e aproxima-se, olhando da ombreira da porta e abanando a cabeça para o Tyler, que simplesmente encolhe os ombros. — Vocês não sabem que existem alarmes?

— Os alarmes não existem quando se está de férias — responde o Chase.

— Isto não é um período de férias. — Ela aproxima-se, puxa-lhe o capuz para baixo e tenta, com as mãos, domar-lhe o cabelo, mas o Chase baixa-se e liberta-se. Rapidamente puxa o capuz de novo para cima e sai para o corredor para se juntar a nós.

Ouço o clique da porta do meu pai e do Jamie, e o meu pai é o primeiro a sair, resmungando por cima do ombro para o Jamie se apressar. Ella volta-se para falar com ele, mas eu desligo dos seus murmúrios de bons-dias e concentro-me em ir ver do Chase, ousando um passo cauteloso no seu quarto e no do Tyler. Encosto-me à porta e mantenho-a aberta.

— Cansado? — provoco, pousando o olhar no Tyler.

Ele passa a mão pelo cabelo húmido e revira os olhos para mim, enquanto atravessa o quarto, desliga a televisão e pega no blusão, que está sobre a parte de trás da poltrona pequena no canto. Não precisa disso, porque, de acordo com a Ella, a temperatura vai manter-se alta, para cima dos 30 ºC, durante todo o fim de semana.

— Não dormi muito — diz o Tyler, sem mais explicações, empurrando-me para o corredor e fechando a porta atrás de nós.

O meu pai desvia a atenção da conversa com a Ella e olha para cima. — Bom dia, Chase — diz com um aceno de cabeça. Não «Bom dia, Tyler». Não «Bom dia, Eden».

O Chase faz um meio sorriso. — Pai, aqui há IHOP?

Pelo canto do olho, noto o corpo do Tyler ficar tenso e o maxilar a contrair-se. No começo, não entendo o porquê da mudança súbita na atmosfera, porque o comportamento idiota do meu pai não teve nada fora do normal, mas subitamente ocorre-me porque é que o Tyler está tão tenso. Também fiquei surpreendida na primeira vez que ouvi o Chase dizer isto.

— Claro que sim — diz o meu pai ao Chase. — Mas não está no programa de hoje, amigo.

Finalmente, o Jamie sai do quarto dele e do meu pai, de trombas como sempre. Faz questão de puxar a porta com muita força, batendo com ela, e encolhe os ombros quando a Ella lhe lança um olhar de aviso que significa *Não me irrites*. Recentemente, ela começou também a olhar para o meu pai dessa maneira.

— Então — diz ela, agora que estamos todos reunidos —, está toda a gente com fome?

O Jamie resmunga e tira os auriculares do bolso de trás. Liga-os ao telemóvel e sai em direção ao elevador sem esperar pelos outros, mas eu já me acostumei com os acessos de raiva dele, da mesma maneira que me acostumei com os comentários duros do meu pai, por isso nem pestanejei.

— Bem, então — murmura Ella baixinho —, vamos andando.

Rapidamente seguimos o Jamie, os cinco atrás dele, pelo longo corredor e depois a entrar no elevador. Durante o tempo todo, ninguém quebra o silêncio, porque ninguém nesta família quer conversar, a menos que seja absolutamente necessário. Já passou do ponto de ser incómodo e agora está prestes a tornar-se normal. Como é trágico ser mais raro conversarmos uns com os outros do que não o fazer de todo.

Como nenhum de nós conhece o bairro, paramos na receção, para a Ella e o meu pai pedirem ao rececionista conselhos sobre onde uma família disfuncional como a nossa pode ali perto tomar o pequeno-almoço. Ele recomenda o Ambrosia, um café a apenas uns dois quarteirões para norte, então saímos para procurá-lo.

Já está quente, apesar de ainda não serem nem nove e meia, e segundos depois de sair do hotel o Chase já está a despir o *hoodie*, que amarra na cintura, só para o Jamie tirar os auriculares e dizer que ele parece estúpido, o que lhe vale um pontapé na canela.

— Bem jogado — digo eu ao Chase, e dou-lhe um *high-five*. O meu pai e a Ella estão demasiado ocupados com o caminho para perceber.

— Cala a boca — silva o Jamie, lançando um olhar penetrante por cima do ombro para mim. Ao mesmo tempo, enfia de novo os auriculares nos ouvidos e acelera.

— *Cala a boca* — repito na minha voz estridente como eu o imito, exatamente o oposto dele. O Chase sorri.

— Eden — diz o Tyler, e eu paro de sorrir e volto a cabeça para olhar

para ele. Os seus lábios formam uma linha firme, os seus olhos estão escondidos atrás dos óculos escuros e ele abana a cabeça em desaprovação, bastante condescendente. — Não faças pior do que já é.

— OK — digo eu.

Os nossos passos são lentos, como se não tivéssemos onde ir, e andámos lado a lado por vários minutos em silêncio, antes de os meus olhos serem atraídos para os dele. O seu olhar é intenso.

— Quando é que ele lhe começou a chamar pai? — pergunta ele, baixinho, indicando o Chase.

— Não faço ideia — admito, com um encolher de ombros. Mantenho a voz baixa, porque não quero que o Chase perceba que estamos a falar sobre ele. Ia ficar envergonhado. — Mas foi no Dia de Ação de Graças que pela primeira vez o ouvi dizer isso.

— O Jamie também lhe chama assim?

— Não. Só o Chase. — Paro por um segundo, sorrindo, e acrescento: — E eu, infelizmente. Mas eu não tive escolha.

O Tyler não ri. Está de testa franzida, a observar o Chase, como se não conseguisse entender como é que ele consegue ver o meu pai, o imbecil que é David Munro, como uma figura paterna. Não se pode dizer que ele seja modelo de coisa alguma.

— Eu falei com a tua mãe sobre isso já há bué — murmuro. Aproximo-me mais do Tyler, e mentalmente convenço-me de que é só para ele me ouvir melhor. — Ela disse-me que o Chase não se lembra muito bem do teu pai porque era muito novo quando ele se foi... Enfim. — Engulo, olhando de lado para o Tyler para me certificar de que não estou a fazê-lo sentir-se desconfortável, mas ele está apenas a olhar para mim com grande interesse enquanto escuta, então eu continuo. — Ela disse que faz sentido para o Chase criar uma ligação com o meu pai. Eu não sei. Mas acho que ela está certa.

— Sim, acho que sim — concorda ele.

À nossa frente, o meu pai aclara a voz, para, volta-se e observa-me com um daqueles seus olhares detestáveis. — Eden — diz ele. — Uma palavra.

Ella faz uma pausa também, tentando estabelecer contacto visual com ele, como se estivesse a perguntar que raios se passa. Eu também não sei, mas sei que é melhor manter a paz, então aproximo-me dele.

— O que é?

Ele não responde. Limita-se a acenar para a Ella, comunicando através de olhares tensos e sorrisos contraídos que significam: *Não esperes*. Ela e todos os outros compreendem, até mesmo o Tyler, e retomam o percurso em busca do Ambrosia. A atenção do meu pai concentra-se principalmente no Tyler, enquanto ele passa por nós rapidamente, quase pela berma do passeio, como se olhar para mim, mesmo pelo canto do olho, fosse motivo para o meu pai o processar.

Só quando os quatro estão já vários metros à nossa frente é que me ocorre que talvez seja a tentativa do meu pai de pedir desculpas pela noite passada, ou talvez por tudo. Este poderá ser finalmente o momento em que o ouço dizer: «Ouve, Eden, eu tenho sido um péssimo pai, mas lamento imenso.»

Olho para ele. Não se barbeou esta manhã, porque ele nunca faz a barba aos fins de semana. O seu cabelo está a ficar predominantemente cinza, com muito poucas manchas escuras remanescentes. Não me lembro de quantos anos tem. — O que é? — pergunto de novo.

— Nada — diz o meu pai. *Nada*. — Vamos.

Eu suspiro tão alto que uma mulher que vai a passar olha para mim preocupada. Estou dececionada. Não é que eu queira desesperadamente um pedido de desculpas do meu pai, mas seria bom ouvir um, saber que ele percebe em que é que errou. Mas isso nunca vai acontecer, porque o meu pai é demasiado teimoso para admitir que não é exatamente o pai do ano. — Não acredito. Estás a brincar comigo? — As palavras saem-me em turbilhão da boca aberta de espanto. — *Nada?*

O meu pai para de andar e vira-se para trás, fitando-me por entre as pálpebras semicerradas, do fundo dos seus olhos castanhos. — O que é que estavas a fazer?

— O quê? — Os meus ombros descaem e eu levo um minuto para conseguir respirar profundamente, enquanto olho para ele, confusa.

— Porque é que estavas a falar com ele?

— Com o Tyler? — O seu silêncio é a confirmação. — Tu estás mesmo a brincar comigo, pai! Só pode.

Ele cruza os braços sobre o peito e espera, batendo o pé no chão. — Então?

Agora ele está apenas a ser ridículo, uma coisa completamente

desnecessária. Eu poderia rir de quão ridículo ele é, mas mantenho a calma e opto por responder com indiferença. — Eu estava a falar com ele porque ele é meu meio-irmão — afirmo em tom monocórdico. — Estás a ver, família. E eu sei que para ti é um hábito um bocado bizarro, mas hoje usa-se muito as pessoas conversarem com a família.

Continuo o meu caminho, deixando-o para trás e resistindo ao impulso de o afastar da minha frente com um empurrão, mas em vez disso decido manter uma distância segura entre nós, acelerando para ir ter com a Ella e os putos. Num esforço para desafiar o meu pai, consigo acertar o passo quando estou lado a lado com o Tyler. Mantenho-me, no entanto, calada e o Tyler não faz nenhuma pergunta, pouco depois o meu pai junta-se a nós todos, e então o mesmo velho silêncio está de novo instalado, até que a Ella diz: — Acho que o rececionista disse que é por aqui.

Voltamos para K Street, que é maravilhosa sob o sol da manhã e está ladeada de árvores. A estrada é decorada com os carris de um sistema ferroviário ligeiro e os passeios não estão a abarrotar de turistas, como acontece em Los Angeles, talvez porque seja sábado de manhã cedo ou talvez porque Sacramento é chato pra burro.

Ambrosia fica apenas a um minuto ou dois, mesmo na esquina do quarteirão, com enormes montras que dão para um pátio exterior e para a catedral, no lado oposto da rua. Ella aprova, portanto entramos.

Já está cheio de gente, com uma fila que se estende até à entrada, portanto, dado que eles memorizaram o pedido para todos, o meu pai e a Ella dizem-nos para irmos ocupar umas mesas livres em frente de uma montra. O Chase insiste que quer três *croissants* com chocolate.

Instalamo-nos os quatro. O Jamie ainda tem os auriculares postos. A música está tão alta que consigo distinguir a banda que ele está a ouvir. O Tyler juntou duas mesas, criando espaço para os seis. Eu marco o compasso com os dedos ao longo da perna.

— Achas mesmo que eles me vão trazer três? — pergunta o Chase passado um minuto. Ele olha ansiosamente por cima do ombro para o balcão, onde o meu pai e a Ella, enquanto esperam na fila, conversam em voz baixa, inclinando-se um para o outro. Eu aposto que eles estão a discutir, mas como têm o bom senso de não armarem uma cena, mantêm as vozes baixas e discretas.

— Duvido — responde o Tyler.

Então o Jamie levanta-se abruptamente, arrastando a cadeira numa guinchadeira infernal sobre o chão enquanto se afasta da mesa. Arranca os auriculares e dirige-se para a porta.

— Onde é que vais? — pergunta o Tyler, levantando a voz. Parece autoritário, o que é estranho, porque o Tyler é geralmente quem desafia a autoridade.

— A Jen está a ligar — murmura o Jamie, olhando para ele por cima do ombro, encosta o telemóvel ao ouvido e desaparece para o exterior. Vejo-o através das janelas. O Jamie nunca parece falar hoje em dia sem ser com agressividade. Nunca parece sorrir sem ser sarcástico. Nunca parece feliz.

Eu desvio os olhos de novo para o Tyler. Fixou-se nele uma expressão de estupefação enquanto o seu olhar vai do Jamie, lá fora no pátio, para o meu pai e a Ella, no balcão, ainda presumivelmente discutindo. Ele olha para mim à procura de uma explicação. — Que raio é que aconteceu?

— Acontecemos nós — digo eu. A minha voz é neutra e sem emoção.

Eu tive um ano inteiro para aceitar este facto, para compreender que o motivo pelo qual esta família está totalmente destruída somos nós. O Tyler só teve alguns dias, e parece que bloqueou no estádio de negação. Está a tentar convencer-se a todo o custo de que nada do que está a acontecer é por nossa causa, quando a dura realidade é que é *inteiramente* por nossa causa.

— Vou falar com o teu pai — diz ele. É a última coisa que eu esperava ouvi-lo dizer.

— O quê?

— Para desanuviar o ambiente — diz ele. O Chase está a ouvir e o Tyler apercebe-se, e então, sorrindo para o Chase, muda de conversa. —«Muito bem — diz ele —, oitavo ano. Preparado?

O rosto do Chase esmorece. — Vou ser caloiro.

— Merda, já? — O Tyler pestaneja. Nos dois anos em que ele esteve ausente, um ano em Nova Iorque e um ano em Portland, é bastante evidente que ele perdeu a noção do tempo. O Chase não fica nada satisfeito com o erro. Cruza os braços teatralmente sobre o peito e desvia o corpo para longe do Tyler, aparentemente bastante ferido para

olhar para ele.

— Vá lá, Tyler — digo em tom de provocação, baixando a cabeça e olhando para ele de forma paternalista por baixo das pestanas. — Tens de te manter atualizado. Ah, a propósito, eu tenho dezanove anos. — Lentamente, os meus lábios curvam-se num sorriso. — Só para o caso de tu te esqueceres.

— Tudo bem, tudo bem — diz ele, abanando a cabeça, mas a fazer um esforço para não se rir. Senta-se na sua cadeira e estende a mão por cima da mesa, arranca uma pétala do centro de mesa e atira-a na minha direção.

Quando se recosta na cadeira, olha para mim do outro lado da mesa como costumava: olhos queimando tão intensamente que podiam fazer-me ajoelhar, um sorriso tão natural que é difícil de acreditar que alguma vez ele tenha fingido.

Fecho a pétala dentro da minha mão, antes que alguém perceba. Faço *Shh* ao Chase, mas não é acerca da flor que lhe estou a pedir silêncio.

11

Surpreendentemente, ninguém tenta matar ninguém durante o pequeno-almoço. O meu pai e a Ella desistem de discutir e agem normalmente, como se estivessem felizes como sempre, como se as suas vidas fossem absolutamente perfeitas. O Chase enche a conversa sem graça com observações espirituosas, enquanto devora os seus três *croissants*. O Jamie não se senta com os auriculares nos ouvidos. Por uma vez na vida, eu sou a primeira a terminar de comer, principalmente porque ainda estou com fome, depois de ter ficado sem jantar ontem à noite, mas também porque hoje não me sinto tão insegura como é hábito. Sinto-me bem.

Quando já toda a gente terminou, pego no meu telemóvel. O meu pai lança-me um olhar de censura antes mesmo de eu ter tempo de digitar o código. Ele odeia ter telemóveis na mesa, mas eu odeio-o a *ele*, portanto, faço-lhe um sorriso discreto e, em seguida, volto para o meu ecrã.

Escrevo à minha mãe e à Rachael um resumo das últimas vinte e quatro horas. Até envio à minha colega de quarto da faculdade uma mensagem a perguntar como vai o verão dela. Muito provavelmente muito melhor do que o meu. E depois disto, lentamente, ocorre-me que tenho zero pessoas para quem enviar mensagens. A minha lista de contactos está cheia de nomes, mas não me sinto perto de nenhum deles. Percorro-a para cima e para baixo, para a frente e para trás, para cima e para baixo, para a frente e para trás. Por fim, envio uma mensagem à Emily, porque tenho a certeza de que ela é a única pessoa na minha lista que não me odeia. Passei um mês em Nova Iorque com ela no verão passado, e às vezes trocamos umas mensagens curtas, para sabermos se vai tudo bem.

como estás, estrangeira? espero que pela Inglaterra vá tudo andando

Ninguém responde. Bloqueio o telemóvel e volto a desbloquear. Ainda não há novas mensagens. Mudo para o Twitter, e depois de apenas um minuto pergunto-me porque é que sigo tantas pessoas a quem nunca disse uma única palavra na vida. No entanto, vou-me deparando, pouco

a pouco, com atualizações recentes daqueles que conheço muito bem, e sinto uma estranha sensação de saudade de todos, apesar de todas as coisas más que aconteceram nos últimos anos.

@dean_carter1: últimos dois meses na garagem e depois vou para Berkeley. Louco!!

Anexada está uma foto de Dean com o seu macacão, coberto de óleo, com o pai ao seu lado, ambos reclinados contra um *Porsche*. Meto nos favoritos.

@x_tifff: pensando em arranjar o meu cabelo... o que acham?

Não vejo a Tiffani há séculos. Ponho um *like*.

@x_rachael94: porque é que donas de casa desesperadas são tão viciantes?

Ela ainda está a ver? Ponho um *like*.

@ meghan_94_x: saídas de sexta-feira à noite com o jared são as melhores

Tenho inveja de como é fácil para eles. Ponho um *like*.

@jakemaxwell94: ESTOU TÃO BÊBADO!!!!!

Foi postado às 3h21. Ponho um *like*.

Procuro o Tyler e abro na página dele. A quantidade infinita de vezes que fiz isto e nada mudou. A última atualização foi em junho do ano passado.

Levanto os olhos do ecrã. O Tyler está sentado mesmo à minha frente, a comer em silêncio o resto da sua granola e a ouvir a Ella, que está precisamente a sugerir que visitemos o edifício do Capitólio. Ele faz uma pausa quando vê que estou a observar e levanta uma sobrancelha interrogativamente.

Atualizações zero. Nem um único *post*. Completo silêncio.

Pergunto-me como é que foi o ano passado dele. O que é que fez. O que é que pensou. Como é que passou os seus dias. Com quem é que falou. Pergunto-me se alguma vez se sentiu só.

Abano muito ligeiramente a cabeça para ele como se dissesse *Nada* e volto a baixar os olhos para o telemóvel. Odeio esta forma de viver.

O Tyler pigarreia e, como não levanto os olhos para ele, sinto-o empurrar o meu pé por baixo da mesa. O meu olhar vai ao encontro do dele. Ele afastou a comida e agora tem os cotovelos apoiados na mesa e as mãos entrelaçadas. Lentamente, ele sorri, mas é tão gradual que, no

início, quase nem noto. E então ele volta-se para o meu pai.

— Dave — diz ele.

Os olhos do meu pai cintilam imediatamente. A conversa sobre o carro novo de um modelo superior que ele vai ter é interrompida, e toda a gente fica calada, surpreendida, não só pelo facto de o Tyler falar inesperadamente, mas também por, de entre todas as pessoas, se ter dirigido ao meu pai. É claro que o meu pai não consegue responder, portanto, a única coisa que o Tyler recebe é um forte olhar de desdém.

Isso não o faz desistir. Engole e eu guardo o telemóvel para me concentrar, porque morro de curiosidade para saber exatamente como é que o Tyler tenciona «desanuviar o ambiente». As primeiras palavras a sair dos seus lábios são: — Podemos conversar por um segundo? — Indica a porta e levanta-se.

— Podemos conversar aqui — diz o meu pai. E não se move um milímetro, continua na cadeira, e as suas sobrancelhas juntam-se numa feia carranca. Há cautela escrita no seu rosto, porque, conhecendo o meu pai, agora ele está a assumir que as intenções do Tyler não podem ser boas.

— Tudo bem — diz o Tyler. Pega na sua cadeira e dá a volta à mesa, pousando-a entre a Ella e o meu pai, enquanto todos os olhos se fixam nele. É extremamente raro que o Tyler e o meu pai conversem, e especialmente raro que um deles o queira fazer.

Tyler senta-se voltado para as costas da cadeira e mantém os olhos fixos no meu pai de uma maneira amigável, porém firme. — Então — diz, e aguarda um segundo, como se estivesse mentalmente unindo as palavras que quer dizer, tudo enquanto nós o observamos de perto, em especial a Ella. — Então — diz ele novamente —, eu só queria pedir desculpa.

— Pedir desculpa? — repete o meu pai. A palavra soa estranha na sua boca, porque ele nunca pede desculpa por nada. Os seus olhos dirigem-se lentamente para a Ella, como se isto fosse obra dela, mas ela arregala os olhos e encolhe os ombros para ele, embora o seu rosto se ilumine de alívio. Ele olha para o Tyler novamente.

— Sim, pedir desculpa — diz o Tyler, e então ele agarra as costas da cadeira e inclina-se um pouco para trás, suspirando. Eu estou a ouvir com a respiração suspensa, porque uma desculpa é a última coisa que

eu esperava que o Tyler fosse apresentar ao meu pai. Devia ser o contrário. — Eu sei que não fui a criança mais fácil — começa ele — e sei que te fiz a vida num inferno, com as discussões constantes e todas as escapadelas e toda a bebida. Eu era um idiota completo, por isso compreendo que tu não fosses exatamente o meu maior fã. Mas agora tens de me dar algum crédito. Formei-me. Fui viver para o outro lado do país. Fiz a digressão. Tenho a minha vida organizada. Já não tenho nada do miúdo que conheceste há cinco anos. — Ele hesita, como se estivesse nervoso, os seus olhos captam os meus por uma fração de segundo. — E em relação à Eden — murmura ele, e o meu pai quase se engasga. — Compreendo. Estou a falar muito a sério, mas não há nada que eu possa fazer agora para mudar o que aconteceu. Éramos assim e tu podes dizer que éramos loucos, e talvez fôssemos, mas, Dave, acabou. Tens de resolver isso, porque vais enlouquecer se insistires em andar permanentemente lixado. — Ouço a Ella suspirar alto de cada vez que o Tyler fala. — Então, que tal um novo começo? — Inclinando-se sobre as costas da cadeira, ele estende a mão para o meu pai. — O que é que dizes?

Ella parece exultante. *Finalmente*, estará ela provavelmente a pensar. *Finalmente estamos no caminho da recuperação.* Eu discordo, porque sei que o Tyler não está a dizer toda a verdade. Ontem mesmo ele voltou a pedir-me para ir para Portland com ele, para resolver as coisas entre nós, para lhe dar uma segunda oportunidade, para se envolver uma vez mais em toda esta confusão. E, com a mesma ansiedade que tinha no ano passado para ver tudo esclarecido e encerrado, vejo-me subitamente a gostar da ideia de assuntos inacabados e da esperança na possibilidade.

Acabou, está o Tyler a dizer ao meu pai.

Terminámos, disse eu ao Tyler.

Mas talvez não tenha acabado.

Talvez *nós* não tenhamos terminado.

O meu coração dispara dentro do meu peito ao pensar nisso, o que rapidamente me traz de volta à realidade. Pestanejo algumas vezes, meio ofuscada, e tento concentrar-me no meu pai.

Ele olha para a mão estendida do Tyler como se nunca tivesse visto carne na sua vida. O olhar é de profundo desdém, e quando ele troca

olhares com a Ella, ela insiste desesperadamente com um aceno de encorajamento. É isto que ela queria que fosse feito este fim de semana — pedidos de desculpas, perdão e renascer de relações.

Mas parece que o meu pai não está a ler a mesma página, porque, em vez de se levantar e apertar a mão do Tyler, recosta-se na cadeira, cruza os braços com força sobre o peito e desvia o corpo.

— Se já terminámos, passemos à frente.

Grande idiota, penso eu. As palavras estão na ponta da minha língua e estou tão perto de desatar a gritar no meio do café que tenho de segurar o assento da minha cadeira com uma mão e tapar a boca com a outra para me conter.

— *David* — sussurra a Ella. Parece absolutamente atordoada e inegavelmente furiosa. A esperança de consertar as coisas desapareceu rapidamente, porque o meu pai não é apenas demasiado teimoso para pedir desculpas, mas também para as aceitar. Nada por aqui vai mudar, a menos que ele mude primeiro.

— Eu vou estar lá fora — diz o meu pai, com voz rouca. Afasta a cadeira da mesa e, sem que os seus olhos encontrem uma única vez os do Tyler, dirige-se para a porta. Nós ficamos a observá-lo, através das enormes janelas, enquanto ele se deixa cair numa cadeira no pátio, recosta-se para trás e fica a olhar para a catedral.

No interior, nenhum de nós diz nada. O Tyler baixa lentamente a mão e vira-se para todos nós, encolhendo os ombros. Ele é definitivamente o grande homem ali e o meu pai é definitivamente o idiota. Até o Jamie está calado, embora eu não saiba de que lado está. Ele geralmente está no lado do pai, mas tenho a sensação de que hoje não é o caso.

— Inacreditável — murmura a Ella, abanando a cabeça, incrédula. Ela está a olhar para fora da janela, para o meu pai, os seus lábios formam uma carranca perfeita, e quando ela olha de volta para nós, fica claro que está mais lixada do que perturbada. — Fiquem aqui — diz ela. Agora a sua voz é severa, e nenhum de nós diz uma palavra quando se levanta. Há um momento de hesitação antes de sair, quando aperta o rosto do Tyler com ambas as mãos e o beija rapidamente no cabelo. — Orgulhosa de ti — sussurra, e depois aperta-lhe o ombro e vai até à porta.

Nós os quatro ficamos em silêncio, a observá-la através das janelas.

Ela está na frente do meu pai, a olhar para ele, com as mãos nos quadris, certamente a perguntar-lhe que raio de jogo é o dele. O meu pai põe-se de pé e começam os gestos agressivos das mãos, os frustrados tremores de cabeça e os revirares de olhos furiosos, e não demora muito para a Ella nos apanhar a observar tudo de perto. Pega no cotovelo do meu pai e puxa-o para longe, dobrando a esquina, fora da vista. É como se eles acreditassem que, se não discutirem à nossa frente, é como se a discussão não tivesse acontecido. No entanto, todos sabemos que acontecem, sem falhar uma única.

É então que o Chase se vira para o Tyler e pergunta: — Porque é que ele não te apertou a mão?

Eu acho que o próprio Tyler também não sabe, porque olha para mim como se eu fosse capaz de ter uma explicação para o comportamento do meu pai, o que não tenho. Encolho os ombros e afundo-me mais na cadeira, então tudo o que Tyler consegue dizer é: — É complicado.

— Nem por isso — diz o Jamie. A sua expressão é neutra, inclina-se para a frente e cruza os braços sobre a mesa, olhos fixos no Tyler. — O Dave não gosta de ti. Nunca gostou e nunca gostará. É tão simples quanto isto. — Ele não diz isto para ser cruel. Diz apenas porque é a verdade, e todos nós sabemos disso.

Exceto talvez o Chase, porque levanta as sobrancelhas e pergunta: — Mas porquê?

— É complicado — diz o Tyler novamente.

Desta vez, o Jamie não tenta explicar. O Chase sempre foi mantido na ignorância da verdade em torno da vida do Tyler. Ele não sabe a verdade sobre o pai deles. Não sabe nada sobre o uso de drogas do Tyler. Não sabe a verdadeira razão pela qual o Tyler esteve em Nova Iorque — a Ella disse-lhe que o Tyler estava lá como promotor de eventos, e ele não questionou. Às vezes sinto pena dele, mas na maioria das vezes fico feliz por ele não saber.

Pelo canto do olho avisto o meu pai e a Ella. Dirigem-se para a porta, passando em frente das grandes janelas, mas não falam e não caminham ao lado um do outro. O meu pai deixa-se ficar para trás e, claro, está carrancudo. Ella não parece muito feliz também, mas o meu pai fica à espera no passeio e ela volta para o café.

No segundo em que ela abre a porta, um largo sorriso espalha-se

imediatamente no seu rosto. É tão forçado que penso que até deve estar a doer. Mas ela continua, no entanto, a sorrir para nós os quatro, enquanto se aproxima, criando a ilusão de que tudo está bem, que ela e o meu pai estão bem, que estamos todos bem.

— Vamos ver o Capitólio — diz ela, e todos nos levantamos da mesa, sem hesitar.

* * *

No momento em que regressámos aos nossos quartos, às vinte e duas horas, nunca me senti tão feliz por estar de volta ao hotel. Foi um dia longo, cheio de tensão tangível entre o meu pai e a Ella, museus entediantes, *shoppings*, mais refeições esquisitas e um passeio pelo International World Peace Rose Garden, que não nos trouxe nenhuma paz. O Tyler tem estado incrivelmente calado, mal disse uma palavra desde que saímos do Ambrosia esta manhã, e manteve-se sempre a um bom metro e meio de mim, mas isso pode ser porque o meu pai dispara contra ele olhares mortais a cada trinta segundos. Quanto ao meu pai, parece que está no Inferno. Quase não fala desde o pequeno-almoço e parece estar mais do que amuado para a idade dele, como um puto com birra porque ninguém quer falar com ele. O Jamie não tirou os olhos do telemóvel durante o dia inteiro.

Embora eu tenha acordado de bom humor, o dia tem sido dececionante. Estamos todos esgotados e desanimados, e quando chegamos à porta dos nossos quartos, demoramos um segundo à espera para ver quem é o primeiro a quebrar o silêncio.

Como sempre, é a Ella. — Não se esqueçam de pôr os alarmes para acordar — murmura ela, prendendo uma madeixa de cabelo atrás da orelha. Depois olha em volta, para todos nós. Estamos num semicírculo perfeito.

— Estou a brincar! Não é preciso. Amanhã é domingo. Não há alarmes.

— *Yesssss* — diz o Chase, entredentes.

O meu pai é o primeiro a retirar o cartão-chave do quarto, o primeiro a destrancar a porta e o primeiro a desaparecer. Não diz nada à Ella. Não diz sequer boa noite. Eles ainda não voltaram a falar, porque a Ella ainda

está lívida. Garanto, mesmo que esteja a tentar não o mostrar.

— 'Noite — murmura o Jamie. Segue o meu pai para dentro do quarto e fecha a porta.

Imediatamente, a Ella solta um suspiro profundo, que esteve a conter durante todo o dia. Inclina o rosto para baixo e pressiona as mãos nas têmporas, os olhos fechados, como se estivesse à beira de um colapso. Eu não posso culpá-la. Há um ano que ela está a tentar manter esta família unida e parece que nunca há melhoras.

— Ei — diz o Tyler, voltando-se para o Chase. Mete a mão no bolso de trás dos *jeans* e tira o cartão do quarto. Entrega-o ao Chase e empurra-o na direção da porta. — Porque é que não vais vendo se há alguma coisa boa na televisão? Eu vou já, é só um segundo.

O Chase não sabe dizer não. Abana a cabeça, mas passa o cartão pela fenda, olhando para nós por cima do ombro enquanto entra, e, assim que vê a porta fechada, o Tyler dá um passo em direção à Ella.

— Sinto muito — deixa ela escapar, com os olhos a fazerem rugas nos cantos, enquanto olha para ele. Ele é muito mais alto do que ela. — Ainda não consigo acreditar que ele fez aquilo.

— Não te preocupes com isso — afirma o Tyler, com voz firme, mas também baixa, porque o meu pai está apenas do outro lado da parede. Gentilmente, ele segura nos seus pulsos e afasta as mãos do rosto dela. Mantém-nas seguras. — A sério, mãe. Não. Não é como se não estivesse à espera e não é o fim do mundo. Não podemos esperar que ele goste de mim da noite para o dia. Vai levar tempo.

— Mas nós não temos tempo, Tyler — lamenta-se ela, as suas palavras num sussurro quando solta os pulsos das mãos dele. — Tu não entendes isso? Na segunda-feira vais-te embora e nada vai ter mudado. Tudo vai ser exatamente o mesmo. E, Eden — volta-se para mim —, tu regressas a Chicago em setembro, e não houve absolutamente nenhuma melhoria na relação com o teu pai.

— Não me importo — digo com um encolher de ombros. — Provavelmente já deu para perceber: eu deixei definitivamente de tentar.

Ela está com um aspeto pálido e desgastado e abana lentamente a cabeça. — Tu fazes alguma ideia de como é horrível ouvir isso? Tu chegaste ao ponto em que nem te *importas* de não ter qualquer relação com o teu pai?

Encolho os ombros novamente. — Ele não quer. Nunca esteve interessado e então agora, depois de tudo o que se passou. — Não consigo impedir os meus olhos de se desviarem para o Tyler. Ele e a Ella sabem exatamente ao que me estou a referir.

— Não sei o que hei de fazer — admite a Ella.

— Dormir sobre o assunto — diz o Tyler. — Bem vistas as coisas, não é assim tão grave.

Ela semicerra os olhos para ele. — Discordo.

— Confia em mim, mãe, não é — insiste ele. A sua voz está rouca por ele estar a falar tão baixo. — O Dave vai acabar por abrandar. O mesmo se passará com o Jamie e, uma vez que isso aconteça, tenho a certeza de que tudo vai ficar bem. Porque, vamos lá, não vale a pena estarmos aqui a inventar. Nada disto aconteceria se não fosse por nós. — Ele olha de lado para mim por uma fração de segundo, mas o seu olhar volta para a Ella. — Portanto, uma vez que eles aceitem que aconteceu, as discussões vão acabar. Tu e o Dave vão ficar bem.

Quando é que se tornou tão maduro? Quando é que se tornou o tranquilizador?

Ella ainda não parece convencida, então eu desvio os olhos do Tyler e digo: — Ele tem razão. Eles vão ultrapassar isto — mesmo que não esteja lá muito segura de que assim seja.

— É o meu maior desejo — murmura ela. Faz-se um breve silêncio, durante o qual ela olha para o tapete, como se houvesse um milhão de preocupações e dúvidas na sua mente. Quando olha de novo para cima, sorri, um sorriso triste. — São horas de deitar. — Tira a mala do ombro e começa a procurar o cartão-chave. — Vê lá se consegues dormir alguma coisa esta noite, Tyler.

— Antes disso — diz ele —, posso levar a Eden emprestada por um segundo?

A Ella para de se mexer e pestaneja. Olha para o Tyler por um momento antes de olhar para mim, e eu não faço ideia do que o Tyler me quer, mas sei que não consigo conter-me com vontade de rir. Não posso acreditar que ele muito simplesmente lhe pediu tal coisa. Nunca num milhão de anos ela nos vai deixar sozinhos. Isso seria uma loucura.

— Faças o que fizeres, vás onde fores, não fiques acordada até tarde — diz ela. Tirando o cartão-chave da mala, ela vira-se para a porta do

quarto e insere-o na fenda.

— Espera — digo eu, pestanejando de pura estupefação. — O quê?

— Não fiques acordada até tarde — repete, enquanto abre a porta. Mantém-na entreaberta e olha para nós, com uma sobrancelha arqueada, como se estivesse apenas à espera que voltasse a questioná-la.

O que, como é óbvio, faço de imediato. — Eu sei, mas quero dizer... O quê? — Olho para ela com a boca ligeiramente aberta. — Porque é que não dizes que não? Esqueceste-te do Tyler e eu?

— Oh, Eden — murmura ela, e pela primeira vez hoje ri um pouco, em voz baixa. — Toma. — Ela estende a mão e passa-me o cartão-chave. — Portem-se bem. Eu sei que é uma noite de sábado, mas, por favor, não tentem entrar em nenhum clube ou qualquer coisa do tipo.

— Não compensa o esforço — diz o Tyler, mas ele está a sorrir. — Boa noite, mãe.

— Boa noite para os dois. — Sopra-nos um beijo, entra no quarto e a porta fecha-se atrás dela, deixando-nos em silêncio.

Por um segundo, fico completamente perplexa a respeito do motivo por que a Ella está a permitir ficarmos juntos sozinhos, apenas o Tyler e eu. É como atirar uma botija de gás para o fogo — não se pode fazer. Lentamente, vai-se tornando menos surpreendente quando me ocorre que ela fez exatamente o mesmo na manhã de quinta-feira depois de me ter armado a emboscada com o Tyler. Deixou-nos sozinhos. É como se ela quisesse que nós falássemos.

Volto-me para ele, com olhar interrogativo. — Para quê, exatamente, me pediste emprestada?

Ele impõe silêncio com um *Shhh* mudo acompanhado do dedo indicador apoiado nos lábios. Aponta para a porta do quarto do meu pai e do Jamie com a outra mão e indica com um gesto de cabeça os elevadores. Ele começa a andar e eu sigo-o. Quando chegamos aos elevadores, imediatamente me aproximo para carregar no botão, mas ele pega na minha mão e para-me.

O seu aperto é firme, mas gentil, e as minhas sobrancelhas unem-se quando olho a sua mão em redor da minha. Levanto o olhar para o seu rosto e ele já está a olhar para mim, com o seu olhar sempre quente. O meu coração bate muito rápido ao sentir o seu toque e quase me sinto

desiludida quando ele solta a minha mão e recua um passo.

Por um momento, parados no meio do corredor, ele estuda a minha expressão, os seus olhos intensos perscrutando as minhas feições à procura de uma resposta para uma pergunta que eu não conheço. — Portland — afirma ele. — Tu e eu. Vamos.

— Tyler... — Os meus ombros descaem simultaneamente com o meu suspiro. Se voltar a ouvi-lo mencionar Portland mais uma vez, acho que sou capaz de me passar. — Não, isso não. Outra vez!

— Tu disseste que pensavas no assunto se eu não me fosse embora — diz ele, determinado e persistente, como se estivesse preparado para implorar. — Eu podia ter partido ontem à noite, mas não o fiz. Fiquei e fiz um raio de um papel de idiota na frente do teu pai, e sei que só temos mais um dia aqui, mas acho que não temos muito a perder. Nem precisamos de falar nisso. Partimos antes do amanhecer.

— Não podemos simplesmente partir — murmuro. As portas do elevador abrem-se e um casal semibêbado agarra-se um ao outro enquanto caminha em direção ao quarto. O Tyler e eu encostamo-nos à máquina de refrigerantes para os deixar passar, mantendo-nos em silêncio até eles estarem fora do alcance da nossa voz.

Então o Tyler volta-se para mim e as suas palavras são mais urgentes do que antes. — Porque é que não podemos? Dá-me uma boa razão.

— Isso só vai piorar a situação — digo, sem precisar de pensar muito. — O meu pai não vai ficar especialmente feliz se acordar e descobrir que eu fugi contigo durante a noite. Especialmente depois de lhe teres dito que acabou tudo.

— Para quem não se importa de não ter qualquer tipo de relação com ele, preocupas-te muito com o que ele pensa — observa o Tyler. Levanta uma sobrancelha e prime os lábios, mas não me dá tempo para recuperar. — Honestamente, tu importas-te alguma coisa com o que o teu pai vai pensar? Tu és adulta. Ele não tem nada que interferir nas tuas decisões.

— E a tua mãe? — pergunto. Quero mudar rapidamente de assunto, porque sei que o Tyler tem um argumento a seu favor, só que eu não quero admitir isso. — Tu tens coragem de a deixar aguentar sozinha toda esta merda?

— Se formos embora, não haverá merda nenhuma para aguentar. —

Encosta-se para trás, contra a máquina de refrigerantes e enfia as duas mãos nos bolsos dos *jeans*. — O problema nesta história toda somos nós, estás recordada?

— Ah, pois — digo secamente. — Só não há nada para aguentar porque nós não estamos cá. Se achas que eles não se vão importar, então estás muito enganado. O meu pai nunca mais me vai deixar entrar em casa se eu me for embora contigo.

— Eu nunca disse que eles não se importariam. Eu só acho que nós não nos devemos importar. — Ele inclina a cabeça para trás contra a máquina, os olhos no teto, tira as mãos dos bolsos e passa-as pelo cabelo, que puxa para trás. — Só por uma vez, Eden — diz ele em voz baixa, ofegante. — Só uma vez.

Tento lembrar-me de tudo o que se passou nos últimos três dias, desde o momento em que o Tyler apareceu até agora. Tento reunir todas as emoções que senti, da fúria ao amor. Tento identificar exatamente o que quero, desde o encerramento até aos assuntos inacabados.

Mas a verdade é que a minha cabeça nunca esteve mais dispersa. Os meus pensamentos são uma confusão enorme, todos emaranhados, o que torna difícil perceber como eu realmente me sinto. Nos últimos dias, parece que andei de um lado para o outro, entre o desejar que nada acontecesse com o Tyler e o desejar que acontecesse alguma coisa. Depois da noite passada, estou mais inclinada para o último, mas ainda é difícil saber com certeza. Estarmos rodeados pela nossa família a tempo inteiro parece que confunde cada vez mais a minha opinião, porque a única coisa que posso pensar é que tudo o que tem que ver com o Tyler e eu parece impossível. É tudo tão injusto para eles. É tudo tão errado. Está a começar a tomar conta da minha mente e está a segurar-me. A única maneira de poder decidir como me sinto é passar algum tempo sozinha com o Tyler, com espaço e tempo suficientes para descobrir se vale a pena lutarmos por nós os dois.

Eu tenho de ir para Portland com ele.

A minha cabeça está pesada quando dirijo o meu olhar de novo para o Tyler. O peito dele sobe e desce, acompanhando a respiração pesada e profunda, a sua cabeça continua inclinada para trás, olhando na direção do teto. Não sei o que é que me deu, mas não me consigo impedir de dar um passo na direção dele e pressionar a minha mão contra o seu

peito, apenas para o sentir. Isto assusta-o e ele imediatamente olha para a minha mão em cima da sua camisa. Sinto o seu batimento cardíaco acelerar.

— Quando é que vamos?

12

São cinco da manhã.

Daqui a quinze minutos vou-me encontrar com o Tyler no corredor.

Ainda não dormi. Não consegui dormir. Não é só porque estou preocupada por não acordar a horas, mas porque estou com uma grande agitação nervosa. Tomei banho e enxuguei o cabelo o melhor possível com uma toalha. Andei no quarto em bicos de pés, no escuro, a reunir as minhas coisas e a arrumá-las cuidadosamente na mala. Pus o telemóvel a carregar e maquilhei-me um pouco. Estive mesmo a ver alguns programas de televisão — sem som, claro. A Ella está a dormir.

Podíamos ter saído há horas. Podíamos ter viajado durante a noite e estar em Portland antes do meio-dia. O facto de estar em Sacramento, já nos deixa quase a meio do caminho. Mas o Tyler queria dormir um pouco primeiro. Não seria seguro para ele conduzir durante tanto tempo sem dormir. Portanto, embora eu não tenha pregado olho, espero que ele tenha dormido.

Estou sentada na cadeira em frente do toucador, a verificar a hora no telemóvel a cada poucos minutos, mas parece que o tempo está a passar cada vez mais devagar. Solto um suspiro lento na escuridão e, em seguida, rapidamente olho por cima do meu ombro para verificar se a Ella se está a mexer. Não está, mas o sentimento de culpa faz baixar rapidamente o nível da excitação que se escoa através de mim.

Imagino como ela vai ficar furiosa quando acordar e descobrir que não estou aqui, e como essa fúria vai crescer quando ela descobrir que o Tyler também não está. Em como vai conversar com o meu pai e chegar à óbvia conclusão de que o Tyler e eu fomos embora juntos. Em como eles nunca mais confiarão em nós porque mais uma vez causamos problemas.

Os meus olhos detêm-se no bloco de notas com o logo do hotel pousado na beira da cómoda. Ao lado, uma caneta faz conjunto. O meu pai pode não merecer uma explicação, mas a Ella, em compensação, merece. Pego no bloco de notas e na caneta e vou mordendo o lábio inferior enquanto passo frases para a frente e para trás na cabeça,

pensando na melhor maneira de dizer. Com a luz do telemóvel para guiar a minha mão, rabisco as primeiras palavras que parecem fazer sentido.

Eu posso explicar. Liga para mim. Ou para o Tyler. Tanto faz — estamos juntos.

Leio, releio, penso e acrescento: *Desculpa*.

Arranco a página do bloco e volto-me para observar a Ella. Ainda não se mexeu. Com passos lentos e cuidadosos, contorno a cama para pôr o papel na mesa de cabeceira, ao lado do telemóvel, para que seja impossível ela não o ver ao acordar. Pelo menos quando ligar, poderei explicar-me sem ter de olhá-la nos olhos. É mais fácil assim.

Volto ao meio do quarto, desligo a televisão e ponho a cadeira de novo no sítio. Aliso as rugas no edredão da cama em que não dormi. Até ajeito as almofadas, e depois de tudo isso verifico as horas no telemóvel. São 5h13. Hora de ir. Hora de partir. Hora de, essencialmente, fugir.

Puxo a pega da minha mala e faço-a rolar sobre a carpete, na direção da porta, em total silêncio. Dentro do meu peito, o batimento cardíaco acelera. Não olho para trás. Faço rodar a maçaneta da porta e lentamente — tão, tão lentamente — abro-a. Ela range um pouco, mas saio para o corredor e cuidadosamente fecho a porta de novo. Respiro fundo, de alívio.

À minha direita, o Tyler está encostado à parede, a alça da mochila sobre o ombro, uma mão no bolso dos *jeans*, a outra a brincar com as chaves do carro. Sorri quando os meus olhos encontram os dele. — Temos um longo caminho pela frente.

De repente, sinto-me entorpecida. As pernas parece que se dobram debaixo de mim e a cabeça parece que paira sem peso em cima dos meus ombros. Não posso acreditar que estou realmente a fazer isto. Estou a ir para Portland. Estou realmente a ir com o Tyler. Isto assusta-me e excita-me ao mesmo tempo. Faço os possíveis para dominar os nervos, mas a minha voz é um sussurro quando digo: — Então, vamos.

O seu sorriso alarga-se e ele indica o corredor em direção aos elevadores. O hotel está em silêncio, a dormir. Não vai ficar assim por muito mais tempo. Muito em breve, toda a gente vai acordar, excepto eu e o Tyler. Nós estaremos já a caminho.

É com passos leves que nos esgueiramos pelo corredor.

Até ouvirmos uma porta a abrir-se.

Até ouvirmos a voz da Ella.

Até pararmos subitamente e nos voltarmos para trás.

A Ella espreita pela porta entreaberta. Tem um casaco em volta dos ombros, que segura junto ao peito, e os seus olhos, sensíveis à luz repentina, obrigam-na a semicerrá-los para nos fixar. — Algum de vocês gostaria de explicar?

Abate-se sobre mim uma sensação de náusea, enquanto o coração me cai aos pés. Os meus lábios separam-se numa expressão de puro espanto, pestanejo, olhando-a, incrédula, e a única coisa que consigo processar agora é a dura realidade, *Merda, estamos prestes a ser metidos no corredor da morte*. Agora, Portland está oficialmente fora da jogada, e qualquer esperança que possa ter existido para o Tyler e eu já foi.

— Mãe — diz o Tyler, a voz em surdina, e então começa a gaguejar —, eu... quero dizer, nós... — Até que a Ella o interrompe.

— Para onde é que vocês vão? — pergunta. Levanta uma sobrancelha e olha desconfiada para a minha mala e, em seguida, para a mochila do Tyler, e então sai para o corredor, mas sem se afastar demasiado. Ela tem de manter a porta aberta com o calcanhar para impedir que se tranque. — Por favor, diz-me apenas uma coisa. De volta para casa ou para Portland? Qual dos dois?

Lentamente, Tyler expira profundamente no silêncio do corredor. Parece que todo o seu corpo se esvazia. — Portland — diz ele em surdina.

— OK — sussurra a Ella depois de um momento de silêncio. Está a observar-nos intensamente, com uns olhos onde e mistura cansaço e afeto. Aperta melhor o casaco ao corpo. — Por favor, conduz devagar.

Olho-a agora com a mesma expressão com que a olhei ontem à noite, uma que diz: *Que raios?* Há qualquer coisa fora do sítio na cabeça desta mulher. Tem de haver. Depois de todos estes meses a massacrar-me o cérebro por o Tyler e eu juntos estar errado, *agora* a mesma Ella está a dizer-nos que está tudo bem? Não há problema em nos deixar em paz para conversar um com o outro? Não há problema em nos deixar ir juntos para um estado diferente?

O Tyler deve estar tão surpreendido quanto eu, porque, quando olho

de lado para avaliar a sua reação, ele está de olhos muito arregalados, com a cabeça inclinada para um lado. — Conduz devagar? — repete.

— Para Portland, claro — esclarece a Ella, sem perder nada. Inclina a cabeça para o imitar. — Não faças nada de estúpido nas estradas. Eu juro, Tyler. Nada de excesso de velocidade na interestadual.

— Não vais tentar impedir-nos? — pergunto. Ela deve achar que pareço um disco riscado, constantemente a repetir as mesmas perguntas, constantemente a pôr em causa todas as suas decisões, mas não é coisa a que me consiga habituar com facilidade.

— Porque é que eu vos havia de impedir? Que razão tenho eu para isso? — replica ela, mas num tom mais suave e gentil. Estamos todos a falar em leves sussurros e o corredor está frio. — Tu tens o direito de tomar as tuas próprias decisões. E, além disso — murmura ela —, desconfio muito que vai haver uma reviravolta milagrosa nesta frente amanhã.

— Mas... *Porquê?* — Isso é tudo o que realmente quero saber. *Porque* é que ela transmitiu os recados do Tyler para mim no ano passado, como fez no dia 4 de Julho. *Porque* é que ela me ligou para casa na manhã de quinta-feira para o ver. *Porque* é que ela não ficou tensa ontem à noite com o pensamento de estarmos sozinhos juntos? *Porque* é que ela não nos impede de ir para Portland. Porquê, porquê, porquê? — Eu não acho que o meu pai vá ficar muito contente quando descobrir que não nos impediste quando tiveste a possibilidade de o fazer.

— Pra já, ele não tem de saber que tive alguma vez essa possibilidade — diz ela, os cantos dos lábios lentamente formando um sorriso. Pode até estar à beira do riso. — E, Eden, eu sei como lidar com o teu pai. Eu posso ser casada com ele, mas isso não significa que tenha de ter as mesmas opiniões que ele.

Eu percebo imediatamente o que ela está a insinuar. — Como sobre... Como a tua opinião sobre nós? — Olho novamente para o Tyler.

A Ella assente apenas uma vez, mas é o suficiente para me dizer tudo o que preciso de saber. Demorei um ano para perceber, porque nunca considerei isso nem remotamente possível. Tal pensamento nunca, uma única vez, passou pela minha mente. Eu tenho de dizer em voz alta, eu tenho de perguntar, só para ter a certeza absoluta de que estou a interpretar corretamente.

— Tu não estás contra nós?

A Ella ri baixinho, da mesma forma que na noite passada, como se as respostas às minhas perguntas fossem óbvias, como se isso não tivesse grande importância quando, na verdade, tem. — Mas eu alguma vez disse que estava? — diz, ainda sussurrando. Não só é ridiculamente cedo, como o meu pai também está ridiculamente perto. — Foi uma surpresa, sim — continua ela —, é claro que foi, mas importo-me muito mais com vocês os dois do que com um estigma qualquer. E compreendo, a sério que compreendo. As circunstâncias são lamentáveis e às vezes sinto que vos devo, a vocês os dois, um pedido de desculpas. Eu também não sei muito bem como lidar com a situação, mas se o que querem é ir para Portland, vão para Portland. Se querem ficar por perto, fiquem por perto. Se o que querem é ir para casa, vão para casa. É a vossa escolha e eu não me vou meter no caminho.

Sinto que estou quase a vomitar. *Como é que isto é possível?* O meu pai provavelmente pediria o divórcio se soubesse como as suas opiniões são opostas. Durante todo este tempo, acreditei que a Ella estava do seu lado.

Quando olho para o Tyler novamente, ele está a sorrir, um sorriso que se estende até aos olhos. — Sabes, mãe — diz ele —, eu sempre tive a sensação de que tu eras muito mais fixe do que eu jamais te considerei.

— E sou. Podes ter a certeza de que tens carradas de razão — mas o seu sorriso rapidamente esmorece e ela respira fundo. — Mas diz-me lá, quanto tempo é que pensam ficar em Portland? Porque, Eden, tu ainda vais ter de vir a casa e depois é que voltas para Chicago. — Ela fixa-me com um olhar severo, mas afável e simpático, não sei como é que a Ella consegue ser rigorosa de uma forma tão suave, mas a verdade é que consegue. Depois olha para o Tyler exatamente com a mesma expressão. — E, quanto a ti, preciso que *tu* venhas a casa com mais frequência — diz ela. — Não uma vez por ano. Uma vez por mês. Vou até pagar os teus voos para te poupar à condução.

— Podemos pensar nisso — diz o Tyler com um aceno de cabeça. Ele ainda está a sorrir, e quando muda o peso de um pé para o outro alivia a pressão da alça da mochila no ombro. Ele olha para mim. — Pronta para sair daqui?

Eu nem sequer consigo dizer que sim. Ainda estou em choque e os

meus olhos continuam a dirigir-se instintivamente para a Ella. — Tens mesmo a certeza? — A minha voz está cheia de dúvidas. Estou a qualquer momento à espera que ela dê o golpe de misericórdia.

— A certeza absoluta — diz ela. — E se realmente a ideia é irem embora, agradeço que o façam de uma vez por todas, que é para eu poder dormir ainda mais umas horas. Além disso, convém não se esquecerem de que isto nunca aconteceu. Eu não vi nenhum de vocês. — Lentamente, ela volta para o quarto, não sem olhar em volta uma última vez. — Conduz com segurança.

A porta fecha-se quando ela desaparece. Ficamos sozinhos, no silêncio. Viro-me para encarar o Tyler. Ele está a sorrir, um sorriso aberto, pleno, que revela os seus olhos brilhantes e os seus dentes perfeitos.

— Ouviste o que ela disse — diz ele, mas a sua voz sai no seu tom normal e ele estremece ao aperceber-se de que falou altíssimo. Puxa sobre os cabelos o capuz do *hoodie* azul-marinho e as próximas palavras que escapam dos seus lábios são sussurros, cheios de adrenalina e euforia, malícia e alegria. — Vamos bazar daqui pra fora.

Ele pega na minha mão. Os nossos dedos entrelaçam-se, encaixando na perfeição, o calor da sua pele irradia contra a minha e eu aperto a minha mão em torno da dele com tanta força que os meus dedos doem. Não consigo impedir-me. Não quero largá-lo, mas também não quero que ele me largue. É uma sensação muito mais emocionante do que alguma vez imaginei, do que eu jamais acreditei que poderia ser, e, por ser simples, ainda faz o meu pulso disparar. Talvez seja o nervosismo provocado por não saber realmente para onde é que me estou a deixar arrastar. Talvez seja a emoção de, apenas talvez, estar a deixar-me ir por tudo isso: a mão do Tyler na minha, pelos arrepios que cobrem a minha pele, pela dor no meu peito quando o meu coração bate freneticamente contra as minhas costelas.

De mãos dadas, finalmente fazemos a nossa fuga. Os nossos passos são mais rápidos do que antes e o meu coração bate ainda mais rápido quando Tyler me leva pelo corredor até ao elevador, a minha mala arrastando-se ao longo do tapete atrás de mim. Mesmo na primeira descida de elevador até ao segundo andar, o meu peito não para de se contrair. Eu atribuo isso ao facto de estar inegavelmente a enlouquecer

com uma série de emoções. Ansiedade e alívio, trepidação e euforia. Ir a Portland vai ser a melhor ou a pior decisão que já tomei, e só o tempo dirá qual.

Só quando estamos no segundo elevador, a caminho do estacionamento, é que o Tyler pergunta: — Dormiste alguma coisa?

— Não — admito. As nossas mãos continuam interligadas como se fosse a coisa mais natural do mundo. — E tu, dormiste?

— Sim. E sem querer ainda acordei o Chase — diz ele, com um risinho e um encolher de ombros.

— Disseste-lhe?

— Não. Ele voltou a adormecer literalmente num minuto.

As portas do elevador abrem-se para o quarto piso do estacionamento. Ainda está muito escuro, embora seja já madrugada, e sinto o ar frio desde o momento em que o Tyler me puxa para fora do elevador e atravessamos o cimento. O carro dele está no canto de trás e, a princípio, eu não o reconheço, porque ainda me estou a acostumar à mudança. Na realidade, este não chama a atenção como o outro. Talvez ele prefira assim.

Quando chegamos ao pé do carro, a mão firme do Tyler abandona a minha e imediatamente começo a desejar o toque dele novamente. A minha mão parece fria sem ela.

— Sabes, Eden — murmura, enquanto destrava o carro, virando-se para mim —, estou muito, muito feliz por teres decidido ir para Portland.

— Porquê?

— Porque senão — diz — eu tinha de ir devolver isto.

Ele abre a bagageira e espreito para o que está lá dentro. É uma mala, igual à minha, simplesmente de tamanho maior. É a outra mala do meu conjunto, a maior, a que eu levo de ida e volta para Chicago. Tem pendurada uma etiqueta nova. Aponto para ela e depois dirijo ao Tyler um olhar interrogativo, mas ele abana a cabeça e dá um passo para trás.

Eu volto a olhar para a etiqueta e viro-a, procurando, no meio do escuro, identificar a caligrafia, que me é muito familiar. É a da minha mãe.

Desculpa-me pelo que se passou no outro dia. Faz o que estiver certo para ti antes que seja tarde demais. Alguns não têm a oportunidade de o fazer. E diz ao Tyler que a mãe dele é maravilhosa — A tua mãe, abandonada não sem razão (uma vez queimei no

quintal todas as camisas do teu pai). Amo-te. X

— A tua mãe fez a mala para ti — diz o Tyler quando se apercebe da minha confusão. — Apenas no caso de decidires ficar comigo por mais uns dias.

— Quando foi... Quando é que tu falaste com ela?

— Na sexta-feira, depois de vocês saírem para fazerem a viagem até aqui. — Ele ainda tem o capuz posto e o seu rosto está meio na sombra. — Portanto, não precisas de te preocupar em dar-lhe a notícia. Ela gostou da ideia de tu ires para Portland comigo.

Reviro os olhos, enquanto um sorriso se espalha no meu rosto. — Claro que gostou.

Rindo, o Tyler empurra-me gentilmente para fora do caminho. Coloca a minha outra mala no porta-bagagens, juntamente com a sua mochila, e depois fecha-o, enquanto eu me dirijo para o lado do passageiro. Entramos no carro e reparo que ele limpou o lixo todo.

O motor ronrona suavemente, ganhando vida. O Tyler leva alguns momentos para ajustar o assento, o aquecimento, o rádio, e então engole em seco e coloca a mão na manete das mudanças. — Última oportunidade para desistir — diz ele, mas a sorrir, porque sabe que eu não desisto. Eu acredito que já passei do ponto sem retorno.

— Tyler — respondo, fazendo um trejeito com os lábios. Fito-o com um olhar firme e gentilmente coloco a minha mão sobre a dele, na manete das mudanças. — Conduz simplesmente.

13

Quando acordo com o sol a bater no para-brisas, imediatamente me arrependo de não ter dormido quando tive possibilidades. Tenho o cinto de segurança todo enrolado em volta das curvas do meu corpo e a cara espalmada contra a porta. No meu ombro esquerdo, sinto o suave e lento batuque de dedos. De certa forma, sinto um alívio, e forço-me a abrir os olhos ao levantar a cabeça, olhando preguiçosamente para o lado para ver o Tyler. Ele tira a mão do meu ombro e afasta-se de mim, deixando o braço descansar sobre o volante.

— Desculpa ter-te acordado — murmura. A sua voz é suave, baixa, como se tivesse medo de me assustar se falasse mais alto.

— Tudo bem. — Solto o cinto de segurança e sento-me direita, esfregando os olhos. Sinto-me um pouco toldada, um pouco empenada e um pouco quente, por isso demoro um pouco para perceber que estamos estacionados numa rua longa e curva. Olho para o Tyler, à espera de uma explicação. — Onde estamos? Portland?

Estamos estacionados do lado de fora de um *bungalow* com paredes brancas, uma relva a morrer à míngua e uma camioneta prateada na entrada da garagem. Árvores grossas ladeiam a rua num conjunto tão bonito que é óbvio que foram cuidadosamente projetadas. Dir-se-ia que é uma rua boa demais para Portland.

— Redding — responde o Tyler, e eu pestanejo, surpreendida. Ainda estamos na Califórnia. — Estamos na estrada ainda há poucas horas. — Com um aceno de cabeça, ele bate com os nós dos dedos contra o relógio no tabliê. São apenas 8h09.

— Porque é que estamos aqui?

— Pensei fazer uma paragem. Tomamos o pequeno-almoço e depois fazemo-nos de novo à estrada — diz ele, abrindo a porta. Põe um pé para fora do carro antes de olhar por cima do ombro e acrescentar: — Além disso, eu prometi-lhes que voltava cá no caminho de volta.

— Prometeste a quem? — pergunto, mas ele já fechou a porta. As palavras dele acordaram-me completamente e eu faço uma boa tentativa para sair do carro atrás dele. Mesmo que as minhas pernas ainda

estejam entorpecidas, obrigo-as a avançar atrás dele, seguindo-o pela entrada para carros. — Prometeste a *quem*, Tyler?

Ele está a sorrir como se fosse engraçado, e no momento em que estamos no primeiro degrau ele revira os olhos para a minha expressão estupefacta. Mas então o humor do mistério parece desaparecer, porque ele aclara a voz e fixa os olhos em mim. — Os meus avós — responde.

Eu olho para ele. Esta é a primeira vez que ouço falar sobre ele ter avós em Redding. Ainda mais surpreendente é o facto de ele se dar com eles. — Os teus avós? — repito.

— Hum-hum.

Faço sombra com a mão nos meus olhos e fito-o através da luz do sol da manhã. — Pensava que nenhum de vocês falava com a família da tua mãe.

— Não, não falamos — diz ele. Virando-se para a porta, ele bate levemente na madeira algumas vezes, e depois roda a maçaneta da porta e abre. Ele olha para mim, com um sorriso de esguelha. — Mas eu nunca disse que eles eram os pais da minha mãe.

Empurra a porta, abrindo-a um pouco mais, e faz-me sinal para eu entrar. Sigo-o, embora a princípio hesitante, e sinto-me nervosa e desconfortável. Nervosa porque estou inevitavelmente prestes a conhecer pela primeira vez alguns membros da família alargada do Tyler. Desconfortável porque a única coisa em que consigo pensar é que essas pessoas são os pais do pai do Tyler, e a última coisa em que eu quero pensar agora é no pai dele. Mesmo nos melhores momentos, isso irrita-me.

A casa cheira a café acabado de fazer e a rebuçados para a tosse, misturado com o aroma vago de perfume doce e repolho cozido. Uma escada de madeira leva ao andar de cima e as paredes do *hall* estão cobertas de fotografias em molduras inclinadas. De passagem, lanço olhares rápidos para as fotos, de rostos que eu nunca vi. Parecem ser de há muito tempo, como os anos 60 ou mesmo os anos 50. Ouço o vapor de uma máquina de café na cozinha.

O Tyler olha por cima do ombro e, quando me vê ansiosamente olhando em volta, é quase como se quisesse rir. — Não te preocupes — sussurra. — Eles sabem tudo sobre ti.

Isso não me tranquiliza nada. Na verdade, agora estou-me a

questionar sobre o que o Tyler lhes disse exatamente. A verdade completa? O mínimo? Uma versão ligeiramente distorcida da verdade?

Chegamos à cozinha e eu sigo o Tyler. Brilha, com o sol da manhã a entrar a jorros pelas janelas, com uma porta aberta que dá para o pequeno quintal, e há uma mulher encolhida sobre a máquina de café, de costas para nós.

Tyler aclara ruidosamente a garganta. — Devias ter sempre a porta trancada quando estiveres cá para dentro.

Assustada, a mulher quase manda a cafeteira pelo ar quando se volta de repente. Ela parece ter pouco mais de sessenta anos, baixa, o cabelo escuro bem esticado num carrapito no alto da cabeça, a pele bronzeada revelando sinais de envelhecimento. — Tyler! — exclama emocionada. Atravessa a cozinha a correr, com os braços estendidos e envolve-o num abraço apertado. — Porque é que estás aqui? — pergunta, depois de se ter afastado, e lá está o forte sotaque espanhol. — Hoje é só domingo. Eu pensei que era só amanhã?

— Saímos cedo — diz o Tyler, e é quando ela repara em mim ao seu lado. Todo o seu rosto se ilumina. — Sim, esta é a Eden. Eden — ele olha para mim —, esta é a minha *abuelita*. Tu sabes, a minha avó. *Abuelita* Maria.

— Ah, Eden! — diz a Maria, e o meu nome soa lento e denso nos seus lábios. Empurra o Tyler para o lado enquanto me abraça envolvendo completamente os meus ombros nos seus frágeis braços. Ela cheira ao perfume que nos recebeu à entrada, a rosas, doçura e amor. — Tão bom conhecer-te. — Quando ela finalmente se afasta, pega nas minhas duas mãos e aperta os seus dedos ossudos ao redor dos meus. — Mas que bom.

O sorriso dela ainda vai vacilar. Na verdade, acho que pode ser apenas contagiante, porque percebo que estou sorrindo para ela com a mesma largura com que separo os meus lábios para dizer: — Também é muito bom conhecê-la.

— Senta-te, senta-te — pede ela, apontando para a mesa e conduzindo-me até lá. Há seis lugares, mas apenas dois individuais. — Temos panquecas ao domingo. Todas as semanas — diz, e, com as mãos nos meus ombros, conduz-me a uma cadeira em frente de um dos individuais.

Olho para o Tyler, surpreendida e à procura de ajuda, mas ele assiste divertido, com os braços cruzados sobre o peito. Então pergunta: — Onde está o avô?

Maria solta-me. — Garagem. O carro parou de funcionar outra vez.

O Tyler ri e revira os olhos. — Eu queria apresentar-lhe a Eden — diz ele. Quase com cautela, ele estende a mão e eu agarro-a, permitindo que ele me puxe para si. — Se tu não te importares de a emprestar, é claro.

Maria afasta-se rapidamente para o outro lado da cozinha, com as mãos estendidas, as palmas voltadas para nós. — Não, não. Claro que não. Vai lá apresentá-la ao Peter. E depois as panquecas. — Leva as mãos aos quadris, olhando de soslaio para a pilha de panquecas na bancada, ainda dentro da embalagem.

— São de loja. Eu não tenho jeito.

— Panquecas são panquecas — diz o Tyler, com um sorriso caloroso e reconfortante.

A sua mão continua a segurar a minha e a Maria continua a sorrir para nós, e assim torna-se perfeitamente óbvio que o Tyler contou aos avós toda a verdade, que eu sou mais do que apenas a sua meia-irmã. Tipo, *muito mais*. É uma sensação estranha ser tão aberta, ser assim, só espero que seja uma antecipação de como as coisas *podem* ser entre nós. Podemos ser honestos e aceites, satisfeitos e apaixonados. Um dia será assim.

O Tyler leva-me até à porta da garagem, enquanto a Maria vai preparar mais café para satisfazer a companhia extra. Antes que eu perceba, estamos na garagem, a porta fecha-se atrás de nós e as nossas mãos de repente deixam de estar interligadas. Eu não sei se o Tyler repara sequer, mas mais uma vez eu reparo. Porque no momento em que me falta o seu toque, eu só o quero de volta.

A garagem está completamente atulhada, desde pilhas de caixas aos cantos, a ferramentas espalhadas em bancadas improvisadas, a um cortador de relva enferrujado encostado instavelmente à parede. Bem no centro, a vedeta incontestável da garagem: um carro. Está polido, vermelho brilhante, sem um único arranhão em toda a superfície, e, sem qualquer dúvida, tem várias décadas de idade.

— O café está pronto? — Uma voz profunda soa do outro lado da

garagem, atrás do capô aberto do carro.

— Não exatamente — responde o Tyler.

Faz-se silêncio e depois ouve-se um baque, quando o avô bate com a cabeça no capô. De início, o Tyler dá uma gargalhada, mas rapidamente manifesta preocupação. — Está tudo bem, avô? — O homem pragueja em voz baixa, à mistura com uma tosse puxada bem lá de dentro, e depois espreita por detrás do carro. Está a esfregar a pele exposta no alto da cabeça, onde o seu cabelo branco está a desaparecer lentamente. Rugas bem fundas marcam-lhe o rosto redondo e em torno das suas feições, mas a dentadura completa dá-lhe de imediato um sorriso de agradável surpresa.

— Que raio andas tu aqui a fazer, moço? — pergunta ele, numa voz que não é ainda rouca, mas que se aproxima. Limpa aos *jeans* as mãos, cheias de óleo preto, e em seguida, lentamente, enfia a camisa nas calças. Não é hispânico. — Saltei um dia? Já é segunda-feira?

— Eu é que saí mais cedo do que estava planeado — retifica o Tyler. Dá alguns passos cautelosos, contornando as ferramentas espalhadas no chão, antes de passar o braço sobre os ombros do avô e calorosamente lhe afagar o braço. — E, no caso de ainda não teres percebido, *esta* é a Eden. — Olham os dois para mim e os seus olhares fazem-me corar.

— Meu Deus. Mas que coisinha mais bonita! — O avô do Tyler corrobora com movimentos afirmativos da cabeça aquilo que eu só posso supor ser uma manifestação de aprovação. Tira os óculos e dá ao Tyler uma cotovelada nas costelas. — Agora entendo! Não te posso criticar. — O Tyler encolhe-se, cobrindo o rosto com a mão, mas o avô limita-se a rir e volta a pôr os óculos na cana do nariz, dizendo: — Eu sou o Peter, mas toda a gente me chama Pete. É maravilhoso descobrir que o Tyler não nos andava a enganar. Eu devo confessar que tive dúvidas se tu serias real.

Rio-me só de ver o Tyler, agora abana a cabeça e esconde os olhos atrás da mão, enquanto a sua boca se contrai num traço fino. Começo a gostar da ideia de o Tyler falar sobre mim com os avós. Gosto de imaginar o meu nome nos seus lábios, e imaginá-lo a sorrir quando o diz.

O Pete continua a rir e o Tyler afasta-o carinhosamente, não sem antes lhe retribuir finalmente com um sorriso rasgado.

— A avó provavelmente já tem o café pronto. E as panquecas — diz ele, mudando rapidamente de assunto. — Que tal uma pausa e depois venho ajudar-te com essa bateria?

O Pete concorda e conduz-nos, ao Tyler e a mim, de volta à cozinha, onde a Maria nos recebe com um sorriso caloroso. Ela preparou várias canecas de café preto fumegante e acrescentou mais dois individuais à mesa. As panquecas estão empilhadas num prato, cercadas por vários tipos de pastas e frutas frescas, perfeitamente alinhadas.

— Ainda bem que me fizeste comprar mais do que precisávamos — diz a Maria ao Pete, enquanto corre em volta da mesa, puxando quatro cadeiras.

— Bem — diz o Pete —, nunca se sabe quando podem aparecer convidados. — Deixa-se cair numa cadeira na extremidade da mesa, enquanto a Maria lhe entrega um café, do qual ele bebe um gole. Aparentemente contente, observa-nos por sobre o rebordo da caneca, por detrás das lentes embaciadas.

— Por favor — diz a Maria, voltando a atenção para o Tyler e para mim —, sentem-se. — Indica-me a mesma cadeira de há poucos minutos e põe uma caneca de café na minha frente. — Está tudo bem? Ou preferes chá? Posso fazer chá para ti.

— Café está perfeito — respondo rapidamente, quase cortando-lhe a palavra, para lhe poupar o incómodo de assegurar que tudo esteja perfeito. Além disso, o café é ótimo.

Maria fica aliviada ao saber que estou satisfeita, então agarra os ombros do Tyler e empurra-o para a cadeira ao lado da minha. Eu acho que o tom rosado ainda não abandonou a sua face desde o momento em que entrámos pela porta da frente e vê-lo tão envergonhado é, surpreendentemente, agradável.

— Vieste a guiar a noite toda? — pergunta a Maria, enquanto lhe traz uma caneca de café. Põe-na com cuidado na mão dele e, em seguida, apoia a palma da mão contra a testa, franzindo as sobrancelhas como se estivesse com febre.

— Apenas algumas horas — diz o Tyler. Rapidamente, afasta a mão dela, e a sua expressão não é apenas de confusão, mas também levemente horrorizada. O Tyler toma um rápido gole de café antes de acrescentar: — E não, eu não acelero na interestadual. Na verdade,

saímos de Sacramento, não de LA.

— De todas as cidades que existem aqui na Califórnia — murmura o Pete entredentes, mastigando as palavras —, por que carga de água estavas tu em Sacramento? Nunca na minha vida pus os pés numa cidade mais pateticamente entediante do que aquele maldito lugar.

— Longa história — diz o Tyler. Mesmo que não seja, na verdade.

— Hum. — Maria ocupa a cadeira vazia na extremidade oposta da mesa, mas eu consigo adivinhar, pelo brilho curioso nos seus olhos, que ela está a pensar nalguma coisa. E que essa coisa vai sair em espanhol. — *¿Fue duro convencerla?*

O Tyler olha de lado para mim. É apenas um relance, e então aclara a voz e olha para a avó. — *Sí. No pensé que ella vendría.*

— *¿Le has hablado de tu padre?*

— *Aún no* — diz ele.

— Odeio quando eles fazem isso — sussurra o Pete para mim, desviando a minha atenção para ele, porque o Tyler e a Maria continuam a conversa impossível de entender. — É muito frustrante.

— O Pete não fala assim? — pergunto.

— Só o básico. — Ele estende-se por sobre a mesa, apunhalando a pilha de panquecas com o garfo. — E tu?

Abano a cabeça. — Bem que gostava.

Tanto o Tyler como a Maria parecem voltar para o inglês, trocando olhares firmes um com o outro antes de a Maria começar a passar as panquecas. Ela sorri de orelha a orelha.

— O Tyler diz que tu estudas em Chicago — e ergue uma sobrancelha demonstrando interesse, enquanto me serve uma panqueca. Em casa, eu rejeitaria. Aqui, não quero parecer indelicada, portanto, em voz baixa, murmuro *obrigada*.

— E sim — acrescento. — Estou a formar-me em psicologia.

— Psicologia — repete o Pete. — Coisas como cérebros e interações?

— A explicação das razões por detrás de certos comportamentos humanos — reformulo. Bebo um longo gole do meu café. Não serei a maior fã do café preto básico, mas é bom para ajudar a acordar. — Gostava depois de fazer uma pós-graduação em psicologia criminal.

A cabeça do Tyler dá uma volta brusca no momento em que essas

palavras saem dos meus lábios. — Eu não sabia disso.

— Isso é porque não tens... — Mordo a língua para me conter de dizer que *não tens estado cá*. É tão fácil mandar bocas ao Tyler sem pensar. Controlar as palavras, pelo contrário, é muito difícil.

Tento reformular o que ia dizer, levando alguns segundos a reunir os meus pensamentos enquanto continuo a beber o meu café. — Só porque acho uma área interessante — digo, finalmente.

— Psicologia criminal... — Maria murmura. — O que é exatamente isso?

— A análise e a investigação das possíveis razões e motivos que levam uma pessoa a cometer um crime.

Instala-se um silêncio desconfortável em volta da mesa, tão tenso que é palpável. Pete enfia na boca meia panqueca de uma só vez. Maria traça o rebordo da caneca com a ponta do dedo. Tyler coça a nuca, baixando o olhar para o colo. Só então percebo o que acabei de dizer e a quem exatamente acabei de o dizer.

— Se formos a ver, todos os aspetos da psicologia são tão interessantes — digo, tentando conduzir a conversa para uma direção diferente. Opto pelo caminho bem-humorado. — Por exemplo, quais as razões e motivos que levam as pessoas a fazerem coisas tão irracionais como viajar para Portland com o seu meio-irmão.

É um alívio ver o Tyler revirar os olhos, ver a Maria respirar fundo, ouvir o Pete rir. É um alívio só de vê-los relaxados.

* * *

O resto da conversa durante o pequeno-almoço flui, o que é bom. Seria insuportavelmente incómodo se não fosse. Maria faz muitas perguntas. Pete faz muitos assentimentos de acordo. Tyler e eu respondemos muito. Tyler acaba por explicar o que estávamos a fazer em Sacramento, e a expressão da Maria enche-se de simpatia quando descobre a triste desculpa por detrás da viagem. Ainda mais triste é que a viagem não fez a menor diferença para o estado da nossa família. Exceto para o Tyler e para mim, o que definitivamente não era a intenção. Mas fico feliz que seja este o resultado.

Durante algum tempo, desligo um pouco para me concentrar em

cortar a minha panqueca em pedacinhos pequenos e espalhá-los para parecer menor quantidade e pergunto-me se o meu pai e a Ella estarão acordados. São quase nove horas. Provavelmente estarão acordados e a discutir. Ella poderá estar a lutar do nosso lado, sozinha, a defender-nos contra o meu pai, novamente entalada entre os dois. E isso faz-me sentir tão culpada, tão egoísta. Faz-me pensar que devíamos dar meia-volta e regressar.

Mas quando o pequeno-almoço chega ao fim já afastei esse pensamento, porque a Ella sabe, melhor do que qualquer um de nós, como lidar com a situação. Afinal, ela é um raio de uma advogada, e o Tyler não parece preocupado, portanto, eu também não deveria estar. Na verdade, ele parece estar mais interessado em ajudar o Pete a resolver o problema do carro, porque os dois voltam imediatamente para a garagem, no momento em que a Maria se levanta para limpar a mesa.

— Podemos estar de volta à estrada antes das dez. E chegamos a Portland muito antes de escurecer — diz o Tyler, hesitando, à porta da garagem. Odeio como ele consegue ser tão atraente aparentemente sem esforço. Olha para trás por cima do ombro e eu ouço o Pete pedir para ele segurar numa lanterna. Quando ele olha para mim, o seu sorriso parece um pedido de desculpa. — Importas-te?

— Vá, vai lá — digo, porque realmente não me importo de ficar aqui por mais uma hora. Não quero ser a única a apressar-me a levá-lo para longe, além disso, a Maria parece ter trabalho que dá para mais um par de mãos, portanto, mal o Tyler desaparece, eu vou ajudá-la a levantar a mesa.

— Então vocês moraram sempre aqui? — pergunto, porque sou curiosa, é um hábito meu. Além disso, não sei exatamente sobre o que mais falar com ela. — Em Redding?

— Não — diz a Maria, abanando a cabeça. Ela leva os pratos vazios para a máquina de lavar a louça e fica de costas para mim. — Só há sete anos. Também morámos em Santa Monica.

Recolho os talheres espalhados sobre a mesa e dou por mim a erguer as sobrancelhas, de espanto. — A sério?

— *Sí* — diz ela.

Junto-me a ela na máquina de lavar a louça, colocando os garfos e as facas no interior, observando-a pelo canto do olho. — Porque é que

escolheram ficar aqui?

— Ah. — Ela faz-me um sorriso resignado e inclina-se sobre o balcão. — Com tudo o que estava a acontecer nessa altura, não quisemos ficar. Era muito duro. E então viemos para aqui, para Redding, porque queríamos um lugar calmo e pacífico, mas ao mesmo tempo adorávamos morar na cidade. É bom, aqui.

Eu penso, por um segundo, nas datas. — Tudo o que estava a acontecer... Com o pai do Tyler? — pergunto, em tom suave e voz cautelosa. Talvez eu não devesse insistir num assunto tão delicado, mas não posso evitar. Odeio não saber. — Com o seu filho?

— Ah — diz a Maria novamente. — O Tyler disse que tu sabias a história toda. — Ela inclina-se para fechar a máquina de lavar a louça e, quando se endireita novamente, vai até ao lava-louça lavar as mãos debaixo da torneira. Preocupa-me que ela possa ter ficado perturbada, portanto, fico calada. — Sim, sem dúvida — diz ela finalmente, os olhos treinados no fluxo de água —, foi um momento muito difícil para nós. Muito difícil de lidar. Muito difícil de aceitar.

Posso imaginar, acho eu. Olho em volta da cozinha, sentindo-me subitamente deslocada, como se estivesse a ser uma intrometida. — Desculpe, importa-se que eu vá à casa de banho? — Maria olha para mim, ligeiramente confusa com a mudança rápida de assunto, mas voltou a ter aquela expressão de alívio nos olhos.

— Andar de cima. Segunda porta. À esquerda.

Não demoro a sair da cozinha. Sinto-me desconfortável, por isso subo as escadas o mais rápido possível. A princípio, as paredes parecem nada mais do que uma réplica das paredes da entrada, com molduras antigas com fotografias ainda mais antigas. É um bocado para o excessivo, para não falar no arrepiante que é para mim ser observada por tantos rostos, até que vejo o Tyler entre eles.

O meu coração estremece um pouco, e tenho de semicerrar os olhos para focar a foto primeiro, recuando para examiná-la de longe antes de me aproximar novamente. É uma praia e é uma praia que conheço muito bem. É a praia de Santa Monica, com o cais ao fundo, mas estou mais concentrada nas três pessoas na areia. Maria à esquerda, Tyler no meio, Pete à direita. Todos juntos, abraçados, com os braços por cima dos ombros uns dos outros.

Só que a Maria é muito mais jovem, com uma figura mais delgada, mas com o mesmo rosto redondo. E o Pete tem cabelo. Cabelo espesso e escuro. Mas os óculos são os mesmos, e ambos definitivamente não estão na casa dos sessenta anos. Talvez quarenta e poucos.

No entanto, o Tyler está lá, talvez com uns dezasseis ou dezassete anos, cabelos muito mais compridos e muito mais selvagens do que eu me lembro, e eu não consigo entender como é que ele pode aparecer numa fotografia tão antiga.

E é então que, de repente, se faz luz no meu espírito.

Holy shit.

Não é o Tyler, de forma alguma. *Não é o Tyler, de forma alguma.*

— Aposto que sei que fotografia é que estás a ver. — O meu coração para e eu dou um salto para trás, assustada. Encostado à parede a meio das escadas, de braços cruzados sobre o peito, está o Tyler. E é o Tyler de verdade, desta vez.

— Assustaste-me — sussurro, num tom de voz quase inaudível. Respiro com tanta intensidade e profundidade que se torna difícil falar.

— Aquela da praia, não é verdade? — pergunta o Tyler, continuando. Deixa cair os braços e aproxima-se de mim, subindo os degraus restantes e encaixando-se ao meu lado. — Toda a vida as pessoas disseram que eu era o duplo dele. Diziam que eu devia de ter sido irmão dele em vez de filho. Pessoalmente — diz, inclinando a cabeça, para observar a foto —, não estou a ver. E esse cabelo? Tão foleiro. Que raio de ideia!

Volto o rosto para olhar para ele. — O teu pai — digo. Não é uma pergunta, porque sei a resposta. Eu sei que é o pai dele que está naquela fotografia, e tenho consciência de que, pela primeira vez, posso realmente dar um rosto ao homem por quem desenvolvi tão profundo desprezo. Ainda que seja apenas um rosto jovem e inocente.

— Hum-hum — confirma o Tyler. Lentamente, ele volta a encostar-se à parede, tão descontraído e indiferente. Tão calmo que eu começo a perguntar-me se Portland não terá realmente alterado toda a sua mentalidade. — A propósito, o nome dele é Peter.

— Peter? Tal como... o teu avô?

— Peter Junior — responde ele. — E Peter Senior. E, felizmente, a minha mãe recusou-se a seguir a tradição.

As minhas sobrancelhas unem-se enquanto eu o observo de perto. Um ano atrás, tive que impedi-lo de dar um pontapé no rabo do pai. Agora, fala como se o pai lhe fosse absolutamente indiferente. É um contraste enorme, uma grande mudança. Quando volto a percorrer com o olhar as paredes, reparo que há muitas fotografias do pai dele. — Isto tudo não te incomoda? — pergunto.

— Há um ano incomodava — reconhece. — No ano passado, depois de me ter ido embora, estive aqui durante alguns dias. Não sabia para onde ir, então vim para cá e, juro-te, tentei arrancar todas as molduras das paredes, uma por uma. Mas o meu avô pôs-me a andar. — Ele ri, mas eu não. — E então voltei aqui na quarta-feira passada, no meu caminho de regresso a LA, e nenhuma destas fotografias me incomodou. Absolutamente nada.

Continuo a observá-lo, agora ainda mais atentamente, mas é impossível negar que há sinceridade nos seus olhos, honestidade no seu sorriso. Como em todos os momentos desta nova fase. De repente, tenho um enorme desejo de abraçá-lo.

— Não sei se já deu para perceber, mas a minha avó é uma espécie de colecionadora compulsiva — diz ele, aproximando-se mais da parede e das fotos. — Ela nunca se desfaz de coisa alguma. Mesmo daquilo que toda a gente já deitou fora. — Ele estende a mão, batendo com os dedos contra uma fotografia em particular, numa moldura dourada, revira os olhos e acrescenta: — Como os casamentos que terminaram há oito anos.

É uma fotografia de casamento. Casamento dos pais dele. Ella e Peter, ambos tão jovens, não muito mais velhos do que nós agora, com o Tyler no meio deles, a sorrir. Ele é apenas uma criança, adorável com um *smoking* mínimo, com o mesmo sorriso enorme que não mudou e os mesmos olhos redondos brilhantes pelos quais eu me apaixonei mais tarde. A Ella disse-me uma vez que foi ele quem a conduziu pelo corredor, até me mostrou uma fotografia parecida, e é um pensamento tão terrível perceber que ele a conduziu pelo corredor e a entregou ao homem que mais tarde iria despedaçar as suas vidas.

Quase me sinto mal.

— Porque é que eles... — A minha garganta está seca demais, como se as minhas palavras estivessem presas, assim engulo em seco e res-

piro fundo. — Porque é que eles têm todas estas fotografias do teu pai? Eles não estão furiosos com ele? Eu sei que não tenho nada que me meter nisso, mas parece um pouco... não sei. Demasiado indulgente, acho eu.

— É claro que eles estão furiosos, Eden — diz o Tyler, abanando a cabeça. — Mas, no fim do dia, ele continua a ser o filho deles. — E, dito isto, ele mete-se, lentamente, entre a parede e eu, substituindo, ao meu olhar, as fotografias pelos seus olhos, onde a expressão parece ter suavizado e a esmeralda parece brilhar. — Bem, conseguimos pôr o carro a andar muito mais rapidamente do que eu pensava — informa ele. A mudança de assunto é repentina. — Acontece que o avô deixou os faróis ligados a noite toda, portanto, bateria completamente descarregada. Pronto — diz ele —, podemos continuar viagem.

— OK. Dá-me um minuto. — Lentamente, afasto-me dele, abro a porta da casa de banho e subitamente tomo consciência da sua presença, mesmo ao meu lado.

— Espera — diz ele. — Posso perguntar-te uma coisa?

Apoio-me à porta da casa de banho e observo-o ao pormenor, fazendo os possíveis por reproduzir fielmente a sua atitude descontraída. — Claro que sim.

— Já conseguiste descobrir porque é que as pessoas fazem coisas irracionais, como fugir para Portland com o meio-irmão? — O canto do lábio dele ergue-se levemente para criar um sorriso astuto, os seus olhos queimam, provocadores, enquanto espera pela resposta. Aproxima-se mais, dentro do espaço exíguo do corredor, e apoia a palma da mão contra a parede, ao lado do meu ombro, fazendo-me estremecer com a simples proximidade do seu calor.

— É claro que eu não sou a pessoa mais qualificada para o dizer — murmuro o mais rápido que consigo, tentando o meu melhor para utilizar as palavras certas antes que elas se peguem à garganta. Eu tenho de engolir e recuperar o fôlego num segundo, porque é terrivelmente surreal ter o Tyler de volta, não apenas em fotografia, mas tê-lo tão perto. No verão passado, eu estava desesperada por o ter assim tão perto. Agora tenho de me readaptar a como se sente de novo, porque faltou-me a presença dele e faltou-me o seu toque por muito tempo. Mas também senti falta disto.

Quando, por fim, recupero a voz, continuo com honestidade, as minhas palavras reduzidas a um mero sussurro ao dizer-lhe: — Mas tenho a certeza de que as pessoas só fazem isso quando têm alguma esperança.

14

São sete horas de carro até Portland. Sete horas dentro de um carro, ao lado do Tyler, em relação a quem, por acaso, de momento, tenho sentimentos confusos. Nunca os meus pensamentos andaram tão dispersos. Entre a raiva por ele ter partido, e que está lentamente a diminuir, a emoção de fugir para Portland com ele e o espanto por ele parecer tão calmo, descontraído e diferente, estou numa enorme indecisão para identificar exatamente como me sinto agora.

O que sei sem qualquer indecisão é que ele é ridiculamente horrível a cantar. E sei disso porque ele tem vindo a acompanhar as músicas que passam na rádio ao longo dos últimos quinze minutos, baralhando metade das letras, berrando os refrões, batendo com as pontas dos dedos no volante e abanando a cabeça em sincronia com o ritmo. Há três anos, tenho a certeza de que nem morto o apanhariam a fazer tal coisa, porque é ridículo e definitivamente não tem nada de fixe. Ele está a tentar fazer-me rir para a viagem passar mais depressa.

E tenho rido. Tenho rido por cada um destes quinze minutos que passaram, sentindo o estômago contrair-se de cada vez que ele alcança uma nota alta, enterrando a cabeça nas mãos, envergonhada em seu nome. Estou afundada no banco do passageiro, o ar condicionado direcionado diretamente para o meu rosto, os meus *Chucks* no chão e os pés em cima do tabliê.

Rir torna-se doloroso, então faço sinal para um intervalo e ponho-me direita. Estendo a mão para os botões e reduzo o volume do rádio e, ao mesmo tempo, a horrível voz de Tyler esvai-se, e a sua gargalhada sincera enche o carro.

— OK — digo, com um sorriso aberto. São quase quatro e passámos por Salem há pouco tempo. Estaremos em Portland em breve, talvez daqui a trinta minutos. Finalmente, o cenário começa a parecer familiar. — Está algum programa de caça-talentos anunciado para breve na cidade? Vou inscrever-te para uma audição.

O Tyler olha para mim, com o seu enorme sorriso a imitar o meu. — És a minha primeira *groupie*.

Nesse momento, o telemóvel dele toca. Está no porta-copos na consola central, vibrando profusamente, o ecrã a brilhar, o toque a encher todo o carro. Ele pega-lhe, olha para o ecrã durante um segundo e passa-o para mim.

— É a minha mãe — diz ele. — Põe em alta-voz. — Então eu faço exatamente isso.

— Olá, mãe — diz o Tyler.

— Olá, Ella — digo eu, segurando o telemóvel entre nós os dois. — Está em alta-voz. O Tyler está a conduzir.

— Olá, vocês os dois — murmura a Ella através da linha, quase como se estivesse a suspirar. Ainda hei de descobrir como é possível ela parecer alegre e triste ao mesmo tempo. — Estou a ligar para saber de vocês. Não deviam já ter chegado?

— Estamos a meia hora de distância — informo. — Parámos durante uma hora em...

— Parámos num restaurante para o pequeno-almoço — atalha o Tyler. Fixa-me com um olhar intencional, e muito lentamente abana a cabeça. Devolvo-lhe o olhar com uma interrogação. — E umas vezes para meter gasolina, mas sim, estamos quase lá. Onde estás tu?

— Na sala — diz a Ella. A ligação não é das melhores e a sua voz chega com falhas. — O Chase está na piscina e o Jamie está a falar com a Jen ao telemóvel há pelo menos duas horas.

De início, nem o Tyler nem eu dizemos nada. Trocamos um olhar preocupado, porque temos ambos a mesma dúvida. Mas quem acaba por fazer a pergunta para a qual ambos queremos resposta sou eu. — E o meu pai?

Agora é a vez de a Ella ficar calada. Ouvimos respirar fundo através da linha. — Eu estaria a mentir se dissesse que sei onde ele está — diz ela, por fim.

Suavemente, os meus olhos fecham-se e encosto a cabeça ao encosto de cabeça do banco do passageiro, desanimada. O Tyler está a fazer um bom trabalho, franzindo a testa enquanto mantém a sua atenção na estrada, e quando me sento de novo, apoio o meu cotovelo contra a janela e descanso a testa contra a palma da minha mão.

— Então ele sabe a verdade — murmuro. Isso explica o desaparecimento do meu pai. Aposto que se foi enfiar num sítio

qualquer, tentando controlar a raiva. Olho pela janela enquanto atravessamos a ponte que atravessa o rio Willamette, que corre ao longo do Oregon. — O que é que aconteceu quando ele descobriu?

— Eu tive de lhe dizer — confirma a Ella. — Assim que acordei, fui ao quarto do lado e contei a verdade. Que vocês partiram para Portland juntos, que têm idade suficiente para tomar as vossas próprias decisões e que não cabe a mim ou a ele impedi-lo. — Ela solta uma gargalhada frustrada. — E a primeira coisa em que pensei foi no processo que o hotel nos iria pôr se ele abrisse um buraco na porta. Felizmente, limitou-se a sair. E desde então não voltei a vê-lo. No entanto, o carro está aqui, portanto, não pode ter ido longe. Eu saí e verifiquei.

— Ele disse alguma coisa? — pergunta o Tyler.

— Penso que é provavelmente melhor não repetir — diz a Ella calmamente. A apreensão na sua voz é palpável. — Ele também não deve ter ficado muito bem impressionado comigo.

Olho para o Tyler. Abana a cabeça, enquanto baixa os óculos de sol de cima da cabeça para os olhos e as suas mãos apertam cada vez mais o volante. — Devíamos ter esperado até de manhã — murmura, quase como se estivesse a falar para si mesmo. — Devíamos ter contado ao Dave antes de sairmos.

— Confia em mim, Tyler, se tivesses esperado para dizer pessoalmente, neste momento não estavas de certeza perto de Portland — diz a Ella. — Pelo menos com a Eden não estavas, de certeza. Eu odeio dizer isto, mas aposto que ele ficaria feliz em ver-te partir.

— Isso é verdade — concorda o Tyler. — E quanto ao Jamie? E o Chase? Eles sabem?

— É claro que sim — declara a Ella, com naturalidade. Eu imagino-a a esfregar as têmporas, enquanto pondera a situação. — É impossível esconder que vocês não estão aqui. E, como sempre, o Jamie está a ser incrivelmente difícil. O Chase só quer saber quando é que vocês voltam.

— A decisão é da Eden — diz o Tyler. Embora ele esteja focado na estrada à sua frente, consigo ver o pequeno sorriso nos seus lábios. Gostava que ele voltasse a tirar os óculos de sol para que eu pudesse ver a expressão nos seus olhos.

— Hummm. — Endireito-me no lugar e bato com o indicador contra os meus lábios, enquanto finjo estar em profunda reflexão. — Eu não tenho

a certeza, mas sei que se o Tyler continuar a cantar eu volto amanhã. — Ella ri-se, o Tyler imita-a e eu vou atrás deles, e, por um momento, esqueço efetivamente tudo em que nos metemos. Ao fazer isto, ao vir para aqui, para Portland com o Tyler, posso ter acabado de afastar para sempre qualquer possibilidade de relacionamento com o meu pai. Não existe a mais remota hipótese ao cimo da terra de ele alguma vez me vir a perdoar isto.

— Está bem — diz a Ella. — Vou parar de te distrair. Conduz com cuidado e manda mensagem quando chegarem.

O Tyler acena com a cabeça, embora ela não o possa ver. — Mando, sim.

Ela desliga a chamada e eu pouso de novo o telemóvel do Tyler no porta-copos. Sento-me direita, puxo as pernas para cima do assento e cruzo-as, tentando ficar confortável para o resto da viagem. *Estamos já muito perto*, acho. E não sei ainda como me sinto em relação a isto, a Portland. Gosto de pensar em Santa Monica como a minha casa, nos dias de hoje, mas não posso negar que sou e serei sempre uma filha de Portland. Nasci e cresci aqui. Admito que adorava Portland quando era mais nova, quando as coisas eram como deviam de ser. Depois, os meus pais começaram a discutir, os meus amigos tornaram-se cruéis e as más recordações pareceram sempre sobrepor-se às boas. Talvez só precise de algum tempo aqui para reunir mais algumas recordações. Das boas, claro está.

Cautelosamente, o Tyler aumenta o volume do rádio e sinto-o a observar-me através dos óculos escuros. Mal consegue conter o sorriso, mas abstém-se de cantar, ao longo do restante percurso através de Wilsonville e direto até Portland.

E de repente, no momento em que nos encontramos dentro dos limites da cidade, tudo é tão, tão familiar. Tão *portlandês*, se é que isso significa alguma coisa. Sabe-se exatamente quando se está em Portland. A interestadual é ladeada por árvores, coberta por nuvens baixas suavemente rasgadas pelo sol. A viagem até ao centro de Portland é curta, e é só quando o rio Willamette aparece ao nosso lado que me lembro como é bonita a cidade. Dentro de um tipo urbano, natural. Não há nada de especialmente sedutor em Portland. Nem belos passeios, nem cais fotogénicos, nem praias deslumbrantes. Mas eu creio

que é isso que faz dela uma cidade única. A natureza, a diversidade. A forma como é naturalmente verdejante e húmida. Naquilo que é realmente importante, a maioria das pessoas em Portland é também bastante singular, e é uma cidade muito mais amigável do que Seattle, isso sem dúvida. Nós, os *portlanders*, pomos as pessoas muito à vontade.

— Acabei de me lembrar — diz o Tyler, finalmente tirando os óculos de sol e pousando-os no suporte para os copos ao lado do telemóvel — que era melhor pararmos para comprar comida. Limpei o frigorífico antes de sair, portanto não tenho nada que se coma em casa.

Olho para ele. — Em casa?

— Sim.

— Tu tens uma casa?

Ele desvia os olhos da estrada por um segundo e olha para mim. — Porquê? Achavas que eu tinha passado este tempo todo num hotel ou coisa assim? Ou que dormia no carro? — Ele não contém o riso, mas, agora que falamos nisso, realmente nunca pensei em nada disso. — Vamos logo depois de pararmos no Freddy's.

Eu pestanejo, segurando o riso. — Meu Deus.

— Quê? — Ele parece genuinamente confuso, e formam-se rugas na sua testa, bem entre as sobrancelhas.

— Nada — digo, e finalmente rio-me. Eu tenho de rir. Não posso evitar. — É muito estranho ouvir-te falar como um nativo. Tu és de fora da cidade, então só o deves conhecer como Fred Meyer.

— Contigo até parece que é difícil aprender como Portland funciona — responde ele provocadoramente, com um sorriso desafiador nos lábios. — Odeio desiludir-te, mas não é assim tão difícil. *Go* Timbers, *go* Blazers.

Eu ergo as sobrancelhas, desconfiada, para ele. — Qualquer um pode dizer isso — digo, na defensiva.

— Mas qualquer um pode dizer que os Blazers venceram o campeonato da NBA em 1977?

As minhas sobrancelhas arqueiam ainda mais. — OK, essa ganhaste. Mas mesmo assim. É de ficar maluca ver como sabes todas essas coisas sobre Portland. É como se estivesses a invadir o meu espaço pessoal.

— Tipo, como tu invadiste o meu quando te mudaste para Santa Monica? — Ele está a sorrir agora, olhando rapidamente entre a estrada e eu, como se não pudesse perder a minha expressão, e eu reviro os olhos e empurro o braço dele, na brincadeira.

— Não interessa.

Levamos uns bons quinze minutos para chegar ao centro da cidade e, sendo domingo, o trânsito nem sequer está muito mau. Mas nós não saímos da interestadual. Em vez disso, o Tyler continua a segui-la, direto para a Ponte Marquam, apenas uma das muitas pontes que cruzam o Willamette. Se há coisa pela qual Portland é conhecida, além da sua enorme quantidade de árvores, é pela sua profusão de pontes.

Inclino-me para a frente, para olhar para lá do Tyler, para a Ponte Hawthorne, à esquerda, para ver também o Waterfront Park. Era ali que eu costumava passar o 4 de Julho, deitada na relva, com a Amelia, a ouvir música e bandas de que nem gostávamos, no Blues Festival. E à nossa direita novamente, à distância, avista-se, enevoado, o cume do monte Hood.

Estamos em East Portland agora e avançamos pela Banfield Expressway, com a qual estou muito familiarizada. Era o percurso que fazíamos, eu e as minhas amigas, para irmos ao centro, porque a minha mãe odiava que eu viajasse no MAX quando era mais nova, especialmente porque a linha que passa pelo nosso antigo bairro começa em Gresham, que não tem exatamente a melhor reputação. Segundo as previsões da minha mãe, o mais provável era ser atacada por um membro de um gangue se entrasse nesse comboio.

— E então? — Olho para o Tyler. — Em que bairro é?

— Irvington — diz ele.

Preciso de refletir por um segundo, porque Portland é uma cidade enorme com bairros que nunca mais acabam, e depois de três anos de ausência, o meu conhecimento geográfico não está à altura. — Irvington... Como quem diz Broadway Street? Como quem diz ali? — Aponto na direção do peito dele, para fora da janela, à esquerda da via rápida. Não se vê nada além de árvores densas, como em tudo o mais nesta cidade, mas tenho a certeza de que Irvington fica do outro lado.

— Sim — diz o Tyler com um pequeno encolher de ombros. Passa pouco das quatro da tarde, mas agora ele está a começar a dar sinais de

cansaço. Tem sido uma longa viagem. — Aluguei um apartamento na esquina da Brazee com a Ninth — conta ele. — E apesar de não ter exatamente uma vista como a do meu apartamento em Nova Iorque, acho que vais gostar.

— Não te sentiste só? — A pergunta sai-me involuntariamente, e ele olha para mim meio divertido. Eu senti-me assim em Chicago no começo. Estabeleceres-te numa nova cidade, sem conheceres absolutamente ninguém, a milhares de quilómetros de distância de todos os que realmente conheces. É uma grande chatice, e eu percebo agora que o Tyler teve de passar exatamente pela mesma coisa. — Quero dizer, mudares-te para aqui sozinho? Eu sei que já fizeste o mesmo em Nova Iorque, mas, apesar de tudo, foi diferente. Tinhas o Snake. Tinhas a Emily. E tiveste a digressão. Estavas sempre a conversar com pessoas.

— E então tu achas que aqui não falo com as pessoas? — Agora ele parece perplexo, nem sequer olha para a estrada, e eu não consigo evitar levar a mão ao rosto dele, direcionando os olhos de volta para a estrada. — Podes acreditar, Eden — diz ele, com os olhos de novo a regressarem a mim —, que me mantive ocupado.

Mais uma vez, eu gentilmente volto o seu rosto para que ele ponha os olhos na estrada. — A fazer o quê?

— Depois eu conto-te — diz ele rapidamente. — Mas, por agora, é hora de comprar comida.

Apanhamos a próxima saída da Banfield Expressway e pouco tempo depois estamos a entrar no bairro de Irvington. A Broadway Street é-me extremamente familiar, porque, na maior parte das vezes, a Amelia e eu vínhamos para aqui em vez de ir para o centro. É dominada por lojas, cervejarias e restaurantes, mas eu mal tenho tempo para olhar em volta, porque o Tyler já está a dobrar a esquina do estacionamento do Fred Meyer, que está cheio, porque é a porra de um Fred Meyer. E, em Portland, o Freddy's pode ser uma autêntica religião. Eu sinto-lhe a falta.

Conseguimos um lugar e dirigimo-nos para a entrada depois de alguns segundos para esticar as pernas. Parece estranho andar de novo nas ruas de Portland, mas, felizmente, a cidade parece estar a experimentar as altas temperaturas habituais do verão. É definitivamente mais quente do que 32 ºC agora e definitivamente mais quente do que

Santa Monica tem sido ultimamente.

Entramos e o Tyler pega num carrinho, dirigindo-se diretamente para os corredores como um experiente cliente do Fred Meyer. Leva um bom bocado em volta dos expositores das secções de frutas e vegetais. Eu nunca tinha ido às compras com um vegetariano. É uma experiência interessante ver toda a comida que ele põe no carrinho, e ainda mais interessante é o facto de que a maior parte parece realmente atraente. Mesmo assim, eu consigo colocar duas caixas de *Lucky Charms* no carrinho quando ele não está a olhar, só porque é um dos meus prazeres proibidos.

Depois de mais de meia hora a percorrer os corredores, dirigimo-nos para as filas das caixas e ajudo o Tyler a empilhar todo o conteúdo do carrinho na passadeira da caixa, pensando o tempo todo como me sinto madura — o que é estranho, porque eu fui às compras em Chicago muitíssimas vezes, mas é diferente com o Tyler. Sinto-me como se fôssemos um casal a fazer o abastecimento semanal de mercearia, antes de ir para casa, arrumar tudo no frigorífico e nos armários e, por fim, aterrar em frente da televisão. E assim é que devia ser. Só que o frigorífico é do Tyler e não meu e, decididamente, não somos um casal. Mas, no entanto, é um sentimento bom. Faz-me pensar como seria a nossa vida se *fôssemos* um casal, e todas as tarefas quotidianas e mundanas que teríamos que fazer e que seriam agradáveis só porque as estaríamos a fazer juntos.

Voltamos ao carro supercarregados com sacos e a única solução é arrumá-los no banco de trás. O porta-bagagens já está completamente cheio com a nossa bagagem e é quando nos pomos em marcha e saímos do estacionamento que sentimos como o carro está pesado. Felizmente, o Tyler informa-me de que o seu apartamento fica apenas a cinco minutos de distância.

Avançamos mais para o interior do bairro de Irvington, diretamente para a esquina da Brazee com a Ninth, onde o Tyler estaciona, encostado ao passeio. A rua está repleta de árvores, obviamente, e tem uma mistura de casas e *bungalows* de dois andares.

Exceto à nossa direita. À nossa direita é um complexo de apartamentos.

— É aqui? — pergunto, embora a resposta seja bastante óbvia.

— Sim — diz o Tyler, já a desapertar o cinto de segurança. — É um apartamento porreiro, só que a renda é um bocado cara. Por isso vendi o meu carro.

— Prioridades — digo eu, repetindo as suas próprias palavras de há uns dias.

Lentamente, ele sorri enquanto fecha a bagageira. — Exatamente.

Ele passa à frente para entrar no complexo através de uma entrada na cerca de madeira que dá diretamente para um lindíssimo pátio. Os apartamentos são todos de idêntico *design*, sendo alguns dúplex, e todos se curvam em redor do pátio comum formando um gigantesco C. Caminhos serpenteiam pela relva bem cuidada, na qual foram criteriosamente distribuídos plantas, árvores e bancos. É muito agradável, especialmente agora, com o sol, mas não consigo acreditar que fique assim tão bonito no outono, quando a névoa paira sobre a cidade.

— É aqui — diz o Tyler, levando a mão ao bolso de trás dos *jeans* e tirando as chaves. Eu sigo a direção do seu olhar, que leva a uma porta com a designação Unidade 3. Quando chegamos, o rosto do Tyler está vermelho. — Está um pouco nu — avisa, e roda a chave na fechadura. — Eu não sou grande decorador.

Empurrando a porta, ele afasta-se para me deixar entrar primeiro. E a primeira coisa que percebo quando dou alguns passos sobre o piso de madeira da sala de estar é que ele não estava a brincar. Está nua. As paredes são brancas e vazias, com exceção de um aparelho de televisão montado. O resto da sala de estar consiste em nada além de um único sofá de couro preto e um tapete bege, fofo, no chão.

— Em minha defesa — diz rapidamente, enquanto pousa as minhas duas malas no chão —, eu não queria gastar metade do meu dinheiro em merdas de que eu realmente não preciso. E, além disso, não estou aqui nem metade do tempo. — Ele faz deslizar a mochila do ombro para cima do sofá e depois dirige-se para o canto mais distante da sala, onde há duas portas: uma que conduz a um pequeno corredor e a outra a uma pequena sala de jantar.

O Tyler mostra-me primeiro a sala de jantar, que se resume a uma mesa preta com duas cadeiras iguais, e então passamos por outra porta e entramos na cozinha, que é um pequeno cubo em comparação com a

cozinha da casa do meu pai e da Ella. Mas tem tudo o que uma cozinha precisa, e acho que o Tyler tem razão em relação a gastar um dinheirão em enormes apartamentos e móveis só por gastar.

Atravessamos de novo a sala de jantar e estamos agora no pequeno corredor. Há dois quartos e a casa de banho entre eles. O quarto à esquerda parece ser o do Tyler, mesmo que não haja nada exatamente pessoal que o confirme. Mais uma vez, as paredes estão vazias, e a única mobília é a cama de casal encostada à parede. O roupeiro é embutido. E a única razão pela qual eu acho que este quarto é dele é porque o outro está completamente vazio.

— Devia ter arranjado este quarto — diz o Tyler, e a sua voz faz eco no espaço vazio. Olho para ele, de lado, e vejo que está a esfregar a parte de trás do pescoço, um pouco comprometido.

— Mmm. — Estamos os dois a pensar a mesma coisa: *Onde raios vou dormir?* A última coisa que quero é que o Tyler sugira que fiquemos juntos, porque isso definitivamente não vai acontecer, então, rapidamente, sugiro: — Eu posso ficar no sofá. Não me importo.

Ele põe-se bem na minha frente para poder ver a minha expressão. — Não posso, de forma alguma, deixar-te dormir no sofá, Eden — afirma, com voz firme e autoritária, como se fosse meu pai. — A minha mãe matava-me pela hospitalidade de merda.

— A sério, eu não me importo. — Tento de forma mais convincente. — Eu moro num dormitório, lembras-te? Então, acredita em mim, eu dormi em mais sofás do que consigo contar.

Ele estuda-me, franzindo a testa. — Tens a certeza? Eu sinto-me muito mal.

— Claro que tenho — digo. — É preciso tirar os sacos das compras do carro.

E é isso que fazemos. Não demoramos muito a desempacotar tudo, comigo removendo tudo dos sacos e o Tyler colocando nos armários. Às cinco e meia estamos instalados e com fome. Tem sido um longo dia.

Então o Tyler começa a preparar um prato qualquer de massa para si e eu trago uma tigela daqueles *Lucky Charms* que peguei mais cedo. É tudo o que desejo: sento-me na bancada, cruzo as pernas e como devagar enquanto observo o Tyler a cozinhar.

— Devias mandar uma mensagem à tua mãe — digo, com a voz

abafada e a boca cheia. Rapidamente, engulo. — Dizer-lhe que já cá estamos.

— Merda, esqueci-me. — O Tyler para de cortar tomates e enxuga as mãos nos *jeans*, tirando o telemóvel do bolso. Eu meto na boca mais uma colher de cereais enquanto ele digita, os seus olhos saltando constantemente entre o ecrã e a massa que está na panela ao lume. Estou a olhar para os seus ombros, porque nunca tinha realmente reparado em como eles são largos. Os meus olhos traçam um caminho até ao seu bíceps, no qual as tatuagens aparecem sob a manga da *T-shirt*, e pestanejo rapidamente quando consciencializo o que estou a ver.

— Posso perguntar-te uma coisa?

Depois de enviar a mensagem, o Tyler pousa o telemóvel na bancada e pega na faca novamente, virando as costas para mim. — Claro que sim.

— Porque é que não querias que ela soubesse que parámos em casa dos teus avós?

Assim que eu menciono isto, ele suspira. Olha para baixo, volta a pousar a faca e depois volta-se lentamente para olhar para mim. — Porque ela não sabe que eu voltei a falar com eles. Nós não estivemos exatamente em contacto com eles depois de o meu pai ser preso. Eles mudaram-se e nós nunca os visitámos; as pessoas normalmente não viajam nove horas para ver os pais do ex-marido, estás a ver? Além disso, seja o que for que esteja relacionado com o meu pai, a minha mãe odeia. Portanto, não adianta nada estar a contar-lhe.

Eu aceno afirmativamente com a cabeça e segue-se um breve momento de silêncio, durante o qual eu faço rodar a minha colher dentro da tigela dos cereais e o Tyler volta para a panela, ajustando o calor. — Ela é uma ótima mãe — murmuro eu, por fim. Já disse isto mesmo à própria Ella, porque é verdade. Só me questiono se o Tyler também sabe disso. — Eu só estou a dizer isto para o caso de tu não estares ciente.

— Não, eu sei — diz ele, voltando-se para me encarar. — Ela foi sempre ótima, mesmo que não tenha sido nada fácil para ela quando surgiu a verdade sobre o meu pai. Ela estava praticamente feita em pedaços naquela época. Completamente diferente do que é agora.

Pouso a minha tigela na bancada e espero que o Tyler desenvolva. Eu gosto de saber sobre as suas vidas, porque agora eu faço parte delas.

Nunca irei saber exatamente aquilo por que a família do Tyler passou, mas pelo menos posso tentar entender o melhor possível. Nos últimos três anos, aprendi muito.

Como se estivesse a pensar se vai ou não ceder e abrir-se comigo, o Tyler passa a mão pelos cabelos, enquanto o seu olhar se estreita na pequena janela ao meu lado. Depois de alguns instantes, vira-se para o fogão e apaga o lume.

— Tu não consegues imaginar como ela amava o meu pai. É uma coisa sem explicação — começa ele, agarrando o rebordo da bancada. — E ele sentia exatamente o mesmo por ela, porque, juro, quando penso nos meus tempos de criança, a única coisa de que me lembro é dos dois totalmente obcecados um pelo outro. Então, estás a ver, quando ela descobriu sobre o meu pai e ele foi preso, aquilo destruiu-a completamente. E não importava quanto ela o amava, porque ela não conseguia sequer olhar para ele, então ela pediu o divórcio assim que ele foi condenado.

Ele para, olha para o chão por um momento, depois recomeça. — Ela deixou de trabalhar e, no primeiro ano depois de tudo ter acontecido, não suportava olhar para mim. Sentiu toda a culpa do mundo em cima dela por não ter percebido o que estava a acontecer, e uma vez, quando eu entrei numa zaragata na escola e cheguei a casa com a cara toda partida, ela começou a chorar no segundo em que entrei pela porta dentro. Os seus pais sempre lhe haviam dito que ela nunca seria uma boa mãe, então acho que ela acreditou nisso durante algum tempo. E, como é óbvio, eu não estava a tornar as coisas fáceis para ela, fugindo, fumando e bebendo.

Ele faz uma nova pausa, mas desta vez endireita-se e dá um passo na minha direção, até ficar mesmo na minha frente. Dirige-se-me com aquele tom gentil e sincero na voz que antes era raro, mas agora é cada vez mais habitual. — Mas então ela conheceu o teu pai, e deixou de passar os dias inteiros sentada em frente da televisão, com cinco chávenas de café. Começou a sair mais, e por mais lamechas que pareça, ela irradiava felicidade, porque estava realmente feliz. Eu soube que ela tinha conhecido alguém antes mesmo de ela nos contar. Era tão óbvio, e quando, por fim, ela nos disse, eu não entrei em pânico, nem qualquer coisa que ela pensava que poderia acontecer. Fiquei feliz por o

teu pai ter vindo fazer parte da família, porque foi a partir daí que a minha mãe voltou a ser ela mesma. — Lentamente, ele passa os olhos pelas minhas pernas, que mantenho cruzadas sobre a bancada, e encosta-se a mim, colocando as duas mãos nos meus joelhos. Hesita antes de dizer mais alguma coisa, como se estivesse à espera que eu o afastasse, mas a única coisa em que consigo pensar é na rapidez com que o meu peito se contraiu. Eu não poderia empurrá-lo para longe de mim, mesmo que quisesse, porque me sinto congelada nesta posição, paralisada pelo simples contacto das pontas dos seus dedos. Ele é a única pessoa que conheci que tem tal efeito em mim. A única pessoa que quero que tenha esse efeito.

— Então — continua ele, sorrindo ligeiramente, enquanto olha para mim por baixo das suas pestanas —, eu conheci o teu pai pessoalmente pela primeira vez quando tinha quinze anos. A minha mãe disse-nos a todos para nos comportarmos bem, mas, sabes como é, eu estava a passar pela minha fase estou-me-a-cagar e tinha estado a beber com uns gajos bem mais velhos do que eu, e quando cheguei a casa fiquei bem paralisado. Assim que a minha mãe entrou na cozinha com o teu pai, ele nem teve tempo de se apresentar e eu estava já a vomitar no chão. Nojo, eu sei. Em primeiras más impressões, não há pior. A minha mãe ficou mortificada, o teu pai ficou horrorizado, e até hoje ainda me espanta que ele não tenha simplesmente desaparecido depois disso. Eu sei que me desviei do assunto, mas o que interessa é que o teu pai não gostou de mim desde o início.

Sinto-o engolir e a cozinha está em silêncio. A sua voz é quase um sussurro quando ele retoma a palavra. — E eu não consigo deixar de pensar que, se eu não me comportasse da forma como me comportava quando era mais novo, talvez o teu pai não fosse tão contra... — As suas palavras silenciam-se e a sua respiração é lenta, profunda. Eu não posso ver os seus olhos, porque estou concentrada nos seus lábios e na forma como eles se aproximam de mim. As minhas pernas ficam quase dormentes quando ele passa as mãos dos meus joelhos para as minhas coxas, e os seus lábios estão tão próximos agora que a sua testa está contra a minha, ambos com os olhos fechados. — Isto — sussurra ele.

Mas eu não posso fazer isto. Ainda não. Ainda há muito a descobrir, muitas coisas para corrigir. Beijá-lo agora é o caminho mais fácil.

Cuidadosamente, seguro o seu rosto nas minhas mãos e abano a cabeça contra a dele. Mantenho os olhos fechados, e o leve sorriso nos meus lábios é quase um pedido de desculpas, enquanto o seu toque desaparece lentamente. Primeiro do meu rosto, depois das minhas pernas. Cruzo as mãos e pouso-as no colo.

O Tyler dá um passo atrás, e quando as minhas pálpebras se abrem, ele está a olhar para mim. Eu posso dizer, só pelos seus olhos, que ele não está furioso por ser rejeitado. Mais dececionado do que qualquer outra coisa. Acena com a cabeça e dirige-me um sorriso meigo e compreensivo, depois afasta-se, volta para o fogão e acende o lume. O meu corpo parece estranho, diferente. Pego na minha tigela, mas os cereais viraram papa de bebé, pelo que me resta girar a colher uma e outra vez à volta dela. Mas durante todo o tempo os meus olhos não estão nos *Lucky Charms* que eu queria tanto. Eles estão no Tyler, que eu poderia querer ainda mais.

15

Acordo com a sensação de que não dormi mais do que uma hora. Sinto-me como se estivesse de ressaca e tenho um peso terrível na cabeça. É-me quase impossível abrir os olhos, pelo que os fecho e puxo o cobertor para o peito. Estou a começar a arrepender-me de não ter dormido na noite de sábado, porque agora as meras duas horas de sono que tenho em cima estão a apresentar-me a conta, e bem pesada. Apesar disso, a mão que está a massajar o meu ombro é persistente. É agradável, mas não me deixa dormir, portanto, liberto-me rapidamente dela, desviando o corpo para o lado. E se isto não for suficiente para manifestar a minha irritação, emito ao mesmo tempo um lamento silencioso.

E então ouço aquele riso familiar, e nem preciso de olhar para saber que pertence ao Tyler. Uma breve onda de excitação percorre o meu corpo ao pensar nele ao meu lado, no simples facto de que ele está aqui, e as minhas pálpebras abrem-se, subitamente, num sobressalto.

Por breves segundos, não faço ideia de onde estou ou porque é que estou sozinha com o Tyler, até piscar algumas vezes os olhos, para acordar completamente. É então que tudo regressa ao meu consciente e penso: *Oh, Portland.* Para acordar, é um pensamento bastante preocupante.

O Tyler está acocorado ao lado do sofá, completamente vestido, cheirando a água-de-colónia, e olha diretamente para mim. O meu rosto está nivelado com o dele, em frente dos seus olhos brilhantes.

— Lamento muito por ter de te acordar — diz o Tyler. Os seus braços estão apoiados ao longo do rebordo do sofá, as mãos entrelaçadas, os polegares a girar.

Apesar de eu ter a sensação de estar a meio da noite, a luz do dia entra pelas grandes janelas. Os meus olhos estão muito sensíveis, por isso semicerro-os, reduzindo-os a estreitas fendas, e ergo-me, mudando-me para a posição de sentada. Sinto o calor na parte de trás do pescoço e a maneira como o meu cabelo se cola à minha pele.

— Que horas são? — pergunto. Até a minha voz é sussurrada e sinto-

me completamente exausta. Pergunto-me se é possível sentir ressaca sem sequer ter tocado em álcool. Como um tipo diferente de ressaca, como uma ressaca de viagem ou uma ressaca de meio-irmão. Sinto-me péssima.

— Passa pouco das oito — diz o Tyler lentamente, com um sorriso breve e de lado.

— Oito da manhã? — Pisco mais um pouco os olhos, e que se lixe se ficar com o aspeto de um furão criado a esteroides. — Numa segunda-feira? No verão?

— Detesto ser o portador de más novas — diz ele, rindo —, mas os outros não têm férias de verão. O resto tem trabalho a fazer. — Ele apoia as mãos contra o couro do sofá e, com um impulso, põe-se de pé.

— Trabalho?

— De certa forma. — Inclina o pulso de modo a ver o mostrador do relógio e, depois de franzir ligeiramente a testa, volta a olhar para mim. — Quais são as hipóteses de estares pronta para sair dentro de meia hora?

— Que tipo de trabalho? — pergunto. Não é bem a resposta que ele desejava, porque o ouço suspirar com uma certa impaciência. Estou um pouco surpreendida, porque, embora faça todo o sentido que ele tenha ocupado o tempo com *alguma atividade* no ano que passou, nunca tinha pensado que atividade poderia ter sido exatamente.

— E... — Ele faz uma careta e encolhe os ombros. — É complicado. E como eu só pensava sair de Santa Monica hoje, ainda tenho o dia de folga. Portanto, só volto *verdadeiramente* a trabalhar amanhã. Mas ontem perguntaste o que é que eu fiz no ano passado — diz ele, com aquele sorriso genuíno e incrível que brinca nos seus lábios mais uma vez —, por isso hoje vou mostrar-te.

E só isso é suficiente para me tirar da cama. Ou do sofá. Tanto faz. Num instante, estou de pé e corro disparada para as minhas malas, que ficaram no quarto de hóspedes. Quero lá saber se tenho nós nas costas ou o pescoço rígido, o que interessa é que estou muito ocupada a correr para a casa de banho para tomar um duche. Estou histérica para me despachar e louca para ouvir do próprio Tyler a visão da vida que ele aqui viveu no ano passado. Essencialmente, é por isto que ele quis tanto que eu voltasse para Portland com ele. Quer mostrar-me exatamente o

que o levou a partir.

Não dá para disfarçar a surpresa quando ele me vê voltar para a sala, vinte minutos depois, com o cabelo já seco, vestida e pronta para sair. Decidi-me pela *sweatshirt* cor de vinho da U of C, embora corra o risco de uma subida de temperatura para cima dos 32 ºC, e calcei os meus *Converse* brancos.

O Tyler desliga a televisão e levanta-se, parando e inclinando a cabeça para um lado, olhando curiosamente para os meus *Chucks*. Eu sei exatamente o que está a questionar-se: se é o par que ele me comprou em Nova Iorque, o par que tem a sua caligrafia rabiscada ao longo da borracha.

— Estes são novos — informo, a minha voz brusca. Até levanto o pé para mostrar que não há vestígios de escrita. O par que ele me deu no verão passado está no fundo do meu armário há um ano. Eu não consegui usá-los por mais tempo e então comprei um novo par. Mas mesmo que a Rachael tenha insistido para que mandasse os velhos para o lixo ou os queimasse, eu não consegui.

— Certo — diz o Tyler em voz baixa. Fica um pouco estranho e, a julgar pelo quão desconfortável ele parece, não há dúvida de que não está exatamente empolgado. Mas ele entende, porque acrescenta: — Estou a ver. — E imediatamente muda de assunto, pegando nas chaves do carro que estavam em cima do braço do sofá. — Primeiro as coisas que estão em primeiro lugar. Temos que parar para tomar café.

— De modo algum me posso opor — respondo e, assim, estamos de volta a território neutro.

Portland tem um dos melhores cafés do mundo, ainda que seja eu a dizê-lo. Somos famosos por isso, e eu acredito firmemente que ninguém pode ser um verdadeiro *portlander* a menos que anseie pelo primeiro café da manhã, como me está a acontecer agora.

Trancamos a porta e saímos, e é bom ver um relvado verde pela primeira vez. Ainda não são nove horas, por isso o Sol ainda está relativamente baixo, mas brilhante, e o ar está limpo e fresco. Posso não ser especialmente madrugadora, mas gosto de manhãs como estas.

— Antes de mais nada — digo depois de estarmos dentro do carro do Tyler —, por favor, diz-me que não compras o teu café no Starbucks. — Enquanto puxo o cinto de segurança, fixo o olhar muito sério nele, sem

nunca pestanejar. Pergunto-me se ele acha que estou a brincar, porque no começo ele ri enquanto liga o motor.

— Não compro o meu café no Starbucks.

Descontraio toda a minha expressão e recosto-me no assento. — Boa. Então — digo —, para onde vamos?

— Para o centro.

— Sim — digo —, mas *onde*?

O Tyler vira-se para mim e o seu discreto sorriso abre-se num sorriso largo que me faz pensar se ele estará bem. Abana lentamente a cabeça, sorrindo como se tivesse ganho a lotaria, e eu respondo com uma careta como se dissesse: *Que raios é isto?*

O Tyler tem uma maneira extremamente inteligente de evitar as perguntas às quais não quer responder. Resulta sempre.

— Senti a falta dos teus interrogatórios — diz ele em vez de responder. Continuando a exibir aquele sorriso aberto, com os dentes perfeitos brilhando, ele continua. — E como tu és teimosa. E persistente. E como consegues chegar diretamente às mais estúpidas conclusões. E como nunca és capaz de voltar atrás.

— Queres que saia do carro ou coisa assim? — pergunto, agarrando no manípulo e abrindo a porta do carro alguns centímetros. — Porque quem te ouvir só pode pensar que não queres estar perto de mim.

— Eu disse que senti a falta dessas coisas. Não que eu as odiava. — Ele debruça-se sobre o meu corpo, alcançando a porta do carro e fechando-a novamente com uma pancada seca. O seu braço roça no meu peito e eu tenho que morder o lábio inferior e suster a respiração para me impedir de reagir. Então ele põe de novo as mãos no volante e sorri.

Dirigimo-nos para o centro de Portland, e o que Portland tem de bom, ao contrário de LA, é que o trânsito da manhã não é insuportável. Claro, leva um pouco mais de tempo, mas o trânsito nunca chega a parar, porque, se as pessoas não se deslocarem de MAX, utilizam a bicicleta. O que significa menos trânsito nas estradas.

A viagem leva pouco menos de vinte minutos. É um começo refrescante para o dia, e estar de volta à vibrante e diversificada zona central da cidade faz-me sentir ainda melhor.

Acho que viver em Portland foi sempre para mim um bem adquirido,

porque não me lembro de apreciar tanto a sua peculiaridade como agora. Esta cidade tem os seus prós e contras, e isso é óbvio quando percorremos os quarteirões da cidade que abrigam centenas de lojas independentes, cervejarias, cinemas que vendem basicamente cerveja e uma infinidade de clubes de *striptease*. Os quarteirões da cidade onde não se encontra um restaurante de *fast food* durante quilómetros, onde os restaurantes não acreditam em glúten, onde a população de rua está fora de controlo, onde conduzir um carro não é considerado fixe e onde as pessoas se vestem como bem querem e lhes apetece. Nós até passámos pela Powell's, a maior livraria independente do mundo. Longe vão os dias em que eu passava ali horas, no meu segundo ano, procurando nos seus milhões de livros os manuais escolares certos.

Naquela época, Portland era lamechas e entediante e *indy* à brava.

Indy continua a ser. Só que já não parece tão lamechas quanto isso. Na verdade, até parece bastante *cool*.

Às nove e meia estamos estacionados e descemos a rua a pé. O meu sentido de orientação está um bocadinho avariado, apesar de tudo me parecer absolutamente familiar, mas ter o Tyler a indicar o caminho não me parece certo. Deveria ser o contrário.

— Sabes — diz ele —, Portland não é tão má quanto tu a pintaste.

Eu não quero admitir que ele está certo e que eu estava errada ao retratá-la como a pior cidade do mundo, por isso limito-me a encolher os ombros e continuo a andar. Ainda só percorremos dois quarteirões quando de repente percebo exatamente em que parte do centro estou. Pioneer Square.

Quando o Tyler vai virar à esquerda na esquina, eu alcanço-o e puxo-o para trás. — A sala de estar de Portland — murmuro, embora não tivesse pensado dizê-lo em voz alta.

— Sim — diz ele —, eu sei.

Lanço-lhe um olhar assassino. Mesmo que esteja a brincar, não posso deixar de me sentir irritada. Talvez seja egoísmo da minha parte ser tão protetora em relação a Portland, mas ainda estou a acostumar-me a que ele lhe chame agora a sua casa, quando na verdade é a minha casa.

Estamos na esquina do quarteirão, ao lado da Nordstrom. O Tyler continua calado, enquanto eu demoro alguns instantes a reconhecer a praça. É considerada uma das melhores do mundo, e eu não poderia

concordar mais. A Pioneer Square ocupa um quarteirão inteiro, com o centro em forma de anfiteatro. Os tijolos usados para pavimentar o chão estão inscritos com milhares de nomes. Ao contrário de Hollywood, em Portland não precisas de ser famoso para teres o teu nome no chão. Só tens que pagar.

Eu adorava vir aqui antes de nos mudarmos. Há sempre alguma coisa a acontecer, como a iluminação da enorme árvore de Natal na semana a seguir ao Dia de Ação de Graças, a que os meus pais me levaram todos os anos, sem falhar, e os Flicks on the Bricks durante o verão, onde uma tela gigante é montada e centenas de pessoas se reúnem em volta dos degraus, trazendo cadeiras de praia e esteiras de piquenique, para passar a noite juntos a assistir à projeção de um filme.

Santa Monica pode ter a sua praia e pode ter o seu cais e pode ter a Third Street Promenade, mas Portland tem o Willamette e o monte Hood e a Pioneer Square. Elas parecem a um milhão de mundos de distância uma da outra, duas cidades completamente diferentes que são únicas cada uma dentro do seu próprio estilo.

— Porreiro, hein? — diz o Tyler. Tem os óculos de sol novamente a tapar-lhe os olhos, pelo que não consigo ler completamente a sua expressão quando lhe dirijo um olhar de desdém. Acho que às vezes ele esquece-se de que eu vivo aqui há dezasseis anos. — Podemos voltar mais tarde, se quiseres. Ou um dia qualquer desta semana quando estivermos livres.

Passo em redor dele, de forma que me vou pôr diretamente na sua frente, com o queixo empinado. — Quando estivermos livres? — repito.

— Quando *eu estiver* livre — corrige ele, ajustando os óculos de sol até estarem confortavelmente apoiados na cana do nariz. — Como disse, nem todos estamos de férias. Agora podemos, por favor, ir ao café?

— Sim, sim. — Abano a cabeça rapidamente e olho uma última vez por cima do ombro. — Vamos.

Dobramos a esquina e, não muito tempo depois, paramos quase imediatamente no final do quarteirão. Na nossa frente está a porta de uma pequena cafetaria *indy*. É uma em que nunca entrei, porque, apesar de nós, os *portlanders*, vivermos para o café, há muitos lugares para experimentar e não há tempo para tudo.

— Esquece a nossa Refinery — diz o Tyler. — Esta apaga-a do mapa. Mas talvez eu seja parcial. — Ele ri e segura na porta, tirando os óculos de sol. Eu não posso deixar de sorrir, ao ver a forma como ele segura a porta aberta para mim e me deixa entrar primeiro. É uma coisa que ele faz desde que o conheço, e nem uma vez se esqueceu.

Por dentro, é agradável, pequena e aconchegante, como todas as cafetarias deveriam ser. Está cheia de movimento, com uma fila que serpenteia até à porta. A freguesia é essencialmente de pessoas que vêm buscar o café para acompanhar a viagem matinal diária para o emprego.

O Tyler tira os óculos de sol e pendura-os na camisa de flanela, enquanto abre a carteira. — *Latte* de baunilha extraquente e uma dose extra de caramelo, certo? — E olha para mim com aquele seu modo subtil ao mesmo tempo que se esforça por reprimir o sorriso de satisfação.

Eu correspondo ao seu olhar, e só espero conseguir que a emoção que sinto não se torne percetível na minha expressão. — Não te esqueceste do meu pedido?!

— Não se pode dizer que seja especialmente complicado.

— Sim, também acho. — Os meus olhos observam a fila de clientes, os funcionários atrás do balcão, o meu corpo. Mesmo com uma *sweatshirt* vestida, ainda me sinto constrangida. — Hoje vou abdicar do caramelo — digo ao Tyler. Duvido que isso faça diferença, mas pelo menos sinto-me menos culpada por tomar o café com leite.

— Tudo bem — diz ele, e depois perscruta a pequena loja e acena para uma mesa perto das grandes janelas que dão para a rua. — Guardas esses lugares? Eu vou buscar as bebidas.

Dirijo-me para a mesa e afundo-me na cadeira. Normalmente, gosto de olhar pelas janelas sempre que posso porque gosto de observar as pessoas, mas hoje eu quero olhar para o Tyler.

O curioso é que ele se integra na perfeição, o que não é muito normal, porque ele é de Los Angeles. Mas o Tyler parece tão daqui, tão normal. Pode ser da camisa. Pode ser da barba de dois dias. Pode ser das tatuagens no braço. Pode ser do facto de ele estar num café. Pode ser da atitude descontraída e despreocupada. Só não sei porque é que ele parece encaixar-se tão bem, como se pertencesse aqui.

Começa a falar com o tipo que está na frente dele e, pela duração e pelas expressões de ambos, parece muito mais do que uma simples conversa da treta. Não quer dizer que não haja algumas piadas lá pelo meio também, porque o Tyler ri algumas vezes. Quando ele chega ao balcão, está já a falar com o empregado do bar, um tipo jovem com vários *piercings* no rosto. Cumprimentam-se batendo os punhos, empurrões e sorrisos, como se cumprimenta o melhor amigo, e percebo então que talvez o Tyler seja um dos seus melhores clientes. Talvez ele venha aqui todos os dias, porque eles falam sem parar, por cima das máquinas de café, enquanto o jovem prepara as nossas bebidas. Ele entrega os dois copos para levar ao Tyler e o Tyler vira-se e aponta para mim. O empregado do bar ergue as sobrancelhas, dirigindo-me um enorme sorriso e levantando a mão para acenar.

Entro em pânico e retribuo com um pequeno aceno tipo eu-não-sei-quem-tu-és-ou-porque-estás-a-acenar-mas-seria-má-criação-ignorar-te. E, felizmente, o Tyler ri e vem ter comigo, pousando o meu café com leite na mesa e sentando-se na cadeira em frente.

— Quem é este? — pergunto.

— É o Mikey — diz o Tyler, apontando para o balcão. — Ele sabe tudo a teu respeito. Ele quer que eu te diga que está feliz por finalmente te ver.

Olho de novo para o balcão e, embora o Mikey esteja a trabalhar atrás da máquina de café expresso, ainda consegue fazer-me um sinal de fixe. O mais rápido que posso, olho para longe, os meus olhos de volta para o Tyler. É um pouco estranho que ele fale de mim com um dos empregados de bar daqui, mas eu decido não questioná-lo. Em vez disso, aceno para o tipo que estava na frente dele na fila e que agora está sentado a uma mesa sozinho no outro canto da loja. — E aquele? Quem é?

O Tyler tem de seguir o meu olhar, sorrindo. — Chama-se Roger. Ele vem aqui todas as manhãs, sempre antes das nove. Toma meio *latte* descafeinado sem espuma e gosta dele em copo grande.

Pestanejo para ele enquanto as minhas sobrancelhas se juntam. — Mas que raio, Tyler?

— E aquela senhora ali... — acena para a que está sentada ao balcão, com o cabelo preso num rabo de cavalo e uma mochila

pendurada no ombro — é a Heather. E é bem provável que ela tenha encomendado um *mocha* branco duplo, grande, sem espuma, mas com um *shot* de morango, um *shot* de baunilha, creme e canela no topo. Superligeiro na canela.

Levo apenas uma fração de segundo para juntar o óbvio. — Tu trabalhas aqui?

O Tyler limita-se a sorrir e recosta-se na cadeira, com o café na mão, seguro na ponta dos dedos. — Sim. Geralmente sou eu quem os serve.

— A sério?

Ele ri a princípio, depois bebe um gole de café e inclina-se para a frente novamente, apoiando os cotovelos na mesa enquanto pousa o copo. — Claro que sim — diz ele.

Fico a observá-lo, porque o meu primeiro instinto é pensar que ele pode estar a brincar. A ideia do Tyler a servir café não se encaixa com a minha imagem dele. Mas, realmente, faz sentido. O Tyler ama o café tanto quanto eu. Tem um sorriso amigável que cativa as pessoas. Não é preciso ter um diploma. É fácil conseguir emprego como barista aqui em Portland. É uma loucura, metade dos estudantes universitários trabalha no Starbucks. — É aqui que trabalhas desde o ano passado? És empregado de bar? — Os meus olhos regressam ao balcão, onde Mikey e uma rapariga se movem agilmente em torno um do outro enquanto alternam entre moer café e servir os clientes. Eu tento o meu melhor a imaginar o Tyler a fazer o mesmo. E, com toda a honestidade, não me custa imaginá-lo lá atrás do balcão.

— Sou — diz o Tyler. Ele traça um padrão na mesa com o dedo indicador, os seus olhos nunca deixando os meus. — Todas as manhãs, das seis até ao meio-dia. Tenho de ganhar algum dinheiro extra.

Já conseguiu baralhar-me outra vez. — Extra quê?

— Extra a outra coisa que faço — diz ele enigmaticamente. Ele sabe que eu não faço ideia do que é que ele está a falar, e já percebi que ele gosta disso, porque lá está de novo aquele brilho nos olhos, que ele tenta esconder. — Tenho de equilibrar os dois.

Eu ainda não bebi um único gole do meu café, concentrada em ouvir o que o Tyler tem a dizer. — A outra coisa?

— Sim — diz ele —, e é para onde estamos a ir agora. — Ele levanta-se, empurrando a cadeira para trás e pegando no café. — Não é longe

daqui — diz, enquanto eu me levanto também. — Apenas dois quarteirões de distância. Normalmente, quando os meus turnos acabam, vou a pé, diretamente.

— Tu estás a trabalhar em dois empregos? — questiono.

— Não exatamente. — Quando abro a boca para tentar novo palpite, ele levanta a mão livre. — Não perguntes. Espera. Já vais ver.

Então calo-me, embora transbordando de curiosidade. Não há nada que eu odeie mais neste mundo do que não saber uma coisa que estou doida por saber. E é como se o Tyler quisesse aumentar a minha espera o mais tempo possível, porque volta ao balcão uma última vez para dizer a Mikey que ele o verá amanhã quando estiver de volta ao trabalho. O que me faz pensar: *Merda, que raio vou eu fazer amanhã e todos os dias depois disso enquanto o Tyler está a fazer o turno dele?* Mas decido que vou pensar nisso mais tarde, porque agora não me posso concentrar em mais nada além de onde é que o Tyler me vai levar a seguir.

Saímos para a rua, cafés na mão, o sol a bater-nos na cara. Por um segundo, é quase como se estivéssemos de volta às ruas de Nova Iorque, a milhares de quilómetros de distância de qualquer pessoa nossa conhecida, livres para agir e sentir como nos dê na mona. Tenho saudades daqueles dias que passámos juntos, despreocupados. Mesmo em Portland, é arriscado, apesar de as probabilidades de alguém me reconhecer, depois de todos estes anos, serem baixas. Mesmo que eu tente, simplesmente não consigo tocar com a minha mão na dele. E eu odeio sentir-me assim, como se estivesse a fazer algo de errado. Eu absolutamente odeio isso.

Caminhamos para leste, em direção ao Willamette, que divide a cidade em dois lados, leste e oeste, e eu vejo-me a apreciar novamente a caminhada pelo centro de Portland. É revigorante ver algo diferente de apenas cadeias de lojas e restaurantes. Caminhamos apenas alguns quarteirões — como Tyler tinha dito — e o seu ritmo diminui. Aponta para a nossa frente, para uma grande porta preta entre um estúdio de tatuagem e uma *boutique* de roupa. E é apenas aquilo que parece: uma porta.

— Entra — diz o Tyler. Enquanto bebe mais um gole de café, ele abre a porta e segura-a aberta com o ombro, para eu passar. Do outro lado, uma pequena entrada, vazia, de onde parte um lance de escadas. Acho

que devem levar até ao segundo andar por cima do estúdio de tatuagem e da *boutique*. A iluminação fluorescente é extremamente brilhante.

E se antes disto eu já estava confusa, agora, então, estou absolutamente à toa. Mesmo um pouco preocupada. — Onde raio estamos nós?

O Tyler dá alguns passos pelas escadas, depois para para olhar para mim. Ele está a sorrir e diz: — Sobe e vais ver.

Sigo-o ansiosamente mordendo o lábio inferior. Não sei bem o que é que espero ir encontrar lá em cima, mas, conhecendo Portland, pode ser qualquer coisa.

É com alívio e surpresa que, quando chegamos ao topo das escadas e o Tyler abre uma segunda porta, deparo com o que nunca esperara ver.

A música envolve-nos imediatamente como uma vaga, alta, mas não demasiado. Quando o Tyler me segura pela mão e me puxa alguns metros para o grande espaço aberto, fico boquiaberta. Estamos numa grande área com paredes vermelhas vibrantes e um tapete preto macio. Há muitas pessoas aqui também. São todos adolescentes, rapazes e raparigas. Alguns estão pendurados sobre as poltronas brilhantes no canto mais distante. Alguns estão competitivamente encurvados sobre as mesas de matraquilhos e de *air hockey* que estão no centro da sala. Alguns demoram-se em torno das várias máquinas de venda automática contra as paredes. Alguns estão colados à fileira de *laptops* apoiados numa prateleira longa e baixa que percorre toda a extensão da parede oposta. Há ali até mesmo alguns televisores de plasma, e quando olho para o teto, percebo que está coberto de palavras. Citações e frases. Lemas e mantras. Inspirado e esperançoso.

— O que é isto, Tyler? — Os meus olhos procuram os dele.

O seu olhar é intenso enquanto percebe tudo o que está a acontecer, um pequeno sorriso no rosto enquanto assiste, mas ele parece afastar-se quando ouve a minha voz. Lentamente, os seus olhos vão ao encontro dos meus, com o seu olhar mais sério. — Um grupo de jovens.

— Um grupo de jovens? — repito. — Trabalhas aqui também?

— Para começar, trata-se de uma organização sem fins lucrativos — diz ele, com naturalidade, como se eu devesse estar perfeitamente informada, embora ele esteja sendo gentil com isso. — Portanto, eu não

trabalho aqui; eu dirijo isto. Como voluntário, daí o trabalho extra.

Cruzo os braços enquanto tento processar as suas palavras, para que elas façam realmente sentido. — Este espaço é teu?

— Claro que sim — diz ele com um sorriso radiante. O orgulho na sua voz, no seu sorriso e nos seus olhos é impossível não notar.

— E tu diriges isto tudo sozinho?

Só então uma voz grita o nome do Tyler. Uma voz feminina, britânica, seguida por passos correndo pelo tapete. E eu sei que é ela antes mesmo de me virar, porque não há outra pessoa a quem esta voz possa pertencer. No entanto, ao mesmo tempo, há tantas informações novas para absorver que eu começo a sentir-me desorientada, então, quando eu finalmente dou meia-volta, a visão da Emily correndo na nossa direção é suficiente para me deixar atordoada.

16

Há um ano que não vejo a Emily. Desde o último verão em Nova Iorque. O Tyler e eu regressámos a Los Angeles. Ela partiu para Londres. E eu realmente nunca esperei vê-la novamente, mas aparentemente eu estava errada em assumir isso, porque aqui está ela agora, agarrando o Tyler para um breve abraço.

— Voltaste cedo! — diz ela, afastando-se dele, com os olhos arregalados de surpresa. — Pensei que só vinhas amanhã.

— Demorou menos tempo do eu pensava a convencer uma certa pessoa a vir comigo — diz ele, o canto dos lábios curvando-se num sorriso, enquanto olha de relance na minha direção.

— Ah, Eden! Tu estás mesmo aqui! — exclama ela, quase saltando para os meus braços ao mesmo tempo. O perfume que ela está a usar tem um cheiro fabuloso, e sinto o toque do seu cabelo macio contra o meu rosto, enquanto ela me envolve nos seus braços. É mais escuro do que eu me lembro, e ela percebe a diferença no meu também, porque quando recua um pouco para me observar pergunta: — Cortaste o cabelo?

— Há muito tempo — murmuro, baixando a cabeça para olhar para o meu cabelo e passar as mãos pelas pontas. Quando volto a olhar para cima, tenho de sacudir a cabeça para ela. — O que é que estás a fazer por aqui?

— Estou a fazer voluntariado — diz ela. — A ajudar o Tyler durante alguns meses.

Agora o Tyler está envergonhado, manuseia nervosamente os óculos de sol e levanta ora um pé ora o outro, alternadamente, na minha frente, ao lado da Emily. É completamente diferente, o Tyler tímido. — Cheguei finalmente a um ponto em que percebi que não podia fazer tudo isto sozinho, então liguei para a Emily e disse: *Ouve lá, queres voltar para os States e viver em Portland?*

— E é claro que eu disse que sim — conclui ela, mostrando ao Tyler um sorriso deslumbrante. Não consigo entender como conseguem, ambos, mostrar-se tão orgulhosos, da forma mais humilde que se possa

imaginar. — Foi a melhor decisão que eu já tomei na vida, além da digressão, obviamente.

— Vocês têm estado os dois aqui em Portland? — pergunto. É para a Emily que estou a olhar. Não foi só o Tyler que me manteve na ignorância sobre isso, mas aparentemente ela também. Nenhum deles pensou em dizer-me, e isso faz-me sentir como se eles não confiassem em mim o suficiente para me incluírem no circuito. — E não me disseste nada? — Uma dor profunda atinge o meu coração, mas eu tento afastá-la.

O sorriso da Emily adquire uma expressão contristada, os olhos escurecem, como se pedisse perdão. Então, de repente, atira a cabeça para trás e tapa o rosto com as mãos. — Ah, eu sei. Sinto muito. O Tyler não queria que eu falasse sobre isto, porque tu ias perguntar porque é que eu estava aqui, e então teria de mentir.

Reflito sobre isso durante um segundo e até compreendo. Compreendo tudo sobre o Tyler precisar de espaço. Admito que ele não quisesse que se soubesse onde ele estava. O que eu não entendo é o que é que o impediu de me falar sobre o que estava a fazer. Podia ter mandado uma mensagem. Uma merda de uma mensagem a dizer que as coisas estavam bem e tudo estava a correr bem com ele, porque durante todo o ano passado as únicas notícias que tive dele foram sempre através da Ella, quando ela encontrou maneira de introduzir pequenas informações em conversas diárias quando o meu pai não estava por perto. Ela nunca pareceu estar preocupada com ele, portanto, acho que sempre soube que ele estava bem. Quando ele começou a ligar, já era tarde demais. O meu desprezo por ele era mais forte do que tudo e nunca consegui obrigar-me a responder. Talvez se eu *tivesse* respondido, ele me tivesse contado tudo o que me está a dizer agora. Apenas talvez.

Eu só percebo que não respondi quando o Tyler se aproxima de mim e pergunta: — Estás bem?

— É só... — Abano a cabeça e levo a mão à cara. — Isto é uma loucura, Tyler.

O olhar da Emily salta entre mim e o Tyler algumas vezes, e depois, lentamente, ela afasta-se. — Vou deixá-los ficar a conversar — murmura com aquele sotaque dela, as suas feições gentis. — Estou muito feliz por

teres vindo. A sério, Eden. Vemo-nos mais logo, está bem?

Concordo com um aceno de cabeça e ela sai, atravessando a sala. Fico a observá-la enquanto ela conversa com um grupo de jovens, ao canto, perto das máquinas de venda, rindo e sorrindo como se fossem as suas melhores amigas, apesar de parecerem caloiras do ensino secundário.

Volto-me para o Tyler e pergunto: — O que é que fazes aqui, exatamente?

— Anda, vamos. — Indica uma porta no canto oposto. Sem abandonar os nossos cafés, ele pega na minha mão e gentilmente conduz-me pela carpete.

Enquanto avançamos, aproxima-se cautelosamente de nós um jovem que não terá mais de dezasseis anos. Ansiosamente, puxa as mangas do *hoodie* sobre as mãos enquanto diz: — Olá, Tyler. A Emily disse que tu só vinhas amanhã.

— Sim, eu sei — responde o Tyler. Nós parámos do lado de fora da porta, mas ele não solta imediatamente a minha mão como teria feito há um ano no segundo em que alguém chegasse perto de nós. É uma sensação estranha estar aqui, cercada por pessoas, com as mãos bem entrelaçadas. Uma sensação a que seria fácil acostumar-me. A sensação de que um dia poderia não me sentir culpada. — Voltei ontem. Alguma notícia sobre a tua mãe?

— Nada ainda. — O miúdo baixa os olhos para o chão e encolhe os ombros. — O meu pai vai-me ligar mais tarde, quando ela sair da cirurgia.

— Isso é bom — diz o Tyler. — Eu já vou falar contigo, daqui a um segundo, OK? A propósito, esta é a Eden. — Ele solta a minha mão e passa o braço sobre os meus ombros, da forma mais descontraída e natural. É difícil concentrar-me noutra coisa que não seja o seu toque constante, mas forço-me a manter o olhar interessado no miúdo.

— Olá — digo, com o mais gentil dos sorrisos que consigo.

Mas ele não diz nada, apenas acena com a cabeça, os olhos no chão, e vira-se, dirigindo-se para os computadores.

— Este é o Bryce — explica o Tyler, apoiando as costas contra a porta e mantendo-a aberta. — A mãe dele está no hospital há duas semanas, então ele fica aqui para se manter ocupado. É super-reservado.

Sigo o Tyler pela porta e entramos numa sala mais pequena. É um escritório. No centro fica uma enorme escrivaninha de carvalho com uma cadeira ajustável de couro preto atrás dela. O chão é de madeira, as paredes vermelhas para combinar com a sala de onde acabamos de sair. Uma parede está completamente forrada com armários com pastas empilhadas em cima deles.

O Tyler fecha a porta, tira-me o café da mão, pousa-o na mesa e pede-me para me sentar.

Eu atiro-lhe um olhar. — Hum?

— Senta-te para eu poder falar contigo — diz ele, rindo baixinho.

Um pouco hesitante, sento-me na cadeira. É extremamente confortável. Faço-a girar uma ou duas vezes, e depois balanço para a frente e para trás, assentindo em aprovação. — Boa — concluo.

O Tyler ri e afasta algumas das folhas de papel para que se possa empoleirar no canto da mesa. Isso fá-lo parecer tão profissional, como um advogado ou um diretor que está a preparar-se para me bombardear com informações.

Ele tira a tampa do café e pousa-a na mesa, depois dá um longo gole. — Então — começa ele —, bem-vinda à minha organização sem fins lucrativos. Estamos abertos todos os dias das oito às dez no verão. A Emily está aqui das oito às cinco. Eu apareço ao meio-dia depois do meu turno na cafetaria e fico até às dez, portanto, há sempre um de nós aqui, senão os dois, mais um pequeno grupo de voluntários extra para ajudar. Quanto ao que fazemos? — O sorriso dele aumenta e os seus olhos brilham. — Estamos aqui apenas para conversar, para proporcionar um lugar onde as pessoas possam vir se precisarem. Aparece todo o tipo de miúdos: do sexto ano até aos mais velhos. Eles vêm por todas e diferentes razões. Alguns vêm para fazer amigos. Alguns vêm porque os pais discutiram e eles querem sair de casa. Alguns vêm apenas para terem alguém com quem conversar. E sabes que acho que funciona porque somos todos jovens, na casa dos vinte? Não somos alguns pais de cinquenta anos a tentar dizer-lhes o que está errado ou o que está certo. Creio que eles acham mais fácil falar connosco, porque estamos mais no nível deles.

Eu aceno, concordando com as suas palavras, mas antes que eu possa perguntar mais sobre o que ele faz aqui, o Tyler continua.

— Queres ouvir uma cena muito fixe? — Baixa os olhos, pega na tampa do copo e começa a brincar com ela. — Há aí um aluno do segundo ano, chamado Alex, que passa aqui a vida. Então, há uns dois meses, recebo uma mensagem dele, numa sexta-feira à noite, já tarde, estava eu a arrumar tudo para me ir embora. Dizia que estava numa casa qualquer com um grupo de gajos que ele não conhecia lá muito bem, mas tinha combinado passar ali a noite, só que os outros começaram a meter-se nos ácidos e o Alex é um puto certinho. Não quis ficar, mas não tinha como sair de lá e não queria ter de ligar para o pai, portanto, ligou para mim. Claro que agarrei no carro, fui até lá e trouxe-o, mas mesmo assim ele não quis ir para casa porque os pais iam querer saber porque é que ele não tinha ficado lá, e ele não queria ter que responder a interrogatórios. Então ficou na minha casa. — Ele para de brincar com a tampa e olha para mim e a única coisa que me chama a atenção é que, desta vez, ele deixou efetivamente de sorrir. Os seus lábios estão contraídos e o seu olhar é suave, mas dolorido, de uma forma que eu creio nunca ter visto. — Acredito que foi nesse momento que eu tive verdadeira consciência de que *Porra, o que eu estou a fazer aqui é realmente bom.* — Baixa o rosto, olhos fixos no colo e eu fico a olhar para ele, um pouco atordoada, perguntando-me como é que é possível que alguém tenha crescido como ele cresceu, que alguém se tenha transformado tão drasticamente e se tenha tornado tão... tão *inspirador.* Nesse momento, compreendo que não existe ninguém melhor para orientar este grupo do que o Tyler. Ele passou por muito, desde ser vítima de abuso até ter-se tornado toxicodependente, desde a destruição da família até às relações manipuladoras, desde sentir-se só até ter de fingir que tudo está bem. Ele compreende a luta que alguns destes miúdos têm de enfrentar. Ele sabe o que eles sentem.

— O que queremos criar é um ambiente positivo — diz ele quando se levanta. — Um lugar onde as pessoas podem distrair-se, obter conselhos, divertir-se. A Emily gosta de chamar a isto refúgio seguro.

— Eu acho que isto é fantástico — digo, honestamente. No entanto, não posso deixar de pensar que talvez as coisas tivessem sido diferentes se ele me tivesse dito muito antes precisamente o que acaba de me dizer. Talvez eu não estivesse tão zangada, talvez eu tivesse entendido melhor. Talvez eu não tivesse passado doze meses imaginando o que

realmente estava a acontecer. — A tua mãe sabe sobre tudo isto?

— Da maior parte, sim. — Tyler vira-se de costas para mim e, lentamente, dirige-se para um armário, no canto da sala, e abre a primeira gaveta. Passa uns bons segundos a procurar nos arquivos antes de tirar uma pasta, que abre brevemente para folhear, depois olha para mim por cima do ombro. — Eu não lhe digo tudo a ela, sabes? Há algumas coisas que eu nunca mencionei.

— Tipo, o quê?

— Tipo, as mesmas coisas que não mencionei a ti. — Ele dirige-me um pequeno sorriso, fecha a gaveta do armário, pega no seu café e vira-se para mim. — Mas estou quase lá. Só tenho de pensar nas palavras certas primeiro.

Eu rolo a cadeira para o outro lado do tapete e levanto-me, juntando-me ao Tyler. — Quando dizes merdas dessas — digo —, provocas-me um estado de stresse insuportável. Sabias disso?

Ele sorri. — Lamento.

Ouve-se uma pancada suave na porta e depois abre-se uma greta. A Emily observa, da ombreira. — Interrompo?

Apesar de não estar muito próxima do Tyler, dou um passo subconscientemente para trás. — Não — digo.

A Emily abre totalmente a porta e entra na sala, o cabelo agora bem esticado num rabo de cavalo, ao alto, que gira em torno dos seus ombros. O seu olhar fixa-se no Tyler. — O Bryce está à tua espera. Tem perguntado por ti durante todo o fim de semana. Bem sei que é o teu dia de folga, mas importavas-te de falar com ele?

— Sim, vou agora mesmo ter com ele. — Dá um passo em direção à porta, mas parece lembrar-se de repente de que, ao contrário do normal, eu estou aqui também, porque faz uma pausa e olha para mim. — Eden?

Movimento as mãos na direção da porta. — Vai.

Há gratidão no sorriso que ele me dirige antes de sair. Então ficamos só a Emily e eu. Sozinha, a Emily atravessa a sala na minha direção, com os olhos a brilharem da mais pura e sincera felicidade e eu pergunto-me como será sentir-se assim.

— Estou mesmo muito feliz por estares aqui — diz ela, agarrando no meu braço e conduzindo-me gentilmente pela porta, para a sala

principal. — Isto tem sido brutalmente longo.

— E *eu estou*, muito honestamente, tão baralhada por *te encontrar* aqui — respondo. Eu ainda não consigo acreditar que a Emily está aqui, ao meu lado, agora. — Durante todo este tempo, pensei que estavas de regresso a casa, a sofrer os maus-tratos do clima britânico de que tanto te queixavas.

A Emily ri, pouco à vontade, enquanto me conduz até às janelas que permitem que a luz do sol da manhã entre em pleno, pondo tudo a brilhar. — Honestamente — suspira —, estar de regresso a casa era o pior possível, portanto, eu não podia dizer que não ao Tyler quando ele me ligou e perguntou se eu poria a hipótese de vir até aqui para o ajudar durante o verão. Demorou alguns meses, mas, por fim, acabei por apanhar o voo.

— E voltaste assim, sem mais nada? — Ela encolhe os ombros e, em seguida, sobe para o parapeito da janela, cruzando as pernas. Copio os seus movimentos para ficarmos ambas, lado a lado, com o sol a dar-nos em cheio. — Na realidade, eu não estava a fazer nada de produtivo, de qualquer maneira — confessa, prendendo alguns fios soltos de cabelo atrás das orelhas. — Eu estava na mesma posição que o Tyler. É como se tu regressasses da digressão e a realidade batesse em ti e tivesses que responder a uma questão: *Merda, e agora?* Quando o Tyler telefonou, eu estava tão entediada a trabalhar nas caixas da Tesco que não foi exatamente uma escolha difícil fazer as malas e dar uma ajuda ao Tyler. Até agora, acho que realmente gosto mais disto do que de Nova Iorque.

— A sério?

— É uma cidade grande com uma *vibe* de cidade pequena — diz ela. — E isso é raro de encontrar. — Aceno em acordo antes de voltar a minha atenção para os adolescentes ao nosso redor. Alguns deles observam-nos pelo canto do olho, provavelmente perguntando-se quem raio serei eu. Outros estão ainda a acabar de chegar.

Eu não posso deixar de me maravilhar com o espaço, com toda a tecnologia e com o modo como estas crianças gravitam em torno disso. É uma sensação estranha saber que isto é o que o Tyler desenvolveu durante o ano passado, mas, ao mesmo tempo, é compensador. Um bom sentimento. É bom saber que ele está fazendo algo de bom, algo

produtivo e que vale a pena, algo significativo.

Observando toda a atividade, eu expresso os meus pensamentos. — Como é que estas crianças estão acordadas? É verão. E ainda não são nem dez horas.

— Confia em mim, esta é a hora em que está tudo calmo — diz ela rindo. — Espera pelo meio-dia. É quando fica mesmo cheio.

Os meus olhos encontram o caminho para o Tyler. Ele está no extremo oposto da sala, com o miúdo de há pouco, o Bryce. Está relaxado, os ombros descontraídos e a sua expressão é afetuosa e disponível. Acena afirmativamente com a cabeça de cada vez que o Bryce termina de falar. Observando-o, posso dizer que ele realmente pertence aqui. Este lugar operou nele uma transformação que nunca pensei ser possível.

— Eu devia apresentar-te a todos — diz a Emily, do nada, e os meus olhos imediatamente voltam para ela. — De qualquer forma, a maioria deles sabe quem tu és. E sabem que a razão pela qual o Tyler tirou alguns dias de folga foi para te ir ver. — Ela desliza do parapeito da janela, pousando suavemente os pés no chão. — Diz lá — continua ela, com as mãos nos quadris e os olhos observando-me —, como é que preferes que te apresente? Como meia-irmã do Tyler ou como sua... — A voz dela quase se torna inaudível e ela sorri, ansiosa, como se tivesse medo de ter atingido um nervo.

— Meia-irmã — digo. Seja qual for o inferno em que o Tyler e eu estamos, eu definitivamente não sou *essa* palavra. Eu nunca fui. E, dadas as nossas circunstâncias, ainda não tenho a certeza se alguma vez o serei. Mesmo que o meu pai e o Jamie acabem por se aproximar e por nos aceitar, eu ainda tenho de voltar para Chicago no outono, a mais de dois mil quilómetros daqui, do Tyler. Parece tão impossível.

Emily assente, compreensiva, depois leva-me até ao grupo de adolescentes mais próximo, meia dúzia de miúdas estendidas sobre as cadeiras, no canto. Apresenta-me como Eden, a meia-irmã do Tyler, de Los Angeles, que, na realidade, é daqui, de Portland. Ouvem-se alguns *ahhhs* e uns *olás* discretos e, em seguida, elas voltam para o que estavam a fazer e seguimos em frente, repetindo o processo uma e outra vez, até que cada pessoa neste prédio saiba o meu nome.

Nessa altura, o Tyler está livre de novo, e atravessa o tapete, na

nossa direção, com o seu sorriso interminável ainda dominando as suas feições. Vê-lo sorrir assim, sinceramente, é uma coisa que me magoa e não sei porquê. — E então, o que fizeram?

— Apresentei a Eden a toda a gente — responde a Emily, e depois olha para nós alternadamente e muda de registo, rapidamente. — Agora a sério, pessoal, vocês não precisam de ficar aqui. Vá, vão-se embora, vão passar o dia juntos, e, Tyler, basta voltares amanhã, como estava combinado.

O meu olhar encontra o do Tyler, secretamente esperando que ele aceite a sugestão dela. Eu não me importaria de passar o dia com ele, só nós os dois. Foi, aliás, para isso, em primeiro lugar, que eu voltei para Portland com ele. Vim para descobrir se existe ainda alguma coisa em nós, e a cada dia que se passou desde quinta-feira, a cada hora, a cada minuto, torna-se cada vez mais óbvio que sim. Eu vim para descobrir se ainda vale a pena tentar salvar-nos. E, provavelmente, vale.

— Tens razão — diz o Tyler. Eu mordo o interior da bochecha para não me pôr a sorrir como uma tonta. Felizmente, ele não percebe, porque está ocupado a provocar a Emily perguntando: — Tens a certeza de que aguentas com o barco sozinha?

— Por favor — responde ela em tom de gozo —, quem é que achas que aguentou o fim de semana inteiro?

E depois de mais umas risadas breves, despedimo-nos até amanhã. A Emily dirige-se para o interior enquanto o Tyler e eu nos voltamos para a porta principal. Ele anda devagar, com os braços balançando pelos quadris, e é tão tentador. Tentador com'ó caraças.

— Algum lugar específico onde queiras ir? — pergunta ele e eu desvio os olhos a custo das veias que sulcam as suas mãos e só espero mesmo é que ele não repare que estou a ficar rapidamente corada.

— Não especialmente — murmuro. Inclinando a cabeça para baixo, deixando que o cabelo me caia sobre o rosto, de modo a ocultar a minha expressão para que o Tyler não a consiga decifrar.

— Tenho uma ideia — diz ele rapidamente, na sua voz leve e entusiasmada.

Volto-me para o olhar de frente, com uma expressão curiosa. — Qual é?

— Vou mostrar-te. — Os seus olhos brilham com malícia, ele alcança

a porta e abre, e dou meia-volta, pronta para descer as escadas, mas nem um passo chego a dar porque já choquei com qualquer coisa antes mesmo de ter conseguido fazer um movimento. É algo duro, uma pessoa, um miúdo subindo as escadas muito depressa, provavelmente.

No momento em que tudo acontece, vejo-me recuando o mais rápido que posso enquanto murmuro: «Peço desculpa.»

E então o Tyler pega no meu braço e afasta-me para o lado enquanto ele avança, e é quando eu finalmente olho para o pobre miúdo que podia ter feito cair de costas pelas escadas abaixo. Porém, fico completamente perplexa ao descobrir que não é uma criança. Na verdade, é um adulto, um homem. Está parado no topo das escadas, poucos centímetros à nossa frente, as sobrancelhas arqueadas tão alto que elas podem simplesmente desaparecer na linha do cabelo escuro. Tem na mão uma pasta bem apertada, um reluzente relógio de ouro no pulso e a camisa metida nas calças, uma gravata solta ao redor do colarinho. No princípio, acho que ele está no prédio errado. Este é um grupo de jovens, não um centro de conferências ou um complexo de escritórios, e continuo a pensar isso até o Tyler falar, deixando claro que não se trata de um estranho.

— O que é que estás aqui a fazer? — pergunta ele. Há alguma impaciência no seu tom, mas essencialmente dir-se-ia que está baralhado. — Só devias chegar no avião de sexta-feira.

O homem, que parece ainda relativamente jovem, talvez perto dos quarenta, olha para a pasta na mão e depois levanta-a. — O contabilista terminou a previsão que queríamos mais cedo do que o planeado, então eu pensei em passar por cá para a trazer. — A voz é surpreendentemente suave para um homem tão forte e há qualquer coisa nos seus traços fisionómicos que atraem os meus olhos para o seu rosto bem barbeado. — Eu é que devia perguntar o que é que tu estás a fazer aqui. Não ias passar uns dias a casa?

— Sim, mas voltei ontem à noite. — O Tyler muda de posição, desconfortável, com ambas as mãos enfiadas ansiosamente nos bolsos dos *jeans*. O homem dá uma olhadela incisiva na minha direção, e eu apercebo-me da maneira como o Tyler engole um nó na garganta antes de se forçar a dizer: — Esta é a Eden.

— Ah — diz o homem. Ele observa-me, analisando a minha

expressão enquanto me dirige um sorriso tenso e contrafeito. Eu não consigo desviar o olhar, não por curiosidade, mas porque estou completamente hipnotizada. Sinto uma fortíssima atração e, lentamente, o meu estômago começa a contrair-se quando reparo na pele bronzeada, nos cabelos escuros e nos olhos brilhantes que eu estou a descobrir lentamente que são muito mais cor de esmeralda do que pareceram na primeira vez. Ele é-me familiar e a semelhança com a pessoa em pé em frente dele é impossível de negar.

— E, Eden, este é... — A voz do Tyler embarga-se e ele engole mais uma vez, exalando, trémulo. Ele leva um segundo a recompor-se e a controlar a ansiedade súbita que parece tê-lo dominado. Quando volta a falar, eu já percebi o que ele vai dizer antes mesmo de abrir a boca. — Este é o meu pai.

17

Digo-o em voz bem alta. Literalmente cuspo as palavras: — Mas que porra é esta? — Quase na defensiva, vejo-me a recuar, para mais perto do Tyler, longe do homem parado à minha frente. O homem que eu aprendi conscienciosamente a odiar nos últimos anos. Sinto-me mal do estômago. Tão mal, na verdade, que tenho que suster a respiração para me impedir de vomitar. Os meus pensamentos estão dispersos por todo o lado e não me consigo concentrar num único. Estou tão confusa, tão surpreendida e tão chocada.

Por fim, a única coisa que passa pela minha cabeça ainda é: *Que porra é esta? Que porra é esta? Que porra é esta?* Porque eu não sei porque é que ele está aqui. Eu não sei porque é que ele está em Portland, porque é que ele está aqui neste prédio, porque é que ele está aqui à nossa frente.

— Eu posso explicar — diz o Tyler rapidamente, virando-se para me encarar diretamente. É como se ele pudesse *ver* a crescente lista de perguntas na minha cabeça, o pânico e a perplexidade nos meus olhos, da mesma forma que eu posso ver os nervos e a ansiedade dele. *Mais explicações*, acho. Apenas quando eu acredito que finalmente sei tudo, ainda há algumas coisas que ele não pensou em mencionar.

— Ainda não lhe disseste nada? — pergunta o pai dele. Mais uma vez, penso: *Que porra é esta?* Ele parece espantado, e quando eu olho com desprezo para cada fibra do seu ser, os seus olhos verdes traduzem incredulidade. Ele não se parece com o que eu imaginei, como um criminoso. Tem bom aspeto. Nunca esperei na vida pôr os olhos nele, mas se tivesse de acontecer, nunca previ deparar-me com alguém tão normal. Esperava olhares duros, juntas dos dedos e lábios numa carranca permanente. Eu esperava que ele se parecesse com alguém capaz de infligir abuso. Mas ele não. Ele parece respeitável, e isso é ainda pior.

— Eu estava a chegar aí — murmura o Tyler em resposta. Fecha os olhos e comprime o rosto, esfregando a têmpora direita. Então, acrescenta: — Pensei que ainda tinha até à próxima semana.

— Bem — diz o idiota à minha frente. — Lamento ter aparecido tão inesperadamente. — Enfia a pasta debaixo do braço e volta a olhar para mim, exibindo um sorriso caloroso e amigável. É a coisa mais irritante do mundo. — Peter — diz ele, dirigindo-me um aceno seco de cabeça.

— Eu sei quem você é — respondo-lhe bruscamente. A minha voz está a ferver de indignação, o meu olhar feroz. Eu não consigo controlar isto. Odeio este homem e não consigo, por força alguma, tolerá-lo, ser simpática para com ele. Ele não merece o meu respeito e nunca o vai ganhar. — Mas que raio vem a ser isto, Tyler? — Quando volto a olhar para ele, parece-me que o seu único desejo é desaparecer. O desconforto é evidente nas suas feições.

— Posso voltar mais tarde... — sugere o Peter, levantando a mão como se estivesse a render-se, enquanto se afasta. Franze a testa, aparentemente incomodado pela atmosfera tensa. Isto ou o meu temperamento inflamado. Talvez a sua primeira impressão de mim não seja boa, mas, neste momento, estou-me realmente nas tintas.

— Não — exclama o Tyler. Destapa o rosto, endireitando-se, e solta um longo suspiro, ombros largos, peito aberto. — Dê esses documentos à Emily — ordena, fixando o pai com um olhar firme, que é a coisa mais estranha e, contudo, mais gratificante que eu já o vi fazer. O controlo revelado pela sua voz, os olhos e a postura são reconfortantes, porque, surpreendentemente, esse poder não é o do Peter. — Eden, vamos embora.

Sem hesitações, pega na minha mão, os seus dedos entrelaçando-se automaticamente com os meus, como se simplesmente pertencessem ali. Puxando-me desesperadamente pelas escadas, deixamos o pai dele para trás, e eu dou uma última espreitadela por cima do ombro e vejo-o a olhar para nós, passando a mão pelo cabelo *exatamente* da mesma maneira que o Tyler faz. Cerro os dentes, enquanto o Tyler me puxa para o passeio e a porta se fecha atrás de nós.

Já na rua, hesitamos, olhando um para o outro, enquanto os transeuntes passam por nós. O Tyler respira pesadamente enquanto aperta a minha mão ainda com mais força. Então, ele inclina-se para a janela do estúdio de tatuagem, empoleirando-se no parapeito, e puxa-me para mais perto dele. Quando olha para mim, o seu olhar é uma mistura de cento e uma emoções diferentes, como se ele não fosse capaz de

decidir exatamente o que sente.

— Isto é o que tenho para dizer à minha mãe — murmura, e depois, ainda mais calmo, acrescenta: — E é o que precisava de te dizer.

— O que é? — pergunto, retirando a minha mão da dele e cruzando os braços sobre o peito. — Não faço a mais pequena ideia do que está a acontecer agora. Por favor, podes dizer-me que porra é que o teu pai está aqui a fazer?

— A versão curta? — engole em seco. — Ele está de volta à minha vida desde setembro.

Respiro fundo, enquanto profundas rugas de surpresa vincam a minha testa. Lentamente, relaxo os braços e deixo-os pender. É preciso muito esforço apenas para permanecer calma.

— Porquê...? — pergunto. Eu não entendo, e isso está a fazer-me sentir exasperada. Não consigo entender porque é que o Tyler deixou que isto acontecesse. E isso faz a minha cabeça parecer pesada, como se eu me estivesse a afogar em perguntas que exigem desesperadamente respostas. — Como?

Tyler endireita-se e os seus olhos movem-se da esquerda para a direita enquanto ele cautelosamente examina as pessoas à nossa volta. Depois tira do bolso dos *jeans* as chaves do carro e aperta-as com força na mão, enquanto os lábios se contraem. — Vamos voltar para o carro — diz ele, começando a andar. Os seus passos são rápidos e sua mão livre encontra a minha novamente. Porque estou em total estado de choque e incredulidade, sinto uma espécie de entorpecimento com a sensação da sua pele contra a minha. — O que preciso de te dizer — explica — não posso dizer aqui.

Não sei o que pensar enquanto nos dirigimos para o estacionamento. Os meus olhos não estão focados em nada em particular, e sinto-me completamente atordoada enquanto o Tyler continua a puxar-lhe além da cafetaria na esquina, onde ele trabalha, e pela Pioneer Square. Eu mal dei por elas. A única coisa que faço é pestanejar, com o pensamento perdido algures. Perguntas, perguntas e perguntas, às quais preciso de respostas para entender o que está a acontecer — mas a questão mais importante não pode esperar até voltarmos ao carro.

Olhando de relance para o Tyler, simplesmente pergunto: — Tu estás... Estás bem?

Imediatamente, ele olha para mim. Não parece estar assustado com o facto de o pai ter aparecido, portanto, é evidente que esta não foi a primeira vez que eles se encontram cara a cara, mas, mesmo assim, o Tyler está ainda incrivelmente desestabilizado. — Sim — diz ele. — Simplesmente eu não estava... pronto.

Desvia de novo o olhar para longe e, ao mesmo tempo, começa a desenhar suavemente com o polegar círculos nas costas da minha mão. No começo, acho que é para me tranquilizar, para me dizer que tudo isto não é tão louco quanto parece, mas depois percebo que ele o está a fazer porque está nervoso. Morde o lábio repetidamente, até o soltar lentamente, com os olhos num transe distante, como se estivesse perdido em pensamentos profundos. Uma lista mental de explicações e possibilidades do que ele poderia estar prestes a dizer-me cresce a cada segundo que passa.

Chegamos ao silo de estacionamento e subimos as escadas, a mão dele continua a apertar a minha com tanta força que os meus dedos começam a ficar dormentes. Por toda a confiança que o Tyler tem, ele tem o dobro de ansiedade. Eu temo que possa ter uma síncope nervosa devido à tensão contra a qual parece estar a lutar agora. Não sei bem como, consegue escapar e, desde que o carro está à vista, ele solta a minha mão. Destranca o carro e senta-se no lugar atrás do volante com uma lentidão como não me lembro de lhe ter visto alguma vez, e atira as chaves para um dos porta-copos da consola central. Junto-me a ele dentro do carro, ocupando o lugar do passageiro. Quando fecho a porta suavemente atrás de mim, o silêncio cai sobre nós. Os estranhos na rua desapareceram. A garagem está vazia e silenciosa. Somos só nós. Eu olho para ele com impaciência. — Que raios é que está a acontecer?

O lábio inferior do Tyler está, surpreendentemente, ainda intacto depois de ele o ter mordido daquela forma. Ele olha para o tabliê por um longo momento antes de se inclinar para a frente e cair sobre o volante. Encosta a testa ao volante e rodeia o rosto com os braços para que eu não possa ver a sua expressão. — Eu só ainda não sabia como é que ia dizer isto — admite ele, com a voz abafada —, portanto, tem paciência comigo.

— Diz-me simplesmente porque é que o teu pai está em Portland, Tyler. — Isto é tudo o que eu preciso de saber. É por isso que estamos

aqui agora, por causa do pai dele. Eu não posso compreender isso, e a falta de informação do Tyler não ajuda muito para justificar por que razão o seu pai está dentro de um raio de 80 quilómetros dele.

— Porque ele financia o grupo de jovens — diz o Tyler rapidamente, em voz alta, levantando a cabeça. Ele ainda está debruçado sobre o volante, mas inclina o rosto para mim, com os olhos enrugados nos cantos. — Ele paga o seguro — explica ele. — Paga o aluguer. Trata de tudo o que são questões burocráticas e legais. Ocupa-se de tudo o que eu não posso pagar.

— É isso? — Abano a cabeça, enquanto puxo as pernas para cima e cruzo-as no assento. As suas palavras não me oferecem exatamente as respostas de que ando à procura. Pelo menos não todas. — Como é que isso aconteceu? Quando é que começaste a falar com ele de novo? E *como* é que aconteceu?

O Tyler estremece com cada pergunta que eu lanço. Um homem passa pelo carro, de regresso à sua viatura, e o Tyler olha para ele, observando. Espera até que o homem desapareça de vista, como se ele fosse capaz de nos ouvir do lado de fora do carro, e depois olha para mim. — Não é fácil dizer-te — admite o Tyler.

— Já desde o primeiro momento que não foi fácil para ti dizeres-me a verdade sobre ele — lembro-lhe tão gentilmente quanto sou capaz. Às vezes, o Tyler só precisa de um pouco de pressão antes de abrir, um pequeno empurrãozinho. — No entanto, conseguiste. Eu estou aqui. Estou a ouvir, está bem? — A minha boca oferece-lhe um pequeno sorriso, um sorriso firme e reconfortante, um sorriso que o deixa saber que me importo. Eu sempre me importei. Eu acho que às vezes ele esquece isso.

Ele engole em seco e, com um movimento de cabeça, confirma que aceita. Então afasta-se do volante, recosta-se no assento do condutor, com os ombros descontraídos. É quase como se ele estivesse a esvaziar-se, como um balão que perde o ar. Toca na parte inferior do volante com a ponta dos dedos, os olhos fixos, observando as mãos. As suas veias estão salientes e azuis. — Na noite em que me fui embora... — começa ele, e imediatamente me preparo para uma longa história, para a história completa. O Tyler nunca faz por menos. É nada ou tudo.

Mantém um registo de voz baixo e continua ansiosamente a passar a

ponta dos dedos ao longo da curva inferior do volante. — Eu não sabia para onde ir — admite. — Então, fui conduzindo e, quando estava a passar por Redding, parei na casa dos meus avós. Tinha conduzido a noite toda e estava exausto. Acho que a última pessoa que eles esperavam que lhes batesse à porta era eu. — Finalmente, ele olha para cima e as suas mãos agarram o volante. Os cantos dos seus lábios curvam-se num pequeno sorriso, mas é tudo. Fico feliz quando o seu olhar permanece em mim. — Acabei por passar lá alguns dias, enquanto tentava descobrir que raio queria eu efetivamente fazer da vida e para onde é que me dirigia. Mas aquelas fotos por todas as paredes? Aquelas com o meu pai? Eu não consegui aguentá-las. — Lentamente, suspira, franzindo os lábios. — Então tentei deitá-las todas abaixo, mas o meu avô disse para eu me ir embora. Eu fiquei lixado, mas lixado a sério. Comecei a gritar com eles, e eles disseram-me que eu estava descontrolado. — Ele faz uma pausa mais uma vez com lampejos de dor a atravessarem-lhe o rosto. É como se o simples pensamento de os seus avós lhe dizerem tal coisa fosse demais para suportar. — E o pior de tudo é que eu sabia que eles tinham razão. Foi esse o motivo principal por que eu saí de Santa Monica, e eu sabia que tinha que fazer algo em relação a isso o mais rápido possível. Eu não queria ficar assim tão furioso.

Franzo a testa. Há sempre algo tão doloroso na maneira como o Tyler se abre. Algo tão honesto, tão sincero e tão cru que sinto essa sensação no estômago. Eu acho que é porque o passado dele foi tão trágico. Tão inquietante e tão injusto, tão perturbador e desconfortável. Tudo na vida do Tyler parece ser assim. — Ninguém te pode culpar por te sentires assim em relação ao teu pai — digo, tendo que me dominar para não o rodear com os meus braços, como eu costumava fazer sempre que ele precisava de algum conforto e da garantia de que tudo ia ficar bem.

— Mas eles podem culpar-me por não me controlar. — O seu tom é mais duro agora, quando ele vira os olhos de volta para o para-brisas. A garagem pode estar cheia de carros, mas não há uma única pessoa à vista. — Eu queria ver-te.

— O quê?

— Quando eu estava lixado com aquelas fotografias — murmura ele —, queria ver-te. — Ele corre os dedos ao redor da circunferência

completa do volante. Uma vez, duas vezes, três vezes. Ele olha fixamente sem ver o velho *Ford* estacionado no lugar à nossa frente. — Eu já sabia que não era saudável para mim depender tanto de ti. Eu não podia viver a minha vida dependendo de tu me dizeres para me acalmar, ou dizeres que estava tudo bem, ou que eu devia apenas parar um segundo para respirar. Foi por isso que eu não voltei atrás nessa altura. Podia ter voltado. E se eu queria voltar, porra. Mas voltar atrás teria sido o caminho mais fácil. — Ele para de passar os dedos em redor do volante. Os seus olhos fixaram-se de novo em mim e, por um momento, fica completamente estático. — Eu estava a meio do caminho entre Portland e tu — afirma. — E eu sabia que tinha que escolher Portland, porque se não pudesse ter-te a ti, então poderia pelo menos ter uma *parte* de ti.

Os meus braços estão pele de galinha e a garganta ressequida como papel velho. Concentro-me no ritmo da minha respiração porque tenho medo de me esquecer de respirar, a menos que pense nisso. Inspirar, expirar. — E Portland levou-te até ao teu pai? — pergunto. — É para onde isto vai?

Tyler abana a cabeça. — Ouve — diz ele. Forte e abrupto, como se não quisesse que eu o interrompesse. Então eu olho de volta para ele, desculpando-me, enquanto ergo as mãos em sinal de rendição. Não há mais perguntas. Apenas escuto.

— E assim cheguei aqui — continua ele —, e durante as primeiras duas semanas não fiz efetivamente nada. Estava apenas furioso, cada dia mais do que o anterior, e não sabia como me sentir melhor sem, ’tás a ver, bater numa coisa qualquer. — Fecha a mão esquerda num punho e levanta-a, enquanto um leve sorriso lhe ergue os cantos dos lábios. Então deixa cair as duas mãos no colo e volta a ficar sério. — Eu simplesmente não conseguia aceitar como é que era possível que o meu pai estivesse em liberdade e precisava de uma maneira de soltar toda a raiva que guardava dentro de mim desde há anos. Não sabia como fazer isso até que comecei a pensar nas minhas opções. — A sua voz fica mais baixa a cada palavra que pronuncia. Engole entre cada frase e olha para as mãos, no colo, entrelaçando os dedos. — E por fim percebi o que é que precisava de fazer, embora odiasse pensar nisso. Foi... É embaraçoso. — Outra pausa. Ele respira fundo e as suas mãos

imobilizam-se. — No final de agosto, cedi e marquei uma consulta com... — Não consegue obrigar-se a dizer e expira fortemente, de novo. Então, ele fecha os olhos com força e, através dos lábios rígidos, sussurra: — Consulta com um terapeuta.

Silêncio.

Eu não sei o que esperava que o Tyler me dissesse, mas certamente que não era isto. A palavra carrega consigo um peso que imediatamente torna densa a atmosfera que nos rodeia. Todas as quatro sílabas ficaram a ressoar nos meus ouvidos. O Tyler não voltou a abrir os olhos. Na verdade, acho que ele os está a apertar ainda mais.

Os meus olhos não param de pestanejar, em parte por surpresa e em parte por incredulidade. Até os meus lábios se imobilizaram num «O». — Terapia?

Ele acena com a cabeça afirmativamente e leva as mãos ao rosto, cobrindo-o. Eu nunca o vi tão humilhado nos três anos em que o conheço.

— A minha mãe sempre quis que eu falasse com alguém — murmura. A sua voz soa abafada por detrás das suas mãos. A palavra ainda ecoa dentro da minha cabeça, saltando para a frente e para trás. — Voltando a quando tudo aconteceu. Quando o meu pai foi preso. Ela sempre quis que eu tivesse um terapeuta para que houvesse alguém neutro com quem pudesse desabafar. Mas eu recusei. — Lentamente, ele solta uma mão do rosto e esfrega os olhos, embora os mantenha fechados. — Eu tinha treze anos na altura. Estava a entrar para o oitavo ano. Não queria ser o puto que precisa de ajuda. Queria ser normal.

— Arrependi-me de não o ter feito nessa altura — diz ele. — Fiquei na dúvida se as coisas não poderiam ter sido diferentes. E foi então que percebi que elas ainda podiam ser. Assim procurei um nome, marquei uma consulta e arrependi-me no segundo em que entrei pela porta. A primeira sessão fez-me sentir como o maior idiota do mundo. Senti-me tão estúpido sentado naquele sofá com uma planta em cima de mim e uma mulher com o dobro da minha idade a perguntar-me como é que eu estava. O nome dela é Brooke. Ela queria que eu dissesse porque é que ali estava e assim eu soltei o discurso que usei na digressão no ano passado. Eu tenho-o memorizado, portanto agora não passa de um guião para mim. É mais fácil falar sobre as coisas se me sentir desligado

de tudo.

Eu sei que o Tyler não quer que o interrompa. Eu sei que ele não quer que eu continue a fazer perguntas. Mas eu não posso lutar contra este desejo de reagir, de dizer alguma coisa. Estendo a minha mão na direção dele quase inconscientemente e, cuidadosamente, entrelaço os nossos dedos. Gosto mais assim. A sua pele contra a minha; a minha pele contra a dele. Mantenho as nossas mãos apertadas juntas e descansando contra a sua coxa. O meu olhar ainda tem de deixar o seu rosto. — Como o que estás a fazer agora? — pergunto.

Quase imediatamente, ele afasta a mão do rosto e os seus olhos abrem-se. É lento e não há energia nos seus movimentos quando inclina a cabeça para olhar para mim. É como se ele estivesse entorpecido, forçando-se a pestanejar, porque os seus olhos estão arregalados e a expressão dentro deles está vazia. — Desculpa — murmura. Ele olha para as nossas mãos, irradiando calor entre nós, e solta outro longo suspiro, mas não levanta os olhos. — É difícil olhar para ti.

— Tudo bem. — O Tyler pode estar a melhorar, ao longo dos anos, quanto ao ser capaz de se abrir, mas isso não significa que seja menos desconfortável para ele. Eu sei que ele odeia fazer isto, mas esforça-se e no fim consegue. E está muito melhor nisto do que nunca, por isso continuo, paciente. — E então, o que é que aconteceu?

Ele encolhe os ombros e mantém os olhos fixos nas nossas mãos. — Nós só... falámos. Eu via-a duas vezes por semana. Acabou por não ser mau de todo, até três semanas depois, quando ela perguntou se eu já tinha pensado em conversar com o meu pai. Sabes como é, tipo, confrontá-lo num ambiente controlado. Ela disse que ajudaria. Eu pensei que ela era louca. — Ele move a mão livre para o meu pulso, onde traça círculos suaves em volta da minha pulseira. — Mas quando voltei alguns dias depois, disse-lhe que queria fazer isso. Fazia sentido, e eu sempre quis que o meu pai tivesse que olhar para mim. Não queria que a coisa fosse fácil, então liguei para o tio Wes e desliguei assim que ele respondeu. Voltei a ligar e pedi-lhe que dissesse ao meu pai para estar em Portland na segunda-feira seguinte. Deixei a morada do escritório e disse que era a única hipótese que eu lhe ia dar. Então desliguei novamente antes que pudesse arrepender-me.

— E ele veio?

— Ele veio — confirma o Tyler. — Senti-me tão mal à espera naquela manhã que pensei seriamente que ia desmaiar no chão da Brooke. Eu tinha a sensação de que ele iria baldar-se e, sinceramente, quase queria que assim fosse. A Brooke era um pouco mais otimista e tinha razão, porque ele realmente apareceu à hora combinada. — Os seus olhos movem-se para encontrar os meus, e ele dá-me um sorriso fechado e apertado. É outro daqueles tristes sorrisos em que eu nunca vou acreditar. — Foi uma porra de uma coisa muito estranha. Ele entrou e parece que ficou assim como se tivesse congelado e só conseguia olhar diretamente para mim, mesmo enquanto a Brooke se estava a apresentar e lhe apertava a mão. Ele não disse uma palavra, e eu olhava para ele e perguntava-me por que raio é que ele parecia exatamente igual ao que eu me lembrava. Eu queria que ele parecesse diferente para que pudesse ser uma pessoa diferente.

Creio que o Tyler não se importará que eu faça perguntas, por isso calmamente interrompo e pergunto: — Quanto tempo passou?

— Oito anos — diz, e abana a cabeça como se tivesse dificuldade em acreditar. — Ele não me via desde os doze anos. Doze... Isto é de loucos. Tenho vinte anos e acho que ele ficou seriamente atordoado por uns bons dez minutos. Ele perdeu a minha adolescência toda, e aposto que foi estranho para ele ver um homem parado na sua frente em vez de um miúdo.

— Tu estavas... furioso? — pergunto com voz calma e murmurada, num tom afetuoso.

— Não — diz o Tyler, e parece satisfeito por o poder dizer. — Eu nem sei o que sentia. Uma espécie de vazio, como se não houvesse nada dentro. Então sentei-me, e o meu pai também, e não houve nada além de silêncio por pelo menos cinco minutos. — Os seus dedos deixam o meu pulso e voltam para a minha mão, apertando cada um dos meus dedos um por um, suavemente e devagar. Parece quase que ele precisa de manter a mente meio concentrada em algo diferente das palavras que está a juntar. Como se tocar no meu pulso e nos meus dedos e apertar a minha mão com força sejam apenas maneiras de se distrair. — Depois a Brooke disse-me para contar tudo ao meu pai.

Eu levanto uma sobrancelha. — Tudo?

— Tudo a partir do momento em que ele foi preso até agora — diz ele.

Respiração profunda, breve cerrar de pálpebras, o aperto da sua mão em volta da minha. É sempre o mesmo, todas as vezes que o Tyler está prestes a dizer algo que não quer. — Contei-lhe sobre as três vezes em que fui suspenso da escola. E disse-lhe que tinha catorze anos quando me droguei pela primeira vez. Dezasseis quando experimentei cocaína a primeira vez. Também que as minhas notas eram más porque eu não queria saber de nada, que eu tratava a minha mãe como lixo e que gostava mesmo era de ficar bêbado. Contei-lhe sobre as vezes em que estive sentado no banco traseiro de um carro da polícia e contei-lhe como parti o nariz a um miúdo no sétimo ano. Contei-lhe sobre Nova Iorque e contei sobre ti. Disse-lhe porque é que estava em Portland. Disse-lhe que estava aqui por causa dele, porque precisava de recuperar da merda que ele fez de mim.

Não me apercebo de que estou a chorar até que pestanejo e a primeira lágrima cai. O meu peito parece bloqueado, a minha cabeça esmagada pelo peso das suas palavras. Eu já conheço todas estas coisas, mas ouvir a dor na voz do Tyler à medida que ele as conta é o que realmente me impressiona. Eu acho que o pai dele nunca na vida vai ter a noção exata da profundidade do dano que causou. O abuso pode ter sido físico, mas o dano é psicológico.

— Eu acho que foi o maior alívio, Eden — diz ele alto e claro, como se o mesmo alívio estivesse fluindo através dele novamente. Quando disperso as lágrimas que se haviam juntado nos cantos dos meus olhos, percebo que o seu olhar encontrou o meu mais uma vez. E, uma vez mais, o que nele se lê é uma expressão que vive de sinceridade e nada mais. — Olhar diretamente para ele e *culpá-lo* por tudo que ele fez... Foi em certa medida compensador e ele cedeu bem na minha frente. O meu pai nunca foi de chorar; acredita no que te digo. Por isso fiquei surpreendido, porque era tão diferente dele, então lentamente ocorreu-me que talvez ele se arrependesse de tudo. Talvez ele se odiasse por isso. Talvez ele realmente se tenha arrependido. Tudo o que ele dizia é que sentia muito e desculpa, desculpa, desculpa. E então eu calmamente levantei-me e saí do escritório, deixando-o lá, balbuciando como um idiota. E queres saber? Honestamente? — Ele sorri. — Senti-me melhor.

Com as mãos ainda entrelaçadas, envolvo-o com o meu braço livre e

debruço-me para ele por sobre a consola, encostando a minha cara ao seu bíceps. O material macio da sua camisa ensopa as minhas lágrimas enquanto elas escorrem pelas minhas faces e não posso responder porque estou muito ocupada a apertar os olhos. Odeio chorar, e as únicas vezes que o faço é por causa do Tyler. Sempre o filho da mãe do Tyler.

E ele próprio acaba por reparar. — Porque é que estás a chorar? — pergunta, espantado. Com uma mão levanta o meu queixo para me olhar de frente, passando o polegar sob os meus olhos. Então ele aperta as nossas mãos entrelaçadas ainda com mais força. A qualquer segundo, um de nós vai romper um vaso sanguíneo devido à pressão, tenho a certeza disso.

— Tu não és merda nenhuma — digo eu. Se alguém aqui é uma merda, sou eu. Sou a única a chorar no ombro dele. Eu sou a que não consegue resolver os problemas com o seu pai. Eu sou a que não é capaz de dizer que não ao gelado no cais. Sou a pessoa que conta os dias que passam, aliviada por eles terem passado, em vez de fazer o que quer que seja para os melhorar. É por isso que admiro tanto o Tyler. Ele tem essa determinação para mudar as coisas. Ele mudou-se para uma nova cidade, fez terapia, falou com o pai, criou um grupo de jovens, está a trabalhar, tem o seu próprio espaço. E isso não aconteceu por ele ter passado o tempo todo desanimado.

Quando conheci o Tyler, nunca pensei que um dia estaria tão desejosa de ser como ele.

— Agora já não sou — diz ele. — A Brooke realmente ajudou. Por isso é que continuei a ir lá. Não esperava encontrar lá o meu pai na próxima sessão. Fiquei tão confuso quando entrei, e então a Brooke disse-me que o meu pai ia aparecer durante uns tempos. Ela disse que ainda tínhamos muito para resolver, então o meu pai ficou em Portland e veio a todas as sessões, três vezes por semana, durante as três semanas seguintes. De cada vez tornava-se mais fácil falar com ele, até que, por fim, eu disse-lhe que estava muito perto de pôr a funcionar um grupo de jovens. Ele gostou da ideia e ofereceu-se para ajudar. Ele não pode trabalhar com menores diretamente, então ele disse que iria ocupar-se da parte financeira. Aparentemente, é o mínimo que ele me deve. — Eu olho para cima, e o Tyler sorri, tentando não rir do eufemismo. — Mas

ele manteve a sua palavra — continua, puxando-me para mais perto de si —, e paga as contas, e volta a Portland todos os meses para verificar como estão as coisas. Ele agora vive em Huntington Beach. Esteve a investir em empresas no ano passado e tentando refazer a vida. Eu odeio ter de reconhecer isso, mas ele está bem. Não posso criticá-lo por tentar fazer as coisas certas, porque eu estou a fazer exatamente o mesmo.

Esfrego os olhos e afasto-me dele, sentando-me direita. As nossas mãos ainda estão entrelaçadas. — Porque é que foi tão difícil dizeres-me isto?

O Tyler murmura um monossílabo e olha para longe, subitamente calado e nervoso de novo. — É apenas... — As suas palavras mal se ouvem e ele solta um suspiro profundo. — É apenas a terapia — diz ele. — Eu queria contar-te, mas é difícil admitir.

— Porquê?

— Porque quando é que a terapia foi alguma vez considerada *cool*, Eden? — Ele pisca os olhos, e por um segundo acho que ele está prestes a virar-se contra mim por tanta pergunta, mas não há raiva na sua expressão nem no seu tom. Longe vão os dias em que o seu temperamento fervia. — Terapia não é coisa de que uma pessoa se deverá orgulhar.

— E, no entanto, não haverá razões para o ser?

As suas sobrancelhas franzem-se. — O quê?

— Tu *devias* estar orgulhoso, Tyler — digo eu, fixando-o com um olhar firme através dos meus olhos húmidos, então eu solto as nossas mãos. — Terapia não significa que tu és fraco, sabes isso bem. Significa que és forte e devias orgulhar-te de teres tomado essa decisão. Basta ver quão mais feliz tu pareces.

— Porque é que tu fazes sempre isso?

— Faço o quê? — pergunto.

Lentamente, um sorriso espalha-se no seu rosto, iluminando os seus olhos. — Fazes-me sentir melhor com todas as tuas palavras sábias.

Eu sorrio para ele, o maior sorriso de que sou capaz, só porque o seu sorriso é tão contagiante. Ele pode não estar orgulhoso de si mesmo, mas eu orgulho-me muito dele. Eu acho que nunca na vida ele vai parar de me surpreender. — Porque quando nos importamos efetivamente

com alguém — digo-lhe —, queremos que essa pessoa se sinta melhor. Isso é exatamente o que fazemos quando amamos alguém.

Algo cintila na sua expressão, mas é tão rápido que mal tenho tempo para o reconhecer. Ele inclina-se ligeiramente para mim enquanto os seus lábios se curvam num sorriso brincalhão, um sorriso cheio de alívio e alegria. — Amor, hein?

Eu sinto a cor subir-me ao rosto devido à pressão intensa do seu olhar. Os seus olhos brilhantes observam-me enquanto aguarda a minha confirmação, mas eu sinto-me tão envergonhada que não consigo olhá-lo nos olhos quando digo isto.

Debruço-me sobre a consola central em direção a ele, silenciosamente, e murmuro: «Sempre», enquanto aperto os meus braços em volta do seu bíceps e enterro o meu rosto na sua camisa, antes de ter a oportunidade de ver a sua expressão. Ele passa um braço à minha volta e puxa-me para mais perto, os dois segurando-nos um ao outro num abraço tão apertado que é como se as nossas vidas dependessem disso. Eu gosto de ter o seu corpo contra o meu assim. Não apenas aflorando o meu, mas realmente sentindo-o.

Agora quero beijá-lo. Eu realmente quero beijá-lo, porque estou apaixonada por ele. Sinto-o em cada centímetro do meu ser, em cada célula do meu corpo, na minha totalidade absoluta. Ele sempre esteve lá, e não importa o quanto eu tenha tentado convencer-me durante o último ano de que não sobrou nada, a verdade é que esteve lá sempre. Tudo. Eu estou apaixonada por ele desde os meus dezasseis anos.

Estou tão pronta para beijá-lo. Mas agora não é a hora certa novamente. Este é o momento do Tyler, e o meu corpo contra o dele já parece o suficiente. Ele descansa o queixo sobre a minha cabeça, e eu posso sentir«a sua respiração quente e lenta contra a minha testa. É um ritmo suave que é a coisa mais relaxante do mundo, e permanecemos assim por um curto tempo, os nossos braços em volta um do outro, enroscados nos bancos da frente do carro do Tyler no meio deste silo de estacionamento no centro de Portland. Um ano atrás, eu nunca imaginei que a minha vida poderia ser assim novamente, mas agora que esta é a minha realidade, eu não sonharia em mudar fosse o que fosse.

Na próxima vez, eu penso.

Na próxima vez eu vou beijá-lo.

18

Não demora muito para a ideia me atingir.

Estou ali sentada, a minha respiração em sintonia com a do Tyler, os nossos olhos meio fechados enquanto descansamos os nossos olhares preguiçosamente no para-brisas, quando de repente o meu corpo se endireita e subitamente sento-me, muito aprumada, no lugar do passageiro. A brusquidão do movimento surpreende o Tyler, porque ele recua e depois lança-me um olhar interrogativo.

Não são nem onze, por isso temos o dia inteiro à nossa frente. Um dia inteiro em que o Tyler está livre antes de voltar ao trabalho amanhã. A Emily disse para ir divertir-se, e é exatamente isso que vamos fazer. Ao estilo de Portland.

— Mudança de planos. Passa-me as chaves — digo. Estou a contrariar o sorriso que ameaça espalhar-se pelo meu rosto, porque estou a tentar ao máximo manter uma aparência de travessura. Eu quero surpreendê-lo por uma vez. Normalmente, é o contrário. Normalmente, o Tyler é quem tem as melhores ideias, como levar-me ao cais pela primeira vez e fazer reservas com antecedência em restaurantes italianos, como ensinar-me a jogar basebol e comprar ingressos para o jogo dos Yankees, como deixar-me conduzir o seu maldito supercarro a meio da noite num estacionamento em Nova Jérsia e comprando-me uns novos *Converse* nos quais escreveu mais tarde. Em espanhol.

O Tyler tem sempre ideias excitantes que fazem o meu dia. Agora é a minha vez de fazer o dele.

— Hã?

— As chaves — repito. — Preciso delas para conduzir.

O Tyler olha para as chaves do carro que estão no porta-copos na consola central, depois para mim e depois para as chaves novamente. Ele parece cauteloso, como se honestamente acreditasse que o que quer que eu tenha em mente pudesse ser perigoso. Não é. Apenas aventureiro. Por fim, ele pega nas chaves e coloca-as na minha mão.

— Mas eu pensei que podíamos...

— Limita-te a mudar de lugar — ordeno. — E confia em mim.

O Tyler não se demora. Abre a porta e dá um passo para fora, e enquanto se dirige para o lado do passageiro, eu passo por cima da manete das mudanças e acomodo-me no lugar do condutor. Nunca conduzi este carro. O antigo sim. Este não. Não é nem de perto tão poderoso quanto o anterior, portanto, sinto-me muito à vontade quando começo a ligar o motor e puxo o cinto de segurança. Graças a Deus é automático.

No momento em que o Tyler se senta ao meu lado dentro do carro, está a sorrir de tal maneira que me diz que está confuso, mas intrigado. Ele ajusta o assento, encaixa o cinto de segurança e, em seguida, inclina-se para trás e fica confortável. — A tua ideia é legal? Não implica invasão de propriedade? Nada de condução de risco?

Eu lanço-lhe um olhar. — Claro que é legal. Porque é que eu havia de fazer alguma coisa que não fosse?

— Bem, é que somos muito maus a violar a lei — diz ele, e rimos como se a nossa conversa anterior não tivesse acontecido. A sua ansiedade foi-se, em vez dela ficou o humor e o brilho cintilante nos olhos que só existe quando ele está realmente à vontade. Eu acho que ele está feliz por esta conversa ter acabado, e eu acho que ele está ainda mais feliz porque eu já não falo mais sobre o assunto. A vida nem sempre é feita de problemas. Às vezes, divertirmo-nos tem que vir primeiro.

Ligo o motor e sigo o percurso até sair do estacionamento, voltando para as ruas quentes de Portland. Não quero que o Tyler saiba para onde vamos, portanto, ser ele a conduzir está fora de questão. E para onde estamos a ir fica fora dos limites da cidade.

— Então — diz o Tyler quando estamos parados num sinal vermelho —, isto é um sequestro? Eu sei que estiveste um ano sem me ver, mas não há razão para recorrer a isto. Roubo de viatura e sequestro.

Reviro os olhos e então, finalmente, permito que o sorriso que tenho estado a dominar se espalhe pelo meu rosto. — Estou a levar-te para uma aventura — anuncio. — Temos algumas paragens para fazer. A primeira é a quarenta minutos de carro, e eu realmente espero que nunca o tenhas visitado.

O Tyler solta uma gargalhada, então ele fica quieto e não faz nada além de olhar para mim com um sorriso nos lábios. Há algo na sua

expressão que eu creio nunca ter visto antes. Não é gratidão. Não é alívio. É apreciação.

A atmosfera no carro é completamente diferente agora. Mudou de tenso para elétrico, alimentado por boas vibrações e risos e sorrisos constantes. O rádio está de volta, ecoando os mais recentes sucessos *pop*, enquanto o sol bate em nós através do para-brisas do carro. Pela primeira vez, parece mesmo verão. É para isso que o verão é feito — dias de sol repletos de aventuras com as pessoas que mais amas ao teu lado.

O trânsito ainda é pouco, portanto, sair do centro e atravessar o Willamette não é um pesadelo. É fácil, e muito rapidamente estamos a entrar na autoestrada. Esta rodovia tem alguns cenários incríveis, e hoje é-me difícil acreditar que o meu pai realmente me levou em longas viagens por este caminho quando eu era mais jovem. Fizemos viagens todas as manhãs de sábado, mas essa norma semanal parou no momento em que o relacionamento dele com a minha mãe começou a desmoronar-se. Nos dias de hoje, mal podemos ver-nos sem nos sentirmos irritados, quanto mais passar juntos algum tempo de qualidade. É triste como as coisas se podem tornar diferentes com o decorrer do tempo.

A primeira etapa não parece ter quarenta minutos. Dirigimo-nos para leste, deixando Portland para trás e apreciando a vista do rio a brilhar pela luz do Sol. Este percurso nunca atinge este nível de beleza se o tempo estiver mau. O tempo também passa muito mais rápido porque eu acho que o Tyler e eu não parámos de conversar nem por segundos. Ele continua a tentar adivinhar para onde o estou a levar e continua a errar em todos os palpites. Não, não vou levá-lo através do rio para Washington. Não, não vou levá-lo aos picos do monte Hood. E não, definitivamente não o estou a levar a fazer *jet ski*, que acho que é o que ele secretamente deseja. Quando estamos a alguns minutos do meu fantástico destino, a expressão dele muda. O seu rosto ilumina-se e ele estende a mão para desligar o rádio antes de se virar para mim, com um sorriso enviesado estampado no rosto. — Multnomah Falls — diz ele.

Eu quase piso nos travões a fundo por pura frustração. — Oh, vá lá! — Tiro uma mão do volante a agito-a no ar em protesto por a minha surpresa não ser já uma surpresa, semicerrando os olhos para ele. —

Como é que sabes?

Ele ri-se e senta-se mais direito no lugar e aponta para trás, por cima do ombro. — O sinal na estrada ali atrás? Sim, diz Multnomah Falls.

Multnomah Falls são as cataratas mais altas do Oregon, uma das principais atrações nesta região do estado. Há anos que aqui não venho, mas era um dos meus destinos de passeio favoritos, especialmente com o meu pai. Costumávamos subir juntos diretamente até ao topo, depois pedíamos a um desconhecido qualquer para nos tirar uma foto, para enviar à minha mãe, que respondia dizendo que gostaria de estar connosco. — Por favor, diz-me que nunca cá estiveste. Quero tanto mostrar-te isto.

— Nunca cá estive — diz o Tyler, e eu suspiro de alívio.

O que se passa com Multnomah Falls é que é um lugar verdadeiramente especial. É por isso que é a nossa primeira paragem, porque hoje é um dia especial. Há algo no ar que permanece ao nosso redor. Eu consigo sentir isso e gosto disso.

Entramos no estacionamento em frente ao Multnomah Falls Lodge. O Tyler parece à beira de um ataque de nervos enquanto eu manobro para estacionar o carro dele num lugar apertado entre outros dois. Felizmente, consigo fazê-lo e continuar a ter os dois espelhos laterais. Tiro a chave da ignição e espremo-me para sair do carro.

— Será que isto é o que eu penso? — pergunta o Tyler, juntando-se a mim e assentindo por cima do meu ombro, enquanto eu enrolo as mangas da *sweatshirt* até os cotovelos.

Eu nem preciso de olhar para trás para saber que sim, que ele está a olhar para as quedas-d'água. Distinguem-se tão bem que se consegue até vê-las da estrada, quando se passa, e neste momento estamos mais perto do que isso. — Iá!

— Muito bem. Então mostra o caminho — diz ele.

Imediatamente, eu pego-lhe no cotovelo, puxando o seu braço para trás para que possa deslizar a minha mão na dele, entrelaçando os nossos dedos mais uma vez. Durante a última hora, parece que todas as peças do *puzzle* se encaixaram nos seus lugares. Já não preciso de hesitar no momento de decidir como me sinto em relação ao Tyler, porque já não há *nada* que me impeça de aceitar sem reservas o facto de estar apaixonada por ele. Agora eu compreendo. Compreendo

porque é que o Tyler teve de partir. Compreendo porque é que ele veio para aqui, para Portland. Compreendo porque é que ele tomou as decisões que tomou e compreendo porque é que precisava de fazê-lo por si próprio, para ninguém mais além de si mesmo. Eu entendo, e agora que eu tenho respostas e explicações para todas as perguntas e dúvidas que tive durante o ano passado, não tenho em relação a ele nem raiva, nem sentimentos mistos. Apenas amor e perdão. Sentir a falta do seu toque durante tanto tempo deixou-me louca, e agora que finalmente identifiquei exatamente como me sinto estou desesperada para sentir a sua pele contra a minha. Aproveito qualquer oportunidade que surja, como agora, ao levá-lo para o outro lado da estrada com as mãos unidas como se estivessem coladas. Por sorte, o Tyler não parece importar-se.

Já estão várias pessoas reunidas no ponto de partida — um grupo de raparigas, animadas e divertidas, e um casal de idosos, todos unidos pelo mesmo objetivo, dirigem-se, em grupo, para o início do trilho pavimentado. Nós seguimos atrás deles.

Uma coisa de que gosto particularmente é que as quedas-d'água sejam tão acessíveis. É apenas uma caminhada de cinco minutos até à base. Para aqueles que querem ir até mais acima, podem continuar a subir, diretamente até ao topo.

E então lá estamos nós, Tyler e eu de novo, de mãos dadas, normalmente. A verdade é que ninguém sabe que somos meios-irmãos. É impossível saberem, e ao olhar para as pessoas à nossa volta, pergunto-me porque é que tenho tanto medo de como estranhos reagiriam se de alguma forma percebessem que o Tyler é meu meio-irmão. Afinal eles não são mais do que isso: estranhos. As suas opiniões não têm para nós qualquer importância e, acima de tudo, não devem afetar-nos. O que sinto agora, feliz e contente com o Tyler ao meu lado, é o que realmente importa.

A caminhada é tão curta que, antes mesmo de dar por isso, estamos na zona de observação, na base das quedas-d'água. É aqui que os novecentos metros da sua altura podem ser realmente apreciados em toda a sua dimensão.

As pessoas já se reuniram num único grupo, todas ocupadas a tirar fotografias e a tirarem das mochilas os ponchos. Por muito calor que

possa fazer em Portland no verão, em Multnomah Falls estará sempre fresco, com uma camada de neblina cobrindo-o e o solo sempre húmido.

— Tão bom — diz ele em voz alta sobre o som das quedas. A água borrifa tudo à sua volta e continua a avançar na nossa direção.

— Vamos até lá — digo eu em seguida, apontando um dedo para Benson Bridge, uma ponte pedonal que atravessa a base do primeiro nível. Acredito firmemente que deve ser uma das visões mais excitantes em todo o mundo.

Mais uma vez, de mãos dadas, seguimos em frente. É uma viagem curta até à ponte, apenas algumas centenas de metros, mas temos de lutar contra a corrente das pessoas que têm a mesma ideia que nós. Às vezes o meu desejo era que Multnomah Falls não fosse tão conhecido como é, porque quando chegamos à ponte já está reunida uma grande quantidade de espectadores. O Tyler leva as mãos aos meus ombros, o seu corpo roça no meu por trás, enquanto me conduz, pelo meio da multidão compacta, ao longo da ponte, até encontrarmos um ponto para parar. E finalmente, *finalmente*, sinto que estou realmente em casa.

Estando aqui em cima, com a altura do primeiro nível das quedas acima de mim e a queda do segundo abaixo de mim, sinto-me a um milhão de milhas de distância da Califórnia. O cheiro de musgo molhado. A frescura no ar. As árvores que são verdes e vivas e não sofrem os efeitos de uma seca. *Isto* é o Oregon.

— As fotos são obrigatórias — digo ao Tyler quando me viro para olhar para ele. Ele tem a cabeça inclinada para trás, o rosto para cima, o olhar até ao topo das quedas. Ele pestaneja algumas vezes e olha para mim com um sorriso caloroso no rosto. Nem hesita em tirar o telemóvel do bolso dos *jeans*.

— Se são assim tão obrigatórias — murmura —, vamos lá começar a sorrir. — Recua alguns passos e levanta o telemóvel, um sorriso enorme no rosto enquanto, divertido, ele ri e me diz para dizer *cheese*.

Com a cascata como pano de fundo, inclino-me para trás contra a ponte no meio de todos os outros e sorrio. Vem tão naturalmente que posso senti-lo iluminando todo o meu rosto. Estou tão feliz naquele momento que esqueço que estou a posar para uma foto, e acabo rindo, para mim e para o Tyler, para os sorrisos que parece que não podemos reprimir hoje.

Depois trocamos. É a vez de o Tyler ficar de costas para a cascata. Ele mostra outro largo sorriso, erguendo dois polegares para a câmara enquanto tiro algumas fotos dele. Então passo para o lado dele, encosto o meu corpo contra o dele e seguro o seu telemóvel na frente dos nossos rostos. Ele inclina a cabeça contra a minha e apoia o maxilar contra a minha têmpora, e nós sorrimos mais uma vez para a pequena câmara do telemóvel, tal como fizemos há um ano em Nova Iorque. Só que desta vez o nosso pano de fundo não é a Times Square.

Eu tiro a foto, em seguida estico o braço, dando a volta pela sua frente, e passo-lhe o telemóvel. Mas o sorriso no rosto do Tyler transforma-se subitamente, o que é o suficiente para que o mesmo aconteça com o meu. O seu olhar detém-se no meu pulso por um momento cada vez mais longo, e eu não entendo porque é que ele está a franzir as sobrancelhas, até que ele delicadamente pega no meu braço e vira o pulso na direção dele. É quando me lembro da minha tatuagem e acho que o Tyler só está a reparar agora. Não é a mesma de que ele se lembra. Ele lembra-se de três palavras. Agora tem uma pomba com uma asa maior do que a outra porque quase de certeza que o artista em São Francisco era apenas um estagiário.

O Tyler agarra o meu outro braço, verifica esse pulso. Nada. Ele olha para aquele pássaro horrível com desdém, então lentamente solta o meu braço e olha para cima, ao encontro dos meus olhos ansiosos. — Onde está a... — Eu sei exatamente o que é que ele está desesperado para perguntar. Onde está *No te rindas*, onde está a sua caligrafia, onde está a memória do último verão, onde está a minha esperança. — Tu tapaste aquilo?

Este olhar dececionado no seu rosto é o suficiente para me fazer querer desaparecer ao longo da borda desta ponte. Estou muito envergonhada até mesmo para enfrentar os seus olhos, então rapidamente desdobro as mangas da *sweatshirt* e bato no chão com os meus *Chucks*.

Tudo o que posso fazer é encolher os ombros. — Durante as férias de primavera — digo-lhe.

— Porquê?

Os meus olhos lentamente encontram os dele, surpreendida por ele precisar de perguntar. O Tyler, já percebi, é incrivelmente mau a

entender as coisas mais óbvias. Eu não quero mentir-lhe, por isso digo a verdade sem pestanejar. — Porque nessa altura eu tinha desistido, Tyler.

— Compreendo. — Ele vira-se e cruza os braços sobre o parapeito da ponte, olhando para a água lá em baixo. Não tenho a certeza do que devo dizer e temo que a incrível atmosfera que nos cerca esteja arruinada. Não espero que ele diga alguma coisa por um tempo, por isso fico surpreendida quando ele se endireita e me encara com um sorriso malicioso nos lábios. — E ainda estás em desistência?

Lá está ele novamente, fazendo outra pergunta para a qual a resposta é óbvia. — Sabes bem que não — respondo.

— Então prova — diz ele. Este sorriso fica ainda mais enviesado quando ele ergue as sobrancelhas e indica o meu pulso. Ele espera que eu clique no que está a sugerir.

— Tu queres que eu volte a fazê-la? — pergunto no meu tom neutro, com a minha expressão mais vazia. Não tenho a certeza se ele está a brincar ou se está a falar a sério. A ideia de fazer aquela tatuagem de novo nunca passou pela minha cabeça.

— Acho que devias — afirma, e em seguida acrescenta: — Talvez eu também a faça.

Num abrir e fechar de olhos, tenho a minha mão estendida. *Ele disse isto agora*, creio. *Não deixes que ele mude de ideia*. — Soa como um acordo.

— Eden — diz ele, enquanto as suas feições descontraem. — Estava a brincar.

Agora sou eu quem sorri de lado. — Eu não.

O Tyler observa-me, avalia o meu olhar de desafio e a minha mão ainda estendida para ele. Então revira os olhos, solta um suspiro de derrota e aperta a mão, selando o acordo. — Vou ligar para o meu artista amanhã — diz ele enquanto volta a guardar o telemóvel no bolso dos *jeans*. — Perguntar-lhe se ele nos pode encaixar nalguma aberta.

— Não — interrompo. — Temos de ir agora. Hoje é o dia de ser impulsivo.

Mais uma vez, o Tyler hesita, decidindo se eu ainda estou a falar a sério, e quando percebe que estou, o seu sorriso volta. Expirando, ele levanta a mão, pronto para agarrar a minha. — Então vamos.

19

O tatuador preferido do Tyler é um gajo chamado Liam. Trabalha num pequeno estúdio no centro da cidade de Portland. Foi ele quem fez todo o trabalho no bíceps esquerdo do Tyler e também quem cuidadosamente manteve o meu nome visível.

Já é fim de tarde e estamos sentados na sala de espera de Liam há umas boas duas horas, esperando até às dezassete horas, porque é o único tempo livre que ele tem hoje. Fora isso, está totalmente reservado, e uma série enorme de pessoas tem vindo e ido durante o tempo em que o Tyler e eu estivemos aqui, pagando, preenchendo os nossos formulários de declaração e tentando decidir onde exatamente vamos pôr as nossas novas tatuagens. Também passeámos pelo quarteirão quatro vezes, mas estamos tão cheios de adrenalina que não podemos obrigar-nos a ficar longe por muito tempo.

Há uma miúda que trabalha aqui também, só que ela põe *piercings* em vez de tatuagens. Debruça-se sobre a pequena mesa na área de espera e bate com os nós dos dedos contra ela, a fim de chamar a minha atenção. — Não queres mesmo aquele *piercing*? — pergunta, quando os meus olhos se focam nela. Aponta para o enorme relógio pendurado por cima da minha cabeça. — Ainda tenho dez minutos. Temos tempo para fazer uma rápida perfuração da orelha à maneira. O que é que achas?

— Estou bem assim — respondo, pelo que me parece ser a nonagésima vez. O Tyler acha divertidíssimo sempre que ela sugere perfurar uma parte do meu corpo, e eu acho que toda a cafeína que ele consumiu enquanto estivemos aqui à espera está efetivamente a aumentar a sua energia. Andou todo o tempo para cá e para lá, a entrar e a sair no café ao lado. Ou isso ou o cheiro forte do sabão verde que aqui se faz sentir está a começar a ter efeito sobre ele. Está também a começar a afetar-me.

— OK — diz ele. — Já decidi.

— E então?

Ele levanta-se, ainda segurando na mão o copo de café vazio, em

seguida, aponta para o lado direito do peito — Acho que vai ser aqui. Não sei se me apetece acrescentar mais palavras aos meus braços — reflete ele, olhando para a obra de arte no seu bíceps esquerdo, que ele tem vindo a alterar durante o último ano. O meu nome é atualmente o único escrito lá, quase impercetível no meio da tinta escura que cobre a sua pele. — E como eu já tenho *guerrero* nas costas, portanto vai ser no peito.

Podemos estar a fazer tatuagens a condizer, mas os locais não condizem nem um bocadinho. O Tyler escolhe o peito, enquanto eu me decido pelo antebraço interno direito. A melhor parte? As nossas novas tatuagens vão ser feitas na caligrafia um do outro.

A porta do estúdio propriamente dito abre-se e um homem corpulento sai com um penso na parte de trás da perna. Ele já tem inúmeras tatuagens em todo o corpo, e quando apareceu pela primeira vez, há quarenta minutos, disse ao Tyler e a mim que ia adicionar uma tatuagem do barco do pai, como uma recordação dele.

O Liam vem atrás dele, e por muito que o tenha visto passar entre o estúdio e a sala de espera, não deixo de me surpreender. Ele simplesmente não parece um tatuador. Para começar, parece ter mais ou menos a minha idade, talvez alguns anos mais. Em segundo lugar, a única tatuagem que lhe vejo é uma bússola no pescoço, logo atrás da orelha. Em terceiro lugar, ele não é muito intimidante, o que é bom. Tem o ar do gajo do dormitório ao lado a quem podias pedir emprestado macarrão instantâneo porque tu sabes que ele é demasiado fixe para te mandar dar banho ao cão.

O Liam despede-se do homem e vira-se para nós, um sorriso de desculpas no rosto. Ele sabe há quanto tempo estamos à espera aqui, tão desesperados para fazer estas tatuagens hoje que estivemos dispostos a esperar e a ser assediados pela sua colega de trabalho durante quase duas horas.

— Ora bem, agora nós — diz ele, baixando-se atrás da secretária, enquanto a rapariga sai do caminho. Ele volta com um espesso pedaço de papel que põe na pequena mesa no centro da sala de espera. — Querem ser vocês próprios a desenhar, certo? Não se preocupem com o tamanho correto, que eu depois posso fazer tudo isso no computador. Escrevam só as palavras. — Ele dá-nos algumas canetas e diz que

voltará em breve, depois de montar o estúdio para nós.

Logo que o Liam sai, o Tyler levanta-se e pega numa caneta, puxando uma folha de papel da pilha e pondo-a suavemente sobre a madeira da mesa. Ele começa sem hesitação e eu vejo com extrema satisfação a caneta deslizar sobre o papel, enquanto as letras aparecem uma a uma. *No te rindas.* Eu nunca pensei que voltaria a ver o Tyler escrever essas palavras, e apaixono-me até mesmo pela forma como ele solta o pulso entre cada uma delas. Uma vez terminado, endireita o papel e franze a testa, examinando-o. As letras estão ligeiramente desalinhadas, algumas mais espessas do que outras, algumas mais altas. Eu acho que parece adoravelmente infantil, mas o Tyler parece odiá-lo, porque abana a cabeça e depois amachuca a folha de papel numa bola. Deita-a para o lixo e pega noutra folha de papel, depois tenta de novo. Desta vez, ele tenta tudo em maiúsculas, mas odeia na mesma, e mais uma vez atira para o lixo.

Passando a mão pelo cabelo, ele solta um suspiro frustrado enquanto põe uma nova folha de papel à sua frente. — Tanta pressão — murmura ele, em seguida exala drasticamente antes de morder o lábio inferior com extrema concentração. A sua mão paira sobre o papel, a caneta bem segura. — É bom que pareça bem se vai ser algo permanente.

— Não quero que seja perfeito, Tyler — lembro-lhe, e pouso a mão no seu ombro, olhando para ele debaixo das minhas pestanas enquanto os nossos olhares se prendem. — Eu só quero que seja teu.

Ele parece relaxar com as minhas palavras, porque abana a cabeça e desvia os olhos para o papel, onde prontamente rabisca as três palavras novamente sem pensar muito. Ainda está um pouco torto, mas é simples e é real, que é exatamente como eu quero.

— Como ficou? — pergunta, entregando-me a folha.

— Humm. — Inclino a cabeça para um lado e finjo uma contemplação profunda, batendo com o indicador repetidamente contra os meus lábios para um efeito adicional. Olho entre as palavras rabiscadas e o meu antebraço interno, tentando imaginá-las lá, mas, mesmo apenas pensando, é o suficiente para me fazer sorrir e acabar com a provocação. — Eu adoro isto — respondo, finalmente.

É absolutamente improvisado, mas levanto-me e dou um beijo no meio da bochecha do Tyler. Segundo parece, ser espontâneo é o lema

do dia.

Estou mesmo a terminar a minha própria peça para o peito do Tyler, tentando o meu melhor para fazer a minha caligrafia parecer um pouco mais masculina do que o meu estilo usual de cursiva, o Liam volta para a sala de espera, esfregando as mãos. — Muito bem. Quem é que vai primeiro? Suponho que sejas tu, Tyler — diz ele, em seguida revira os olhos. — As meninas nunca querem ir primeiro.

Imediatamente, dou um passo à frente. Em parte, porque estou ansiosa até dizer chega e quero que o Tyler pense que sou uma durona e, em parte, porque a observação machista do Liam precisa de ser desafiada. — Tenho muito gosto em ir primeiro — digo alto e em bom som. Na realidade, estou agoniada de expectativa nervosa.

Tanto o Liam quanto o Tyler olham para mim, com expressões de surpresa.

— A sério? — pergunta o Tyler.

— Sim — Aproximo-me, tiro a folha de papel da mão dele e entrego a minha em troca.

— Tudo bem então — diz o Liam. — Vamos passar por aqui. — Ele segura a porta aberta para o pequeno estúdio na parte de trás e eu passo com um ar de confiança, enquanto o Tyler segue logo atrás de mim.

O estúdio, como a maioria, é pequeno. As paredes exibem uma seleção de peças de arte emolduradas, de enormes tigres a pequenas rosas, e há uma cama encostada à parede, na beira da qual o Tyler se senta. Ele aparenta estar bastante orgulhoso e sorri para mim como se estivesse apenas à espera que eu mudasse de ideias e pedisse para ele ir primeiro.

— Senta-te — diz o Liam, e eu sento-me na cadeira de couro enquanto ele se senta à minha frente noutra. — E a colocação?

— Exatamente aqui. — Estendo o braço direito e passo o indicador ao longo da pele do antebraço do lado interno. Esta pomba de merda que tenho fica no esquerdo. Como eu gostava que a Rachael nunca me tivesse convencido a fazer aquele trabalho.

O Liam abana afirmativamente a cabeça e pega na folha de papel do Tyler, girando a cadeira para ficar de frente para os computadores instalados ao longo das bancadas. Ele passa alguns minutos a digitalizar

o papel, depois expande-o no ecrã, imprime-o novamente, depois traça-o em papel transferível, que então pressiona no meu antebraço interno. — Que tal te parece?

As palavras são um estêncil na minha pele. Não é muito pequeno, mas também não é muito grande. Tem cerca de três centímetros de comprimento e corre pelo meu braço da forma como imaginei. Só que ainda não é permanente. — Vai em frente — digo.

Respiro fundo e recosto-me para trás na cadeira, tentando ficar o mais confortável possível em tal situação. O tatuador de São Francisco parecia ter a mão pesada durante as férias de primavera e eu sofri em agonia por uns bons quinze minutos. A espera que a dor comece é sempre a pior parte. Eu não sei como é que o Tyler consegue fazer isto com tanta frequência.

Liam coloca um par de luvas de látex quando começa a trabalhar em mim e na tinta. Leva apenas alguns minutos, desde a configuração da máquina até à limpeza do meu braço, passando uma navalha na minha pele antes de limpá-la novamente. Então diz-me para relaxar, o que é impossível depois de ele ligar a máquina e de o zumbido alto começar. Merda.

Não faço ideia porque é que estou tão nervosa. Já fiz isto duas vezes e nunca fiquei tão ansiosa como estou agora. Acho que é pelo facto de estar a fazer um compromisso tão grande. Quando fiz esta tatuagem pela primeira vez, nunca pensei que poderia vir a arrepender-me. Pensei que o Tyler e eu ficaríamos juntos para sempre. Talvez me tenha precipitado ao pensar assim, porque algumas semanas depois ele saiu e nunca mais voltou. No entanto, aqui estou eu novamente, sei lá se, mais uma vez, iludida. Agora sei que o certo pode dar errado em poucos meses.

Mas quando olho para o Tyler e vejo o seu olhar gentil a observar-me com uma expressão tão cheia de amor e afeto, percebo que estou preparada para dar tudo de mim para que resulte, quer tenhamos ou não a aceitação da nossa família, quer tenhamos ou não a aprovação dos nossos amigos. Estou pronta para assumir este compromisso agora, pronta para fazê-lo de uma vez por todas, sem deixar que ninguém interfira no nosso caminho. Fazer esta tatuagem significa isso. *Estou pronta.*

— Queres agarrar na minha mão? — brinca o Tyler, estendendo a mão.

— Sim — digo eu —, mas é só porque eu quero. Não é por causa da dor. A minha tolerância é muito alta. — *Que estupidez*, penso para comigo. *Mas que estupidez*. Posso não estar já tão nervosa, mas isso não significa que não esteja morta de medo.

Ele solta outra das suas gargalhadas genuínas, e eu aperto a sua mão na minha e quase o atiro da cama abaixo. Ele apoia os cotovelos sobre os joelhos e inclina-se para a frente para estar mais confortável e então começa a passar o polegar em círculos suaves sobre as costas da minha mão.

O Liam pega no meu braço direito e coloca-o gentilmente num suporte acolchoado. Roda a cadeira para ficar ao meu lado, depois paira sobre a minha pele. — Pronta?

— Mmm — é tudo o que consigo dizer, porque já estou a morder com muita força a parte interna da minha bochecha, e, em seguida, aceno afirmativamente.

Imediatamente começa. Cerro os dentes e fecho os olhos com força, enquanto o meu aperto na mão do Tyler é cada vez mais forte. *Vale a pena*, penso. É difícil de acreditar quando a minha pele está em chamas, quando parece que a minha carne está a ser queimada por arranhões quentes. Ouço o Tyler a abafar o riso, e quando abro a custo um olho para o ver, descubro que ele está a tapar a boca com as costas da sua mão livre para se conter.

— Desculpa, Eden, desculpa — diz ele quando percebe que eu estou a ver. — É que... é que se visses a tua cara, Eden. Alta tolerância à dor, hein?

— Distrai-me — ordeno. *Foda-se que dói.*

— Hum... — Ele olha rapidamente em redor da pequena sala, à procura de algo com que me distrair. Estou a segurar a mão dele com tanta força que me espanta não lhe ter dado uma cãibra. — O que é que achas deste?

Sigo o seu olhar para alguns desenhos na parede. É um retrato ridículo de um palhaço com dentes pontiagudos. — Horrível — respondo.

— Ei — diz o Liam. Interrompe o trabalho e lança-me um olhar severo,

mas está a brincar, porque ri antes de voltar para terminar a segunda palavra. Duas arrumadas, uma a andar. Graças a Deus é apenas uma pequena tatuagem.

Nos minutos finais que o Liam leva a terminar a citação inteira, voltando para melhorar qualquer imperfeição, não posso deixar de me perguntar como é que todos vão reagir à nova adição na minha pele. O meu pai odiava esta tatuagem quando a fiz pela primeira vez, e isto sem saber que estava associada ao Tyler, portanto, duvido que fique bem impressionado quando vier a descobrir que isto reapareceu. A minha mãe, por outro lado, adorou quando lhe disse o verdadeiro significado da frase. E gostou que estivesse na caligrafia do Tyler. *Muito pessoal e muito fofo*, disse ela. Acho que ela ficará contente quando descobrir que ela foi restaurada.

— E pronto, já está — anuncia o Liam, girando a cadeira. — O que é que achas?

Os meus olhos abrem-se quando eu me sento e liberto a mão do Tyler. Inclinando o braço para perto do meu rosto, corro o olhar sobre a tinta fresca, e isso enche-me de tal satisfação que, inevitavelmente, eu sorrio como o raio de uma idiota. Há algum sangue que escorre sobre a minha pele, mas não faz mal.

— Adoro.

— Está baril — diz o Tyler. Ele está inclinado sobre o meu ombro, olhando para o meu braço com um aceno de aprovação. Os nossos olhos encontram-se e imediatamente um sorriso que espelha o meu instala-se nos seus lábios.

Liam empapa a minha pele com pomada antes de envolver uma ligadura em torno da tatuagem fresca. Então rapidamente giro para fora da cadeira, sorrindo de orelha a orelha, aliviada porque acabou e agora é a vez do Tyler.

Enquanto o Liam se prepara para ele, pergunta por cima do ombro: — Então, há quanto tempo é que vocês estão juntos?

Olho de lado para o Tyler e não consigo evitar revirar os olhos. Eu até pressiono os lábios firmemente e dou um passo para trás, deixando que seja ele o único que tem de explicar que não estamos juntos, que somos realmente meios-irmãos.

— Há perto de três anos — diz ele ao Liam. As minhas sobrancelhas

unem-se e eu dirijo-lhe um olhar interrogativo, mas tudo o que ele faz é sorrir sem me oferecer qualquer explicação além de um encolher de ombros.

— Muito bem — diz o Liam. Gira na cadeira e aponta para o pedaço de papel na mão do Tyler, aquele com a minha caligrafia. — Posso?

O Tyler entrega-lho e ele começa a trabalhar novamente, fazendo exatamente a mesma coisa. Digitalização, edição, impressão, rastreamento, transferência. Em pouco tempo, o Tyler está na cadeira sem camisa e o estêncil no lado direito do peito, preparado e pronto. Ele é extremamente fácil para os olhos enquanto eu assisto da cama com as minhas pernas penduradas preguiçosamente na borda. Eu posso ver *guerrero* na parte de trás do ombro dele.

— Queres agarrar na minha mão? — pergunto no momento em que o zumbido começa, batendo as pálpebras para ele.

— Claro — diz ele a rir —, mas porque eu quero. Não porque eu não aguento a dor. A minha tolerância é altíssima. — Bato-lhe no braço e ele ri, para de seguida agarrar a minha mão e esfregar aqueles círculos suaves na minha pele novamente.

Quando o Liam começa, estou a prestar mais atenção ao corpo do Tyler do que ao progresso da tatuagem. Seguro a sua mão, com os lábios entreabertos e num estado de transe provocado pela simples visão dos contornos definidos do seu abdómen. Passados uns minutos, pestanejo, arrancando-me ao transe e rezando para que ele não tenha notado. Ele não se retrai, nem tão-pouco fica tenso, aproveita para tirar o telemóvel do bolso e despreocupadamente vê as mensagens. Eu não quero bisbilhotar, mas por acaso apanho-o a mandar uma mensagem para a Ella. A Emily também recebe uma, e no espaço de dez minutos a sua nova tatuagem está terminada, limpa e embrulhada. Claro que sou tendenciosa, mas acho que a minha caligrafia fica incrível no peito dele.

— Gosto do conceito de ser escrito na letra do outro — comenta o Liam, enquanto o Tyler veste a camisa. Ele move-se ao redor do pequeno estúdio, reorganiza as coisas e mete o que não presta na lata do lixo. — Mandem-me algumas fotos de ambos quando tirarem essas ligaduras.

— Claro — responde o Tyler.

O Liam leva-nos para fora do estúdio e de volta à sala de espera,

onde já está uma rapariga de vinte e poucos anos à espera, com os fones nos ouvidos, e agradecemos-lhe por nos ter conseguido aquela vaga. O Tyler diz-lhe que dentro de algumas semanas estará de volta para fazer uns retoques nas suas tatuagens antigas. Com isto, o Liam olha para mim, como se esperasse que eu dissesse que voltarei também, mas, sinceramente, acho que não quero mais tatuagens durante algum tempo. Então digo-lhe simplesmente: — Talvez.

Na curta caminhada de volta para o carro, eu acho que tanto o Tyler como eu nos movemos a adrenalina pura. Estamos cheios de gás, rindo sempre que olhamos um para o outro, e eu não consigo parar de olhar para o meu braço, desejando poder arrancar a ligadura e mostrar a minha nova tatuagem a toda a gente. Até o meu coração está a bater anormalmente rápido contra o meu peito, e tenho de aceitar o facto de que é emocionante não apenas uma nova tatuagem, mas uma tatuagem coordenada com a do Tyler, precisamente dele. Em teoria, é inegavelmente clichê e as estatísticas provavelmente poderiam dizer que nos vamos arrepender daqui a três meses, mas, na prática, é perfeito e é certo e é a melhor coisa que poderíamos ter feito hoje. Eu creio que o Tyler não deve sequer estar a pensar em tudo o que aconteceu esta manhã. Entramos no carro dele e eu retomo o lugar do passageiro. O Tyler está de volta ao do condutor desde que saímos de Multnomah Falls, mas fica a olhar-me com expectativa enquanto aguarda o meu próximo plano de ação.

Mas o problema é que eu não tenho um plano. Eu tenho tomado decisões de improviso durante o dia todo, por isso revolvo rapidamente o meu cérebro em busca do que podemos fazer a seguir nesta aventura de impulso do momento. Passa pouco das dezassete e trinta e, embora o pôr do Sol seja apenas daqui a algumas horas, o Sol já está a começar a baixar, tornando brilhante a nebulosidade que acompanha o fim da tarde. Belos céus de verão pedem bonitas vistas.

Aperto o cinto de segurança e olho para o Tyler. De repente, sei exatamente onde quero ir a seguir. — Sabes onde é o Voodoo Doughnut? Terceira Avenida?

— Ah — diz o Tyler. O seu sorriso torna-se mais rasgado quando ele se vira para o volante e coloca o carro em marcha-atrás, olhando por cima do ombro enquanto se afasta do nosso lugar. — Acho que sei

exatamente para onde estamos a ir.

— Surpresa estragada — brinco. A verdade é que o sítio onde quero ir é indiferente se é surpresa ou não. Não é possível que o Tyler nunca o tenha visto. Não podes viver em Portland e não conheceres o mural. E para mais é bem no meio da cidade.

E como já estamos no centro, não demoramos muito a chegar lá. O fluxo de tráfego é um pouco mais denso neste momento, com todos regressando para casa depois de um dia de trabalho, por isso ficamos presos nalguns engarrafamentos pelo caminho, mas quase nem damos por isso. O Tyler está muito ocupado a cantar em coro com o rádio de novo e eu estou muito ocupada a rir alto enquanto o filmo com o meu telemóvel. Ele nunca esteve tão tranquilo, tão despreocupado como agora. E eu não consigo cansar-me disto. Eu não consigo cansar-me dele.

Na Terceira Avenida, a fila para o Voodoo Doughnut sai pela porta. Lembro-me bem que sempre foi assim durante o verão. A minha mãe passava de carro e havia bandos de gente a formar fila no passeio, desesperados para conseguirem um *donut* com *bacon*. Mas não são os *donuts* que nos trazem aqui. É o letreiro icónico no lado oposto da rua que não vejo há anos.

Eu nem tenho de dizer ao Tyler para entrar no minúsculo estacionamento, porque ele já está a fazer isso depois de ter descoberto para onde nos dirigíamos. O estacionamento é realmente pequeno, com espaços limitados, e ele inverte a marcha no momento em que fica livre precisamente um lugar voltado para o mural que viemos aqui ver.

Na parede do fundo de um prédio, há três palavras enormes, pintadas em maiúsculas e em grafítis amarelos. Elas têm sido o *slogan* desta cidade nos últimos dez anos. Um *slogan* de que nos orgulhamos, um *slogan* que vivemos: *KEEP PORTLAND WEIRD [MANTENHA PORTLAND INVULGAR]*.

Portland sempre foi uma cidade estranha e invulgar, peculiar e excêntrica. Em qualquer outra cidade, um sujeito a andar de monociclo, vestido de Pai Natal e a tocar um conjunto de gaitas de foles em chamas seria considerado bizarro. Em Portland, é aceitável e quase normal. Nesta cidade, as pessoas podem fazer o que quiserem sem que as julguem por isso, e isto é uma coisa que lamento ter perdido. Em Los

Angeles, a pressão para viver a vida perfeita está a ficar insuportável, porque é impossível. As pessoas só querem encaixar-se. Aqui, as pessoas querem destacar-se.

— Vamos — diz o Tyler. Desliga o motor e sai do carro, e eu assisto de dentro enquanto ele contorna o carro e aparece na minha janela, sorrindo para mim. Ele abre a porta, pega nas minhas mãos e puxa-me para cima e para fora.

Ainda está muito quente do lado de fora, apesar da hora. Como eu gostava de não ter vestido *jeans* hoje, além de que estou a dar-me conta de que pareço uma idiota com esta enorme ligadura a cobrir o meu braço direito e a manga da *sweatshirt* enrolada até ao cotovelo. Rapidamente, enrolo a outra manga para que fiquem iguais.

Do nada, o Tyler iça-se para cima do capô do carro e imediatamente salta e afasta as mãos do metal. — Pronto, tudo bem, só que muito mais quente do que eu esperava — admite ele. — Anda para cima.

Não tenho a certeza de qual é o objetivo, mas gosto que continuemos com o tema de fazer o que nos venha à cabeça. Então tento juntar-me a ele, mas a inclinação do capô e o calor do metal dificultam, até que, por fim, o Tyler tem de me agarrar no pulso e puxar-me para cima. Acomodamo-nos e ficamos confortáveis, ele encostado ao para-brisas, as pernas estendidas para a frente, e eu sentada com as pernas cruzadas e as mãos no colo. O mural está diretamente à nossa frente, com apenas uma fileira de carros a separar-nos, e o sol ainda bate implacavelmente sobre a cidade. É bom estar sentada aqui, no calor do verão, com o Tyler ao meu lado. Eu nunca quero ter estes momentos como garantidos.

— Não é bem o letreiro de Hollywood, hein? — comenta o Tyler. Lanço um olhar para ele. Ele está a analisar *KEEP PORTLAND WEIRD* com grande intensidade, o mesmo sorriso que ele teve no rosto durante todo o dia e que se mantém ainda nos seus lábios. Ele tem razão. O letreiro de Hollywood é muito mais glamoroso, chama a atenção, visível ao longo de quilómetros e quilómetros sobre a bacia de Los Angeles ainda tão distante. Aqui, este mural parece muito mais humilde, mais terra a terra, mais parecido com o povo de Portland. Um mural simples em grafíti na parede de um edifício antigo no meio de um pequeno estacionamento na movimentada área central, acessível e visível por

todos e qualquer um. Acho que ficar tão perto de nós faz com que pareça que é nosso, e é só por essa razão, acho, que o prefiro às letras idiotas no monte Lee, que ficam a uma hora de caminho. O letreiro de Hollywood parece tão desconectado de tudo o resto.

E quanto mais eu penso sobre isso, mais eu percebo que, na verdade, prefiro Portland como um todo a Santa Monica. Nunca pensei que isso seria possível, mas é. Eu realmente sinto falta desta cidade e tudo o que ela representa.

— Acho que nos encaixamos melhor aqui — penso eu, com o olhar repousado na parede, nestas palavras. Estranho é tudo o que o Tyler e eu já conhecemos, porque será *sempre* estranho apaixonar-se pelo meio-irmão. As pessoas sempre manifestarão surpresa, no início. As pessoas sempre levarão um minuto para entender. Mas a estranheza é adotada em Portland, e eu começo a acreditar que teríamos muito mais aceitação aqui do que em casa. As pessoas aqui pensariam que éramos fantásticos e avançados por fazermos algo diferente e arriscado.

— Isso é porque nós fazemos — diz Tyler.

Eu olho para ele. O meu sorriso desapareceu, pela primeira vez em horas, e não tenho escolha a não ser fazer a pergunta que se repete uma e outra vez na minha cabeça. — Tu vais realmente ficar aqui? — murmuro. — Nunca mais vais voltar para Santa Monica?

Tyler solta um suspiro, e o seu sorriso também desaparece, porque nós os dois sabemos exatamente como tudo isto acabará, ele vai ficar aqui e eu vou voltar para Chicago, para o meu segundo ano de faculdade. Vamo-nos separar, que é a coisa a que estamos mais acostumados. Começa a parecer extremamente injusto.

— Eu fiz planos para voltar para casa, Eden — diz ele, sentando-se para a frente. — Sempre pensei em voltar. Tu sabes bem disso. Mas eu não creio que agora possa e, honestamente, não tenho a certeza se quero. A minha vida inteira é em Portland, exceto pela parte que te diz respeito. — Ele puxa os joelhos até ao peito e descansa os braços sobre eles, contraindo os lábios e fechando os olhos. — E eu sei que isto torna tudo muito mais complicado do que já é, eu estando aqui e tu no outro lado do país por mais três anos, mas é assim que as coisas estão agora.

Cuidadosamente, aproximo-me mais dele, de modo que a minha anca esteja contra a dele. Tudo ao meu redor fica silencioso, embora haja

trânsito e vozes do outro lado da rua e o som de pássaros ecoando nas árvores. Tudo isto parece desligar-se, e o único som que me resta é o da batida do meu coração, antecipando o que estou louca por fazer em seguida. — Eu acho que ao complicado já nós estamos habituados — digo, mas a minha voz sai como um sussurro ofegante. — Nós podíamos fazer com que funcionasse.

O Tyler levanta a cabeça e vira-se para mim, com um brilho cintilante nos olhos. Eu vejo que o canto esquerdo dos seus lábios começa a curvar-se, desenhando um levíssimo sorriso. — Fazer com que funcionasse o quê, Eden? — sussurra ele num tom desafiador, provocador, enquanto se debruça sobre mim mais perto do que nunca e a sua proximidade deixa-me tonta e atordoada. Ele sabe exatamente do que é que estou a falar, mas é como se ele quisesse ouvir-me dizê-lo.

E é tão, mas tão fácil dizê-lo, porque, pelo menos uma vez, pensar nisso não me deixa nervosa nem me assusta. Na verdade, excita-me.

— Nós — digo.

Agora mesmo. Agora é o momento perfeito pelo qual eu estive à espera. A situação perfeita, o bom humor, o *timing* certo. Esta é a minha oportunidade. Esta é a minha *próxima vez*.

Pressionando a minha mão na barba ao longo do queixo do Tyler, eu aproximo mais o seu rosto do meu, e eu vou em frente. Nem penso nisso, faço apenas. Fechando os olhos, capturo os seus lábios com os meus e, a princípio, é tão suave e delicado. Nada além dos nossos lábios juntos, depois de tanto tempo acreditando sinceramente que nunca mais aconteceria. Estou tão aliviada por estar a beijá-lo, por ser só eu a fazer o movimento, e logo a mão do Tyler está a passar pelo meu cabelo, a outra na minha cintura, puxando-me para mais perto. Eu posso sentir o seu alívio também na maneira como ele me beija, lento e profundo, o seu abraço em mim, como se ele não quisesse deixar-me ir. Tem sido uma longa espera para ele também, e ele lutou muito para ganhar o meu perdão através do poder da honestidade e um sincero pedido de desculpas que estou mais do que disposta a aceitar. Às vezes, as pessoas têm de ser egoístas. Às vezes, as pessoas têm de se pôr em primeiro lugar e, por isso, não consigo odiá-lo.

Lentamente, sinto-o afastar os seus lábios dos meus, mas ele não se afasta, a sua boca permanece apenas a alguns centímetros da minha. A

sua mão ainda está no meu cabelo, a sua testa contra a minha. — Se queres fazer este trabalho — murmura ele, olhos esmeralda perfurando os meus —, então vamos fazer com que seja alguma coisa. Já faz muito tempo.

Provocando-o, eu gentilmente empurro o seu rosto para trás, a minha mão ainda a segurar o seu queixo, arregalo dramaticamente os olhos para ele. No meu interior, tudo está às cambalhotas ao mesmo tempo. Espanta-me que o meu coração não tenha saltado ainda do meu peito. — O Tyler Bruce está a pedir-me para ser sua namorada?

O Tyler não consegue reprimir o sorriso. Nem acho que ele queira. É tão rasgado como sempre, alcançando diretamente os olhos dele, que se iluminam com um certo brilho que só vem da felicidade pura. — Acho que ele é muito capaz disso — diz.

Dirijo o seu rosto de novo para o meu, inclinando-me em direção aos seus lábios. Eu nunca me vou cansar de o admirar de perto, detenho-me, com os nossos olhares presos para que eu possa ter um segundo para realmente apreciar o verde profundo dos seus olhos que eu amo de paixão. — Nesse caso eu poderia responder apenas sim.

Pressiono os meus lábios de novo sobre os dele e afundo-me nessa sensação da sua boca contra a minha, urgente, rápida e ansiosa e profundamente apaixonante. Esqueço que estamos no meio do centro de Portland, mas não demora muito até ouvir um tipo a assobiar para nós. Outro a aplaudir e a gritar. Alguém que diz *Uau!* E tudo parece tão perfeito naquele exato momento, como se todas as coisas estivessem finalmente a encaixar-se no seu lugar. Tudo parece tão certo, e eu nem sequer penso que o Tyler é meu meio-irmão, porque eu não me importo. Isso deixou de ter importância. Não é errado sentirmo-nos como nos sentimos. Não é errado estarmos juntos. Desde o primeiro dia, nunca estivemos errados.

Talvez nestes últimos três anos tenhamos lutado demais para conseguir que todos os outros aceitem o nosso relacionamento, quando as duas únicas pessoas que precisavam de o aceitar éramos nós. E depois de todo este tempo, acho que finalmente estamos lá.

20

Só acordo depois das dez da manhã. Os últimos dias foram tão loucos e cansativos que acabei por ceder ao mais profundo sono. Através de uma frincha nas persianas, uma fina linha da luz do Sol ilumina uma pequena porção do quarto. Estou no quarto do Tyler, não na sala de estar, e estou na cama dele, não no sofá. Estou enrolada no edredão e sinto-me muito quente e um pouco toldada. Soltando um bocejo, rolo para o lado oposto, esperando vê-lo lá, os seus olhos verdes olhando para mim. E espero vê-lo sorrir quando perceber que estou finalmente acordada.

Mas o outro lado da cama está vazio.

Imediatamente pestanejo e sento-me, acordada. Mesmo estando sozinha, agarro-me ao edredão e seguro-o contra o meu peito nu.

Olho em volta do quarto. No começo nem percebo as palavras na parede diretamente à minha frente. Acho que, quando o fez, talvez o Tyler se tenha inspirado no mural *KEEP PORTLAND WEIRD* de ontem à noite. Esperando por mim, rabiscada em letras pretas e grandes no centro da parede do seu quarto, está uma mensagem:

> *Desculpa, tinha de ir trabalhar, mas*
> *já estou a sentir a tua falta e*
> *estou autorizado a escrever nas*
> *minhas paredes porque, de qualquer modo,*
> *em breve vou pintá-las. te amo*

Quando acabo de ler, estou a sorrir, e não posso deixar de abanar a cabeça. Claro, ele volta ao trabalho hoje, o que explica porque é que ele não está aqui e porque é que a casa está em silêncio. Passo a mão pelo meu cabelo todo emaranhado e amassado e esfrego os olhos, onde descubro restos da maquilhagem de ontem. Sinto-me tão pouco atraente que acho que posso ficar aliviada por o Tyler não estar aqui para testemunhar isto.

Nem consigo lembrar-me que dia é hoje. Terça-feira, acho eu, e ali fico, sentada, a pensar no que é que posso exatamente fazer nesta terça-feira. Por fim, decido que, faça eu o que fizer, o dia tem de pelo

menos começar com café. Especificamente café feito pelo Tyler.

Empurro o edredão para longe e deixo-me escorregar para fora da cama do Tyler — que é muito mais confortável do que o sofá — e recolho a minha roupa que está espalhada um pouco por todo o chão. Então corro do quarto do Tyler para o quarto de hóspedes, pego no primeiro conjunto de roupas limpas que me vem à mão, antes de correr para a casa de banho e, finalmente, paro no chuveiro.

Pelo que me lembro, acho que a mudança de turno do Tyler no café se dá ao meio-dia, portanto tenho de me arranjar e descobrir o caminho para o centro antes disso. Despacho-me em dez minutos do chuveiro, massajando o condicionador no cabelo em supervelocidade e tomando cuidado para não deixar molhar a minha nova tatuagem, pormenor que continuo a esquecer. Visto-me e seco o cabelo na casa de banho, que já percebi que é o único sítio neste apartamento que tem um maldito espelho. Os homens são todos iguais. Estico o cabelo com o ferro sentada na tampa da sanita e meto a bolsa da cosmética dentro do lavatório e aplico uma maquilhagem rápida para um *look* natural. Por fim, volto ao quarto do Tyler à procura do meu telemóvel.

Encontro-o debaixo das almofadas e tenho uma imensa lista de novas notificações, o que é pouco normal para mim. Eu sei que não tenho verificado o telemóvel desde ontem de manhã, demasiado preocupada com o Tyler e com tudo o que não parava de acontecer à minha volta, mas eu nunca recebo tantas mensagens no espaço de vinte e quatro horas.

Sentada na beira da cama do Tyler, puxo atrás, até às primeiras mensagens. A primeira é do meu pai, recebida às 10h14 da manhã de ontem:

Se estás a pensar em voltar para casa em breve, não.

E depois outra, às 10h16:

Caso não esteja claro, nunca mais serás bem-vinda a esta casa. Vai para a tua mãe.

O desprezo do meu pai por mim já não é coisa que me incomode. Estou tão acostumada com isso, e não posso dizer que não esperava essa reação dele. Eu sabia que decisão estava a tomar quando saí de Sacramento com o Tyler. Sabia bem o impacto que isso teria e que só iria piorar as coisas.

Há algumas mensagens da minha mãe, e, embora eu não lhe tenha dito que estou em Portland, ela aparentemente descobriu por si. Eu devia ter voltado para casa ontem. O facto de não o ter feito mostra que escolhi Portland. Ela diz que tomei a decisão certa e pede para lhe ligar quando tiver uma oportunidade.

Até tenho uma mensagem da Ella, de ontem à tarde, a perguntar se as coisas estão a ir bem.

Mas não respondo a nenhuma delas, porque estou mais preocupada com as mensagens que recebi da Rachael e com a quantidade alarmante de notificações do Twitter que pareço ter.

A primeira mensagem entrou às 7h58.

umm wtf estás a fazer em portland?

Depois outra.

Podes dizer o que está a acontecer? Pensei que o odiavas

E logo uma terceira.

E aquela tatuagem idiota de novo, oh meu Deus é real

E a quarta, tudo com um minuto de intervalo.

Se o teu pai não te mata, mato eu

Fico a olhar para as mensagens, lendo-as uma vez e outra. Eu não disse à Rachael que estou em Portland. Também não lhe contei nada sobre as tatuagens. Na verdade, eu não contei a ninguém, por isso não consigo descobrir como é que ela pode saber. Isto é até eu verificar o meu Twitter.

Fui marcada num *tweet*, e a única pessoa que algumas vezes me marca é a Rachael, mas pela primeira vez não é ela. Fui marcada pelo Tyler. Por alguns segundos, estou com muito medo de ir ver a conta dele, mas respiro fundo e abro o *tweet*, porque a curiosidade está a dar cabo de mim.

É a primeira publicação do Tyler em mais de um ano, desde junho do ano passado.

Portland não é tão mau com a minha namorada, postou ele há seis horas, logo após as cinco da manhã. Tem duas fotografias em anexo. A primeira é a das nossas tatuagens coordenadas, com o meu braço apoiado no peito dele para caberem as duas na imagem. Fotografámos ontem à noite quando voltámos para casa e tirámos as ligaduras. Foi para enviar ao Liam. A segunda sou eu em Multnomah Falls. Nem estou

a olhar para a câmara, mas estou a rir.

Até agora, teve cinquenta e nove *likes*. Tento verificar os comentários, mas não há nenhum. Nem insultos trocistas. Nem explosões de nojo. Nada, como se ninguém se importasse. Ou, simplesmente, têm medo de dar a sua opinião, não vá o Tyler corrê-los a pontapés no rabo. Porque isso era o que o antigo Tyler teria feito. Mas não o novo.

As mensagens da Rachael fazem sentido agora. Claro que ela está confusa. Na sexta-feira, eu lamentava-me até à náusea por ser obrigada a passar o fim de semana com o Tyler, e agora, de repente, estamos em Portland juntos com tatuagens e sorrisos nos rostos. Esta mudança repentina também me apanhou de surpresa. Eu não percebi que seria *tão* fácil apaixonar-me pelo Tyler.

Para impedir a Rachael de explodir em chamas, mando-lhe uma vaga mensagem em resposta.

As coisas mudam e as pessoas também :) toda a informação em primeira mão quando eu voltar (e não me perguntes quando é isso porque eu não faço ideia)

A bateria do meu telemóvel está reduzida a quatro por cento, então salto da cama do Tyler, revolvo tudo em volta da minha mala no quarto de hóspedes para encontrar o meu carregador portátil e corro para a porta. Por sorte, o Tyler colou a chave sobressalente na parede, com fita adesiva, e desenhou um círculo à sua volta com o mesmo marcador preto, de modo que é impossível eu não ver. Acho que ele pensou que eu não gostaria de passar o dia aqui.

Então, tranco a porta e saio, protegendo-me atrás dos meus óculos escuros, porque a luz ofuscante do sol brilha sobre a cidade mais uma vez. Aceno a uma senhora que passeia dois cães e pergunto onde fica a estação do MAX mais próxima, em modo turista perdida em bairro residencial, e ela aponta para sul e dá-me instruções. É uma boa caminhada de quinze minutos até à estação e mais vinte minutos para chegar ao centro da cidade. Saio na Pioneer Square logo depois das onze e meia e vou diretamente para o trabalho do Tyler.

A casa está com muito movimento, mas não em excesso, quando cheguei. Já se formou uma pequena fila de pessoas que tomam um café da manhã tardio, como eu. Ocupo o meu lugar no fim da fila e detenho-me a observar os empregados a atender os clientes. O tipo de ontem, o

Mikey, está cá, bem como a rapariga, mas eu não sei o nome dela. E depois o Tyler, com os olhos brilhantes e sorrindo como se fosse o tipo mais feliz e mais tranquilo que existe. As mangas da sua camisa preta estão enroladas bem abaixo dos cotovelos, portanto não se vê nem uma das suas tatuagens. Os meus lábios entreabrem-se quanto eu olho para as veias bem visíveis, desde os dedos até ao antebraço, grossas e tensas quando os seus músculos se contraem de cada vez que ele puxa a alavanca para tirar o café do moinho e deitá-lo no porta-filtro. Ele ainda não me viu, muito concentrado na chávena de café que está a preparar, mas de certa forma estou feliz. Isso permite-me olhá-lo demoradamente sem receber um olhar engraçado em troca, e os meus olhos estão ardendo de desejo. *Ele é tão perfeito sem esforço*. A única coisa em que consigo pensar é na sensação das mãos dele no meu corpo na noite passada, a forma como os lábios dele deixaram um rasto por toda a minha pele, a forma como os seus olhos brilhantes nunca deixaram os meus, mesmo na escuridão do seu quarto.

O Mikey é o único que está a receber os pedidos, e quando chega a minha vez, olha para mim e um sinal de reconhecimento cruza o seu rosto. Eu posso não ser uma cliente habitual, mas ele certamente que se lembra de mim de ontem. — Olá — diz ele. O seu *piercing* no nariz brilha sempre que ele se move. — O que posso pedir para ti, Eden?

— *Latte* de baunilha com duas doses extra de caramelo — respondo, as palavras saindo da ponta da minha língua sem ter de pensar. O Mikey acena com a cabeça e começa a rabiscar as minhas palavras num pequeno bloco de notas, mas eu já me sinto culpada antes mesmo de ele terminar. Tenho de acabar com isto. Tenho de parar de me queixar por engordar e continuar a consumir tudo o que há de mais calórico, como gelado e *latte*. Tenho de adotar a mentalidade do Tyler: mudar em vez de ficar à espera. — Espere — digo, e a caneta faz uma pausa no papel enquanto o Mikey olha para cima. — Posso mudar para um americano branco magro? — Não é nem de perto tão bom, mas nem de longe tão calórico.

— Sem problema. — Ele risca a primeira nota e depois escreve outra, rasga-a do bloco e cola-a no balcão ao lado dos pedidos anteriores que ainda aguardam. Ele volta-se para a caixa registadora, faz a minha conta e acaba por ser extremamente barato. — Desconto para amigos e famí-

lia — diz ele com uma piscadela. Eu dou-lhe cinco dólares e ele entrega-me o troco. A loja está repleta com os sons das conversas e das saídas constantes de vapor das máquinas, juntamente com o silvo do leite fervente e o bater das medidas de café moído.

— Escrevi que tu estás aqui — murmura o Mikey, baixando a voz. Eu também vejo a sua língua perfurada enquanto ele fala. Subtilmente, dirige um olhar intencional na direção do Tyler. O Tyler está de costas para nós, mudando de posição entre as máquinas, manuseando chávenas, xaropes e leite. — Dá-lhe um segundo para ele reparar.

Eu rio. O Tyler é tão distraído às vezes que duvido que ele repare. — Obrigada — digo ao Mikey, em seguida, avanço ao longo do balcão, dando espaço para o próximo cliente enquanto espero o meu café. O Tyler é quem está a preparar todos os pedidos, por isso estou ansiosa por testar as suas capacidades quando se trata de fazer um café perfeito.

Observo-o de perto com um sorriso pateta estampado no rosto enquanto ele pega numa nota, lê, depois prepara o café com extrema concentração. O esforço que ele emprega é adorável. A rapariga que trabalha ao lado dele passa a chávena para o cliente que está à espera no canto, então Tyler pega no próximo pedido e começa a prepará-lo. Mais uma vez, a rapariga entrega ao cliente. E então ele pega na nota cor de laranja fluorescente que tem o meu pedido, passando os olhos por ele. Rapidamente, levanta a cabeça e olha por cima do ombro. Ele percorre a loja antes de me ver, e eu nunca, nunca o vi sorrir tão rápido em toda a minha vida.

Entrega à rapariga a nota com o meu pedido, e deve perguntar-lhe se pode tirar um minuto para falar comigo, porque ela abana a cabeça e eles trocam de posição. Ela encaixa-se atrás das máquinas de café e o Tyler dirige-se para mim, dando pelo caminho um calduço ao Mikey, na brincadeira. Tudo isto para eu tomar o meu café feito pelo Tyler.

— Estava à espera que aparecesses — confessa ele quando chega a mim. Ele apoia as palmas das mãos no balcão que nos separa, inclinando-se para ouvir melhor através de todo o barulho.

— Desculpa eu não estar lá esta manhã. Saí antes das seis e não quis acordar-te.

— Tudo bem — tranquilizo-o. — Eu recebi a tua mensagem. Aliás, era

praticamente impossível não dar por ela.

Um tom rosado sobe-lhe ao rosto e ele baixa a cabeça, fitando o balcão. — Eu ia escrever um bilhetinho, sabes, como fazem nos filmes. Mas não consegui encontrar nenhum papel.

— Vais mesmo pintar as paredes?

— Sim — diz ele. Olha de relance para trás e volta a fixar o olhar em mim. Por fim desce pelo meu braço. *No te rindas* ainda tem aquele brilho que só as tatuagens frescas têm.

— Vi o teu *tweet* — digo, e de imediato os seus olhos procuram os meus. — Acho que provocaste um ataque cardíaco à Rachael.

Ele solta uma risada, abanando a cabeça. — Eu não ia postar — diz ele —, mas depois lembrei-me de que deixámos de nos importar com o que os outros pensam. Pelo menos agora todos ouviram diretamente de mim.

— Espera até que o Jamie veja — gracejei. *Oh, Deus*. Já estou a vê-lo, a atirar o telemóvel pelo ar para o outro lado da sala, incrédulo, antes de correr a apanhá-lo outra vez para ir mostrar ao meu pai. Ser informado pelas redes sociais de que o Tyler e eu estamos juntos não é propriamente a minha ideia de como comunicar à família.

— Já viu — diz o Tyler, e eu franzo as sobrancelhas, intrigada com a sua descontração. — Mandou-me uma mensagem há umas horas com *What the fuck?* — Ele ri-se quando a rapariga que o está a substituir na preparação dos cafés aparece com o meu.

— Aqui está — diz ela, inclinando-se sobre o balcão e passando-me o copo para levar. Está tão quente que quase me queimo no momento em que o recebo da mão dela, mas rapidamente agradeço e o Tyler promete voltar dentro de um segundo.

Quando ela se afasta, ele ergue o pulso e inclina o relógio para si, depois olha para mim. — Saio daqui a vinte minutos — diz. — Depois vou para o centro. E tu? O que é que vais fazer?

— Não sei bem ainda. — Encolho os ombros, olho para o meu café e distraidamente vou desenhando o rebordo da tampa com o indicador. — Mas o que sei é que vou passar por aqui mais tarde.

— Muito bem — diz ele. Quando olho para cima, ele está a sorrir, mas rapidamente se transforma num sorriso de desculpas quando ele lança um olhar por cima do ombro para a rapariga que se desdobra para

atender todos os pedidos que entram. — Tenho de voltar. — Estendendo-se sobre o balcão, ele depõe o mais rápido dos beijos no canto da minha boca, enquanto eu, pelo canto do olho, apanho o Mikey a franzir os lábios provocadoramente para nós.

Deixei o Tyler voltar ao trabalho e, para não estar a distraí-lo, saí da loja em vez de ficar sentada a tomar o meu café.

Passear no centro de Portland é fácil, porque eu conheço-a como a palma da minha mão, então dirijo-me para a Pioneer Square e encontro um lugar nos degraus para me sentar e tomar o meu café. E, honestamente, é uma merda. Não porque tenha sido mal tirado, mas porque eu preferia beber um *latte* de baunilha do que um intragável americano.

A Pioneer Square está a abarrotar de gente, o que não é de estranhar, porque é verão e o sol está agradável para nós, e é o local perfeito para aproveitar o calor e observar o fluxo constante de pessoas que passam. Mas enquanto ali estou sentada, soprando o café para arrefecer, percebo que, embora Portland seja a minha casa, na verdade não conheço ninguém nesta cidade. Metade dos amigos que eu tinha aos dezasseis anos e ainda morava aqui foi-se embora para frequentar a faculdade. A família do lado da minha mãe está em Roseburg, assim como a do meu pai. As únicas pessoas que eu realmente agora tenho nesta cidade são o Tyler e a Emily. E a Amelia.

Não sei porque é que até este momento a Amelia não me passou pela cabeça. Ela era a minha melhor amiga. A partir do momento em que nos conhecemos, no sexto ano, fizemos tudo juntas, mas fomo-nos afastando depois de eu me ter ido embora. É assim a vida. Vivíamos em estados diferentes e tornou-se cada vez mais difícil manter o contacto. Mas a Amelia ainda mora aqui. Ela frequenta a universidade de Portland State.

Pouso o café no chão, ao meu lado, e tiro o telemóvel do bolso, percorro a curta lista dos meus contactos e encontro o seu número. Enviamos uma à outra mensagens ocasionais para saber como estamos, mas a última vez que a vi foi há três anos. Abraçámo-nos como se o mundo fosse acabar, no alpendre da casa dela, dezasseis anos e um mar de lágrimas, imaginando como íamos viver a partir daí, uma sem a outra. Quando és jovem, tudo parece ser o fim do mundo. Olhando

para trás, não foi.

Rapidamente, ligo para o número dela, encosto o telemóvel ao ouvido e fico a bater o ritmo com os dedos contra os meus joelhos enquanto ouço o tom monótono de chamar. Será uma sorte se ela estiver por perto e disponível, mas não há problema em verificar. De qualquer forma, eu quero falar com ela e dizer-lhe que estou de volta a Portland.

Ela responde no último segundo, antes de a ligação ser enviada para o correio de voz. — Eden? — Há surpresa na sua voz, provavelmente porque há muito que não nos falamos e isto é efetivamente inesperado.

— Adivinha porque é que te estou a ligar — respondo. Quero ir diretamente ao assunto.

Amelia fica calada por um segundo, enquanto pensa, porque, ao contrário da maioria das pessoas, ela gosta realmente de tentar um palpite com lógica. Mas hoje ela não consegue pensar em nada que seja lógico e limita-se a responder: — Não faço ideia, mas diz lá, por favor.

— Bem — respondo, inclinando-me para trás e pegando no meu café, o rosto virado para o céu —, estou sentada na Pioneer Square.

— O QUÊ? — Amelia explode, e eu não posso fazer nada além de rir. — Tu estás aqui? Tu estás em Portland?

— Sim! — Bebo um longo gole do meu café, recupero o fôlego e, em seguida, acrescento: — Estou aqui desde domingo à noite.

— Oh, meu Deus! — A sua excitação irradia através da linha e a sua energia é contagiante. Senti tanto a falta dela, muito mais do que me tinha apercebido. — O que é que tu estás a fazer aqui?!

— É uma longa história — admito —, que vou contar-te quando estiver contigo. Onde é que tu estás agora? Estás ocupada?

— Estou no *campus* — diz ela, mas parece envergonhada. Acho que ela sabe que estou prestes a perguntar que raio está ela a fazer na escola durante as férias de verão, porque me dá uma resposta antes mesmo de eu abrir a boca. — Tenho frequentado algumas aulas de verão, por isso estou aqui a atualizar umas matérias que ficaram mais para trás. Devias absolutamente passar por aqui! Estou sentada do lado de fora. Sabes onde fica a biblioteca?

— *Shhh.* — Reviro os olhos e, entretanto, estou já de pé. A Amelia decididamente não mudou. Ela fala pelas duas, mas eu sempre me senti grata por isso quando era mais nova. Na minha cabeça, começo a

visualizar o percurso para a Portland State University. É ao sul do centro da cidade, não muito longe de onde estou agora. Faz-se perfeitamente a pé e, embora o *campus* seja enorme e eu não conheça o caminho, tenho a certeza de que a biblioteca não será difícil de encontrar. — Já estou a caminho.

— Não posso acreditar que estejas aqui!

— Eu também não — respondo. É verdade. — Até já.

Encerro a ligação, tiro os fones, ligo-os ao telemóvel e procuro em todas as minhas *playlists* uma com algumas músicas animadas que têm as melhores vibrações de verão. Levei tempo até encontrar uma, porque no ano passado as minhas *playlists* foram bastante deprimentes. Agora que tenho o Hunter Hayes a cantar nos meus ouvidos no volume máximo, é uma sensação satisfatória. Estou de bom humor, possivelmente até o meu melhor humor nos últimos doze meses.

Não consigo parar de sorrir enquanto caminho para sul, café na mão, óculos de sol, *headphones*, tatuagem fresca no braço, como uma verdadeira nativa de Portland. Nunca me senti mais em casa nesta cidade. Deixá-la durante três anos foi a melhor coisa que eu poderia ter feito e, sinceramente, estou feliz por o Tyler ter vindo para cá. Nada disto seria o mesmo se estivéssemos em qualquer outra cidade.

Não levo muito para chegar ao *campus*. Passei por aqui algumas vezes quando era mais jovem, atrás de uma Amelia de quinze anos, porque ela gostava de imaginar como seria ser um estudante universitário. Ela tencionava ir para a Oregon State, em Corvallis, mas a Portland State acabou por a conquistar quando chegou a hora de decidir. Talvez tenham sido esses passeios sem destino pelo *campus* que a fizeram mudar de ideia. De qualquer maneira, ela nunca planeou deixar o Oregon, enquanto eu sempre tive essa ideia, apesar de ter feito uma vez uma visita guiada ao *campus*, quando tinha dezasseis anos, mas isso foi apenas para agradar à minha mãe. Ela manteve sempre a esperança de que poderia haver uma possibilidade de eu estar interessada em ficar por perto, mas nunca estive. Eu queria sair o mais depressa possível de Portland, e a faculdade era sempre aquela porta a que a minha mãe nunca poderia dizer não.

Por ironia, agora que estou de volta, três anos depois, venho encontrar a Amelia no *campus*, como se o tempo tivesse voltado atrás e

tivéssemos quinze anos novamente. A única diferença é que, desta vez, não estou a fingir o sorriso no meu rosto. Desta vez, as coisas estão melhores.

Sigo as placas ao redor do *campus* antes de acabar por ter de perguntar a uns gajos onde é que fica a biblioteca. Eles apontam na direção certa, ao virar da esquina. Quando vejo o prédio, tiro os óculos escuros e começo a observar as pessoas que estão sentadas do lado de fora, algumas na relva à sombra proporcionada pela infinita variedade de árvores, outras em bancos, debruçadas sobre montes de livros. É verão, portanto o *campus* está muito mais silencioso do que seria durante o semestre. Não demoro muito para descobrir a Amelia no meio de todas as pessoas.

Ela está sentada na relva, pernas cruzadas, um livro equilibrado nas coxas. Tem numa das mãos uma maçã meio comida e na outra o telemóvel e os fios dos fones enrolados nos cabelos. Ela não me viu ainda, então eu contorno furtivamente um conjunto de árvores e aproximo-me na direção dela por trás. Então, de um salto, atiro-me na direção dela, caio-lhe em cima, agarrando-a pelos ombros, enquanto ela me sacode com medo e solta um grito. A maçã voa e vai aterrar mais longe, em cima da relva.

Perdida de riso, dou a volta para ficar de frente para ela, indiferente ao facto de a atenção de todos os estudantes ao nosso redor estar concentrada em nós, e sorrio abertamente para ela.

— Meu Deus, Eden! — diz ela, quase sem fôlego, como se eu lhe tivesse feito disparar o bater do coração. Ela arranca os fones dos ouvidos e aperta a mão sobre o peito, depois inclina a cabeça e parece perdoar-me, porque sorri de volta para mim. Atirando o livro para o lado, ela aproxima-se e envolve-me fortemente nos seus braços, puxando-me para o mais apertado abraço que me lembro de ter desde aquele dia no alpendre da casa dela. Eu aperto-a ainda com mais força e continuamos assim, abraçadas e sem vontade de nos soltarmos por um bom e longo minuto. Finalmente, afastamo-nos uma da outra.

— A sério, que raio andas tu a fazer em Portland? — pergunta ela, abanando a cabeça como se não pudesse acreditar que eu estou realmente sentada na frente dela. Ela deve estar a deixar crescer o cabelo, porque é muito mais longo do que eu me lembro, e acho que ela

o pode ter aclarado um pouco. Está muito mais louro, tenho a certeza.

Eu sei que lhe disse que é uma longa história a que me traz aqui, mas é bem simples. Ainda sorrindo, eu arranjo coragem para lhe dizer: — O meu namorado vive aqui.

A palavra inflama algo dentro de mim que incendeia o meu corpo inteiro, e eu sinto a minha pele a aquecer apenas pela alegria de poder usar *essa* palavra. Estou a corar e sei disso, mas não há nada que eu possa fazer para o evitar. Estou tão feliz por estar sentada aqui, sob o sol de Portland, ao lado da Amelia, e ser capaz de trazer o Tyler para a conversa como meu namorado. Nunca pensei que isso fosse possível.

— Uau! — diz a Amelia. Os seus olhos arregalam-se e ela levanta a mão, antes de se inclinar para mim e repetir: — Namorado? Tu tens um namorado de Portland?

— Na verdade — murmuro —, tenho um namorado que é de Santa Monica e que por acaso agora mora aqui.

Acho que ela pode estar perto de chorar. Nunca resistiu a histórias de amor e felizes para sempre. Desesperadamente, ela pergunta: — Quem?

A ideia de responder a isso já não me assusta. Dizer o nome dele é tão fácil quanto dizer o de qualquer outra pessoa. No entanto, vai levar tempo a acostumar-me antes que se torne realmente natural. — Namoro com o Tyler — digo-lhe. A minha voz é firme e confiante, o meu olhar nunca abandona o dela. — Lembras-te dele? O meu meio-irmão? — Eu nunca vou esconder o facto de o Tyler ser meu meio-irmão. É a verdade e não tenho vergonha de admitir isso.

A perturbação passa pelo rosto sardento da Amelia. Ela parece esperar, como se a qualquer momento eu fosse dar uma gargalhada e dizer: «Estou a brincar!» Mas eu mantenho um sorriso descontraído e agarro num punhado de relva que arranco diretamente do chão, antes de me sentir culpada e tentar esforçadamente colocá-la de novo no seu lugar. O ar de Portland deve estar a contaminar-me.

— A sério? — É tudo o que a Amelia diz. O tom dela é gentil, como se tivesse medo de que o problema fosse sensível, e continua a piscar para mim de tal forma que fica claro que ela não sabe realmente o que está a acontecer.

— Sim — respondo, e então, casualmente, acrescento: — Ele mudou-

se para cá há um ano. Estou cá só de visita, por um tempo. — Não vou ficar à espera que a Amelia comece a fazer perguntas, por isso decido mudar de assunto o mais rápido possível. — Como estão as coisas contigo? Como é a escola? — Dou uma volta sobre mim própria para abranger a área do *campus*.

— Oh, Eden, é maravilhoso! — explode a Amelia, o seu rosto iluminado pelo entusiasmo. Pega no livro volumoso que estava a estudar quando a surpreendi e volta a pô-lo no colo, passando os dedos pela capa. É algo sobre química, que eu nunca entendi, mas que a Amelia sempre amou. — O curso em que estou é brutal e as festas aqui são ainda melhores. Já te disse que fui presa?

Agora é minha vez de avaliar se ela está a falar a sério ou não. Presa? A Amelia? Nunca. — Estás a brincar — digo.

— Não — nega ela, e em seguida ri timidamente e puxa a franja para os olhos. — As pessoas não deviam deixar-me tentar ir a pé para casa depois de uma festa, especialmente quando bebo demais. Tive de passar a noite numa cela e depois pagar duzentos dólares por conduta desordeira. — Ela revira os olhos. — Parece que gritar na rua é crime, hoje em dia.

— Tu és louca — digo, mas não posso deixar de me rir. A Amelia estava sempre pronta para se divertir. Com ela nunca há nada que seja demasiado sério, e eu sinto imenso a falta de sair com alguém que vive a vida dessa maneira.

— Eu sei — concorda ela. — Estou a trabalhar para ter mais autocontrolo para que os meus pais não sejam obrigados a rejeitar-me.

Ela começa a rir comigo, e é tão bom rir com ela de novo que eu não quero voltar a perdê-la de vista. Saber que a Amelia está aqui só aumenta o crescente número de razões pelas quais parece que estou a apaixonar-me por Portland. Talvez seja egoísta, mas quero que a minha vida seja repleta de tudo o que eu amo. Como o Tyler e a Amelia, Portland e café, a Rachael e a Emily, faculdade e aventuras, a minha mãe e a Ella, ideias imprudentes e a oportunidade de me sentir sempre tão feliz quanto me sinto agora. Isso é tudo o que eu quero, tudo de uma vez, perfeitamente enlaçado.

O meu riso desvanece-se e eu pestanejo algumas vezes, regressando à realidade. Os meus olhos encontram os da Amelia e junto os lábios

numa expressão de mimo ao perguntar-lhe: — Tu tens realmente de estar aqui agora?

— Não necessariamente — diz ela. — Porquê?

Levanto-me da relva, trazendo comigo o livro que tiro das mãos da Amelia. Pego na mochila dela e meto-o cá dentro, em seguida, pego na mão dela e puxo-a para cima. Ela olha-me com curiosidade, esperando uma explicação, então eu dou-lhe a mochila e aceno na direção de onde vim. — Há umas pessoas que quero que conheças.

21

Durante a caminhada pelo centro da cidade até ao centro da juventude, tenho tempo suficiente para contar à Amelia a longa história. Digo-lhe que o Tyler e eu estamos apaixonados há três anos, mas que só oficializámos há aproximadamente dezoito horas. Conto-lhe sobre o Dean e a verdadeira razão pela qual nós terminámos, o que definitivamente não foi uma decisão de mútuo acordo feita com bons termos, como eu tinha dito uma vez a Amelia. Digo-lhe que o meu pai tem mostrado que é um idiota ainda maior do que era antes e que ele odeia o facto de o Tyler e eu estarmos juntos. Conto-lhe sobre a partida do Tyler no verão passado e que não o vi durante um ano, que ele esteve aqui o tempo todo criando um grupo de jovens. Explico-lhe que, quando ele apareceu novamente, só queria que se fosse embora, mas que estou feliz por lhe ter dado uma segunda oportunidade, porque nunca fui tão feliz em toda a minha vida.

E a Amelia acena com a cabeça o tempo todo, dando o seu melhor para absorver a minha sobrecarga de informação, e acho que no começo ela chega a acreditar que eu não sou a mesma pessoa que ela conhecia. A antiga Eden nunca teria corrido riscos como eu corri. A antiga Eden nunca teria voltado para Portland. A antiga Eden nunca coraria ao simples pensamento de um gajo.

— É aqui — afirmo, parando do lado de fora da enorme porta preta de entrada para o centro. Não há nenhuma indicação, mas eu realmente acho que deveria haver. Mais pessoas precisam de saber o que há por detrás desta porta.

Eu abro-a, apoiando o meu peso contra ela, porque é incrivelmente pesada, e mantenho-a aberta para dar passagem à Amelia, que entra depois de mim. A entrada está novamente iluminada, dando luz para as escadas, que subimos com segurança. A Amelia está nervosa por ir conhecer o Tyler e a Emily, mas eu creio que ela vai aprovar sem reservas o Tyler, e de modo algum deixará de se dar bem com a Emily. É impossível não gostar deles e quero muito que os três se conheçam.

Ouço a música antes de chegar ao cimo das escadas, mas o som

sobe consideravelmente quando abro a segunda porta. Está muito mais movimentado do que ontem de manhã, talvez porque é de tarde, e o lugar está vivo com o som de vozes, músicas e risos.

— Uau! — diz a Amelia. Eu olho de lado para ela. Ela absorve tudo com os olhos arregalados de surpresa, como eu fiz ontem. É realmente incrível ver como este lugar é grande e como fica cheio. — É ele?

Os meus olhos vão da Amelia para o Tyler. Ele deve ter-nos visto quando entrámos, porque vem já na minha direção com aquele sorriso tão dele. É uma da tarde, portanto ele já estará aqui há uma hora.

— Sim — sussurro, sem deixar de fixar o Tyler, enquanto um sorriso se espalha pelo meu rosto. — É ele.

— Mmm — murmura a Amelia. — Já tens a minha aprovação.

Desvio os olhos do Tyler simplesmente para poder observar a Amelia. Ela já ajeitou a franja, pondo-a atrás das orelhas, e passa os dedos pelas pontas dos cabelos quando o Tyler chega ao pé de nós.

— É bom voltar a ver-te — diz ele, sorrindo. Foi há menos de duas horas que apareci no emprego dele, para ir buscar um café, e aqui estou de novo, aparecendo no seu outro local de trabalho como se não pudesse ficar longe dele. Eu posso. Simplesmente não quero. Olhando de relance para a Amelia, o Tyler ergue uma sobrancelha e depois volta-se para mim em busca de uma resposta. — Quem é?

— A Amelia — digo eu. Nenhuma outra explicação é necessária. Tyler sabe exatamente quem é a Amelia. Há anos que lhe contei tudo sobre ela, a minha melhor amiga de quando eu vivia em Portland. A minha única melhor amiga.

— Olá — diz a Amelia, piscando intensamente os olhos, um sinal claro dos seus nervos. Há um momento estranho em que ela quase estende a mão, mas parece pensar que é muito formal e acaba por recuar**.**

— Ah — regozija-se o Tyler. Os seus dentes brilham num sorriso, a sua expressão é amigável e calorosa. — Que bom conhecer-te finalmente. Sou o Tyler, o... — para, olhando para mim, à procura da confirmação do que eu lhe possa ter dito.

Mas a Amelia interrompe antes de ele terminar. — Namorado e meio-irmão da Eden?

— Sim, é isso — diz o Tyler com uma gargalhada. Ele parece tão

aliviado e satisfeito por eu ter dito a verdade. Até agora nós nunca fomos especialmente bons a dizer a verdade, mas é com gosto que verifico que estamos a melhorar.

— Onde está a Emily? — pergunto. Procurando entre a multidão que por ali circula, não consigo encontrá-la. Espero que ela não tenha saído. Quero tanto que a Amelia a conheça.

— Ela está na parte de trás — responde o Tyler, apontando para uma porta na parede oposta. Eu não reparei nisso ontem. — Vamos lá.

O Tyler atravessa o tapete, a Amelia e eu seguimos atrás dele. Ela faz-me cócegas nas costelas, abre desmedidamente os olhos e articula em silêncio: — Ele é bom —, enquanto dramaticamente abana o rosto com a mão. Algumas coisas nunca mudam. Nós costumávamos divertir-nos com os veteranos da escola, corando de humilhação nos corredores sempre que nos ouviam. A brincar, empurro-lhe o ombro e mordo o meu lábio para me impedir de rir. O Tyler está completamente alheio a tudo, e quando chegamos à porta ele marca uma sequência de dígitos num teclado e a porta destranca-se. Ele abre-a, segurando-a para nós quando entramos no que parece ser uma sala de armazenamento. O Tyler para à porta, de olho em todos os outros no corredor principal, e imediatamente o rosto da Emily aparece por detrás de uma pilha de caixas de papelão.

— Olá! — Ela despeja o carregamento de garrafas de água que traz em cima de outra caixa fechada, em seguida, habilmente, movimenta-se em torno das caixas empilhadas ao acaso que cobrem o chão, abrindo caminho até nós.

— Emily? — ouço a Amelia dizer, em tom de reconhecimento, e o meu olhar dirige-se diretamente para ela, surpreendida.

— Oh, meu Deus! — exclama a Emily. — O que é que estás aqui a fazer?

Tanto o Tyler quanto eu olhamos para uma e para outra, tentando descobrir o que raio está a acontecer. — Vocês conhecemse? — pergunto, confusa.

— Hum, *iá* — diz a Emily com naturalidade no melhor sotaque americano que ela consegue, embora saia curiosamente sulista. Então ela prontamente volta ao normal e explica: — Ela dá-me pipocas grátis sempre que vou ao cinema porque ela está a tentar preparar-me um

encontro com o tipo com quem ela trabalha.

— É muito descaramento, eu sei — acrescenta a Amelia. A cor tinge-lhe as bochechas, e eu estou a tentar lembrar-me se ela já me disse que trabalhava num cinema. Estou a imaginá-la a entornar pipocas por toda a carpete de hora a hora. — Mas o Gregg está totalmente apaixonado por ti e é *tão* adorável. Eu ainda acho que lhe devias dar uma oportunidade.

— Nãooooo — diz a Emily, mas ela está a corar agora também, enquanto faz sinais para a Amelia. Eu ainda estou a olhar para as duas, espantada. — Nunca soube o teu nome — admite a Emily. — Qual é?

— Amelia. — Há uma ligeira hesitação quando ela parece perceber que a Emily ainda não sabe porque é que ela está aqui, então ela rapidamente acrescenta: — Eu sou, na verdade, a melhor amiga de infância da Eden.

Os lábios da Emily abrem-se quando ela olha para mim, claramente surpreendida com a revelação. — Extraordinário!

Ao meu lado, o Tyler pigarreia e diz: — Vocês importam-se se eu levar a Eden emprestada por um segundo? — Lanço um olhar interrogativo, mas a Amelia e a Emily garantem que ficam muito bem juntas, e o Tyler já me está a levar para a porta.

— Sim? — pergunto, uma vez que estamos de volta à área principal e cercados por adolescentes. Toda eu estou na defensiva quando olho para ele.

— O meu pai está outra vez aqui — informa.

Os seus olhos observam-me, o seu rosto mantém-se descontraído, um sorriso hesitante nos lábios, como se estivesse a desculpar-se. Eu sei que o pai dele deveria simplesmente estar arrependido, tentando atenuar todo o mal que lhe fez, mas eu não consigo ignorar o ódio que tenho por ele. Até mesmo a simples menção do nome dele é o suficiente para me fazer ranger os dentes. — Porquê?

— Está só a acabar de conferir umas coisas, antes de ir para o aeroporto — explica o Tyler, apontando para o escritório. A porta está fechada. — Ele quer conhecer-te. Tipo, oficialmente. Ele acha que vocês os dois começaram com o pé esquerdo ontem, o que é em certa medida culpa minha, por não te ter avisado de que ele andava por perto novamente. — Isso explica o sorriso de desculpas.

— Humm. — Embora eu despreze o pai do Tyler, isso não consegue impedir que eu seja irremediavelmente curiosa. Parte de mim quer ouvir o que ele tem para dizer. Eu ouvi falar nele durante tanto tempo que seria uma loucura da minha parte recusar uma oportunidade de falar com ele. — Tudo bem — digo. — Eu vou falar com ele.

Há um lampejo de gratidão nos olhos do Tyler antes de pegar na minha mão e conduzir-me para o escritório. Irrita-me sentir-me nervosa. Devagar, o Tyler abre a porta um pouco. Espreita lá para dentro e ouço-o murmurar: — Pai, a Eden apareceu cá. — Não ouço o que o Peter responde, mas de repente o Tyler abre a porta de par em par e faz-me entrar para a pequena sala.

O pai do Tyler está sentado naquela imensa cadeira executiva, confortável e descontraído, com folhas de papel espalhadas na mesa à sua frente. Tem vestido uma camisa azul-clara, abotoada até ao colarinho, e segura uma caneta de tinta permanente entre o polegar e o indicador. O relógio de ouro no seu pulso está a sair do punho da camisa, e pergunto-me como é que um homem com um passado tão nojento pode apresentar-se como um caso de sucesso.

— Olá, Eden — cumprimenta ele. Como ontem, a sua forma suave de falar não deixa de me surpreender, bem como o calor que os seus olhos transmitem. Ele é o Tyler, mas mais baixo, com olhos verdes que não são tão vibrantes e um maxilar que não é bem definido. No entanto, vou precisar de algum tempo para me acostumar a essa semelhança.

— Oi — digo eu. Faz-se silêncio e eu olho para o Tyler, perplexa ao descobrir que ele já está a sair da sala.

— É melhor eu voltar ao trabalho — diz ele. Olha entre o pai e eu por um segundo ou dois, dedica-nos um sorriso tímido, antes de acenar e desaparecer pela porta, fechando-a atrás dele.

Ficámos sozinhos, o Peter e eu. É insuportavelmente estranho, sem dúvida, porque ele consegue sentir toda a minha hostilidade. Além disso, o facto de eu ficar em frente da mesa enquanto ele olha para mim, sentado na cadeira, faz sobressair a sua posição autoritária. Fico grata quando ele se levanta e dá a volta à mesa, parando poucos metros à minha frente.

— Eu compreendo que não goste de mim — começa ele, e é tão direto e claro que eu engulo rapidamente. — Não a culpo por isso. Eu

próprio não sou grande fã de mim mesmo. Mas você é... a namorada do Tyler, segundo tenho ouvido?

Desconfortável, respondo. — Sim.

— Por isso eu gostaria de estar de boas relações consigo — diz ele.

Devolvo-lhe o olhar, completamente vazio de expressão. Não sei como posso sequer imaginar ter boas relações com alguém que fez da vida do Tyler uma imagem do Inferno. Eu nunca posso perdoá-lo por isso, e se eu não posso perdoá-lo, então certamente não poderei gostar dele. — O que você fez... — murmuro através dos lábios rígidos, mas, meu Deus, não consigo sequer terminar a frase. Isto enerva-me tanto que os músculos da minha garganta se apertam e eu ranjo os dentes cerrados. Só de olhar para ele, sinto o meu sangue ferver, então fecho os olhos e inclino o rosto para o chão. Começo agora a compreender como deve ter sido difícil para o Tyler sentar-se e conversar com ele, porque eu não sou capaz de o fazer e eu sou apenas uma terceira pessoa.

— Não há dia nenhum da minha vida em que eu não me arrependa do que fiz.

Lentamente, levanto a cabeça e abro os olhos. O Peter olha para mim com a expressão mais triste que jamais vi. Eu podia jurar que, por um segundo, os seus olhos não são sequer verdes, são apenas dois buracos negros, cansados e enrugados, o resultado de anos de arrependimento esmagador. A sua máscara de tragédia gravada no rosto parece natural, como se os seus lábios estivessem assim já há muito tempo.

— Eu perdi tudo e mereci — diz ele em voz baixa. — Perdi o meu negócio, a minha carreira, a minha reputação e a minha liberdade, os meus pais e eu próprio. Mas o pior de tudo foi que perdi a minha mulher e os meus filhos. — Ele engole o nó na garganta e balança a cabeça suavemente para a frente e para trás. — E você pode não gostar de mim, Eden, mas você deve saber que eu estou aqui simplesmente a tentar dar o meu melhor para que as coisas deem certo com o Tyler. Estou aqui por causa dele, porque ele merece ter um pai que se esforce ao máximo para mostrar quanto está arrependido.

Não sei porque é que ele me está a dizer isto, mas estou feliz que esteja. Ouvi-lo dos seus próprios lábios é reconfortante, ainda mais

porque cada uma das suas palavras parece imbuída de sinceridade, mas, mesmo assim, eu quero dar a minha opinião. Também me quero manifestar. — Compreendo que você esteja a tentar e a colocar nisso todo o seu esforço — digo-lhe —, e, honestamente, você ganhou algum do meu respeito por ter vindo aqui e por participar nas sessões com o Tyler. Mas o que você não viu foi como ele era há três anos, como era o seu comportamento, fora de tudo o que deveria ser. Você alguma vez soube que o seu filho era conhecido apenas por ser um idiota? Alguém que ninguém queria encontrar no lado errado do caminho por ele ser violento e agressivo? Alguém que dependia do álcool e das drogas para não pensar em toda a merda por que você o fez passar? Você até pode saber disso, mas não viu. Não viu como ele estava feito num caco, e acho que não tem a mais vaga ideia de quão duro ele trabalhou ultimamente para se tornar uma pessoa melhor do que aquela em que você o transformou. — Dou um passo atrás e fixo nele um olhar firme, incendiado pelo meu desprezo por ele. — Portanto, você pode ter o meu respeito, mas você nunca terá o meu perdão. E eu juro por Deus... juro... se você foder isto agora, você não terá apenas que enfrentar o Tyler, mas também terá que me enfrentar a mim. Depois desta, você não terá mais nenhuma oportunidade.

O Peter limita-se a acenar com a cabeça. Talvez ele esteja acostumado com isto, talvez ele aceite, simplesmente. Virando-se para a mesa, pega no telemóvel, mete-o no bolso das calças e pega na mesma pasta que trazia ontem. Reúne as folhas de papel numa pilha, em seguida, atravessa a sala para a meter num dos armários. Durante todo este tempo, os meus olhos seguem-no, estudando os seus maneirismos, procurando qualquer semelhança com o Tyler, mas felizmente não há nenhum, até ele parar na minha frente e passar a mão pelo cabelo escuro, exatamente como fez ontem, exatamente como o Tyler faz. E eu tenho de reprimir um lamento.

— Agora vou-me embora — diz o Peter. — Volto para o mês que vem. Se você ainda estiver por cá, a gente vê-se. Foi bom finalmente conhecê-la, e por favor confie em mim quando lhe digo que não tem nada com que se preocupar.

Limito-me a responder: — OK.

Decididamente não se pode dizer que estejamos nas melhores

relações. Vai ser preciso muito mais do que conversar por alguns minutos para que eu possa tolerá-lo. Estou disposta a tentar, pelo amor do Tyler, e porque estou lentamente a dar os primeiros passos para melhorar a minha vida também. Então, embora seja difícil, da próxima vez que eu vir o Peter, seja lá quando isso for, estou disposta a fazer algum esforço com ele.

Dirigindo-me um vago sorriso, o Peter encaminha-se para a porta do escritório e entra na sala principal. Eu espero alguns segundos antes de seguir o meu caminho atrás dele. Quando o faço, vejo-o dirigir-se diretamente para o Tyler. Não consigo impedir-me de os ver interagir um com o outro, porque isto cria uma sensação inquietante e doentia no meu estômago, que estou a tentar erradicar. *É diferente agora*, tenho de me lembrar. Eles estão a trabalhar juntos para resolver as questões entre eles, e claramente ainda é um trabalho em progresso, porque eles não parecem estar muito próximos um do outro. No entanto, despedem-se com um firme aperto de mãos. Depois disso, o Peter desaparece pela porta principal e vai embora.

O Tyler volta para o que estava a fazer, que era falar com uma rapariga que parece um pouco mal-humorada, encostada à parede, com os braços cruzados sobre o peito, então eu volto para a sala de armazenamento à procura da Amelia. Tenho de bater algumas vezes antes de a Emily tratar de me deixar entrar, e depois de uma breve discussão, a Amelia e eu decidimos ficar no centro por um tempo. Nenhuma de nós tem mais nada para fazer hoje, e o Tyler e a Emily parecem gostar da nossa companhia.

Nós até damos uma mãozinha, a Amelia ajuda a reabastecer as máquinas de venda automática e eu ofereço-me para arrumar o monte de caixas na sala de armazenamento. É uma ótima atmosfera, com música alta e um fluxo constante de miúdos a entrarem e a saírem, enquanto nós os quatro trocamos piadas entre nós. A tarde passa rapidamente, e fico feliz por a Amelia estar a dar-se bem com o Tyler e a Emily, porque são três pessoas tremendamente importantes para mim. A Emily está a divertir-se tanto que, quando chega às cinco da tarde e o dia dela está oficialmente terminado, ela ainda decide ficar por aqui, e vale a pena, porque acabamos todos por mandar vir comida.

Até mesmo os adolescentes que vêm aqui são extremamente

simpáticos. Eu andei de grupo em grupo, conversando com todos eles, rindo da sua perspicácia e sentido de humor. Não me custa nada compreender porque é que o Tyler e a Emily gostam de fazer isto todos os dias. É muito gratificante estar aqui, rodeada de positividade, o que se reflete no meu bom humor. Mas ser tão feliz está quase a deixar-me exausta. Não estou acostumada a isto.

São nove da noite quando a última pessoa sai do prédio. O Tyler está a conversar com ele há bastante tempo, os dois instalados nos pufes, a um canto. A Emily saiu às sete da noite e a Amelia às oito. Agora somos apenas o Tyler e eu, e tenho esperado pacientemente por ele, não apenas porque me recuso a andar no MAX à noite, mas também porque não quero ir para casa sem ele.

— Então, o que é que achas da Amelia? — pergunto, enquanto o ajudo a descer os estores. A música está desligada e o centro está em silêncio. Parece esquisito assim, sem barulho.

— É porreira — diz o Tyler por cima do ombro. — É ótimo que te tenhas encontrado com ela e ainda melhor que ela ainda esteja em Portland. Agora tens aqui alguém que conheces.

— Sim — digo eu. — Portland assim já não é tão mau, sabes como é.

O Tyler sorri para mim, contendo-se de dizer «Eu avisei».

Nós acabámos de fechar o centro, desligámos as luzes e trancámos todas as portas antes de sairmos. É crepúsculo, com o Sol já oculto abaixo do horizonte e o céu escuro raiado de laranja e rosa. O Tyler está agora com um capuz, e eu pressiono o meu rosto contra as suas costas e envolvo-o nos meus braços, enquanto ele tranca a entrada principal. Então ele agarra as minhas mãos e liberta-se do meu abraço para poder voltar-se para me encarar, sorrindo.

— Que tal uma viagem de fim de noite à loja de ferragens, para um pouco de tinta?

* * *

Demorou muito a convencer o Tyler a optar pela tinta marfim sobre um vermelho vibrante. A regra de aderir a cores neutras parece não se registar nele, mas depois de uma hora de debate estamos de volta ao apartamento, e oito baldes de tinta marfim aguardam no centro do chão

da sala.

As paredes são todas brancas e precisam desesperadamente de uma cor mais fresca. Nos próximos dias, o plano é pintar o apartamento todo. A ideia pareceu divertida ao regressarmos ao carro, mas agora que estou de pé aqui com uns *jeans* velhos e uma *T-shirt* grande do Tyler, com um pincel na mão, o meu entusiasmo começa a desvanecer-se.

— É melhor começarmos com o meu quarto para podermos encobrir esta escrita — diz o Tyler. Ele vestiu umas calças de fato de treino cinzentas e uma *T-shirt* branca simples, parecendo bem sem o mínimo de esforço, enquanto eu pareço uma sem-abrigo.

— Certo.

Cada um de nós pega num balde e vamos para o quarto do Tyler. Leva apenas alguns minutos a preparar, porque não há nada aqui para se deslocar, além da cama. Ele leva o colchão para o quarto de hóspedes, depois inclina-o para o lado e fá-lo passar pelo caixilho da porta para a outra sala, enquanto eu cubro o chão com várias cortinas de chuveiro que comprámos na loja. Já passa das dez da noite, e estou a pensar que tinha talvez sido melhor esperar até amanhã. Está a fazer-se tarde.

A escrita do Tyler desta manhã ainda está rabiscada na parede, e eu não percebo que estou sorrindo com as palavras dele até que ele volta para o quarto e lança-me um olhar divertido.

— Está na hora de pintar — diz ele. Baixa-se e abre a tampa de uma das latas, despeja alguma tinta num tabuleiro e, em seguida, começa a mergulhar nela uma escova de rolo. Eu nunca imaginei o Tyler como o tipo DIY, e rio-me ao vê-lo, porque ele é tão inocentemente adorável quando tenta concentrar-se, com o olhar suave e os lábios entreabertos.
— O que foi? — pergunta ele, olhando para cima.

— Nada.

Brincando, ele semicerra os olhos para mim e depois vira-se para a parede. Eu sei que, segundo a tarefa que me foi atribuída, devia estar a rastejar no chão, pintando os rodapés, mas estou muito ocupada a olhar para ele para perceber que não estou a ajudar. Ele quer encobrir as palavras primeiro, então começa a rolar a escova sobre a escrita, e em poucos segundos a primeira linha já se foi. Mas eu nem estou a ver as palavras desaparecerem, porque a visão do corpo do Tyler é muito mais

atraente. Cada vez que ele se levanta, a *T-shirt* levanta levemente para revelar o cós elástico apertado dos bóxeres pretos espreitando por debaixo das calças de fato de treino.

— Que tal? — ouço perguntar, e quando saio do torpor em que estou percebo que ele está de frente para mim com um pequeno sorriso brincando no canto dos lábios. Na parede ao lado dele, todas as palavras desapareceram, exceto duas. As duas finais.

te amo

Olho de novo para o Tyler, que agora tem a cabeça ligeiramente inclinada e os olhos esmeralda queimando postos em mim. Há neles um brilho provocador, e acho que ele está à espera que eu o beije. É um desafio que aceito de bom grado, embora queira ser eu a provocá-lo primeiro. Dou um grande passo à frente e rapidamente prego um beijo nos seus lábios, depois afasto-me com a mesma rapidez.

— Onde está o marcador? — pergunto.

O Tyler franze os lábios interrogativamente e diz: — Cozinha. Primeira gaveta à esquerda.

Deixo-o sem mais nada além de um sorriso secreto enquanto dou a volta e me dirijo para a cozinha. Vasculho a gaveta antes de encontrar o *Sharpie* preto e regresso ao quarto tirando-lhe a tampa. O Tyler voltou para a pintura, começando no canto mais distante, mas quando ele me sente ao lado dele, lança um olhar para mim por cima do ombro e depois interrompe o que está a fazer.

— Então — diz, olhando-me curioso —, para que queres tu o marcador? — Não sei porque é que ele precisa de perguntar. A julgar pelo sorriso que está a tentar disfarçar, é evidente que já sabe exatamente o que estou prestes a fazer.

Enquanto sorrio para ele, aproximo-me da parede. Com cuidado para não tocar na tinta molhada que já está lá, eu corro as pontas dos meus dedos pelas palavras restantes. Então, por baixo, eu escrevo: *je t'aime*.

— Que tal? — digo propositadamente, imitando-o, enquanto eu passo para trás e aponto para a minha contribuição na parede. Esta coisa da pintura não está a ir lá muito bem até agora. Parece que conseguimos apenas estragar as paredes.

Os olhos do Tyler brilham quando lê as palavras. Então ele olha para mim mais demoradamente, e à medida que os segundos passam, o seu

sorriso cresce, mais e mais, até que de repente está na minha frente, com as mãos no meu queixo, a sua boca contra a minha.

Ele está tão cheio de energia que eu sou forçada a recuar um passo ou dois, e esta noite não há tempo para beijos lentos e profundos, porque estamos ambos demasiado vorazes e demasiado divertidos e a atração sexual é demasiado difícil de ignorar. Os nossos lábios movem-se em sincronia com a velocidade dos nossos batimentos cardíacos enquanto a sua língua se debate contra a minha. Eu acho que nunca vou ser capaz de me acostumar com a euforia que me provoca beijá-lo. Toda a minha pele se arrepia, arrepios percorrem a minha espinha e as minhas pernas ficam inertes. É a sensação mais incrível do mundo.

As mãos do Tyler afloram todo o meu corpo, correm pela linha da minha cintura até que deslizam sob as minhas coxas e me elevam do chão. Envolvo as minhas pernas firmemente em torno do seu corpo, os meus braços enrolados em volta do seu pescoço, os meus lábios esmagando ainda mais os dele. Sinto as suas mãos nas minhas nádegas enquanto ele me segura e me empurra contra a parede. Em questão de segundos, sinto a tinta molhada a empapar a minha *T-shirt*.

Eu não quero, mas tenho de afastar os meus lábios dos dele para que possa olhar por cima do meu ombro. A parte de trás da *T-shirt* preta tem agora uma camada grossa de tinta fresca sobre ela. De toda a parede, o Tyler tinha mesmo que me encostar no sítio que foi pintado.

— Fizeste de propósito! — resmungo quando me volto e o seu rosto fica apenas a um centímetro do meu.

Ele está a sorrir, com os olhos faiscando com um brilho de malícia. — É melhor tirares essa *T-shirt* — murmura, mas ele já está a fazer isso por mim. Mantendo-me ainda segura entre o seu peito e a parede, ele puxa a *T-shirt* para cima e sobre a minha cabeça, atirando-a para trás dele.

A tinta está fria e molhada contra a pele nas minhas costas, mas eu não me incomodo nem protesto, porque os lábios do Tyler estão no ponto sensível atrás da minha orelha. Inclino a cabeça para o lado e, em seguida, encosto-a contra a parede para lhe dar melhor acesso, os meus dedos emaranhados nos seus cabelos, os meus olhos fechados enquanto me abandono à sensação da sua boca que deixa um rasto do meu ouvido até ao queixo e depois pelo meu pescoço, chupando a minha carne e plantando beijos lentos e suaves. Os seus polegares

estão a abrir o cós dos meus *jeans* e eu sinto as pontas dos seus dedos quentes contra a minha pele. Uma mão corre pelas minhas costas até ao fecho do meu sutiã e, de repente, ele passa por cima do ombro do Tyler e vai aterrar no chão.

Os seus lábios dirigem-se para os meus seios, e eu estou desesperada para ver o seu próprio corpo, então pego na sua *T-shirt* ao mesmo tempo e ajudo-o a tirá-la. Enquanto ele continua a decorar o meu corpo com beijos luxuriosos, eu só posso olhar para o dele. Eu adoro as suas raízes hispânicas, porque o seu tom de pele é lindo, naturalmente bronzeado. Os seus abdominais não estão já tão definidos como costumavam estar, mas ainda estão lá, perfeitamente alinhados. Cada curva do seu torso é bem desenhada, desde a redondeza dos peitorais, onde a sua nova tatuagem veio pousar, até às profundas linhas V que desaparecem dentro dos seus bóxeres. Quando ele me segura, com ambas as mãos a apertarem as minhas nádegas, os seus bíceps são enormes. Os músculos são bem flexíveis e as veias correm através deles, escuras e elétricas.

— Isto da pintura tem que se lhe diga — diz ele, rindo e levantando a cabeça. Beija a minha testa, depois o meu nariz, as minhas faces, depois o canto dos meus lábios. Fixa os olhos em mim, inteiramente dominado pela admiração, luxúria e amor.

Posso imaginar que o mesmo se passa comigo, porque quando eu olho para ele naquele momento, acho que nunca na vida poderei deixar de estar apaixonada por ele. É impossível. Ele é perfeito demais e é perfeito para mim. — Nós íamos realmente pintar, afinal?

— Não — admite ele. E, no meio de um riso ofegante, sussurra: — A intenção foi sempre esta. Muito melhor. — Os seus lábios encontram os meus novamente, e eu puxo na brincadeira o seu cabelo, enquanto ele me afasta da parede. Não sei como ele consegue levar-me para fora do quarto enquanto me beija ao mesmo tempo, e muito menos compreendo como é que não acabamos a esbarrar em qualquer coisa, mas a verdade é que acabamos em segurança no quarto de hóspedes.

— Dá-me um segundo — diz o Tyler. Pousando-me no chão, ele rapidamente passa a mão pelo cabelo e começa a juntar as partes da sua cama desmontada, e eu de pé, de *jeans*, perto da porta, rio do desespero no seu rosto ao tentar fazer o mais rápido possível.

Os meus olhos vão para a divisão ao lado, entre os dois quartos. É a casa de banho, com a porta já aberta e o chuveiro à vista. Apenas o mero pensamento é o suficiente para enviar ondas de adrenalina por todo o meu corpo, e tudo em que consigo pensar é naquela vez em Nova Iorque no verão passado, no chuveiro no apartamento do Tyler no dia 4 de Julho. Mas a diversão chegou ao fim mal começara, quando o Snake e a Emily voltaram mais cedo do que o esperado.

Os meus olhos voltam para o Tyler, e antes que ele possa sequer levantar o colchão, eu dou alguns passos para perto dele e ponho a minha mão sobre o cós das calças de fato de treino. Ele pestaneja para mim, surpreso, quando começo a puxá-lo para fora do quarto. O meu sorriso transforma-se num sorriso sedutor, quando o faço parar à porta da casa de banho. Dir-se-ia que eu ganho uma quantidade alarmante de confiança sempre que consigo a mais leve explosão de adrenalina, então passo rapidamente para a frente dele antes que me dê a nervoseira e abro inocentemente uns enormes olhos.

Estico-me para beijar o contorno do seu queixo, depois passo as minhas duas mãos pelo seu peito enquanto aproximo o meu corpo do dele. Os meus seios comprimem-se contra o seu peito, os meus quadris contra os dele, e eu posso senti-lo, rígido e firme, contra mim. Olho para cima, enlaçando os meus braços em redor do seu pescoço. — Nós já terminámos o que começámos em Nova Iorque?

O Tyler leva um momento para descobrir a que me estou a referir e, mais importante, o que é que estou a sugerir. Assim que percebe, o sorriso está de volta ao seu rosto. — Não — diz ele —, acho que não.

Entramos juntos, de supetão, dentro da pequena casa de banho às escuras, sentindo os azulejos frios sob os meus pés. Agarro-me ao lavatório enquanto me liberto dos *jeans*, então entro na banheira e, no escuro, procuro os números nos mostradores, enquanto tento ligar a água. Acende-se para a vida numa enorme explosão, que me encharca completamente. A tinta nas minhas costas solta-se lentamente, caindo aos bocados no fundo da banheira, desaparecendo da minha pele da mesma forma que a escrita do Tyler desapareceu no verão passado.

Enquanto a água escorre pelo meu rosto e rola do meu queixo, encontro-o no escuro, nada além de uma silhueta enquanto ele sai das calças e depois dos bóxeres. Permanece imóvel por um momento, os

seus olhos a observarem-me, e então, sempre muito baixinho, ouço-o sussurrar: — Foda-se.

Estendendo a mão, eu agarro a sua com a minha e puxo-o para mim, enquanto os nossos corpos se entrelaçam sob o fluxo da água uma vez mais. Só que desta vez não há interrupções.

22

Na quinta-feira, o Tyler está de folga, então ele e a Emily trocam de turno no centro, o que significa que ela tem a manhã livre para ficar comigo. É quase meio-dia e já estamos a andar pelo centro há trinta minutos, entrando e saindo de lojas. O clima não está tão bom hoje. Ainda está quente, mas há uma espessa camada de nuvens impedindo que o sol brilhe, então as ruas tornam-se cansativas.

— O que é que achas desta? — pergunta a Emily. Ela está a experimentar uma minissaia preta e estuda-a intensamente antes de olhar para mim, esperando por uma resposta.

Eu não tenho a certeza porque é que ela me está a perguntar, porque eu não tenho exatamente o melhor gosto em moda. — Para que efeito?

— Tipo, para uma festa? — responde ela.

— Nesse caso é gira — respondo, e isso deve ser uma palavra inquestionável porque ela decide comprá-la. Enquanto ela está a mudar de roupa e a pagar, volto para a saída e espero por ela lá. Nos últimos dois dias, não estou totalmente focada. Fisicamente estou aqui. Mentalmente, não estou. Há muita coisa que se passa dentro da minha cabeça, muitas coisas para resolver e soluções para encontrar, muitas perguntas a precisar de respostas. Juntar as peças da minha vida está a tornar-se muito mais difícil do que apenas apresentar os meus amigos uns aos outros. Ontem de manhã, pareceu instalar-se lentamente em mim a noção de que, embora eu adore estar em Portland, tudo isto é apenas temporário. Dentro de dois meses tenho de voltar a Chicago e, quando isso acontecer, tudo correrá o risco de se desmoronar. Agora eu simplesmente não consigo pensar que muito em breve o Tyler e eu estaremos novamente separados, e isso provoca-me náuseas.

— Podíamos ir visitar a Amelia — sugere a Emily quando aparece novamente ao meu lado com o seu saco da Forever 21. — O cinema onde trabalha fica a quatro ruas de distância.

— O que tu queres dizer é que são quatro quarteirões de distância — corrijo no meu tom de provocação. — Mas claro que sim. Vamos lá.

A Amelia havia sido convidada para este passeio-descontraído-

transformado-em-saída-de-compras, mas não pôde porque trabalha no cinema às quintas-feiras. Tenho a certeza de que ficará grata em nos ver, porque tudo me leva a crer que aquilo deve estar muito vazio naquele horário nos dias de semana. A Emily indica o caminho, embora eu tenha rapidamente percebido qual é o cinema para onde estamos a ir.

No entanto, nem mesmo o pensamento de ir ver a Amelia consegue distrair-me do estado de inquietação em que estou. A verdade é que não me limito a odiar a ideia de me ir embora; estou com medo do que possa acontecer. Tudo está finalmente como eu sempre sonhei, e neste momento uma separação entre o Tyler e eu pode prejudicar o relacionamento por que lutámos tanto para conseguir. Talvez não sejamos capazes de lidar com isso.

— Emily — digo eu, diminuindo o meu ritmo. Preciso de desfazer o caroço de ansiedade que se está a formar na minha garganta. — Posso perguntar-te uma coisa?

Ela lança-me um rápido olhar pelo canto do olho.

— Sabes bem que podes.

E ela tem razão. A Emily é sempre ótima a dar conselhos. Adoro conversar com ela, porque sei que ela será sincera e verdadeira comigo, aconteça o que acontecer. — Tu achas que o Tyler e eu poderíamos ter uma relação de longa distância? — *Ugh*. Longa distância. Só ouvir isto faz náuseas.

A Emily imediatamente franze a testa e para de andar e olha-me diretamente nos olhos. — Isso é por causa da universidade? — pergunta, mas já sabe a resposta. — Porque, se é, a resposta é sim, acho que podiam. Vocês, aliás, estão acostumados a passar tanto tempo separados. — Ela faz uma pausa quando vê a tristeza que atravessa o meu rosto. Até eu posso sentir isso em cada centímetro do meu corpo. — Vá lá, Eden — diz ela, suavemente. — Tenta não pensar muito nisso. Aproveita bem o teu verão.

É difícil não pensar nisto, mas aceno afirmativamente e começo a andar de novo. Ela tem razão numa coisa. Eu não quero estragar o tempo limitado que o Tyler e eu temos juntos com problemas.

Seguimos por mais dois quarteirões até à rua onde fica o cinema. Quando passamos as portas, há algumas pessoas por ali, mas nada de filas serpenteando por todo o lado, como nos cinemas nas noites de

sexta-feira. Isso torna muito mais fácil identificar a Amelia, sentada na cabina da bilheteira a olhar para as mãos. Como previsto, ela parece capaz de morrer de tédio. Quando nos aproximamos do balcão e ela olha para cima, os seus olhos brilham com a pura alegria de ter outro ser humano para conversar.

Deslizando da cadeira, ela abre a porta da pequena cabina e sai. — Ei!

— Belo chapéu — digo, mas já estou a morrer de riso. Ela fica ridícula com o uniforme, e porque ela é minha amiga, posso provocá-la. — Ouve! Adoro as calças — comento, abafando o riso quando tento sustê-lo.

— Este trabalho faz-me sentir como se estivesse a arder no Inferno — diz a Amelia. Estendendo a mão, ela arranca o chapelinho da cabeça, mas o cabelo fica cheio de estática e um pouco selvagem, e eu acabo por rir ainda mais.

— Que fiz eu para merecer isto? Sou uma boa aluna. Ando na porra das aulas de verão. Nunca disse aos meus pais que os odeio. Só bati na minha irmã uma vez. Nunca ultrapassei ninguém na interestadual. No entanto, uma vez, umazinha, grito na rua e sou presa, e Deus acha que eu mereço tudo *isto*?

Foi disto que eu senti mais a falta da Amelia. Ela é sempre tão teatral. — Quando é que sais? — pergunta a Emily, acho que principalmente para a calar.

— Às duas — diz a Amelia. Ela olha para o enorme relógio na parede oposta e solta um suspiro alto e longo quando percebe que são apenas doze e trinta. — Depois tenho laboratório das três às cinco. A sério, as quintas-feiras são uma merda. Ah, o Gregg quer sair contigo.

Ela acena com a cabeça através do *foyer* para o tipo baixinho atrás do *stand* do concessionário. Também tem um boné, mas o dele tem um maldito cachorro-quente ampliado. Ele está a observar-nos, mas quando olhamos, ele nem se esforça por desviar o olhar. Aparenta ter vinte e poucos anos. Ao ver-nos, sorri, excessivamente entusiasmado, e acena, tudo dirigido à Emily.

Ela não acena, só prime a têmpora com a mão e vira-lhe as costas, abanando a cabeça. — Puta que pariu. Amelia, *porque* é que lhe disseste que eu estava interessada?

— Basta olhar para ele! — diz a Amelia, fazendo beicinho

simpaticamente. Ao Gregg. Não à Emily. — Como é que eu havia de dizer àquele rosto adorável que tu te recusavas a ter um encontro com ele?

A Emily diz algo em resposta, mas eu já desliguei. Parece que acabou um filme, porque um pequeno fluxo de pessoas sai pelas portas e entra no átrio. Há um trio de caras, e a Emily e a Amelia provavelmente vão pensar que eu estou a ver se as conheço, mas não estou. Estou a olhar para as suas roupas, a roupa da Universidade Estadual de Portland, que parece que trazem todos vestida. Um, um *hoodie* verde com *PORTLAND STATE* estampado na frente em branco. Outro, um boné da PSU. O terceiro, uma *T-shirt* verde com *PSU VIKINGS*.

De repente, esta é a única coisa que passa pela minha cabeça.

Portland State University.

O vestuário. As aulas da Amelia. O *campus* ontem. Os anos de tentativas implacáveis da minha mãe para me convencer a candidatar-me para lá.

A decisão é instantaneamente cristalina. É como se tudo estivesse no lugar certo.

— Eden?

— Hã? — Volto o olhar para a Emily, que parece genuinamente preocupada. Acho que estou tonta, porque ela e a Amelia estão a olhar para mim interrogativamente.

— A Amelia está a perguntar se queremos ver um filme — explica a Emily, ainda a olhar para mim de forma engraçada. — Quero dizer, nós podemos. Eu só tenho que estar no centro às duas.

— Emily — digo, e a firme solenidade da minha voz surpreende as duas. — Lamento, mas tenho de ir fazer uma coisa.

— O quê?

Eu já estou a recuar e os meus passos aumentam à medida que caminho. Não há tempo para lhes explicar, porque, agora que a ideia está na minha cabeça, há uma sensação de urgência. Virando-me para a porta, consigo rapidamente gritar por cima do ombro: — Há um *campus* a que preciso de dar uma segunda vista de olhos.

* * *

Tenho uma pilha de anotações nas mãos enquanto faço o meu caminho da estação do MAX para o apartamento do Tyler. São agora dezoito horas e está muito mais brilhante, depois de o sol finalmente ter rompido as nuvens. Eu sei que o Tyler está no apartamento, porque ele deixou o centro às dezassete. Mandou-me uma mensagem há uma hora a perguntar onde é que eu estava e eu disse-lhe que em breve estaria em casa.

E estarei, porque estou a caminho agora, dominada pela excitação. Uma e outra vez revejo na minha cabeça o que lhe vou dizer. Mal posso esperar para ver a reação dele. Tomei uma decisão que faz sentido, que parece certíssima para mim. É o passo vital que tenho de dar para viver a minha vida da maneira que pretendo, com as pessoas que amo ao meu redor, numa cidade que uma vez desprezei, mas agora aprendi a apreciar. A maneira como me senti na semana passada é a maneira que quero sentir-me todos os dias.

Quando chego ao pátio do apartamento, a minha garganta está seca. Não é necessariamente porque estou nervosa ao tomar uma decisão tão grande, mas porque estou ansiosa para dizer isto em voz alta ao Tyler. Desde que eu o diga, isto faz tudo parecer real.

A porta está destrancada e, assim que a abro, sou atingida pelos fumegantes vapores de tinta, que me provocam tonturas. Há música a tocar, e o sofá desapareceu. Em vez disso, as cortinas de chuveiro feias estão espalhadas pelo chão, e o Tyler já pintou a maior parte do quarto. Ele está sem camisa, e acho que pode ser a visão mais incrível que se pode ter ao chegar a casa. Os músculos das costas, a largura dos ombros, a curva da coluna...

Ele não me ouviu entrar, por isso mantenho os meus passos leves enquanto contorno as cortinas do chuveiro em direção a ele. Silenciosamente, envolvo os meus braços ao redor do seu corpo, depositando um beijo suave na sua omoplata, bem como sobre *guerrero*. Ele dá um salto ao sentir o meu toque, assustado até perceber que sou apenas eu.

— Finalmente — diz ele, virando-se. Pousa a escova de rolo no tabuleiro e, em seguida, endireita-se. A visão da frente é ainda melhor, e eu estou a olhar para o seu peito, em vez dos seus olhos, quando ele diz: — A Emily disse que fugiste sem mais nem menos esta manhã. Para

onde foste?

Quando olho para cima, estou a sorrir. Aproximo-me dele e envolvo-o num abraço, absorvendo o calor da sua pele. Mas, de repente, todas as frases ensaiadas parecem desaparecer. Não me lembro do discurso dramático que preparei, por isso o momento não é tão especial como planeei, porque as únicas palavras a saírem dos meus lábios são: — Vou ficar em Portland. — É brusco. Mas é simples.

Imediatamente, o Tyler fica perplexo. Há manchas de tinta no peito dele. — Durante o resto do verão?

— Não — digo eu. O meu sorriso é breve, mas caloroso e muito envolvente. E acrescento: — Vou ficar em Portland para sempre.

— Mas... — Ele é incapaz de processar o que acabei de dizer, porque levanta as sobrancelhas e abana a cabeça, confuso. — Mas isso não pode ser. Tu tens de voltar para a universidade.

— E eu vou voltar para a universidade — respondo, enquanto os meus olhos baixam e eu movo a mão para o seu peito, traçando círculos na sua pele. — Só que para a Portland State.

O silêncio prolonga-se o que parece ser uma eternidade, enquanto o Tyler permanece insensível ao meu toque. O seu único movimento é a respiração pesada, o peito a subir e a descer, e quando eu olho para ver a sua expressão, ele pestaneja, com os olhos cheios de pânico e alarme em vez do prazer que eu esperava. — O quê? — E é tudo o que ele diz.

Desiludida com a reação dele, afasto-me, desfazendo o nosso abraço. O meu sorriso desapareceu, substituído por uma expressão neutra. O momento não tem qualquer tipo de brilho. Nada como eu esperava. Estou de pé, na frente do Tyler com os ombros descaídos e sem nada para fazer além de continuar a explicar. — Vou pedir transferência — explico. E, para ser bem clara, acrescento: — de universidade, Tyler. Para aqui. Para a Portland State.

Mais uma vez, silêncio. Mas desta vez é apenas por alguns segundos, até ao momento em que ele explode: — Tu estás doida? — Ele levanta as mãos exasperado. Eu posso dizer pelo tom duro na sua voz que ele está chateado comigo, e dou outro passo para trás, espantada com a explosão. — Eu não posso deixar-te pedir a transferência de escola, Eden. Nós podemos ficar a longa distância. Eu vou de avião a Chicago para te ver. Aconteça o que acontecer, tu não podes pedir a

transferência. Tu nunca te calaste nem um momento com essa maldita universidade e vais desistir dela? De onde raios é que apareceu essa ideia?

Isto definitivamente não está a correr de acordo com os meus planos e a única coisa que posso fazer é empurrar a minha pilha de anotações para a frente dele. — Estive todo o dia a fazer pesquisa na biblioteca do *campus*. A Amelia deixou-me usar a conta dela — digo rapidamente, como se tivesse que me defender a mim e às minhas decisões. O Tyler fica a olhar entre mim e as anotações e eu começo a tagarelar com base no discurso que preparei anteriormente. Todo este negativismo parece ter aclarado o meu espírito. — Claro, não é tão bom como Chicago, mas o programa de psicologia ainda é um dos seus principais cursos e os meus créditos podem ser facilmente transferidos. E tu sabes como eu gosto de Chicago, mas está tão longe de tudo o que eu amo. Eu tenho lá amigos, mas não os *melhores* amigos, enquanto tu estás aqui, a Amelia está aqui, a Emily está aqui (por um tempo, pelo menos) e a minha mãe está apenas a um estado de distância. Significa que o meu pai volta a estar permanentemente mais perto de mim, o que é uma chatice, mas eu posso viver com isso. E a Portland State tem uma taxa de aceitação de transferência superalta. Se eu peço transferência de uma universidade como de Chicago, eles não podem deixar de aceitar.

O Tyler devolve-me as minhas anotações, embora eu ache que ele nem olhou para elas. Está lá tudo aquilo que preciso de saber e de fazer, tudo rabiscado horas atrás numa onda de excitação. — Há quanto tempo é que andas a pensar nisto? — pergunta ele, num tom agastado. — Porque é que não me falaste nisso antes?

— Só tomei a decisão hoje — admito. Eu sei que deve parecer tão impulsivo para ele, que não acredita que refleti sobre o assunto, mas refleti. Não posso simplesmente ignorar como a transferência se me apresenta como a coisa correta. É um sentimento que domina tudo o mais, que ocupa todos os meus pensamentos desde hoje de manhã.

— Porque é que estás a tomar esta decisão? — questiona ele. Abanando de novo a cabeça, incrédulo, ele passa por mim e dirige-se para a janela, parando a música que está a tocar no seu telemóvel, e depois encosta-se ao vidro. Todas as paredes estão molhadas de tinta. Dobrando os braços sobre o peito nu, ele olha para o outro lado da sala,

para mim, e tenho a sensação de que o seu olhar está agora um pouco mais suave.

— Tu não queres que eu fique em Portland? — Só de pensar, quase me sinto paralisar, mas não consigo identificar qualquer outra razão pela qual o Tyler há de reagir tão negativamente à ideia de eu ficar a viver aqui permanentemente.

— Claro que sim — murmura ele, expirando profundamente. Olha para o chão, depois para trás novamente, e as suas feições estão suaves. A dureza desapareceu, tanto na expressão como na voz. — Mas não nestes termos — diz ele. — Não com o sacrifício da tua educação. Porque, eu juro, Eden, juro, porra... Se isto é apenas porque não queres terminar o curso em Chicago enquanto eu estou aqui, então, por favor, não faças isso. Isso é profundamente irracional, e só consegues fazer-me sentir culpado, sentir-me como a razão pela qual tu desistes da universidade.

Ah, penso eu. *É então por isso que ele está a reagir assim.*

Lentamente, aproximo-me novamente dele, com os meus olhos presos nos dele, enquanto avanço. Paro apenas alguns centímetros à frente dele e olho para cima, com toda a sinceridade no olhar. — Quando pergunto a mim própria qual é a cidade mais difícil de se deixar... — murmuro. — É Portland, Tyler. Eu não estou a fazer isto por ti. Estou a fazer isto por mim própria. Tu fizeste as tuas mudanças, agora é a altura de eu fazer as minhas.

Os olhos do Tyler começaram por se arregalar de surpresa, agora estão totalmente preenchidos pela expressão de alívio. — Prometes?

Assentindo, preencho o pequeno espaço entre nós e envolvo-o mais uma vez nos meus braços, encaixando o meu corpo contra o seu. — Juro. Estou mais feliz aqui — digo. — É por isso que quero ficar. Eu quero viver a minha vida aqui.

Ele leva as mãos ao meu rosto, gentilmente envolvendo o meu queixo enquanto a sua pele quente roça na minha. Inclinando o rosto para mais perto de mim, ele estuda a minha expressão com cuidado, antes de perguntar em voz baixa: — Tu tens mesmo a certeza disso?

— Eu acho que não há nada de que eu tenha mais certeza na minha vida.

— Então vem viver comigo — sussurra ele, deslizando os seus lábios

sobre os meus, tão suavemente e tão delicadamente que um arrepio vai direto à minha espinha. — Vem viver comigo — diz ele novamente, enquanto o seu rosto se ilumina com um sorriso e as suas palavras se tornam mais ansiosas. Ele continua a plantar uma série de beijos breves e ansiosos nos meus lábios até que *vem viver comigo, vem viver comigo, vem viver comigo* é a única coisa que consigo ouvir. — Eu posso não ter muitos móveis ainda, mas tenho paredes recém-pintadas. Bairro agradável. Muitos cães. A uma curta distância de carro do centro da cidade. — Ele sorri quando afasta a boca da minha. — O que é que dizes? Certamente é muito melhor do que os dormitórios de estudantes.

— Digo *que sim*!— Rimos os dois e depois volto a colar os meus lábios aos seus por um longo momento. — As primeiras coisas primeiro — digo eu, distanciando-me um pouco dele. — Preciso de voltar para Santa Monica o mais rapidamente possível. Vou reservar um voo.

O Tyler está perplexo novamente, como se não conseguisse ver uma razão pela qual eu precisasse de voltar para casa. — Porquê?

— Porque há uma infinidade de coisas que tenho de resolver — admito, soltando um longo suspiro. O pensamento de ir para casa para enfrentar os meus pais é assustador. — Antes de todos nós irmos para Sacramento, eu estive envolvida numa discussão com a minha mãe, por isso, a ela eu devo pelo menos um pedido de desculpas, mas o principal é que eu tenho de acertar as coisas com o meu pai. Preciso de lhe dizer que nós os dois estamos juntos, mas também preciso de entender em que pé é que nós (eu e ele) estamos, porque, neste momento, não faço ideia.

— OK — diz o Tyler, assentindo. Ele compreende, porque sabe como o meu relacionamento com o meu pai está deteriorado. — Podemos sair no sábado, viajar durante a noite e depois apanhar a Pacific Coast Highway de volta para casa no domingo. O que é que achas? Nada como uma viagem de verão ao longo da costa.

— Oh — digo, recuando novamente. Eu teria ido sozinha. É pedir demasiado que o Tyler se ausente mais tempo do trabalho. — Eu não estava à espera que tu também viesses.

— Eu sei — diz ele —, mas também tenho algumas coisas para resolver. Não posso adiar mais não dizer à minha mãe que o meu pai voltou à minha vida e preciso de conversar com os meus irmãos,

especialmente o Jamie. Além disso, acho que nós os dois devemos dar a notícia aos nossos pais de que estamos juntos oficialmente, porque desta vez não vais ter de enfrentar tudo isto sozinha.

Saber que ele vai estar comigo é reconfortante, e eu gosto desse sentimento de enfrentarmos isto juntos. — Então ótimo — digo eu. — Vou adorar que venhas comigo. Agora passa-me um pincel e vamos terminar de pintar a minha sala de estar. — O Tyler solta uma gargalhada bem sonora, depois põe o telemóvel de volta no parapeito da janela e reinicia a música. Ele beija a minha bochecha quando passa por mim em busca de um pincel, depois, quando encontra um, mergulha-o no balde de tinta e entrega-mo. Começamos nas paredes novamente, as nossas paredes, cantarolando a música e lançando sorrisos sobre os nossos ombros um ao outro.

Eu sei agora que tomei a decisão certa, que Portland é o melhor lugar para mim, e daqui a dois dias vamos estar de volta a Santa Monica para em dois dias enfrentarmos a situação com os nossos pais de uma vez por todas, para acertar as coisas, para dizer a verdade, para resolver a situação. Mas, ao contrário da última vez, não estamos com medo. Desta vez, estamos prontos.

23

A caminhada de volta ao apartamento do Tyler não é tão má quanto isso. É sexta-feira à noite, são vinte e uma horas, e o Sol desapareceu no horizonte, deixando o ar quente e o céu azul intenso. As sextas-feiras, segundo o Tyler me informou, agora são as nossas noites oficiais, o que significa que todas as sextas, a partir de agora, eu vou-me vestir bem, como ele. Hoje à noite, ele levou-me a jantar num popular restaurante francês no centro da cidade, e agora estamos a fazer a caminhada de quarenta minutos de volta para casa, com a minha saia abanando ao vento.

— Eu ainda não consigo acreditar que o empregado de mesa entornou a bebida em cima de ti — digo, olhando para o Tyler. Ainda se vê uma mancha húmida na sua camisa azul e só de a ver dá-me vontade de rir.

— Por isso é que ele só levou metade da gorjeta — diz o Tyler, rindo, ao meu lado. A sua mão está na minha, e embora ele devesse estar no centro a esta hora, a Emily ofereceu-se para cobrir o turno dele, o que significa que esta noite ele é todo meu.

Estamos a apenas alguns quarteirões do apartamento, mas Tyler para de andar. — Salta — diz ele, soltando a minha mão. Balança a cabeça por cima do ombro em direção às costas e baixa-se.

— Tenho uma saia vestida — digo.

— E?...

Não é preciso muito para o Tyler me convencer a fazer praticamente qualquer coisa. Já estou a ceder. Apoiando as minhas mãos nos seus ombros, iço-me para as suas costas. Ele desliza as mãos sob as minhas coxas e volta a levantar-se, direito e alto. Começa a andar sem esforço enquanto eu brinco com os seus cabelos, enrolando os fios grossos ao redor dos meus dedos.

— Posso perguntar-te uma coisa? — diz o Tyler baixinho, quebrando o silêncio confortável que se instalou sobre nós.

— Claro — respondo. A minha face descansa no topo da sua cabeça, o seu cabelo macio contra a minha pele.

— Estavas efetivamente louca no 4 de Julho?

A questão é tão inesperada que me obriga a levantar a cabeça e a pensar nisso por um segundo. Não consigo ver o rosto dele, portanto não consigo ler a sua expressão. — Bem, sim — admito, encolhendo os ombros contra o seu corpo. A Ella deve ter-lhe contado. — É como se fosse o nosso dia. Sempre estivemos juntos no 4, exceto no ano em que tu foste para Nova Iorque, e eu não sei, Tyler... Tu não achas que isso é especial? O 4 de Julho é, por assim dizer, quando tudo começou para nós.

— Não foi quando me beijaste que tudo começou? — brinca ele, tentando olhar por cima do ombro para mim. Fico feliz por ele não me poder ver agora, corada como estou.

— Achas que me podes culpar? Eu tinha dezasseis anos e odiei-te. Beijar-te era o único caminho a seguir. — Desatámos os dois à gargalhada, e quando o complexo de apartamentos aparece no fim da rua, o Tyler pousa-me no chão. A sua mão imediatamente encontra a minha e o nosso ritmo volta a ser sincronizado, lado a lado mais uma vez, caminhando na direção da entrada do pátio.

— Então estavas realmente louca, não é verdade? — ouço o Tyler murmurar, e quando olho para ele, ele tem um sorriso nos lábios e uma sobrancelha levantada.

Mas antes que eu possa dizer qualquer coisa, ele põe ambas as mãos nos meus ombros e faz-me dar uma volta, empurrando-me gentilmente para a frente. Naquele instante, há um grito coletivo de «SURPRESA!».

A explosão assusta-me e, por um momento, congelo, sob o domínio do Tyler. Pisco os olhos, tentando absorver a cena à minha frente.

O lugar é totalmente diferente do que era quando saímos, há apenas algumas horas. Há uma fileira de minibandeiras dos EUA presas nos galhos do trio de árvores que sobressaem, altas, no meio do pátio, além de bandeiras ainda maiores na relva, abanando suavemente na brisa ligeira. A música também começa a tocar imediatamente, de um amplificador que não consigo identificar. Uma coleção de lanternas espalha-se pelo pátio, criando um brilho quente no céu escuro.

Mas o que realmente me surpreende é o círculo de espreguiçadeiras em torno de uma fogueira improvisada na parte central da relva e as pessoas que se erguem delas com sorrisos largos nos seus rostos.

A Emily está aqui. A Amelia também. O Mikey da cafeteria.

E o Gregg do cinema.

E a Rachael está aqui. E o Snake. Eu não posso acreditar!

Estou tão emocionada que nem sequer reajo. Só consigo olhar fixamente para todos eles com a boca ligeiramente aberta, tentando processar o que está a acontecer.

As mãos do Tyler descem dos meus ombros até aos meus quadris. Ele agarra com firmeza o meu corpo e aperta-o contra o seu. Sinto-o inclinar-se para a frente sobre o meu ombro esquerdo, a sua barba fazendo cócegas na minha bochecha e a sua respiração quente contra o meu pescoço. Ele pousa os lábios no meu queixo e, em seguida, sussurra: — Feliz 4 de Julho, querida.

Abano a cabeça, incrédula, continuando a olhar para o nosso pequeno público, que começa a rir da minha expressão. — Mas isso... Isso foi há duas semanas.

O Tyler ri também, recua e faz-me dar meia-volta para ficar de frente para ele. Está com aquele seu sorriso deslumbrante no rosto, o mesmo sorriso que antes era tão raro, mas agora é tão normal. Os seus olhos estão brilhantes e ganham uma nova cintilação ao mesmo tempo que acendem o fogo em mim. — Sim — responde ele —, mas estamos a comemorar o 4 novamente. Juntos, desta vez.

É então que eu absorvo tudo isto, e o meu choque e confusão são imediatamente substituídos pela alegria e espanto por o Tyler ter feito tudo isto por mim, porque ele sabe que devia ter estado comigo na primeira vez. A minha expressão imediatamente se transforma num sorriso incrivelmente aberto quando me estico nas pontas dos meus *Converse* e lanço os meus braços ao redor dele. Nunca ninguém fez uma coisa assim para mim.

O Tyler retribui o abraço muito apertado, e depois afasto-me dele para me voltar e observar, um por um, os nossos companheiros.

A Rachael é a primeira pessoa para cujos braços eu corro. Não a vejo desde a minha partida para Sacramento, e muito aconteceu desde então que eu realmente tenho de lhe contar. Ela traz de novo no cabelo aquela bandana americana, a que usou no verdadeiro 4 de Julho. Parece que, sem querer, a tirei do sítio, ao apertá-la no meu abraço, porque ela ajusta-a rapidamente quando nos afastamos uma da outra. Como

sempre, ela está envolvida no aroma irresistível do seu perfume característico. O seu cabelo está em ondas soltas, e a maquilhagem, embora percetível, não está muito pesada.

— O que é que tu estás a fazer aqui?! — questiono, porque a Rachael nunca na vida pisou o estado do Oregon, muito menos Portland, convicta de que não fazemos mais nada do que abraçar árvores.

— O Tyler é mestre quando se trata de persuasão — diz ela, apontando na sua direção. Acabo de reparar na bebida na sua mão. Pergunto-me o que possa ser. — Ele realmente ligou-me há alguns dias, mas eu recusava sempre as chamadas, então ele ligou para o nosso maldito telefone fixo. Quem diabos, no século XXI, liga para o *telefone fixo* de alguém? Mete lá persistência nisso. — Ela abana a cabeça, e eu sorrio enquanto a ouço, porque tudo isto é tão típico da Rachael. Eu adoro a forma como ela fica empolgada com a menor das coisas, e ainda mais a forma como ela conta depois, à sua maneira, o acontecimento. — Então o meu pai entra no meu quarto, tipo, *O Tyler Bruce está ao telefone*, e eu pra comigo: *'Tás a brincar, só pode.* Então aceito a ligação, só para lhe poder dizer para me deixar em paz, mas depois ele começa a pedir-me para vir até Portland no fim de semana. Estivemos vinte minutos ao telefone. E eu pensei que toda esta ideia era querida, então aqui estou eu. Festa não é festa sem a nossa melhor amiga ao lado, verdade? — Ela bate o quadril contra o meu enquanto me pisca o olho, então mete na minha mão o copo vermelho que está a segurar. — Toma. Fica com ela. Vou fazer outra para mim.

Os meus olhos dirigem-se para o bacana parado ao lado dela, que não é outro senão o Stephen Rivera. Eu não o vejo desde o verão passado, em Nova Iorque, onde sei que ele passou o ano passado e terminou o seu último ano na faculdade. Está exatamente como eu me lembro dele, com os seus olhos azuis-pálidos que são quase cinza e o seu cabelo louro, curto, um sorriso enviesado e uma expressão eternamente brincalhona e travessa. No entanto, a sua pele está muito mais bronzeada do que eu me lembro. E traz uma enorme bandeira, como uma capa, amarrada com um nó em volta do pescoço.

— Stephen! Tu também estás aqui?

— Vai-te foder, chata dum raio, é verdade, estou aqui — diz o Snake. O seu sotaque de Boston mantém-se tão terrível como sempre. Com

uma lata de cerveja numa mão, lança o outro braço sobre os meus ombros, num abraço. Quando dá um passo para trás, toma um rápido gole de cerveja e acrescenta: — Estou aqui para celebrar o 4 de Julho a 18 de julho, como fazem as pessoas normais.

Por sobre o som da música, eu rio e gentilmente dou uma palmada no seu ombro. O Snake sempre foi um humorista, e eu estou de tão bom humor que parece que não consigo parar de sorrir. — Quando é que vocês chegaram?

— Esta manhã — responde a Rachael. Ela e o Snake trocam um olhar eloquente, então ela entrelaça o braço no dele e aproxima-se mais dele. — O Stephen veio de carro até Santa Monica e depois voámos juntos.

Curiosa, dirijo-lhes um olhar interrogativo. No verão passado, eles saíram juntos algumas vezes no curto tempo que a Rachael esteve em Nova Iorque, e eles pareciam realmente gostar um do outro. — Juntos?

— Sim — diz o Snake. — Mudei-me para Phoenix no mês passado, depois de me formar e encontrar um emprego. Isso significa... — ele faz uma pausa, sorrindo para a Rachael — que estou a apenas cinco horas de carro desta beleza. — Isto explica o seu bronzeado. Ele passa o braço em volta dos ombros da Rachael e emaranha-lhe o cabelo todo, provocando-a e deitando-lhe a língua de fora.

A Rachael nunca mencionou o Snake no ano passado. Nunca me disse que ele estava em Phoenix nem que eles estiveram em contacto, e quanto mais penso sobre isto, mais alguma coisa fica clara. — Todas as vezes que ias visitar os teus avós... — murmuro, inclinando a cabeça para ela com um brilho suspeito mas provocante nos olhos. — Tu estavas mesmo em Phoenix?

O rosto da Rachael imediatamente cora, envergonhada por ter mantido este segredo. O Snake é um tipo porreiro. Ele é divertidíssimo e eles são tão parecidos que eu acho que eles estão ótimos. Não há nada que ela tenha de me esconder.

— Sim — admite ela, cobrindo o rosto com as mãos, muito envergonhada para olhar para mim. — Eu não quis contar-te porque eu não queria ser a melhor amiga que fala sobre o namorado enquanto tu estavas tão infeliz por causa do Tyler. Eu sabia que isso só te faria sentir pior, e não digas que não fazia, porque tu ficavas a olhar para todos os

casais por quem passavas.

Ela tem razão, e por muito que eu me queira defender, a mim e ao humor de merda com que eu estava constantemente, eu não posso. Os meus olhos arregalam-se e um sorriso satisfeito espalha-se pelo meu rosto. — Namorado? — Lanço um olhar para o Snake. Ele parece orgulhoso e aperta a Rachael ainda mais contra ele.

— Mm-mm — confirma a Rachael, e o brilho que irradia dela enquanto sorri diz tudo: ela está feliz e ela merece ser feliz. — E tu e o Tyler, hein?! De onde raio veio isso?

— Eu acho que nós deixámos simplesmente de nos preocupar — digo eu, mas até a minha voz parece leve e suave, como a energia positiva que percorre as minhas veias está a penetrar em cada fibra do meu ser.

— Hum-hum — arrulha o Snake. Ele dá uma palmadinha na minha cabeça como ele fez há um ano quando o conheci. — Os meus colegas de apartamento estão a crescer. Além de que estava mesmo na porra da hora para isto acontecer. — Nós os três rimos, e acho que o choque e a raiva da Rachael por o Tyler e eu estarmos juntos diminuíram, porque, de momento, parece que ela aceitou.

— Vou buscar uma cerveja para ti — diz-me o Snake, e afasta-se depois de deixar um rápido beijo de despedida na testa da Rachael.

Assim que ele vai, olho para a Rachael, boquiaberta. — Eu não posso acreditar que vocês são namorados!

Agora ela dá rédea solta à sua excitação, saltando e pulando. — Eu sei!

— Estou tão feliz por ti — digo-lhe, porque, sinceramente, estou. No passado, houve vários gajos com tendência para brincar com ela e dar-lhe volta à cabeça. O Snake não é assim.

— Já conheces a Amelia? — pergunto-lhe então. A Rachael é a minha melhor amiga de Santa Monica, a Amelia é a minha melhor amiga de Portland e a Emily é a minha melhor amiga de Nova Iorque. A primeira vez que a Rachael conheceu a Emily, no verão passado, elas deram-se bem, por isso espero que ela também goste da Amelia. Ter os meus melhores amigos sem se darem bem definitivamente não faz parte da vida perfeita que estou a tentar construir para mim.

— Sim, a Emily apresentou-nos — diz a Rachael. Tira a bebida da minha mão e toma um longo gole antes de ma passar de novo. — Ela

protesta tanto quanto eu, só por isso eu já a adoro. Alguém devia arranjar-lhe um encontro com o tipo mais-do-que-bom do café. Aquele. — Ela levanta um dedo instável, e os meus olhos seguem na direção que ela está a apontar, direto para o Mikey.

É diferente vê-lo sem camisa preta e avental. Está com uma *T-shirt* sem mangas, os seus braços totalmente tatuados à mostra e os seus bíceps muito mais musculosos do que parecem à primeira vista. Ele está em pé, ao redor da fogueira, ao lado do Tyler e do Snake, rindo de qualquer coisa, enquanto abrem mais algumas cervejas.

— Tens razão. Ele é superporreiro também — digo, olhando de volta para a Rachael. — E a Amelia está a tentar combinar um encontro da Emily com o Gregg. O baixinho.

— Ele é fofo também — comenta a Rachael, assentindo em aprovação.

Eu sorrio para ela, feliz por ela e o Snake terem feito a viagem até aqui apenas para esta festa no quintal, porque com certeza não seria a mesma sem eles. Estou impressionada com o Tyler também. Foi atencioso da parte dele convidá-los, fazendo com que todas as pessoas mais importantes para mim estivessem aqui.

Com a Rachael ao meu lado, passamos para o círculo de espreguiçadeiras em redor da fogueira para nos juntarmos a todos os outros. O Snake entrega-me uma cerveja fresca, que eu agradeço, e envio um largo sorriso de gratidão ao Tyler por sobre o brilho do fogo, antes de me deixar cair numa espreguiçadeira ao lado da Emily. A Amelia está ao lado dela, depois o Gregg.

— Bem-vinda de volta ao 4 de Julho — diz a Emily. Inclina-se para a frente, batendo a sua cerveja contra a minha, e depois bebe o restante de uma vez.

Não sei quanto tempo estiveram todos à espera que o Tyler e eu voltássemos para casa, mas, a julgar pela quantidade de latas de cerveja vazias e copos de plástico escondidos num saco do lixo perto das árvores, parece que eles estão aqui já há algum tempo. Passo os olhos também pela Emily e pelo que ela traz vestido, ou seja, aquela saia preta que ela escolheu no início da semana. Parece que *esta* é a festa de que ela estava a falar.

— Tu não fazias mesmo nenhuma ideia sobre isto? — A Amelia

inclina-se, puxando as pernas nuas para cima da espreguiçadeira e cruzando-as. Ela tem uma bebida em cada mão. — O Tyler andou a preparar isto a semana toda. Contou-nos tudo na terça, então nós temos mantido segredo desde então, mas, a sério? Não desconfiavas de nada?

— Nenhuma ideia. Ele nunca mencionou o 4 de Julho até chegarmos aqui — reconheço, tomando um gole da minha cerveja. Eu nunca fui do tipo louca por festas, mas este tipo de festa é diferente. Pequena, só com as pessoas que realmente importam e nada mais do que boas vibrações no ar. Este tipo é o melhor.

A Amelia faz beicinho e diz com um pequeno soluço: — Ahh! O Tyler é tão doce por fazer isto por ti, Eden! — Eu acho que ela é capaz de já estar bêbada. Esta é outra coisa que ela tem em comum com a Rachael: além de protestarem o tempo todo, têm uma fraquíssima resistência à bebida.

Eu não consigo esconder o meu sorriso. Sinto-me cheia de sorte por ter o Tyler, alguém que se esforça tanto para me ver feliz.

— Emily — digo, olhando para ela —, quem é que está no centro?

— Ninguém — responde a Emily, rindo. — Estamos fechados esta noite devido a circunstâncias especiais.

O meu olhar desloca-se para o Gregg. Ele está a assistir à nossa conversa, com um pequeno sorriso nos lábios, e eu percebo que nunca falei com ele. Vi-o de relance ontem no cinema, mas não tenho a certeza se ele sabe sequer o meu nome. Olho para a Amelia e levanto as sobrancelhas sugestivamente, lançando um olhar intencional na direção do Gregg.

— Oh — diz ela, quando, por fim, atinge. — Eden, este é o Gregg. Gregg, esta é a Eden.

— Olá — cumprimento. A Amelia provavelmente insistiu para que ele esteja aqui esta noite para ter mais uma oportunidade de ver algum progresso no seu projeto de o juntar com a Emily. Neste momento, a Emily não parece ir muito contra a ideia, caso contrário ela não estaria nem perto dele.

— Como vai? — responde o Gregg, e a profundidade da sua voz surpreende-me. Não corresponde à sua aparência, e agora começo a perguntar-me se ele não será muito mais velho do que eu pensava. Ele é definitivamente giro e, se pusermos a sua ansiedade de lado, começo a

pensar que talvez a Emily seja pessoa para lhe dar uma oportunidade.

— Muito bem — ouço o Tyler dizer, e todos nós olhamos para ele.

Eu não sei quem controla a música, mas, quem quer que seja, baixou o volume. A Rachael e o Snake instalam-se numas espreguiçadeiras e o Mikey afunda-se na relva, puxando os joelhos até ao peito enquanto continua a bebericar a sua cerveja. O fogo continua a crepitar enquanto ilumina os nossos rostos com um brilho quente e laranja.

— A minha ideia era arranjar fogo de artifício — diz o Tyler —, mas eu não queria que a polícia aparecesse. Esses dias acabaram. Desculpa, Eden. — Ele ri para mim, em seguida, aclara a voz. A sua lata de cerveja pende-lhe da ponta dos dedos, ao nível da coxa. — Mas podemos festejar aqui o tempo todo que quisermos, desde que o volume do som baixe depois da meia-noite. Falei com todos os vizinhos e expliquei-lhes do que se trata, e embora eu esteja a ver a senhora Adams a observar-nos por detrás da sua janela, ela foi supercordata com isto tudo. Disse-lhes mesmo que eles podem até sair e juntar-se a nós, se quiserem. Eles prometeram não contar ao nosso senhorio. E uma última coisa — diz, olhando para mim mais uma vez, sorrindo enquanto segura a sua cerveja. — Feliz 4 de Julho para todos.

A Emily aplaude teatralmente, enquanto o Snake grita, e todos nós levantamos as nossas bebidas em uníssono, ao mesmo tempo dizemos «Feliz 4 de Julho!». Os vizinhos neste pequeno complexo podem ser compreensivos com o que estamos a fazer hoje à noite, mas isso não significa que eles não achem que somos idiotas chapados. Estamos a comemorar a independência da nossa nação com duas semanas de atraso, como se fosse perfeitamente normal. Adoro como tudo isto é tão espontâneo e único, criando momentos ainda mais especiais para eu apreciar e conservar.

— Na verdade — digo em voz alta, através da confusão de vozes, pondo-me de pé —, enquanto estão todos a ouvir, há algo que eu preciso de dizer.

O Tyler denuncia um olhar de preocupação, mas não demora muito para descobrir por si próprio o que estou prestes a dizer. Ele sabe exatamente o que é, e ele deve aprovar a minha decisão de contar a todos neste momento, porque me dá um único aceno de cabeça e um sorriso tranquilizador, enquanto leva a lata de cerveja aos lábios,

observando-me intensamente por sobre o rebordo.

Todos os outros, por seu lado, estão a olhar para mim com curiosidade e expectativa. Assim não os faço esperar e, chutando ansiosamente a relva com os meus *Converse* e mordendo o lábio, passo os olhos em redor do círculo e percebo que estas pessoas estão bem aqui... Estas são as pessoas que realmente importam para mim.

— Pedi transferência para a Portland State — anuncio, libertando a respiração que estava a suster. — Vou mudar-me para Portland.

Há uma fração de segundo de silêncio até que um grito ensurdecedor de excitação escapa dos lábios da Amelia. Ela deixa cair as duas bebidas e pula da cadeira, atirando-se para cima de mim e quase me derrubando. Agora eu posso dizer que ela é definitivamente tonta, porque quando ela põe os braços à minha volta, ela não consegue parar de gritar no meu ouvido, enquanto pula para cima e para baixo, quase deslocando o meu ombro. Vamos frequentar a mesma faculdade, como ela sempre quis que fizéssemos. A sua reação faz-me sorrir, até que abro os olhos e vejo, por cima do ombro, a expressão da Rachael, vacilando. O seu rosto é a imagem da deceção ao ver a Amelia e eu juntas, e não tenho a certeza de se ela está com ciúmes de nós ou se está com dificuldades em absorver as novidades que partilhei.

A Amelia finalmente solta-me e, e conforme o volume da música aumenta novamente, toda a gente começa a misturar-se, enquanto se ouvem comentários como «Isso é tão incrível!» e «Nem por sombras». A Rachael, no entanto, não diz nada. Está sentada, sozinha, parecendo desenquadrada do movimento de todos os outros. Os olhos fixam a relva, a mão aperta com força o copo. Eu atravesso a fogueira, passando pelo Snake e pelo Gregg, e sento-me na espreguiçadeira ao lado dela. Não sei o que dizer, mas felizmente não tenho de dizer nada, porque a Rachael olha com um olhar vazio e pergunta calmamente: — Vais mesmo embora?

— Sim — digo eu, encolhendo os ombros. Para a Amelia e para a Emily, a ideia de me mudar para Portland parece ótima, porque é onde elas estão. Para a Rachael, no entanto, significa que eu vou sair de Santa Monica. Eu já tenho estado a viver num estado completamente diferente, mas nós sabíamos que Chicago era apenas temporário, até eu me formar. Mudar para Portland é permanente.

— Mas tu ainda vais voltar a Santa Monica, de visita, não vais? — pergunta ela, quase em pânico. — Assim como fazes agora? Para o Dia de Ação de Graças e Natal? Para o verão?

— *Duh* — digo, tentando aliviar o clima. Dou pancadinhas no joelho dela com o meu e mostro-lhe um pequeno sorriso. — Além disso, parece que tu vais estar em Phoenix metade do tempo, de qualquer maneira. Nem vais sentir a minha falta.

— Verdade — diz ela, corando novamente, com os olhos presos no Snake. Pergunto-me se ela se aperceberá de que sorri sempre que olha para ele. Ele está a falar com o Tyler e estou muito feliz por saber que ele vive muito mais perto de todos nós agora. Talvez possamos vê-lo mais vezes. — E a propósito — murmura a Rachael, voltando a olhar para mim —, tu tinhas razão. Eu estava completamente errada acerca dele.

No começo, acho que está a falar sobre o Snake, mas ela indica, com a cabeça, o Tyler. Passei muito tempo a tentar convencê-la de que ele mudou, que a sua cabeça está muito melhor agora e que ele é muito mais feliz, mas acho que é uma daquelas coisas em que as pessoas realmente só podem acreditar se virem. — Está diferente, não está?

— Completamente — concorda a Rachael. Os seus olhos piscam para a bebida que tem na mão, então ela leva o copo aos lábios e bebe um gole. De repente, levanta-se bruscamente, na vertical, e atira a bebida para a relva, agarra no meu braço e quase me puxa da espreguiçadeira. Ela segura o meu antebraço na frente do seu rosto, só que ela segurou o braço esquerdo, que tem apenas aquela horrível pomba no pulso, então ela solta e agarra o direito. Observa *No te rindas* intensamente, revirando os olhos para a tatuagem e abanando a cabeça para mim, com um sorriso provocador. — Continua a ser estúpido — murmura baixinho, mas eu sei que ela está apenas a provocar. — Embora, quando se trata de namorar o Tyler... não é tão estúpido assim. Compreendo agora porque é que foi tão fácil para ele conquistar-te, porque ele também me conquistou, e eu sei que tu não precisas da aprovação de ninguém, mas tens definitivamente a minha.

Resta-me sorrir para ela, aliviada por finalmente ela ter visto o Tyler como ele realmente é.

Levada pela música que anima todo o pátio, ponho-me de pé e puxo-a

para cima comigo. Dançámos no primeiro 4 de Julho, então está certo dançar no segundo. A minha mão agarra a dela e eu faço-a girar na relva enquanto espalho o meu cabelo à volta, abanando teatralmente a cabeça em sincronia com a música. A Amelia corre para se juntar a nós, arrastando a Emily com ela, e enquanto a música parece aumentar de volume mais uma vez, nós as quatro dançamos juntas. Há algumas guitarras imaginárias, algumas cambalhotas. Um péssimo trabalho de pés, algumas quedas, mas durante o tempo todo não paramos de rir.

Quando paro para recuperar o fôlego, ainda sorrio enquanto observo as minhas melhores amigas, perfeitamente enroladas umas nas outras enquanto rodam juntas como se fossem amigas desde sempre. E eu percebo a sorte que tenho por finalmente ter três incríveis melhores amigas, o tipo de amigas que me aceitam como quem sou, por muito loucas que as minhas decisões na vida possam parecer, o tipo de amigas que estão dispostas a dançar como tontas comigo no pátio de um complexo de apartamentos em Portland enquanto celebramos o 4 de Julho a 18 de julho.

Ultimamente, tudo parece acontecer assim. Só finalmente, como se eu tivesse esperado toda a minha vida para que as coisas fossem assim. É a única palavra que me passa pela cabeça.

Finalmente, finalmente, finalmente.

Finalmente, tudo está a começar a parecer perfeito. Finalmente, estou verdadeiramente feliz.

Enquanto a noite passa e o céu muda de azul para preto, todos acabamos caídos em volta da fogueira, estendidos nas espreguiçadeiras e jogando Verdade ou Consequência. O Mikey subiu a uma árvore vestindo apenas os bóxeres. A Amelia confessou ter sido presa uma segunda vez, agora por nadar no Willamette no verão passado. A Rachael bebeu uma cerveja e mandou-a fora logo de seguida.

Passa pouco da meia-noite e, embora esteja escuro, as lanternas mantêm o pátio iluminado e o fogo mantém-nos aquecidos. Eu tenho a Emily à minha esquerda e o Tyler sentado na relva à minha direita. É a vez de o Snake fazer girar a lata de cerveja vazia que estamos a usar, e ela aponta para mim. Os seus olhos brilham de alegria quando ele se inclina para trás na espreguiçadeira, fingindo profunda ponderação e

esfregando o queixo.

Então ele senta-se de novo e sorri maliciosamente para mim. Alto e bom som, sem me oferecer escolha entre uma verdade ou uma consequência, ele diz: — Desafio-te a beijar o teu meio-irmão.

Todos sabem que ele está apenas a ser provocador, como sempre, e todos decidem participar. O Gregg está a dizer: — Uaaauu, irmão, isso está a passar do fim da linha —, e a Amelia está a ofegar, fingindo-se escandalizada.

— É verdade, Stephen — diz a Rachael, estalando a língua em reprovação simulada. — Muito mais longe.

Olho para o Tyler, que abana a cabeça e tenta conter o riso. Pela primeira vez, acho que ele está realmente a corar, e quando ele olha para cima e os seus olhos encontram os meus, decido entrar também na brincadeira. Franzindo-me toda numa expressão de repulsa e falando numa voz tão esganiçada quanto possível, eu digo simplesmente: — *Beahhh.* Isto é *tão* asqueroso.

E depois salto rapidamente da espreguiçadeira, diretamente para o abraço do Tyler, atirando o meu corpo contra o dele. Num piscar de olhos, os meus lábios encontram os dele, e estou a beijá-lo na relva, sentada no seu colo, com a mão dele na parte inferior das minhas costas, a apertar-me contra ele. Sorrio, com os meus lábios colados aos seus e os olhos bem fechados, enquanto seguro o seu rosto com ambas as mãos. O beijo é enérgico e rápido, alimentado pela emoção de o beijar com uma plateia a aplaudir.

Quando ouço a Rachael começar aos «vivas!», não consigo aguentar mais tempo o riso, então atiro a cabeça para trás e solto uma gargalhada para o ar. As minhas bochechas estão vermelhas.

— Isso é tudo o que tens? — desafia o Tyler. Quando inclino o rosto de volta para o dele, ele tem um olhar travesso no rosto e os seus olhos desafiam-me a beijá-lo novamente.

Aproximo os lábios do seu ouvido para que ninguém, além dele, me consiga ouvir e, num sussurro silencioso, murmuro: — Isto é tudo o que tenho até irmos lá para dentro.

Determinada, deposito um beijo rápido no contorno do seu queixo e saio de cima dele. A sua expressão é impagável, e ao olhar para mim, a sedução evidente nas minhas feições, ele engole em seco.

O riso vai-se apagando no ar, a Emily boceja e o Mikey olha para o relógio. Meia-noite e meia e, embora ainda seja tecnicamente cedo quando se trata de festas, estamos todos exaustos. Foi uma noite fantástica com uma companhia fantástica. Foi o nosso próprio 4 de Julho pessoal. Foi especial. Parece-me que este é um momento tão bom como qualquer outro para recolher, e todos parecem pensar o mesmo, porque se levantam e esticam as pernas.

Sendo nós apenas oito, todos sentem que é da responsabilidade de todos ajudar na limpeza. Fechamos as espreguiçadeiras e empilhamo-las, puxamos para baixo as bandeiras das árvores e recolhemos as da relva. Metemos todas as latas e os copos vazios em sacos do lixo, desligamos todas as lanternas e, por fim, apagamos o fogo até restar apenas um pequeno lampejo de uma chama.

O Mikey é o primeiro a sair. A sua irmã mais nova aparece para lhe dar boleia, e ele promete que, na próxima vez que eu passar pela loja para tomar café, é oferta da casa. A Amelia e o Gregg chamam um táxi e a Emily acaba por se juntar a eles. Eu acho que talvez o Gregg esteja a começar a dizer-lhe alguma coisa. A Rachael e o Snake ficam para o fim, a aguardar a chegada do táxi que os vai levar de volta ao hotel no centro da cidade.

— Só cá ficam esta noite? — pergunto à Rachael. Estamos encostados à cerca, observando a rua enquanto esperamos avistar os faróis de um táxi.

— Sim — diz ela, encolhendo os ombros. — Temos voo de regresso amanhã. O Stephen tem de voltar ao trabalho na segunda-feira, por isso não dá para ficarmos por aí para explorar esta cidade velha e coxa. Palavras tuas, não minhas.

Suavemente, bato-lhe com o cotovelo nas costelas. — Não é assim tão coxa — digo, embora ela tenha razão. Eu já pensei assim em relação a Portland. Mas agora não. — A propósito, nós vamos a casa no domingo para falar com os nossos pais, por isso passo lá pela tua casa antes da viagem de regresso.

— Ah — diz ela, fazendo uma careta —, os vossos pais. Eles não sabem ainda?

— Não, a menos que o Jamie lhes tenha dito.

— Bem, boa sorte.

Assim que as palavras acabam de sair dos seus lábios, o táxi estaciona do lado de fora do complexo de apartamentos. Damos um abraço de despedida e o Tyler aproxima-se, com o Snake. Adorei ter a Rachael e o Snake aqui esta noite, assim abraço-o a ele também, e pouco antes de os dois entrarem para o táxi, prometemos encontrarmo-nos novamente em breve. Talvez os quatro.

As portas fecham-se e o táxi acelera na estrada, deixando o Tyler e eu sozinhos pela primeira vez em horas. O pátio está agora em silêncio e escuro, e parece estranho depois de ter estado tão cheio de vida há apenas vinte minutos. O ar é muito mais frio também e estou a sentir um ligeiro arrepio, então cruzo os braços com força contra o peito e abraço o meu corpo enquanto me dirijo para os restos do fogo. Não há nada além de um brilho de cinzas quando a chama se apaga.

Sinto o Tyler atravessar a relva atrás de mim, e fico parada na fogueira, a absorver o seu calor moribundo. O Tyler permanece no lado oposto, olhando para mim através da escuridão da noite. É quase uma da manhã.

— Obrigada — digo, numa voz tranquila. Os meus olhos nunca deixam os dele, que brilham de volta para mim, vívidos e radiantes. — Apenas... Obrigada por isto, Tyler. Significa, sinceramente, muito.

O Tyler faz-me um aceno solene e depois chuta as cinzas de fumaça. Ele parece tão perfeito agora, com as mãos nos bolsos e as feições suaves, os lábios formando um pequeno sorriso e o seu olhar cheio de amor. — Para ti, tudo — murmura ele.

O brilho das cinzas desaparece então, escurecendo quando o Tyler prende os meus lábios nos dele, com a perfeição de sempre.

24

Partimos para Santa Monica no final da noite de sábado, conduzimos a noite toda e revezamo-nos na condução, trocando a cada duas horas para deixar cada um de nós dormir um pouco durante o caminho. Às oito horas da manhã seguinte, o Tyler assume o resto da viagem e eu caio num sono profundo, enroscada no banco do passageiro, com o rádio baixo, a mão do Tyler na minha coxa e um sorriso nos lábios.

Só volto a acordar perto do meio-dia. Devo ter um sexto sentido, porque os meus olhos estão a abrir-se no momento em que o Tyler está na saída da 405 e a entrar na cidade a que não vamos mais chamar lar. O brilho repentino do sol através do para-brisas deixa-me encandeada, ergo-me um pouco e puxo a pala do sol para baixo.

— Ah — diz o Tyler quando percebe que estou acordada, e olha rapidamente para mim pelo canto do olho enquanto tenta manter a atenção na estrada. — Bom dia. Já cá estamos.

Passo a mão pelo cabelo e desvio o olhar para a direita, observando a cidade através da janela do carro. Adoro Santa Monica. É uma ótima cidade, mas por razões radicalmente diferentes das razões pelas quais adoro Portland. Eu adoro o cais e a praia, os arrabaldes compostos por um aglomerado suburbano de cidades e bairros incríveis para explorar, o *glamour* de Hollywood e as celebridades ocasionais que passam por nós sem que reparemos nelas. Fiz aqui o secundário. Aqui conheci o Tyler. A minha família está aqui. Eu vou ter sempre laços com esta cidade, mas Portland sempre foi a minha casa.

Olho para o Tyler, que está a travar ao aproximar-se de um sinal de Stop. — Podemos ir à minha mãe primeiro? — pergunto. Nós não temos exatamente um plano a seguir, confiando mais na intuição e no improviso. — Preciso de estar totalmente acordada antes de tentar enfrentar o meu pai.

O Tyler concorda, vira à direita bruscamente e acelera um pouco mais do que o necessário. Ele parece estar mesmo no limite, mais do que eu, e sei exatamente porquê. Ele tem pavor de contar a Ella acerca do pai, da mesma forma que tinha pavor de me contar a mim. Penso que a

preocupação dele é que ela fique furiosa por ele ter voltado a entrar em contacto com o pai, e, honestamente, também não estou muito certa de como é que ela vai receber a notícia. Chocada, sim. Satisfeita, não. Não creio que ela já tenha perdoado ao Peter por tudo o que ele fez, e duvido que se sinta confortável ao saber que ele está perto do Tyler novamente. Mas o Tyler sabe o que está a fazer, e a Ella sempre foi tão compreensiva e sensata que acredito que ela vai confiar nele do mesmo modo que eu.

Eu, por outro lado, tenho que enfrentar os meus pais hoje. A minha mãe primeiro, depois o meu pai. Mas é do meu pai que eu tenho medo. Não estou nervosa, porque estou pronta para o confronto agora depois de tanto tempo de espera. Passei os últimos dois dias a preparar exatamente o que lhe vou dizer. Tenho as palavras gravadas na cabeça, prontas para usar assim que tiver oportunidade. Não quero ser agressiva com ele. Só quero ser honesta, porque não há nada mais significativo e direto do que a sinceridade, e tenho esperança de que o meu pai apreciará mais isso do que se eu lhe aparecesse à frente aos gritos.

Quando nos aproximamos da casa da minha mãe, inevitavelmente temos de passar pela do Dean. Sempre que fiz este percurso durante o ano passado, experimentei uma sensação terrivelmente doentia no estômago, acompanhada de uma estranha secura na garganta. Normalmente, não suporto nem olhar para a casa, mas hoje olho. O Tyler suspira profundamente, mas tão suavemente que é quase inaudível. Gostaria de saber se algum dia nos perdoaremos pelo erro que cometemos em relação ao Dean e se ele nos perdoará. O Tyler e eu cometemos muitos erros no passado, mas estamos a aprender com eles.

Alguns minutos depois, já vejo a casa da minha mãe, logo à frente. Fico aliviada ao encontrar o carro dela e o camião do Jack estacionados na entrada da garagem.

— É o carro da minha mãe? — pergunta o Tyler de repente, olhando através do para-brisas. Eu sigo a direção dos seus olhos até que o meu olhar pousa no *Range Rover* branco estacionado em frente da casa da minha mãe.

— Parece que sim — respondo. As minhas sobrancelhas unem-se, perplexas, enquanto procuro compreender porque é que a Ella poderia

estar estacionada ali. — O que é que ela está a fazer aqui?

Nenhum de nós esperava encontrar a Ella aqui e, francamente, não encontro explicação. Ela e a minha mãe dão-se bem, mas não são boas amigas nem nada. Param e conversam por alguns minutos se passam uma pela outra na rua, e ficaram um pouco bêbadas juntas na minha festa de formatura, mas fora isso não socializam, e muito menos aparecem em casa uma da outra para visitas casuais. Embora a minha mãe até goste da Ella, sempre haverá um toque de ciúme.

— Não faço ideia — diz o Tyler, encolhendo os ombros. Lê-se a confusão no seu rosto também quando estaciona atrás do carro da Ella e desliga o motor. Ele já vem a conduzir há algumas horas e solta um suspiro, aliviado por finalmente ter parado. Depois de esfregar os olhos avermelhados, sai do carro.

Eu saio atrás dele, sentindo o corpo rígido e entorpecido por ter dormido numa posição tão desconfortável. Trocamos um último olhar de preocupação antes de subirmos o pequeno carreiro até à porta da frente da minha mãe. A mão do Tyler encontra a minha como sempre acontece, entrelaçando os dedos com tranquilidade e cumplicidade.

A *Gucci* deve ter ouvido os nossos passos quando nos aproximamos, porque começa a ladrar antes mesmo de eu tocar na maçaneta da porta. Ela está do outro lado, com as patas a arranharem a madeira. Eu sei que ela nos vai cair em cima assim que eu abrir a porta, então eu bato e espero pacientemente.

E agora que estou aqui, à porta, os nervos começam a atacar. Não tenho a certeza de como a minha mãe vai reagir à minha mudança para Portland e à transferência de escola. Talvez ela ache que estou a ser totalmente ridícula ou talvez ela considere isso uma coisa boa. Não faço ideia. A única maneira de descobrir é contar-lhe.

A porta abre-se alguns centímetros e o Jack espreita pela frincha, segurando a *Gucci* pela coleira. Quando ela me vê, tenta dar um esticão, quase mandando o Jack ao chão.

— Oh! — exclama o Jack, surpreendido. Segundo o que ele e a minha mãe sabiam, eu estava em Portland. — És tu. Entra! Isto é que é um *timing* certo. — Ele abre a porta completamente e arrasta a *Gucci* para longe, permitindo que Tyler e eu entremos.

A cauda da *Gucci* abana tão rapidamente que eu acho que ela se

pode magoar, e ela quer tão desesperadamente vir ter comigo que começa a choramingar. Então eu vou até ela e esfrego-lhe as orelhas, no meio de muitas festas, depois baixo-me para lhe dar um beijo na ponta do nariz.

— Eden! — É a voz da minha mãe e o seu tom é alegre, obviamente feliz por me ver. Dou uma volta para a ver a correr pela sala em direção a mim, com um enorme sorriso no rosto, como se a nossa zanga de antes de eu partir não tivesse acontecido. Com a minha mãe, o perdão nunca se discute.

Atira os braços à minha volta e abraça-me muito, em seguida, recua para me examinar de alto a baixo. — Como foi Portland? — pergunta, provocadora. — Não te esperava de volta tão cedo. Pensei que ficarias por lá pelo menos duas semanas. Meti roupas suficientes nas malas? Acho que mandei o roupeiro inteiro.

Eu rio, agradecida por não haver tensão entre nós, mas o meu riso diminui quando vejo a Ella levantar-se do sofá. Ela arregala os olhos de surpresa, porque nem o Tyler nem eu lhe tínhamos dito que voltávamos hoje para casa. Tal como a minha mãe, acho que ela pensava que ficaríamos em Portland mais de uma semana, mas o que elas não sabem é que regressamos ainda esta noite.

— O que é que vocês estão aqui a fazer? — pergunta a Ella, piscando rapidamente os olhos enquanto se dirige para o Tyler, abraçando-o brevemente. Ela parece mais preocupada do que qualquer outra coisa.

— O que é que estás a fazer aqui? — pergunta o Tyler, com uma expressão interrogativa. O seu olhar salta entre a Ella e a minha mãe. — O que é que está a acontecer?

— Estávamos a conversar — diz a Ella rapidamente. Por um momento, parece inquieta, mas depois, lentamente, um sorriso espalha-se pelo seu rosto enquanto ela troca um olhar de cumplicidade com a minha mãe. — E agora estou apenas a dar os meus parabéns — acrescenta ela.

— Parabéns? — repito, lançando um olhar para a minha mãe.

— Oh, Eden — diz ela, tentando disfarçar o sorriso —, a culpa é minha porque eu não queria dizer-te pelo telemóvel. Eu queria esperar até tu vires a casa para poder contar-te pessoalmente.

— Dizer-me o quê, mãe? — digo muito devagar, com muita firmeza.

Estou a conter a respiração.

Ela olha para o Jack, a sorrir, e ele sorri para ela, da porta, enquanto continua a segurar a *Gucci*. Quando a minha mãe olha para mim, dá um salto para a frente e estende a mão esquerda para mim. Há um anel deslumbrante no dedo dela, brilhando quando a luz bate nele.

A minha boca abre-se, o meu queixo descai de espanto. Seguro a mão dela e aproximo-a dos meus olhos para admirar o anel de prata e diamante, depois olho para o Jack, em choque. Ele está a sorrir, um sorriso tão rasgado como o da minha mãe, e faz-me um aceno de cabeça como se dissesse: *Sim, finalmente consegui.*

Tapo a boca com ambas as mãos, assimilando a notícia de que a minha mãe está *noiva* e depois grito. Só assim, solto um grito de pura excitação e arrasto-a num abraço, ao mesmo tempo que as lágrimas escorrem pelas minhas bochechas e vão cair na sua camisa. A *Gucci* até uiva, em sincronia com os meus gritos. Penso que a minha mãe também está a chorar, mas eu não consigo parar de a apertar, cada vez mais emocionada e feliz por ela. Sei bem quanto tempo ela esperou por este momento e como ela o desejava. O Jack trata-a bem, muito melhor do que o meu pai, e eles amam-se imensamente. Já era tempo de o Jack finalmente fazer a pergunta de todas as perguntas.

Creio que a Ella estará também prestes a ceder ao ambiente de excitação que irradia através da sala. Abana os olhos com as mãos, como se estivesse a tentar resistir a deixar-se levar pela emoção, e sorri o tempo todo para nós.

Eu corro da minha mãe para o Jack, atirando-me também ao pescoço dele. Agora eu tenho uma madrasta *e* um padrasto. Talvez ter dois pais seja ganância a mais, mas eu adoro. Adoro a Ella e o Jack, e não poderia ter pedido a duas pessoas melhores para se tornarem parte da minha família.

Com toda a agitação que por aqui vai, a *Gucci* não para de latir, e agora que o Jack a soltou, corre feita louca pela sala de estar. O Tyler deu um breve abraço à minha mãe e apertou a mão ao Jack, felicitando os dois.

— Quando?! — pergunto à minha mãe, enxugando as lágrimas e mantendo o sorriso que teima em não esmorecer.

— Sexta-feira!

Agarro-me de novo a ela para mais um abraço. Isto não era efetivamente o que eu esperava encontar ao voltar a casa, e estou tão animada e distraída que me esqueci do motivo que aqui nos trouxe, ao Tyler e a mim. Foi preciso a minha mãe dizer: — Basta de falar de mim. Eu acho que a Ella e eu estamos desesperadas para saber sobre *vocês* os dois. — Enxuga os olhos com as costas da mão e, em seguida, semicerra os olhos, curiosa e concentrada no Tyler e em mim.

O Tyler levanta os olhos da ocupação gratificante de fazer festas no pelo da *Gucci*. Ele tenta reprimir o seu sorriso tímido, mas falha miseravelmente, traído pela cor das faces, perante os olhares ansiosos da minha mãe e da Ella. — Hum — começa ele. Ansiosamente, coça a nuca e eu tento não me rir enquanto espero que ele diga simplesmente o que há para dizer. Eu não sei porque é que ele está nervoso, porque as duas mães já deixaram claro que nos aceitam e nos apoiam. E, além disso, fizemos tudo isso antes, de qualquer maneira. — Então, a Eden e eu estamos tipo... — Faz uma pausa e engole em seco. Eu acho que é pela pressão de ter todos nós a olhar para ele, esperando impacientemente que essas palavras escapem dos seus lábios. Respirando fundo, ele anuncia: — A Eden e eu estamos juntos.

— Eu sabia — diz a Ella, e o seu sorriso ansioso torna-se num enorme e rasgado sorriso.

Os olhos da minha mãe nunca deixam os meus, e só podemos sorrir uma para a outra, porque, pela primeira vez em muito tempo, percebemos que estamos ambas felizes. Parece haver orgulho na sua expressão, como se ela soubesse o quanto foi difícil dar uma segunda oportunidade ao Tyler, mas ainda assim consegui. Orgulho de não seguir os seus passos e desistir completamente quando as coisas ficaram difíceis. Orgulho por ter tido tempo para ouvir o Tyler. Orgulho porque agora estamos finalmente juntos, sem deixar que o medo da opinião de todos nos detenha.

— Parece que os nossos filhos namoram um com o outro — diz a minha mãe à Ella, e as duas riem alto com a alegria e a emoção que pairam na atmosfera.

Eu olho para o Tyler e ele já está a olhar para mim, parecendo aliviado. No entanto, como as nossas mães continuam a fazer piadas, ele levanta uma sobrancelha e, indicando a minha mãe, diz «Portland».

Fico feliz que ele me lembre, porque me distraí totalmente. Esta é realmente a principal razão pela qual estamos aqui: para dizer à minha mãe que vou para Portland de vez e que vou continuar a escola lá.

Aceno ao Tyler em retorno, engulo e aclaro a garganta. — Mãe, há outra coisa.

A minha mãe e a Ella param de rir, voltando-se para olhar para mim. Desta vez, a expressão da minha mãe é de preocupação. — Sim. O quê? — pergunta ela, sentando-se no sofá. O Jack imediatamente se junta a ela, colocando-lhe um braço em volta dos ombros. Até a Ella parece preocupada quando o Tyler a empurra para o sofá oposto e se senta ao lado dela, e eu sento-me no tapete no centro do chão. Cruzo as pernas e a *Gucci* vem pedir-me mimos. Esfregar as suas orelhas macias ajuda a manter-me calma.

— Tomei uma decisão muito importante — começo eu, olhando para os olhos grandes, redondos e brilhantes da *Gucci*, porque eu não consigo olhar para a minha mãe. Estou mesmo nervosa. — Pensei maduramente em tudo e é o que quero, por isso, não se trata de pedir autorização, mas apenas informar acerca do que estou já a fazer. — Levanto os olhos e olho imediatamente para a minha mãe e digo: — Vou transferir a minha matrícula para a Portland State. Vou viver para Portland. — Simples e direto.

A minha mãe senta-se para a frente, pestanejando para mim. — Vais deixar Chicago?

— Sim — digo. — E vou viver com o Tyler.

Vejo a Ella olhar para ele, e ele dá um pequeno sorriso em troca. A minha mãe, por outro lado, tem os olhos arregalados. Olha para o Jack como se estivesse à procura de algum tipo de apoio dele, mas eu não acho que ele tenha uma opinião sobre o assunto, porque ele apenas encolhe os ombros.

— Isto não é tudo um pouco rápido, Eden? — pergunta ela quando olha para mim. Os seus lábios estão demasiado sérios, e eu posso vê-la a mudar de posição no sofá, com desconforto, enquanto pensa sobre a decisão que tomei. Eu sei que estou a dar um grande passo, por isso ela tem todo o direito de se preocupar com a possibilidade de eu poder estar a cometer um erro, mas sei no meu coração que não estou a cometer um erro.

— Eu sou adulta — recordo-lhe. — Sei o que estou a fazer e sei o que quero. Podes confiar em mim nisso?

— Sim — diz a minha mãe. — Acho que posso. — Levanta-se, pega nas minhas mãos e ajuda-me a levantar para mais um abraço. Mas este é diferente. É extremamente apertado e significativo, transmitindo o seu apoio, que eu aprecio seriamente. Não posso pedir mais dela. — Se é realmente o que tu queres — murmura ela contra o meu cabelo —, então força, Eden.

Eu aceno com a cabeça e afasto-me dela com um sorriso nos lábios, cheio de gratidão e alívio. Posso dizer que ela não acredita que a minha decisão seja a mais inteligente, mas ela apoia e isso é suficiente.

— Na realidade, voltamos para Portland hoje — anuncio eu, enquanto dou um passo para trás, tomando cuidado para não tropeçar na *Gucci*, que se enrosca nas minhas pernas.

— Hoje? — repete a minha mãe.

— Sim. Vamos apanhar o caminho da costa no regresso. Estamos a fazer uma viagem, parando em cada cidade ao longo do trajeto — explica o Tyler, levantando-se para voltar ao seu lugar permanente ao meu lado. — Estamos aqui apenas para fazer tudo certo.

Aproximo-me dele e ligo o meu braço ao dele. Posso ter planeado no começo vir sozinha, mas estou feliz por ele estar aqui. Tê-lo por perto apenas me encoraja a fazer as mudanças que eu preciso desesperadamente de fazer. — Vou falar com o meu pai — digo, olhando entre a minha mãe e a Ella.

Depois de alguns longos momentos, a Ella levanta-se e engole com esforço. — Nós estávamos na verdade apenas... Apenas a falar sobre tu e ele — admite ela, e eu franzo as sobrancelhas, esperando que explique mais, mas ela só solta um suspiro frustrado. — Ele tem sido insuportável esta semana, Eden, desde que descobriu que vocês os dois partiram para Portland. Eu já não sei o que fazer. Fico feliz por te ires embora, porque eu não quero que tu ouças as coisas que ele anda a dizer. — Ela parece quase culpada quando diz isto, como se estivesse a ferir os meus sentimentos. Não está, porque não é nada de novo. É por isso que eu sei que há algo de muito errado: nenhum pai deve exprimir desprezo pela sua filha. — Tens a certeza de que queres falar com ele? — pergunta a Ella gentilmente. — Porque eu realmente não acho que

ele vá ser muito simpático.

— Eu vou falar com ele — afirmo, determinada, premindo os lábios numa linha ousada. Por muitas imbecilidades que o meu pai tenha dito na semana passada, eu vou em frente com isto. Vou falar com ele.

A Ella e a minha mãe parecem incrivelmente preocupadas. Talvez elas pensem que é uma má ideia eu falar com o meu pai, quando ele já está tão furioso comigo, mas eu não posso dar-me ao luxo de esperar até que ele remotamente se acalme, porque isso poderia significar esperar muito tempo.

— Queres que eu vá contigo? — oferece-se a minha mãe, hesitante. Eu sei que ela não quer enfrentar o meu pai, mas ela oferece-se, no entanto, porque ela é minha mãe, e é isso que as mães fazem.

— Não — digo eu, com a voz bem clara. Estou a sentir a coragem a formar-se no meu peito enquanto a adrenalina começa a fluir, e agora eu só quero falar com ele. — Quero fazer isto sozinha. Ele está em casa?

— Sim — diz a Ella, embora com relutância.

— Ótimo, então vamos. — Com um sorriso corajoso estampado no rosto, libertei-me do braço do Tyler e dirigi-me para a porta da rua, perfeitamente consciente de que os olhos de todos eles estavam presos em mim. Acho que até o Tyler fica espantado por ver como estou decidida a avançar já.

— Deixa-me chegar lá primeiro — diz a Ella rapidamente. Está já a procurar dentro da mala as chaves do seu *Range Rover*. Quando ela as encontra, vem a correr para mim. Eu acho que nunca a vi tão angustiada, e ela parece ter envelhecido uma década no espaço de um minuto. — Deixem-me avisá-lo de que vocês os dois estão a caminho.

Eu acho que, se simplesmente entrasse espontaneamente pela porta da frente, o meu pai provavelmente explodiria pelo rebentamento de cada vaso sanguíneo da sua cabeça, portanto, avisá-lo de que o Tyler e eu estamos a chegar não me parece má ideia. Talvez isso lhe dê tempo para soltar a raiva antes de chegarmos lá. — Tudo bem — concordo.

A Ella dirige-me um sorriso débil e sai pela porta, gritando: — Parabéns mais uma vez, Karen — por cima do ombro. Então ela lança-se numa corrida enquanto atravessa a rua, entra para o carro e o motor ronrona para a vida em segundos.

— Ele é realmente assim tão mau hoje em dia? — pergunta o Tyler,

virando-se para mim depois de a Ella sair de vista. Ele parece preocupado agora também, principalmente porque nenhum de nós viu alguma vez a minha mãe dele em tal estado.

— Deve ser — respondo. Na semana passada, ele era tão idiota que eu não achei que fosse possível piorar, mas aparentemente é. Não faço ideia do que posso esperar quando aparecer naquela casa.

— Eu não acho que ele alguma vez vá mudar — observa amargamente a minha mãe. Ela não consegue evitar. Qualquer oportunidade que ela tenha para manifestar o seu ódio pelo meu pai, ela vai aproveitar. — Eden, tu és um ser humano corajoso.

Faço uma careta e encolho os ombros, mas quando baixo os olhos para o chão, os *Converse* nos meus pés captam a minha atenção mais do que o habitual, mas não consigo descobrir exatamente o que é, então olho para os meus sapatos em silêncio até que finalmente cai a ficha. Há uma última coisa que preciso de fazer aqui antes de me despedir da minha mãe, do Jack e da *Gucci*, antes de irmos para a casa do meu pai e da Ella, antes de voltarmos para Portland. Há uma coisa que não posso deixar para trás.

— Dá-me um segundo — peço.

Deixando o Tyler com a minha mãe e o Jack, eu corro pelo corredor em direção ao meu quarto. Está muito mais arrumado do que quando saí, pelo que acho que a minha mãe limpou tudo depois de mim, e quando abro a porta do meu armário encontro-o completamente vazio, nada além de uma fileira de cabides vazios. Parece que a minha mãe realmente empacotou todo o meu armário naquela mala.

No final do verão, voltarei a casa para fazer a mudança oficialmente para Portland, e então vou empacotar o que resta dos meus pertences em caixas de papelão, que depois vou empilhar no meu carro, pronto para a longa viagem. Portanto, agora, não estou a pensar em levar o resto das minhas coisas. Eu só estou a pensar numa coisa e uma coisa só: a velha caixa de sapatos enfiada no canto da prateleira no topo do meu armário.

Levantando-me na ponta dos pés, enfio a mão na prateleira, procurando na pilha de lixo que se acumulou ali ao longo dos anos, até que finalmente a minha mão bate na caixa. Habilmente, eu consigo apanhá-la e deitá-la abaixo. Há uma camada fina de poeira a cobrir a tampa, que

eu sopro antes de abrir.

Dentro estão os meus *Converse*, o par que o Tyler me deu no verão passado em Nova Iorque. Os que têm o original *No te rindas* rabiscado ao longo da borracha na caligrafia do Tyler, com a tinta ainda perfeitamente clara e legível.

Sentada na esquina da minha cama, descalço os *Chucks* vermelhos que tenho calçados e troco-os pelo par branco, o par do Tyler. Eles vão voltar comigo para casa em Portland e eu nunca vou parar de usá-los. Meto o meu par vermelho na caixa, enfio de volta na prateleira e fecho as portas do meu armário.

Uma vez jurei a mim mesma que nunca mais os usaria, mas ainda os guardei, porque no fundo sabia que ainda tinha alguma esperança. E tinha razão em ter esperança, e tinha razão em dar outra oportunidade ao Tyler, e tinha razão em seguir o meu coração, porque às vezes, mas só às vezes, correr riscos acaba por valer a pena.

25

O meu pai já está à nossa espera quando chegamos a casa. Está de pé, na porta da frente, braços cruzados, peito inchado. A sua postura é ameaçadora quando olha para nós, e acho que ele deve estar a tentar funcionar como uma barricada. Com os olhos semicerrados, o seu olhar segue o carro do Tyler. É óbvio que ele não quer ter esta discussão dentro de casa.

O Tyler estaciona atrás do carro do Jamie, na rua. Pela janela, ele devolve o olhar para o pai, antes de engolir em seco e tirar o cinto de segurança, virando o corpo para ficar de frente para mim. Pressiona a mão contra o meu encosto de cabeça, depois franze a testa. — E o plano é...?

— Tu dizes à tua mãe a verdade sobre o teu pai, enquanto eu luto com o touro furioso por aí — digo eu, apontando com um gesto da cabeça por cima do ombro. O meu pai ainda está a observar-nos, *esperando*. Talvez ele acredite que, se conseguir ter um ar suficientemente ameaçador, nos consegue assustar. Talvez ele ache que o seu olhar patético é suficiente para nos fazer desistir e partir.

— Fazes soar muito mais fácil do que realmente é — murmura o Tyler. Os nervos estão a traí-lo e isso é evidente nas suas feições. Ele parece que pode a qualquer momento vomitar.

— Diz a ela exatamente o que me disseste a mim — aconselho-o, pegando-lhe na mão, fechando os meus dedos tranquilizadoramente ao redor dos dele e sorrindo gentilmente. Eu acho que ele tem pela frente uma tarefa bem mais pesada do que eu. Enfrentar o meu pai vai ser tenso e desconfortável, mas o Tyler a contar a Ella a verdade sobre a terapia e o pai vai ser esmagador e emocional, e eu sei como é difícil para o Tyler abrir-se sobre essas coisas. — Ela é tua mãe, Tyler. Ela vai compreender. Ela compreende sempre.

— Eu sei — diz ele, suspirando. Respira fundo e olha para as nossas mãos. Levantando-as, ele encosta o maxilar contra as costas da minha mão, e eu sinto a sua respiração quente contra a minha pele. — Tens a certeza de que te aguentas com o teu pai? Ele parece tão furioso. Eu

posso ir contigo falar com ele.

Eu cerro os dentes e tranquilizo o Tyler com um olhar que diz que eu não preciso da ajuda dele. — Porque é que nenhum de vocês acredita que eu posso lidar com ele sozinha? — pergunto, mas minha voz é suave. Não estou aborrecida com ele por se oferecer, mas estou desapontada por ele e a minha mãe sentirem que eu não sou suficientemente forte para me defender contra o meu pai. — Eu sou a única que precisa de falar com ele, e sozinha, porque é o nosso relacionamento que está em crise. Ninguém mais pode resolver isso por nós.

O Tyler deixa cair as nossas mãos para poder concentrar-se na minha expressão, como se procurasse sinais de fraqueza. Mas eu não estou a mentir para mim mesma: eu *sei* que posso lidar com isto. Eu *quero* lidar com isto.

Nesse momento, ouve-se um bater estrondoso contra a janela do passageiro, que nos assusta. Eu tiro a minha mão para longe do Tyler e volto-me para a janela. Em resposta, o meu pai bate com mais força com os nós dos dedos contra o vidro, de tal forma que me surpreende que não se parta.

— Se tens tanta pressa para vir falar comigo, sai do maldito carro! — ordena, curvando-se para nos encarar. Visto de perto, há um fogo nos seus olhos que é desencadeado pelo ódio e alimentado pelo desprezo.

— Que idiota — ouço o Tyler murmurar. Atualmente ele nunca diria isto na cara do meu pai, mas isso não significa que não possa pensar. E ele tem razão, porque o meu pai é um idiota. Um idiota que está a bater implacavelmente numa janela do carro do Tyler, como se fosse uma criança. É triste mesmo. Ele deveria ser o pai, mas é o mais infantil. Lentamente, o Tyler abre a porta do carro e sai para o passeio.

Eu faço o mesmo, balançando a porta e quase batendo com ela no meu pai. — Porra, Eden! — rosna ele.

É um acidente, porque ele é que estava no meio do caminho, mas, mesmo assim, é implacável em acusar-me de ter feito de propósito.

— Estás a ver se consegues partir-me o fémur? — sussurra ele para mim. Eu já tenho dificuldade em lembrar-me de como é a sua voz normal, porque o tom áspero é o único que lhe ouço já há muito tempo.

— Não — digo, fixando-o com um olhar duro enquanto fecho a porta e

me movo para me juntar ao Tyler. — Estou a tentar comportar-me com civismo contigo. Serás capaz de pelo menos fazer o mesmo?

— Civismo — gane o meu pai. Ele até revira os olhos, como se fosse um pedido bizarro, quando, na verdade, é o mínimo que eu lhe poderia pedir. É pedir demais a um pai que mantenha a calma? Que desista simplesmente das acusações e ouça a sua filha? Aparentemente, é.

— Sim. Civismo — diz o Tyler, e eu lanço-lhe um olhar alarmado, avisando-o para não intervir por mim. *Por favor*, estou a pensar. *Por favor, não comeces uma discussão*. E, felizmente, ele retrai-se. — Apenas para a Eden.

— Oh, olha — diz o meu pai, cruzando os braços sobre o peito e dando alguns passos ameaçadores em direção ao Tyler —, é o puto drogado que arrastou a minha filha para Portland.

A raiva percorre em ondas todo o meu corpo, mas eu recordo a mim própria a necessidade de me controlar e continuar a respirar profundamente. Mostrar agressividade hoje em relação a ele não ajudará e, embora as palavras do meu pai transpirem julgamento e desprezo, o Tyler não reage. É notável ver como ele nem sequer cerra os dentes.

Em vez disso, ele aperta os lábios e dá um passo para longe do meu pai. — Eu não estou aqui para falar consigo, Dave — diz ele com calma, mas com firmeza. — Eu já disse tudo o que tinha para dizer e você ignorou-me completamente, por isso eu não vou perder o meu fôlego a tentar lutar para que você goste de mim. Eu sou um tipo porreiro e, se você não consegue ver isso, então o problema é seu. Eu estou aqui apenas para conversar com a minha mãe e o Jamie.

O meu pai está um pouco surpreendido com a atitude dele, e quando o Tyler me dirige um sorriso firme e reconfortante antes de nos deixar e atravessar a relva até à porta da frente, posso jurar que há um lampejo de deceção na expressão do meu pai. É quase como se ele estivesse *à espera* que o Tyler o atacasse para que o seu desprezo por ele pudesse ser justificado. Mas a verdade é que não há mais razões para o meu pai o detestar, porque o Tyler mudou. A única coisa que ele fez ultimamente que está remotamente errado é dizer ao meu pai que não havia mais nada entre ele e eu. Isso era uma mentira, mas também estávamos a enganar-nos a nós mesmos, assim não tenho a certeza de que isso conta.

Há um silêncio entre o meu pai e eu enquanto observamos o Tyler a dirigir-se para a casa. Eu sei que a ansiedade o está a matar neste momento. Localizo a Ella na janela da sala, a espreitar através das persianas a cena do lado de fora. No andar de cima, o Jamie e o Chase espreitam pela janela do meu quarto, mas desaparecem quando percebem que eu os vi. Entretanto, o Tyler está em frente da porta aberta, passa rapidamente a soleira e desaparece lá dentro.

— Pai — digo, voltando o olhar para o homem que está de pé na minha frente. Quando olho para ele, não sinto nada além de uma dor no peito. Ele é o meu pai. Eu devia sentir amor, mas não sinto. — Temos de falar — continuo. — De falar mesmo. Nós os dois.

— Não tenho nada para te dizer.

— É pena, porque eu tenho *tudo* para te dizer. — Volto-me para a casa e faço um movimento para a porta da frente. Atrás de mim, o meu pai resmunga. Então, muito relutantemente, os seus passos pisam a relva atrás dos meus. Eu acho que ele sabe que vai ter de falar comigo, quer queira quer não queira.

Segue-me até à porta de casa, sem dizer nada. A casa também nos recebe em silêncio, e eu olho, de passagem, para a sala de estar, onde vejo o Chase, sentado na beira do sofá, a brincar ansiosamente com as mãos.

— Olá — digo, entrando na sala. Ele olha para cima. — Onde está a tua mãe e o Tyler?

— Escritório — diz o Chase, encolhendo os ombros.

— E o Jamie?

— Está lá também. — O Chase parece quase triste, como se ele estivesse desesperado para ter algum envolvimento em tudo o que está a acontecer, em vez de ficar constantemente fora das conversas importantes que se passam dentro desta casa, mas a realidade é que há demasiadas coisas que ele não sabe acerca do passado da sua família e demasiadas coisas para ele aprender. A Ella sempre deixou claro que a verdade o magoaria mais do que todas as mentiras. — Vocês vão ter uma discussão? — pergunta, franzindo a testa para o meu pai e para mim. — Porque acho que vocês não deviam discutir. Estou cansado de tanta discussão. Podemos ir todos para a Florida?

— Nós não vamos discutir — tranquilizo-o, embora talvez eu esteja a

mentir. As minhas intenções são de me manter calma e confiante, mas posso explodir num ataque de raiva se o meu pai me provocar o suficiente. — Vamos só conversar e resolver algumas coisas.

— E a tua mãe e eu vamos levar-te, a ti e ao Jamie à Florida — acrescenta o meu pai gentilmente, e a mudança repentina no seu tom é capaz de me pôr fora de mim. Quando dou uma olhadela por cima do meu ombro para ele, ele está a sorrir para o Chase, e eu nunca vou entender o que é que o leva a ser tão bom com o Jamie e o Chase, mas não com o Tyler e comigo. Os miúdos nem são seus filhos biológicos. Eu sou.

Chase quase cai do sofá com a excitação. Desde o Natal que ele não cala a boca sobre o maldito estado do sol, então o seu rosto ilumina-se de alegria. — A sério?

— A sério — confirma o meu pai com um aceno de cabeça. — Mas só se tu ficares aqui e me deixares falar com a Eden. De acordo, amigo?

O Chase concorda com entusiasmo e corre pela sala para ir buscar o controlo remoto da televisão. Liga-o e rapidamente percorre os canais, encontrando algo para ver, enquanto se acomoda no sofá, tentando parecer ocupado e distraído.

Ah, Chase, penso. Ele nunca saberá a verdade sobre o passado da sua família. Talvez daqui a alguns anos a Ella decida contar-lhe a verdade sobre o seu verdadeiro pai. Mas, por agora, o meu pai é o pai dele.

Deixo-o na sala de estar e saio, fechando a porta atrás de mim. Então olho para o meu pai. É claro que o seu sorriso se foi e as trombas voltaram. — A cozinha? — sugiro. Não quero subir, porque isso vai distrair o Tyler da sua tarefa, então dirijo-me para o corredor e sigo até à cozinha. Pode ser domingo, mas não há nada de pacífico nesta casa.

O meu pai para no lado oposto da ilha no centro da cozinha, com as mãos apoiadas contra a bancada, onde, impacientemente, vai batendo o ritmo com os dedos. Com total indiferença, olha para mim e espera.

— Senta-te — digo-lhe. Eu quero manter a situação controlada e ter o enorme vulto dele a sobrepor-se a mim não me deixa muito cómoda. Ele parece mais ameaçador assim, e eu não estou aqui para o desafiar. Estou aqui para ser honesta com ele.

— Não me quero sentar.

— Senta-te.

A firmeza da minha voz continua a surpreendê-lo, e eu estou francamente aliviada porque hoje ele não está com disposição beligerante. Todo o meu comportamento é ditado pela determinação, e acho que ele deve ver isso na minha expressão, porque está a desistir muito mais rápido do que costuma fazer. Estou de tal modo inflexível em tudo o que digo que ele nem sequer tenta calar-me.

Com mais um suspiro de derrota, ele puxa uma cadeira da mesa e senta-se, inclinando-se para trás e cruzando os braços novamente. — Pronto, Eden — diz ele. — Do que é que se trata?

Observo-o com um olhar demorado, essencialmente para ter tempo de estudar a sua expressão. Ele não parece tão furioso agora que o Tyler não está aqui, mas os seus olhos ainda estão semicerrados, transmitindo o seu aborrecimento. Não sei porque é que deixámos que o nosso relacionamento se tornasse tão tenso. Em tempos, fomos muito chegados. Eu adorava-o, daquela forma que uma filha sempre deve adorar o pai. Quando eu era miúda, contava os dias que faltavam até ao fim de semana, quando o meu pai saía do trabalho, porque eu sabia que ele teria algo muito fixe para fazermos juntos. Mas tudo é tão diferente agora. *Nós próprios* somos diferentes agora. O objetivo principal da minha vinda a Santa Mónica, há três anos, foi melhorar o meu relacionamento com ele, mas parece que aconteceu exatamente o contrário. A única coisa que lhe posso dizer, é: — Porque é que estamos assim?

Há um silêncio constrangedor que se instala, porque nenhum de nós consegue encontrar uma resposta. Acho que estamos afastados devido a vários motivos que se foram acumulando ao longo dos anos. É difícil encontrar a raiz de tudo isso, embora o meu pai não esteja a esforçar-se especialmente para o conseguir, visto que se limita a encolher os ombros e a dizer: — Sabes muito bem porquê.

— Não, na verdade não sei — digo, recostando-me contra a ilha. — Podes dizer-me?

O meu pai fica em silêncio de novo. Desdobra os braços e esfrega o queixo, os olhos fixos no chão. Eu já percebi que o meu pai não sabe ser sincero e por isso demora a pensar se realmente me vai dar uma resposta, até que por fim os seus olhos encontram os meus e ele suspira, impaciente. — Eden, porque é que tu estás aqui?

— Estou aqui porque tenho um pai com quem não me relaciono — respondo imediatamente. Ao contrário dele, passei muito tempo a pensar em tudo isto nos últimos dias. Preparei as palavras e escolhi os aspetos que quero fazer valer. E, finalmente, posso expressar-me. — Eu não quero continuar assim, a discutir e a ralhar todas as vezes que nos encontramos na mesma sala. Eu quero ter um relacionamento contigo, mas não posso, se tu me tratares como tratas. Eu sou tua *filha*. Tu devias apoiar-me e não deitar-me abaixo e criticar as minhas decisões, mesmo que possas considerá-las estúpidas. Tu deverias estar do meu lado, não contra mim.

— Eden — começa ele.

— Não — interrompo com a minha voz firme. — Ouve-me. Esta família é a maior das confusões e tu sabes disso. Todos nós sabemos, e tu insistes em deitar as culpas para cima do Tyler e de mim, mas e a verdade, pai? A verdade é que nós não somos o problema. Tu és. *Tu* é que foste a causa de tudo isto. Esta confusão é *tua*. A tua raiva está a destruir-nos quando tu não tens razão para estares irritado. Nós fomos honestos contigo e com a Ella, e tu fazes alguma ideia de como foi aterrorizante vir aqui e contar a vocês os dois o nosso segredo? Essa foi a coisa mais difícil que eu fiz em toda a minha vida, e tu atiraste-nos com tudo à cara, reagindo da pior maneira possível. Nunca esperámos que tu concordasses com o que estávamos a fazer, mas tudo o que pedíamos era que aceitasses. Talvez não logo de início, mas mais tarde, e no entanto isso nunca aconteceu. *Porque é que* tu tens sido tão contra nós? Porque é que há tanto ódio por nós? De onde vem isso? — Estou sem fôlego quando paro, exausta de pronunciar palavras a uma velocidade desmedida. O meu pulso está acelerado, porque eu preciso desesperadamente de respostas. Chegar à verdade do meu pai é a única maneira de conseguirmos progredir, de seguir em frente.

— Muito bem — diz ele, chegando-se para a frente. — Esquece o aspeto de vocês serem meios-irmãos. Eu posso viver com isso, mas o que eu não consigo é viver com a minha filha a envolver-se com alguém tão profundamente descompensado. Eu gostei do Dean. Era um rapaz às direitas. Tratou-te bem. Mas o Tyler? — Ele abana a cabeça, quase em repulsa. — O Tyler não passa de uma criança que só se safa bem quando se trata de evitar os próprios problemas.

— Da mesma maneira que tu te safas a evitar os teus, certo? — disparo para ele, pondo-me na defensiva. — Da mesma forma que evitaste a mãe simplesmente porque não querias tentar resolver as coisas com ela? Como me evitaste porque é mais fácil odiar-me do que aceitar-me? — Agora estou a ficar exasperada, endireito-me e levanto as mãos no ar. — Quantas vezes queres tu que eu te diga que o Tyler não é a mesma pessoa que era aos dezassete anos? Eu não conseguia suportá-lo quando o conheci. Odiava tudo o que ele fazia. Por isso, confia em mim quando digo que, se ele ainda fosse assim, eu não estaria apaixonada por ele.

— Ah — diz o meu pai depois de um momento. — Então agora estás novamente apaixonada por ele, mesmo depois de me teres dito repetidamente que não estás.

— Porque eu não estava — digo e há um peso no meu peito que parece crescer cada vez mais. — Ele deixou-me, pai. Ele saiu porta fora e nunca mais voltou. Tu *sabes* como eu estava com raiva, mas eu tenho... Eu ouvi tudo o que o Tyler tinha a dizer, e partir foi realmente a melhor coisa para ele. Eu não posso continuar a ter-lhe raiva por isso, e perdoo-lhe. — Faço uma pausa, porque sei que ainda há algo mais que tenho de contar ao meu pai e agora parece a hora certa para isso. — Não sei se a Ella já te disse — murmuro, torcendo as mãos, incapaz de encontrar o olhar do meu pai —, mas o Tyler e eu estamos juntos agora. Somos um casal e eu estou a mudar-me para Portland. Pedi transferência para a Portland State. A minha decisão está tomada.

— Bem — diz o meu pai com um tom de sarcasmo —, não é ótimo?

— *É* ótimo — respondo —, porque estou feliz. Não deveria ser isso o que tu queres para mim? Feliz e contente e a viver a minha vida da forma que eu quero viver?

— Eu quero que tu sejas feliz — admite o meu pai, com uma voz mais suave e mais baixa. — Eu só não acho que possas ser feliz com o Tyler.

— Como é que sabes isso, pai? Só eu posso saber o que me faz feliz, e o que me faz feliz é o Tyler.

Respiro fundo, puxo outra cadeira e sento-me também, diretamente na frente do meu pai. A tensão no ar parece ter-se dispersado, e acho que permanecer calma foi definitivamente a melhor abordagem que eu poderia ter tomado. Não há espaço para raiva aqui. Apenas honestidade.

— Por favor, ouve só o que te estou a dizer — peço gentilmente. Olho para o meu pai com olhos suplicantes e tristes, implorando para que ele realmente absorva as palavras que estou a dizer. — O Tyler mudou, OK? As pessoas fazem isso às vezes. Mudam para melhor. E o Tyler... deixou as drogas para sempre. Não há raiva nele. O seu temperamento difícil está totalmente sob controlo. Ele é mais feliz e mais descontraído. É cuidadoso e atencioso. Ele tem a sua própria casa. E um emprego. Ele dirige um centro para jovens problemáticos voluntariamente. Ele já andou a fazer terapia e esteve em contacto com o pai dele, que é o que ele está neste momento a dizer à Ella. — Vejo como os olhos do meu pai se arregalam enquanto eu lhe passo toda esta informação, porque eu sei que não soa nada como o Tyler que ele conhece. — E, pai — digo ainda —, ele importa-se comigo. A sério. Ele nunca faria nada que me magoasse.

— Um centro da juventude? — repete o meu pai.

— Sim, e é incrível. Ele está a tentar ajudar outros adolescentes que podem estar a passar pela mesma merda que ele passou — explico, e sorrio enquanto falo sobre isso, porque eu estou muito orgulhosa dele. — Agora não tentes dizer-me que ele é apenas um desgraçado e que não sabes o que raios anda ele a fazer, porque ele faz muito, e ele mudou completamente a sua vida.

O meu pai fica de repente muito silencioso e muito quieto. Olha ao redor da cozinha, os olhos piscando para todos os lugares menos para mim. — Se isso é verdade... — diz ele por fim —, então o sujeito pode ainda ter uma oportunidade.

Progresso, penso, mas é tudo. Apenas progresso. O Tyler pode ter ganho uma segunda oportunidade do meu pai, mas isso não significa que eu também tenha. O nosso relacionamento ainda é inexistente, e até descobrirmos o motivo pelo qual *nós* não conseguimos dar-nos bem, nada mais importa. Ter o meu pai a tolerar o Tyler a partir de agora ajudará, mas ainda não é suficiente.

— Porque é que tu já não parecias gostar de mim mesmo antes de descobrires sobre o Tyler e eu? Eu sei que nós estávamos a tentar e que as coisas estavam a ficar cada vez melhores, mas eu continuava a sentir que tu não querias ter-me como filha. Que serias mais feliz se eu não estivesse por perto. E ainda *sinto* o mesmo. Porque é que tu és um

ótimo pai para o Jamie e o Chase, mas não para mim? — A minha voz está a ficar mais frágil a cada palavra que sai da minha boca, porque agora que estou a dizer isto em voz alta para ele, está a começar a doer muito mais do que eu imaginara. — Tu *queres* mesmo odiar-me?

O meu pai solta outro suspiro, como se, a cada vez que o faz, libertasse mais da sua raiva. O fogo nos seus olhos esgotou-se. Em vez disso, inesperadamente, ele está a ouvir o que ele me fez sentir, com a sua expressão cheia de culpa. — Eu não te odeio. Não quero que penses uma coisa dessas.

— Então o que é, pai? — pergunto, mas acho que vou chorar a qualquer momento. Eu não esperava que o meu pai me ouvisse hoje, mas agora que ele está a reagir ao que estou a dizer, percebo como esta conversa está atrasada. Deveríamos ter feito isto há muito tempo, porque as coisas nunca podem ser resolvidas se as palavras não chegarem ao destinatário. — Porque de certeza que amor não é.

— Não sei — diz o meu pai, inclinando a cabeça para baixo, para o chão. Parece envergonhado, como se *soubesse* que me fez mal e agora tem que admitir os seus erros.

— Diz-me porquê — ordeno, embora a minha voz não seja tão nítida quanto eu gostaria que fosse. Estou a começar a parecer fraca. — Diz-me só porquê, pai. Dá-me só uma maldita razão para teres sido sempre tão hostil comigo.

— Porque tu ficaste do lado da tua mãe, estás a entender, Eden? — dispara ele, levantando-se violentamente da cadeira e ficando de pé, explodindo sob a pressão. Ele está a respirar pesadamente enquanto as suas faces ficam vermelhas, e ele fecha os olhos e aperta a cana do nariz entre o polegar e o indicador.

Eu pisco os olhos para ele, confusa. — O quê?

— Com a tua mãe e eu — diz o meu pai lentamente, abrindo os olhos —, tu ficaste do lado dela. Fizeste de mim o mau da fita, mesmo que eu fosse um bom pai para ti. A tua mãe e eu... nós lutávamos porque éramos incompatíveis, com visões diferentes e opiniões diferentes sobre quase tudo. Nós não nos zangámos porque eu era um idiota, e sei que foi isso que ela espalhou, mas não era justo para mim levar com a culpa quando nenhum de nós estava em falta. E eu sei que tu eras ainda miúda, mas toda a vez que havia uma discussão, tu sentavas-te com a

tua mãe e olhavas-me acusadoramente, quando eu nem sequer tinha começado. Eu também estava a passar pelo inferno, Eden. Não era só a tua mãe.

Ter o meu pai finalmente a abrir-se e ouvi-lo a dar-me uma maldita explicação é o suficiente para me deixar sem palavras. Eu nunca soube que ele se sentia assim. Nunca soube que o fiz sentir assim. Sempre cresci a acreditar que o meu pai é que tinha sido o motivo do divórcio, mesmo sabendo que na realidade a minha mãe e o meu pai simplesmente deixaram de se entender. Era sempre mais fácil culpar o meu pai por isso.

— Eu sei que saí sem dizer adeus — continua ele, andando na minha frente. — Eu sei que estraguei essa parte, mas saí porque sabia que toda aquela luta não era boa para ti. Eu deixei-te, Eden, porque tu merecias mais do que dois pais que estavam constantemente a marrar um com o outro.

— Mas... — As minhas pernas começam a ficar dormentes. — Mas tu nunca ligaste.

— Porque eu pensei que tu não irias querer que eu ligasse — admite ele. — Foi por isso que deixei vocês as duas sozinhas, e se estás tão desesperada para saber por que é difícil para mim lidar contigo, é porque eu sei que tu *ainda* achas que o divórcio é culpa minha.

Eu não peço desculpas, mas estou a chorar. As lágrimas escaparam, rolando pelo meu rosto enquanto os últimos minutos me dominavam completamente. *Ainda mais progresso*. Talvez, apenas talvez, venhamos um dia a ter um relacionamento real. Não agora, ainda não. Levará muito tempo para reconstruir a nossa confiança e perdão, mas isto é um começo. Descobrir a verdade é apenas o início. Agora o trabalho duro começa.

— Não — diz o meu pai, indo na minha direção. Ele parece que quer enxugar as minhas lágrimas, mas também não me quer tocar, então ele rapidamente recua e esfrega ansiosamente a parte de trás do pescoço. — Olha, eu... Eu sei que cometi erros. E eu sei que tu também o fizeste. Fizemos os dois. Todos nós fazemos. E eu não quero discutir contigo, Eden. Não quero mesmo. Mas vou precisar de algum tempo para absorver tudo isto, e estou disposto a fazer um esforço, se tu estiveres, porque tu tens razão. Estou a colocar uma grande pressão em cima de

toda esta família.

— Especialmente em ti e na Ella — murmuro, enxugando os olhos. Abano a cara e suspiro e então, porque estou a ser totalmente honesta com ele, acrescento: — Ela está a começar a olhar para ti da mesma maneira que a minha mãe fazia pouco antes do divórcio. Por favor, não estragues isso.

— Eu sei — diz o meu pai, franzindo a testa. Passa a mão pelo cabelo grisalho, olhando para o relógio na parede. — Eu não vou abraçar-te nem nada — murmura —, porque ainda estou chateado contigo por teres fugido na semana passada. Acordar para descobrir que a filha fugiu durante a noite com um ex-desordeiro não é exatamente o que eu queria ouvir. — Então, em vez de nos abraçarmos, decidimos apertar as mãos e prometer que nos vamos esforçar mais a partir de agora.

Acabamos de apertar as mãos e ouço passos nas escadas. É a Ella, com o Tyler e o Jamie logo atrás. Localizam-nos na cozinha e juntam-se a nós.

Assim que a Ella entra, sei que ela está a chorar. Os seus olhos estão vermelhos e inchados, e a sua maquilhagem está borrada. Ela não tenta esconder, só funga e faz-me um inquérito relance. Eu sei o que ela está a tentar perguntar. Quer saber se o meu pai e eu fizemos algum progresso. E eu faço-lhe um pequeno sinal de cabeça que significa *está feito*.

O Tyler vem atrás dela, ligeiramente pálido. Tem as mãos nos bolsos, o lábio inferior entre os dentes, os olhos à procura dos meus. Trocamos sorrisos de alívio e satisfação, de orgulho e alegria. Parece que escalámos uma montanha para chegar a este ponto.

Atrás do Tyler, os olhos do Jamie parecem desprovidos de qualquer emoção. O seu rosto está vazio e ele entra na cozinha pelo arco, olhando em frente. Não sei como ele se sente agora, mas posso imaginar que a notícia de que o Tyler está de novo a falar com o pai deles o atingiu duramente.

O meu pai pigarreia e dá um passo em direção ao Tyler. — Parabéns — diz ele, e o Tyler levanta uma sobrancelha, desconfiado, perplexo em relação ao que o meu pai está a falar. — Pelo centro da juventude — explica ele.

— Oh — responde o Tyler. — Obrigado. — Ele estende o braço e

finalmente, *finalmente*, os dois apertam as mãos, com apertos firmes. É um passo tão significativo, e a Ella parece tão aliviada e emocionada que penso que pode desmaiar.

O Chase deve ter ouvido toda a agitação na cozinha, porque se infiltra, vindo da sala de estar e ocupa o seu lugar à porta, ao lado do Jamie. Os seus olhos estão curiosos enquanto ele olha para nós, tentando avaliar se a atmosfera é tóxica ou não. Não é. Apenas esperançosa.

— Temos de ir — diz o Tyler, olhando para mim, enquanto ele segura as chaves do carro. A Ella funga, e o Chase começa a reclamar que nós acabámos de chegar. Nem o Jamie nem o meu pai fazem qualquer comentário, principalmente porque creio que eles não se importam que o Tyler e eu estejamos de partida.

— Temos de os ir visitar um dia destes — sugere a Ella. Com os olhos cheios de esperança, ela olha para o meu pai. — David?

O meu pai estuda-me a mim e ao Tyler, e sei bem que é muito cedo para ele, a Ella e os miúdos fazerem viagens a Portland para nos visitar, mas, mesmo assim, ainda pensa no assunto. Tudo o que ele diz é: — Talvez no futuro. — E então ele dirige-me um sorriso que diz mais do que mil palavras, antes de se virar para as portas do pátio e de se dirigir para o exterior. Isto é difícil para ele, mas aprecio o facto de ele me ter ouvido. Acho que ele hoje não tem capacidade de lidar com mais nada, por isso retirou-se de cena.

— Espero que Portland seja bom para vocês os dois — diz-nos a Ella, e, embora ela esteja a sorrir, também está novamente à beira das lágrimas. Envolve o Tyler num abraço, que se torna longo e apertado quando lhe deposita um beijo na bochecha. Então vem até mim, envolve-me nos seus braços e aperta-me com muita força.

— Obrigada — murmuro contra o seu ombro — por tudo. — Quando ela se afasta, apenas abana a cabeça. A Ella apoiou-nos durante este tempo todo e sempre lhe estarei grata por isso. Ela significa muito para mim.

Viro-me para o Jamie, mas ele está a recusar-se a olhar para o Tyler e para mim. O Tyler pousa a mão no seu ombro e aperta com firmeza, mas acho que vai demorar muito tempo para o Jamie aceitar o nosso relacionamento. Mas se o meu pai consegue aceitar, então qualquer um

pode. Eu tenho uma forte crença de que, por fim, seja daqui a três meses ou três anos, ele deixará de estar contra nós.

O Chase abraça-nos, porque ele é o Chase, e o Chase gosta de todos, não importa o que digam ou façam. — Então Portland não é uma seca? — pergunta-me ele, inclinando a cabeça para um lado e encara-me, desconfiado, com aqueles seus olhos azuis.

— Não — digo, sorrindo. — Eu estava a mentir.

O Tyler ri quando a mão dele agarra na minha, e seguimos pelo corredor em direção à porta da frente, a Ella e o Chase acompanham-nos. O Jamie não. Como o meu pai, acho que ele já teve o suficiente para um dia. Algumas pessoas precisam de mais tempo do que outras quando se trata de aceitar certas informações.

— Por favor, lembrem-se de ligar de vez em quando — lembra-nos a Ella, com as lágrimas a escorrerem pelo rosto. Sempre que o Tyler tem de deixar esta cidade, ela fica emocionada. A ligação deles é preciosa. — Ou todos os dias. Não me importo.

O Tyler dá-lhe mais um abraço final, e então saímos, passando pela porta da frente da casa que já foi a nossa casa, mas já não é. Portland é a nossa nova casa, a nossa nova aventura, o nosso novo risco.

Sendo domingo, a rua está silenciosa e preguiçosa quando o calor do começo da tarde se estende sobre o bairro. O Tyler está a sorrir para mim, enquanto atravessamos a relva. Os seus olhos verdes ardem em mim, os nossos dedos entrelaçados e as nossas mãos a balançarem no meio de nós.

— Como foi? — pergunta ele, mas a única coisa em que consigo pensar é como ele parece tão feliz.

— Bom — digo eu. — Acho que finalmente estamos a chegar a algum lugar. Como foi contigo?

Apesar de encolher os ombros, ele ainda está a sorrir, quase como se estivesse satisfeito e orgulhoso de estar a tirar todos os pesos do peito. Não há mais segredos agora. — Vai levar algum tempo até que a minha mãe aceite tudo — diz ele —, mas correu tão bem quanto se poderia desejar.

— E o Jamie?

— Ele simplesmente não entende — diz o Tyler, com um suspiro —, mas ele vai acabar por entender que as pessoas merecem uma segunda

oportunidade. Como o meu pai, como eu e como nós.

Eu sorrio para ele, tão orgulhosa de tudo o que ele conseguiu no ano passado e tão orgulhosa da pessoa em que ele se tornou. Tenho orgulho em estar do lado dele, bem ao lado dele, sabendo que ele finalmente é meu e que posso mostrá-lo para o mundo. É tudo o que sempre quis e inclino-me mais para ele, apertando as nossas mãos juntas com mais força.

Pelo canto do olho, vejo o carro da Rachael estacionado na entrada do outro lado da rua. Eu sei que não posso ir sem me despedir dela. Digo ao Tyler que espere por mim e então solto a sua mão, atravesso a rua, vou direita à porta da frente e toco à campainha repetidas vezes. Não estamos com pressa, mas há tanta energia a fluir nas minhas veias que eu simplesmente não consigo parar. Por sorte, a Rachael abre a porta em vez dos seus pais, e antes que ela tenha a possibilidade de dizer qualquer coisa, já estou a atirar-me para os seus braços.

Abraço-a com força e, quando me afasto, ela dirige-me um daqueles sorrisos tristes que eu tanto odeio. — Então vais mesmo embora, hein? — pergunta ela, fazendo beicinho.

Eu confirmo. — Volto no fim do verão, mas por enquanto sim.

— Então é melhor apressares-te — diz ela, sorrindo —, porque o Príncipe Encantado está à espera.

Eu sigo o olhar dela, por cima do meu ombro, para o Tyler. Ele está a observar-nos com um sorriso brincando nos seus lábios e com os braços cruzados sobre o peito, enquanto se inclina para trás, contra o seu carro, esperando pacientemente por mim, pronto para sair de Santa Monica e continuar a nossa viagem de volta para Portland. Ele está tão, tão lindo. E tão sem esforço.

Estou corada quando consigo despegar os olhos dele e voltar para a Rachael. — Boa sorte com o Snake — digo-lhe.

— Boa sorte com o teu meio-irmão — responde ela, e nós desatamos a rir descontroladamente, algo de que eu nunca abrirei mão. O engraçado é que o facto de o Tyler e eu sermos meios-irmãos não tem já qualquer importância e que agora é apenas uma observação casual usada para contar uma piada. Nunca pensei que um dia seria capaz de rir disto, mas aqui estou, e acho que isso reflete o quão longe chegámos.

Dando um beijo na Rachael, viro-me e pouso os olhos no Tyler, e um

sorriso glorioso espalha-se pelo meu rosto, só de olhar para ele. Estou tão apaixonada por ele. Corro pela relva da Rachael em direção à estrada, voando para a pessoa que sempre foi e sempre será dona do meu coração.

Quando chego ao pé dele, os meus lábios estão contra os dele num piscar de olhos, e há tanta paixão quando a sua boca se move em sincronia com a minha que cada fibra do meu ser está em chamas. Correm arrepios pela minha espinha, arrepios pelos meus braços, formigueiros nas minhas mãos. Sorrio contra os seus lábios porque a minha felicidade naquele momento é tão esmagadora que eu simplesmente não consigo mais controlar-me, e quando os meus olhos se abrem para olhar para ele, os seus olhos esmeralda estão a brilhar para mim. Ao fundo, vejo a Ella a tapar os olhos do Chase, mas ela está sorrindo. Ouço a Rachael a fazer o assobio do lobo do outro lado da rua.

Quando volto o meu olhar para o Tyler, seguro o seu rosto nas minhas mãos, mordendo o lábio inferior. — Olha para baixo — sussurro.

Lentamente, ele baixa os olhos para o chão e eu inclino o meu pé de lado para que ele possa ver exatamente qual é o par de *Chucks* que trago calçado. A sua caligrafia do verão passado está voltada para nós e, quando ele encontra os meus olhos novamente, a sua expressão é radiante.

Depois de todos estes anos, depois de todos os obstáculos que tivemos de superar, finalmente estamos felizes. As coisas não são perfeitas. Ainda estamos a descobrir tudo, a corrigir os nossos erros e a fazer as nossas mudanças, mas o principal é que estamos a tentar. Crescemos e aprendemos, mas o mais importante é que, finalmente, nos aceitamos.

Finalmente, penso. *Só finalmente*.

AGRADECIMENTOS

Como sempre, agradeço aos meus leitores que desde o início seguiram esta história com dedicação e amor. Sem vocês não teria conseguido fazê-la e, por isso, fico eternamente grata. Obrigada à minha família, especialmente aos meus pais, Fenella e Stuart, pela paciência e apoio nos últimos cinco anos, enquanto trabalhava nesta trilogia. Obrigada aos meus melhores amigos por me manterem sã. Obrigada aos meus editores, Karyn, Kristen e Janne, pela sua experiência e orientação, e pelo entusiasmo e carinho que dedicaram à história do Tyler e da Eden. Obrigada a todos na editora Black & White Publishing por todo o duro trabalho que cada um de vocês colocou nesta trilogia. Acho que vocês são incríveis e obrigada por me fazerem sentir no escritório como se eu estivesse em casa durante as últimas semanas que passei a escrever este livro. Eu não poderia ter pedido um grupo melhor de leitores e estou muito orgulhosa por ser um dos vossos autores. Vocês fizeram o meu sonho tornar-se realidade. Obrigada.